

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

LORENA PANTALEÃO DA SILVA

NÃO TÃO EXEMPLAR:
A CONSTRUÇÃO DA MASCULINIDADE ROMANA NAS SÁTIRAS A PARTIR DAS
PRÁTICAS ALIMENTARES E SEXUAIS.

CURITIBA
2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

LORENA PANTALEÃO DA SILVA

NÃO TÃO EXEMPLAR:
A CONSTRUÇÃO DA MASCULINIDADE ROMANA NAS SÁTIRAS A PARTIR DAS
PRÁTICAS ALIMENTARES E SEXUAIS.

Tese apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em História.

Orientadora: Prof.^a Dra. Renata Senna Garraffoni

CURITIBA
2022

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA

Silva, Lorena Pantaleão da
Não tão exemplar : a construção da masculinidade romana
nas sátiras a partir das práticas alimentares e sexuais. / Lorena
Pantaleão da Silva. – Curitiba, 2022.
1 recurso on-line : PDF.

Doutorado (Tese em História) – Universidade Federal do
Paraná, Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-
Graduação em História.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Renata Senna Garraffoni.

1. Masculinidade na literatura. 2. Roma – usos e costumes.
3. História antiga. 4. Sátira. I. Garraffoni, Renata Senna, 1974-.
II. Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação
em História. III. Título.

Bibliotecária : Fernanda Emanóla Nogueira Dias CRB-9/1607



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO HISTÓRIA -
40001016009P0

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação HISTÓRIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da tese de Doutorado de **LORENA PANTALEAO DA SILVA** intitulada: **Não tão exemplar: A construção da masculinidade romana nas sátiras a partir das práticas alimentares e sexuais.**, sob orientação da Profa. Dra. RENATA SENNA GARRAFFONI, que após lerem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de doutora está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 08 de Fevereiro de 2022.

Assinatura Eletrônica
08/02/2022 19:16:22.0
RENATA SENNA GARRAFFONI
Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica
09/02/2022 10:28:04.0
LOURDES M G CONDE FEITOSA
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE DO SAGRADO CORAÇÃO)

Assinatura Eletrônica
08/02/2022 19:55:26.0
MARINA RÉGIS CAVICCHIOLI
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA)

Assinatura Eletrônica
08/02/2022 19:42:26.0
PEDRO PAULO ABREU FUNARI
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS)

Assinatura Eletrônica
08/02/2022 22:08:06.0
GUILHERME GONTIJO FLORES
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARNÁ)

Rua General Carneiro, 460, Ed.D.Pedro I, 7º andar, sala 716 - Campus Reitoria - CURITIBA - Paraná - Brasil
CEP 80060-150 - Tel: (41) 3360-5086 - E-mail: cpghis@ufpr.br

Documento assinado eletronicamente de acordo com o disposto na legislação federal Decreto 8539 de 08 de outubro de 2015.

Gerado e autenticado pelo SIGA-UFPR, com a seguinte identificação única: 146886

Para autenticar este documento/assinatura, acesse <https://www.prppg.ufpr.br/siga/visitante/autenticacaoassinaturas.jsp>
e insira o código 146886

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela vida e pelas oportunidades que colocou em meu caminho,

À minha família, em especial minha mãe e irmão, por me apoiarem durante o processo de escrita em um período de desafios e transições drásticas em nosso cotidiano;

Ao Tiago, pelo apoio e carinho;

À Renata Senna Garraffoni, orientadora desde a graduação, um exemplo de ética profissional;

À Karina Bellotti, professora querida com quem tive a chance de ter aulas e trocar memes;

Às Professoras, Ana Paula, Roseli Boschilia e Marion Brepohl, pelas importantes considerações sobre esta pesquisa durante as disciplinas cursadas;

Aos demais professores, funcionários e colegas do Programa de Pós Graduação em História da Universidade Estadual do Paraná, em especial aos colegas Linha Intersubjetividade e Pluralidade Reflexão e Sentimento na História, Ingrid, Bárbara e Gabi;

Aos professores Lourdes Conde Feitosa e Pedro Funari, pelas valorosas contribuições e sugestões discutidas durante a qualificação;

Aos professores Marina Cavicchioli e Guilherme Gontijo Flores, Pedro Funari e Lourdes Feitosa, por aceitarem participar da minha banca de defesa;

À Sandra e Caetano pelo exemplo e incentivo ao longo da minha vida;

Aos colegas do grupo Antiga e Conexões;

À Selene, Bruna, Sheila, queridas;

Aos meus colegas de trabalho, Aline, Vanessa, Cris, Ane, Mara, Tatiana, Andrea, Ander, Camila, Suelen, e todos os demais que me apoiaram e auxiliaram durante o processo de escrita desta tese;

Ao meu querido analista, Márcio Vegas, com quem discuti semanalmente, se não a tese, o processo de escrita e as ansiedades associadas a este;

Agradeço a Capes pelo auxílio cedido nos anos iniciais desta pesquisa, sem o qual eu não poderia ter cursado as disciplinas.

*Dilectis Parentibus
(fecerunt quod fieri potuit)*

RESUMO:

O passado romano foi alvo de inúmeras pesquisas e interpretações ao longo da história, bem como de processos de recepção, sendo utilizado para justificar posturas de diversos espectros políticos. Estes processos vêm sendo analisados na atualidade por classicistas e historiadores, contudo, ainda observamos a prevalência de percepções idealizadas do passado romano no presente, as quais reforçam modelos idealizados sobre aquele período. Neste sentido, considerando tais aspectos, buscamos estabelecer uma análise do passado que apresente perspectivas mais plurais sobre a masculinidade em Roma. Para tanto, foram analisadas as sátiras de quatro autores: Lucílio, Horácio, Pérsio e Juvenal. Considerando a especificidade de tais textos foi necessário estabelecer um diálogo com teorias sobre o riso e a sátira. A análise foi focada nas práticas alimentares e sexuais e de que forma os comportamentos ali apresentados seguiam ou transgrediram os modelos de *virtus* e masculinidade daquele período. Durante este processo pudemos observar uma multiplicidade de comportamentos e como estes afetavam as relações estabelecidas entre diferentes grupos sociais da Roma Antiga, subvertendo organizações hierárquicas e expondo disputas e tensionamentos.

Palavras chave: Masculinidade, Sátira, Roma.

ABSTRACT:

The Roman past has been subject of different historical approaches as well as of political receptions, used to justify diverse ideological positions. These receptions and processes have been lately analyzed by classicists and historians. However, we still observe the prevalence of idealized receptions of the Roman past into the present, which reinforce idealized models of that past. In this way, bearing these factors in mind, I aimed to provide an analysis considering more plural perspectives on masculinities in Rome. For this purpose, I analyzed satires of four authors: Lucilius, Horace, Persius and Juvenal. Taking into account the particularities of these texts, it was necessary to put in dialogue theories on laughter and satires. My analysis focused on eating and sexual practices and in what way the described behaviours followed or transgressed the models of masculinity and *uirtus* of the period. During this process I was able to observe a plurality of practices and how these affected the established relations between different social groups in Ancient Rome, subverting hierarchical orders and exposing quarrels and conflicts.

Key-words: Masculinity, Satire, Rome.

SUMÁRIO

1 - Introdução	9
2 - Romanos Exemplares	14
2.1 - Como repensar os estudos clássicos?.....	18
2.2 – Todos os caminhos levam a Roma?.....	24
2.3 - Entre o neostoicismo e a alt-right – velhos modelos e novas abordagens.....	43
3 – <i>Quid Rides?</i>	53
3.1 - Qual o papel do riso?.....	56
3.2 - O riso e a deferência na sociedade romana.....	66
3.3 - A Sátira e suas características.....	71
3.4 - A Sátira romana.....	76
4 – <i>Bene cocto et condito</i>: as práticas alimentares e a construção da masculinidade	97
4.1 - Discussões sobre práticas alimentares na filosofia, literatura e outros vestígios escritos.....	101
4.2 - A relevância da alimentação para os satiristas romanos.....	106
4.2.1 - Escassez e agência.....	109
4.2.2 - Inadequação nos banquetes.....	119
4.2.3 - Excesso e gula.....	130
4.2.4 - Alimentação e ética.....	136
5 - As práticas sexuais e a construção da masculinidade	150
5.1 - Práticas sexuais e os Estudos Clássicos.....	151
5.2 - Práticas sexuais e a construção de masculinidade no mundo romano.....	155
5.3 - Práticas sexuais e as sátiras romanas.....	161
5.3.1 - Escolha de parceiros	163
5.3.2 - Agência e autonomia sobre os corpos	170
5.3.3 - Práticas sexuais associadas à transgressão	178
5.3.4 - Fraqueza e vulnerabilidade.....	187
6 - Considerações Finais	193
Referências	201

1 - Introdução

Ao iniciar o ensino superior, a Antiguidade não era um dos temas que eu ansiava estudar na faculdade. Durante a minha formação e, em especial, no Ensino Médio, os temas relacionados ao passado greco-romano me pareciam distantes e pouco relevantes. O enfoque em questões políticas e na memorização de eventos tornavam o período muito menos interessante do que as discussões sobre História do Brasil ou História Contemporânea, por exemplo.

Foi apenas ao ter contato com versões até então desconhecidas do passado, em especial da Roma Antiga, que este processo se modificou. A literatura latina, em especial, o *Satyricon*, de Petrônio, fez com que aquela impressão de um passado distante e indiferente se alterasse. A leitura de comédias latinas e de estudos sobre mulheres, excluídos e grupos populares dessacralizou a visão de história política que tinha e me aproximou daquela época. Na sequência, disciplinas sobre os Usos do Passado e processos de Recepção da Antiguidade no tempo presente, trouxeram novas perspectivas sobre a relevância do estudo de tais áreas.

Ao longo da graduação, conforme aumentava a minha curiosidade sobre o mundo romano, participei de disciplinas de Latim e Literatura Latina no Departamento de Letras da UFPR. Ao mesmo tempo, o interesse por algumas vertentes teóricas, em especial pelos Estudos de Gênero e História das Mulheres, me levou a escrever meu trabalho de conclusão de curso sobre a sexta sátira de Juvenal, em que ele critica o comportamento das matronas romanas, a partir da pergunta, “deve um homem casar?”.

Imediatamente após a graduação eu desenvolvi a pesquisa de mestrado e me dediquei ao estudo das relações estabelecidas entre as mulheres romanas e a esfera religiosa. Para tanto, eu continuei a análise da obra de Juvenal, mas também retomei os estudos com o *Satyricon*, com ênfase na figura da Sacerdotisa de Priapo, Quartilla. Tendo encerrado meu mestrado em 2011, passei a atuar como professora da educação básica, no ensino fundamental e médio. Além de ser uma experiência enriquecedora e da qual eu gosto muito, ser professora me permitiu enxergar o processo de construção do conhecimento do mundo antigo de forma mais ampla. Eu que, anteriormente, criticava a forma engessada que o passado greco-romano era apresentado nas escolas, entendi a pressão apresentada pelo Estado, equipes

gestoras e pais sobre as diretrizes curriculares, currículo e organização interna de cada instituição. Nem sempre atenta aos lançamentos do cinema, vídeo games e *memes*, passei a reconhecer como estes meios influenciavam (muito!) a percepção do passado clássico pelos meus alunos.

Assim, este processo de repensar a prática pedagógica e de pesquisa se deu considerando os processos de recepção dos clássicos¹, a apropriação referências à Roma antiga por grupos políticos contemporâneos², bem como, as *Culture Wars*³ que adentraram os departamentos de estudos clássicos e o debate literário⁴ nas últimas décadas do século XX. A proximidade com os estudos de recepção, em especial com os desenvolvidos por classicistas norte-americanos, me fez atentar para algumas particularidades, como, por exemplo, o fato deles terem ultrapassado a ideia de Usos do Passado como um elemento a ser observado no passado recente (como é o caso da apropriação de símbolos e narrativas clássicos pelo nazi-fascismo, por exemplo), e passarem a se engajar, estudar e divulgar como se dá esta aproximação no tempo presente. Este movimento, para além das questões políticas envolvidas, aproxima a área dos estudos clássicos da realidade cotidiana e do público não acadêmico, não como continuidade ou exemplo, mas como meio de reflexão sobre o nosso cotidiano. Ao mesmo tempo, tais ações vêm influenciando a construção de novas diretrizes teóricas para o nosso campo de estudo, considerando contextos políticos e sociais contemporâneos.

Logo, ainda que não trabalhe de forma direta com estudos de recepção, esta é uma temática que permeia a minha atuação como pesquisadora. Tendo em mente estas questões, acabei por refinar meu interesse e definir que meu objeto de estudo seria o comportamento que, na falta de um termo melhor, intitulei, inicialmente, como “não normativo”, ou seja, estudar aquilo que fugia às regras de conduta aceitas pela sociedade romana e, por conseguinte, ao comportamento modelar tantas vezes implicado aos antigos romanos. A ideia de estudar a transgressão, a subversão das regras e normas na Roma Antiga foi gestada sob a influência, em especial, das obras de Michel Foucault.

¹ HARDWICK, Lorna. *Reception studies*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

² Neste sentido destacamos os trabalhos de ZUCKERBERG, Donna. *Not all dead White men: Classics and misogyny in the digital age*. Cambridge: Harvard University Press, 2018.

³ ADLER, Eric. *Classics, the culture wars, and beyond*. Michigan: University of Michigan Press, 2016.

⁴ Voltado para o estudo da Grécia Antiga, mas com pontos relevantes sobre a apropriação do passado clássico por grupos conservadores, em especial em obras voltadas para a divulgação de princípios filosóficos, podemos citar o trabalho de DUBOIS, Page. *Trojan horses: Saving the classics from conservatives*. NYU Press, 2001.

Ao abordar temas, até então, pouco explorados pela historiografia, tais como as prisões, hospitais, a loucura e a sexualidade⁵, Foucault o fez, em diversos momentos, dialogando com a Antiguidade, não por meio de ideias de legado ou continuidade, mas de movimentos que realçaram aspectos de proximidade e alteridade em relação ao mundo greco-romano. Desta forma, mais do que um passado que justifica ações ou que permanece como um exemplo, a Antiguidade é explorada como meio capaz de questionar discursos, repensar e interrogar a atualidade⁶.

Contudo, observamos em narrativas, sejam elas acadêmicas ou não, como nossa interação com aquele período se dá por meio do uso e apresentação de estereótipos e debates contemporâneos colocam em evidência como a ideia de tradição clássica (por tantas vezes foi elencada para justificar e legitimar os Estudos Clássicos) favoreceu a construção de um imaginário sobre o passado greco-romano que acaba por assinalar-se como excludente e pouco plural.

Assim, ainda que não diretamente, o projeto desta pesquisa surgiu influenciado pelos Estudos de Recepção e marcado pelo interesse em analisar comportamentos que fugiam de estereótipos presentes na historiografia sobre Roma. A aproximação ao tema pode ser mapeada, portando, por diferentes rotas: minha experiência acadêmica até aqui, o contexto sócio-político que estamos vivendo, principalmente, o desejo de, mais uma vez, me aproximar do mundo romano e sua pluralidade.

Para tanto, recorri a vestígios que são marcados pelo riso, especificamente, às sátiras, considerando que estas têm como uma de suas características a exposição de comportamentos pouco recomendáveis, cotidianos, risíveis e falhos. A relação entre o riso e a transgressão é um tema ao qual eu me aproximei durante o mestrado, ainda que de forma superficial. A escolha das sátiras de Lucílio, Horácio, Pérsio e Juvenal, se dá, também, pelo fato de podermos analisar na história da preservação e divulgação destes textos traços do processo de organização do passado romano como modelo.

⁵ Dentre as obras que nos influenciaram a pensar este trabalho destacamos FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade* Rio de Janeiro: Graal, 1985; *História da loucura*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

⁶ ALSTON, Richard. Foucault and Roman Antiquity: Foucault's Rome Introduction. *Foucault Studies*, n. 22, 2017.

As sátiras são conhecidas pela multiplicidade de temas e conteúdos abordados. Tendo isso em mente e ainda com a ideia de estudar comportamentos transgressores, acabei por selecionar duas áreas para centralizar os esforços, restringindo a pesquisa ao universo das práticas alimentares e das práticas sexuais. Esta escolha se justifica por se tratarem práticas cotidianas, muitas vezes utilizadas para explorar aspectos associados a *uirtus*, bem como pelo fato de serem exploradas pelos autores em diversas sátiras.

Durante o processo de discussão e refinamento do tema, estabeleci recortes, mas mantive a ideia de transgressão. Porém, com o desenvolvimento da pesquisa, e, em especial durante a escrita, foi necessário repensar a abordagem dada à questão. A ideia da construção de modelos em contraponto a supostos comportamentos transgressores apresentados nas sátiras não oferecia subsídios suficientes para a análise das obras. Assim, o enfoque passou a considerar não apenas a ideia de transgressão e virtude em Roma, mas modelos, padrões e discussões relacionadas ao gênero e, em especial a forma como as diferentes masculinidades que interagiam na sociedade romana eram elaboradas e discutidas por meio da escrita satírica.

Assim, aspectos como a agência masculina passaram a integrar nosso foco de análise, ao mesmo tempo em que buscamos elaborar uma interpretação que apontasse como o entendimento sobre norma e transgressão é estabelecido de forma contextual e, portanto, variável. A escolha em centrar nossa atenção nas práticas alimentares e sexuais se deu por serem, ambos, aspectos cotidianos, que perpassam diferentes grupos sociais, que demandam uma vivência corpórea ao mesmo tempo em que estão vinculados a aspectos culturais e sociais, sujeitos à normas e interdições e inseridos em uma lógica que é influenciada e dialoga com questões de gênero. São áreas que podem ser identificadas como pertencentes à esfera pessoal, mas também são discutidas de forma pública nas obras aqui analisadas. Neste sentido, entendemos as Sátiras como textos que exploram nuances e distinções nas ações e comportamentos narrados de forma a expor divergências e a contrapor modos de agir presentes na sociedade romana.

Dentre os obstáculos que surgiram durante o processo de produção desta pesquisa, um dos pontos centrais foi, certamente, a dificuldade em analisar e trabalhar com múltiplas temporalidades. Como historiadores, somos treinados a trabalhar com a particularidade de um momento histórico por vez, pensá-lo em suas

características específicas. Neste trabalho, são intercalados três “núcleos temporais”: o passado clássico, a tradição clássica e o presente em que eu escrevo. Estabelecer as conexões entre estes três grupos e organizar uma narrativa coerente e argumentos (espero) convincentes, tendo em mente esta multiplicidade temporal, foi desafiador.

No que se refere à estrutura interna do trabalho, este está dividido em quatro capítulos: o "Romanos exemplares" é dedicado à elaboração de um panorama sobre os estudos clássicos e a análise de como se deu a construção do imaginário sobre os romanos ao longo do tempo. Neste capítulo enfatizo, em especial, quais aspectos deste processo acabaram reforçar ideias dicotômicas e estereótipos modelares sobre a masculinidade na Roma Antiga. Em "*Quid rides?*", dedica-se a estudar questões sobre o riso e a sátira romana e estabelecer um modelo interpretativo para a análise das obras escolhidas. Na sequência, os dois capítulos finais são dedicados à análise das referências às práticas alimentares e sexuais nas sátiras e como estas se relacionam com padrões e concepções de masculinidade.

2 - Romanos Exemplares

“(...) todo ato como classicista é também um ato político e ético.”
*The post-classicisms collective*⁷

Ao iniciarmos o estudo de história, ainda no ensino fundamental, somos apresentados à divisão do tempo histórico: Pré-história, Idade Antiga, Idade Média, Período Moderno e Contemporâneo. Ao longo de nosso processo educacional, nos níveis fundamental e médio, somos ensinados, em geral, a pensar os períodos históricos como sendo hermeticamente organizados, com características únicas e identificáveis, enfim, como elementos quase autônomos que se sucedem ao longo do tempo. Ainda que tenhamos diversas críticas em relação a esta percepção teleológica e progressista do passado, ela ainda é popular, em especial, no cotidiano escolar.

Tal organização, elaborada no momento de formação da História como uma disciplina acadêmica, buscava seguir modelos de imparcialidade importados de outras áreas (comparando as sociedades à organismos vivos, analisando-as por meio das ideias de evolução e progresso). Tendo sido estabelecida ao longo do século XIX este sistema compreende, desde então, a História Antiga como o (longo) período entre a descoberta da escrita até a queda do Império Romano.

No que se refere ao mundo greco-romano, podemos encontrar referências às balizas temporais que o definiu em períodos anteriores ao desenvolvimento da divisão moderna do tempo histórico, marcos relativos, em especial, à construção da ideia de uma Antiguidade Clássica. Sabemos que a concepção do passado greco-romano como um modelo a ser seguido, em contraponto à Idade Média como período de baixa produção intelectual, é derivada de uma percepção renascentista de mundo (em especial quando consideramos os esforços de diferentes grupos de intelectuais medievais para a preservação da cultura greco-romana⁸). É durante o Renascimento que podemos observar com mais clareza a percepção do passado greco-romano como construção modelar, sendo apresentado a uma parcela maior da população europeia, e influenciando a cultura, educação e sociedade daquele período.

⁷ “(...)every act as a classicist is also a political and an ethical one”. In: Postclassicisms Collective. *Postclassicisms*. University of Chicago Press, 2020. P.5. (todas as traduções apresentadas são de nossa autoria).

⁸ GREENBLATT, Stephen. *A virada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

Conforme é apontado por Peter Burke⁹, o retorno aos modelos da Antiguidade permitiu o surgimento de um processo de *hibridização* entre as referências do mundo antigo e aquelas dos séculos XIV e XV, dando origem às expressões que reconhecemos como parte do Renascimento Cultural. Para Burke, o contato com a cultura clássica naquele período teria sido moldado por três etapas: encontro cultural, justaposição das culturas envolvidas e, finalmente, convergência. Este último seria o momento final, em que fragmentos distintos são integrados e paralelos entre os dois referenciais culturais são traçados, passando a ser compreendidos como complementares e/ou equivalentes aos olhos de seus contemporâneos.

O trabalho de Burke envereda pela discussão de aspectos da História Cultural que não pretendemos abordar aqui, mas suas considerações sobre a importância de uma determinada idealização sobre a Antiguidade na formação da Renascença apontam para uma constante relevante. Ao demonstrar como se deu um dos primeiros processos de modelagem e absorção da cultura greco-romana em outras temporalidades, Burke contextualiza o surgimento do conceito de “Clássico” para definir as civilizações Grega e Romana, e como este estava vinculado a uma ideia de presente que aqueles intelectuais desejavam construir.

Embora as formas como nos relacionamos com a Antiguidade tenham variado ao longo do tempo, a percepção de um passado clássico idealizado e modelar se manteve, em especial em obras com fins educacionais, em materiais didáticos¹⁰ e na produção de filmes épicos¹¹. Ao mesmo tempo, observando a historiografia e outras formas de discurso sobre Roma, notamos a prevalência, por vezes, de narrativas cujo foco centra-se na apresentação de heróis, líderes, e suas virtudes que teriam influenciado a ascensão do Império Romano.

Ao longo deste capítulo, pretendemos apresentar alguns dos mecanismos que contribuíram para a formação de percepções específicas sobre os romanos, em especial aquelas relacionadas às ideias de virtude e transgressão, ascensão e decadência, desenvolvimento e queda. De uma maneira geral, buscamos evidenciar

⁹ BURKE, Peter et al. *Hybrid Renaissance*. Budapeste: Central European University Press, 2016.

¹⁰ GONÇALVES, Ana Teresa Marques, SILVA, Gilvan Ventura da. “O ensino de história nos livros didáticos brasileiros: balanços e perspectivas”. IN: CHEVITARESE, André Leonardo, CORNELLI, Gabriele; SILVA, Maria Aparecida de Oliveira (orgs.). *A Tradição Clássica e o Brasil*. Brasília: Archa-UNB/Fortium, 2008. pp. 21–34.

¹¹ WYKE, Maria. “Projecting Ancient Rome”. In: WYKE, Maria. *Projecting the past: ancient Rome, cinema and history*. Oxfordshire: Routledge, 1997. pp. 29-71.

como elementos relacionados ao comportamento da população romana e à percepção da masculinidade de seus líderes políticos são apresentados como sendo centrais e determinantes na expansão ou decadência do Império. Ao final, exibimos algumas considerações sobre como, na atualidade, diferentes grupos políticos têm retornado ao passado romano para construir modelos de comportamento vinculados à masculinidade.

Elaboramos este percurso tendo em mente que a historiografia sobre o mundo greco-romano foi durante muitos anos uma das áreas mais conservadoras da história¹², e, no que concerne ao mundo clássico, a narrativa acerca dos comportamentos foi marcada pelo estudo das ações dos “grandes” personagens¹³. Ao mesmo tempo, temas considerados mais “nobres” como a política e o universo militar foram bastante explorados pelos classicistas, enquanto outros tópicos como a vida cotidiana, a vida de pessoas comuns, daqueles que não pertenciam à elite, das mulheres, eram relegados ao segundo plano - por um longo período as narrativas sobre tais temas, quando existentes, se restringiam à reprodução das informações encontradas nas obras literárias¹⁴. Contudo, por meio de estudos empreendidos por marxistas desde a década de 1950 e, em especial a partir da década de 1980, com pesquisas na área da História Social, observamos o trabalho de historiadores e classicistas que se dedicam a estudar temas até então pouco abordados na historiografia sobre a Antiguidade.

No entanto, ainda que consideremos estas pesquisas, ao olharmos a tradição clássica e os reflexos desta na formulação de visões sobre o passado clássico, destaca-se para nós como a bibliografia sobre a Roma Antiga é marcada

¹² Debates sobre o tema são encontrados em: FUNARI, Pedro Paulo Abreu. “Análise documental e Antiguidade Clássica”. In. *Antiguidade Clássica: a história e Cultura a partir dos Documentos*. Campinas: Unicamp, 2003. FUNARI, Pedro Paulo Abreu *A vida quotidiana na Roma Antiga*. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2003.

¹³ Um exemplo sobre a construção desses personagens pode ser observado na prevalência das narrativas sobre Nero a partir da obra de Tácito (crítico ao imperador) em detrimento do trabalho de Suetônio (que apresentava uma visão mais favorável a Nero), reforçando assim a imagem deste como sendo um mau governante, com vícios e comportamentos incompatíveis com seu cargo, conforme é apontado por Joly. In.: JOLY, Fábio Duarte. “Suetônio e a tradição historiográfica senatorial: uma leitura da Vida de Nero”. *História*, Franca, v.24, n. 2, p. 111-127, 2005. Disponível em : http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-90742005000200005&lng=en&nrm=iso . Acessado em 18 de maio de 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-90742005000200005>.

¹⁴ Análises semelhantes podem ser encontradas nas obras de Cavicchioli e Feitosa: CAVICCHIOLI, M. “A posição da mulher na Roma Antiga. Do discurso acadêmico ao Ato Sexual”. In. FUNARI, Pedro. et alii. *Amor, Desejo e Poder na Antiguidade*. Campinas: Unicamp, 2003; FEITOSA, L. *Amor e sexualidade. Masculino e feminino em Pompéia*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2005.

por um grande número de polaridades como: república *versus* império, virtude *versus* depravação, elite letrada *versus* plebe ignorante, oposições binárias bastante presentes desde o século XIX. Ao construir tais binômios os estudiosos hierarquizaram os períodos do mundo antigo, criaram estereótipos e excluíram grupos de suas análises.

Neste sentido, sobre os períodos Republicano e Imperial, é comum observarmos a associação do segundo a uma derrocada dos costumes, em especial no que diz respeito às práticas sexuais e à alimentação. A Roma Imperial é apresentada como tendo sido corrompida por hábitos estrangeiros que foram trazidos para o centro do Império, ou mesmo tendo perdido a virtude do trabalho no campo em detrimento da vida na cidade. Tais elementos são exibidos como um sinal de depravação, compondo uma linha argumentativa que remonta a Gibbon¹⁵, mas que se manteve e encontrou reverberação em diversas obras posteriores.

Assim, revisitar a historiografia e repensar algumas imagens comuns sobre a Roma Antiga se faz necessário, retomando o silenciamento ou condenação de práticas que não condizem com a expectativa demandada deste passado clássico. Apresentaremos, em uma sequência cronológica, narrativas que qualificam determinados comportamentos como reprováveis a fim de questionar suposta dicotomia de costumes estabelecida entre os períodos Republicano e Imperial e a associação destas práticas com ideias de decadência, depravação e queda.

Tendo estes elementos em mente, iremos discorrer, em seguida, acerca de alguns norteadores teóricos que justificam e balizam nossa percepção sobre o espaço dos estudos clássicos na contemporaneidade e seu papel político para além da academia. Esta discussão pode parecer desnecessária, considerando as mudanças pelas quais a área passou nos últimos anos, com maior inclusão de temas e debates que propõem visões mais plurais sobre a época, contudo, reações à inserção de temáticas e discussões contemporâneas (como os estudos de gênero¹⁶) são comuns, enquanto a adoção de novas abordagens de pesquisa, longe de ser uma unanimidade, é ponto de discórdia entre estudiosos da área¹⁷. Além disso, os estudos clássicos continuam sendo espaço de disputa retórica entre grupos da sociedade que se identificam e/ou desejam utilizar o passado romano

¹⁵ GIBBON, Edward. *Declínio e queda do Império Romano*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

¹⁶ ZUCKERBERG, Donna. *Not all dead White men*. Harvard University Press, 2018.

¹⁷ ADLER, Eric. *Classics, the culture wars, and beyond*. Michigan: University of Michigan Press, 2016.

como forma de legitimar discursos políticos e/ou modelos de conduta por meio de uma suposta herança cultural.

Neste sentido, em especial entre classistas norte americanos, além dos estudos sobre a recepção e os usos do passado clássico, observamos o desenvolvimento de análises sobre as apropriações elaboradas por grupos políticos no presente e em como estudiosos da área podem interferir neste processo, seja por meio de obras de divulgação científica, do estudo destes grupos ou buscando outras saídas para o diálogo com parcelas mais amplas da sociedade. Assim, apresentamos a seguir um breve panorama sobre a historiografia referente ao mundo romano e a construção de modelos de masculinidade, um dos temas que têm levado os acadêmicos a repensar os reflexos dos estudos sobre a Antiguidade no mundo contemporâneo.

2.1 - Como repensar os estudos clássicos?

“Todos os caminhos levam à Roma”. Mais do que um ditado popular, esta frase aponta para a onipresença latina ao longo da história ocidental. Desde o medievo até as discussões políticas contemporâneas é bastante comum que referências à Roma Antiga sejam utilizadas para justificar discursos e atitudes¹⁸. Militarmente, as batalhas contra os Cartagineses são referenciadas em escolas de guerra¹⁹. As línguas neolatinas estão presentes por todo o globo. A arquitetura neoclássica, bastante frequente no século XIX, é um nicho de mercado que cresce na atualidade²⁰. Milhares de pessoas viajam todos os anos para visitar sítios históricos relacionados ao mundo romano. Séries de televisão e filmes ambientados naquele momento histórico recebem atenção e têm interesse cativo por parte do público²¹. Roma, séculos após a deposição do último imperador, continua em nosso cotidiano. Mas, a qual Roma nos referimos? Afinal, ponderando a amplitude de

¹⁸ SILVA, Glaydson José. *História antiga e Usos do Passado: um estudo de apropriações da Antiguidade sob o regime de Vichy (1940-1944)*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2007.

¹⁹ GARRAFFONI, Renata Senna. “As guerras púnicas”. In: MAGNOLI, Demétrio. *História das guerras*. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

²⁰ DYSON, Stephen L. Rome in America. In: “Images of Rome: perceptions of ancient Rome in Europe and the United States in the modern age”. *Journal of Roman Archeology*, 2001. p. 57-69.

²¹ Discussão apresentada por WYKE, Maria. “Projecting the past.” In.: *Ancient Rome, Cinema and History*, 1997; FEITOSA, Lourdes; VICENTE, Maximiliano. “Masculinidade do soldado romano na representação midiática”. In.: FUNARI, Pedro Paulo Abreu *História Militar do Mundo Romano*. SP: FAPESP/Annablume, 2009; CYRINO, Monica Silveira. *Big Screen Rome*. Nova Jersey: John Wiley & Sons, 2009.

trabalhos já realizados sobre o passado romano, estamos lidando com uma extensa gama de discursos.

Neste sentido, nossa compreensão do fazer histórico sobre a Antiguidade foi permeada por reflexões sobre qual seria o papel dos pesquisadores neste processo. Dentre os grupos que estão realizando esta discussão, destacaram-se para nós as propostas estabelecidas pelo “*The post-classicisms collective*”²². Este coletivo formado por classicistas de diferentes instituições, e que conta com afiliados no Brasil, se propõe a investigar e repensar os estudos clássicos e o seu papel no mundo contemporâneo, influenciados pelos estudos de recepção e em relação às demais disciplinas de humanidades em uma perspectiva multidisciplinar e transnacional²³.

De forma semelhante ao que é apontado por Zuckerman quando retoma o papel político dos clássicos no mundo moderno²⁴, o coletivo enfatiza a necessidade de se pensar novas premissas que guiem a produção da pesquisa sobre o passado greco-romano, a fim de evitar ou minimizar os efeitos de uma releitura da história, literatura e filosofia antigas que reforce preconceitos e injustiças sociais²⁵. Particularmente, nos é interessante a forma como eles partem da

²² POSTCLASSICISMS COLLECTIVE. *Postclassicisms*. Chicago: University of Chicago Press, 2020.

²³ Informações disponíveis em: <https://www.postclassicisms.org/about/postclassicisms/index.html>

²⁴ ZUCKERBERG, Donna. *How to be a Good Classicist under a Bad Emperor. Eidolon*, 2016. Disponível em: <https://eidolon.pub/how-to-be-a-good-classicist-under-a-bad-emperor-6b848df6e54a>

²⁵ Nestes textos, os autores são bastante vocais em apresentar seu trabalho em contraponto e como resposta ao cenário político contemporâneo: “O conhecimento, como literatura e arte, é oportuno e extemporâneo. A escrita de *Postclassicisms* abrangeu um período de turbulência histórica que viu a eleição do quadragésimo quinto presidente dos Estados Unidos, a decisão do Reino Unido de deixar a União Europeia e o ressurgimento do nacionalismo e do extremismo de direita em todo o mundo. A antiguidade clássica está sendo implantada, não pela primeira vez, a serviço da supremacia branca, e a incivildade e a hostilidade estão encontrando sustento em um ambiente cultural cada vez mais polarizado. Neste momento, há um novo apelo para examinar como os clássicos estão sendo implicados na injustiça sistêmica e para se opor à intolerância, exclusão, dano e violência que muitas vezes foram e agora estão sendo infligidos sob sua bandeira. A urgência de desenvolver ferramentas críticas e de diagnóstico para reimaginação disciplinar nunca foi tão clara para nós.” “Scholarship, like literature and art, is both timely and untimely. The writing of *Postclassicisms* spanned a period of historical turbulence that saw the election of the forty-fifth president of the United States, the United Kingdom’s decision to leave the European Union, and a resurgence of nationalism and right-wing extremism around the globe. Classical antiquity is being deployed, not for the first time, in the service of white supremacism, and incivility and hostility are finding sustenance in an increasingly polarized cultural environment. At this moment there is a new call to examine how classics is being implicated in systemic injustice, and to oppose the intolerance, exclusion, harm, and violence that often have been and are now being inflicted under its banner. The urgency of developing critical and diagnostic tools for disciplinary reimagination has never been clearer to us.” (todas as traduções apresentadas são de nossa autoria, exceto quanto pontuado) POSTCLASSICISMS COLLECTIVE. *Postclassicisms*. Chicago: University of Chicago Press, 2019. p.XII

interpretação e incorporação dos estudos de recepção como forma de repensar o processo de pesquisa e o impacto desta na sociedade.

Como elementos centrais na organização deste diálogo entre o passado e o presente teórico e social do pesquisador, são enfatizados três conceitos: *valor, tempo e responsabilidade*, os quais estariam interligados e influenciariam a forma como o passado é percebido em diferentes momentos históricos e, também, em como o pesquisador é julgado pelos seus pares, tanto os contemporâneos quanto no futuro.

Segundo o coletivo, o primeiro destes conceitos, a valoração das pesquisas, estaria atualmente se desenvolvendo de forma dúbia: se por um lado o discurso acadêmico afirma que a área está sob ameaça e perdendo espaço nas universidades, por outro nota-se um retorno dos temas associados à antiguidade²⁶ a espaços de discussão externos à academia. Ao mesmo tempo, destacam como alguns especialistas estariam ressentidos da popularização dos estudos clássicos, que teria feito com que a área perdesse prestígio (o qual era associado ao fato desta ser entendida como saber distintivo e exclusivo de uma certa elite). Neste sentido, as mudanças de conjuntura exemplificariam como o acesso aos estudos sobre a antiguidade por uma parcela mais ampla da sociedade, ou seja, a popularização do saber sobre Grécia e Roma, reverbera na compreensão do valor simbólico deste passado. Estes processos seriam responsáveis por fazer com que os Estudos Clássicos não caracterizem-se como um *locus* de valores, mas fossem identificados como um *sistema* de valores, que devesse e merecesse ser criticado e repensado pelos teóricos da área²⁷:

Nós precisamos, em outras palavras, explorar formas pelas quais possamos integrar a crítica de valor ao currículo, uma que iria destacar não os valores dos estudos clássicos, mas os processos pelos quais estes valores se estabeleceram e mudaram ao longo do tempo.²⁸

²⁶ POSTCLASSICISMS COLLECTIVE. *Postclassicisms*. Chicago: University of Chicago Press, 2019. p.9

²⁷ “Se é o caso de que os clássicos são menos um *locus* de valores do que um sistema de valor, o problema que enfrentamos agora é como nos dar uma licença para valorizar produtiva e criticamente.” *“If it is the case that classics is less a locus of values than a value system, the problem we face now is how to give ourselves a license to value productively and critically.”* Idem, p.10

²⁸ “We need, in other words, to explore ways by which we can integrate a critique of value into the curriculum, one that would highlight not the values of classics, but the processes by which these values are arrived at and changed over time.” Idem, p. 18.

O segundo elemento importante na reflexão proposta pelo grupo é o *tempo*. Tema central na formação do historiador, possui algumas singularidades no que se refere à relação com os estudos sobre o passado greco-romano, o qual é marcado pela presença dos cânones da Antiguidade, pelo distanciamento temporal em relação ao objeto de estudo (que influencia o valor que é atribuído a este passado) e pela temporalidade em que o pesquisador está inserido. Por vezes essa relação é acompanhada do desejo de se reconstruir ou reviver o passado no presente²⁹.

Em ambos os casos, o resultado destas aproximações, seja pela imitação ou veneração da tradição clássica, é o engessamento das narrativas sobre o passado e o fim da possibilidade de múltiplas interpretações. Neste sentido, as considerações apresentadas pelo coletivo se aproximam das examinadas por Hartog, ao explorar a relação dos indivíduos com o tempo histórico e como esta é afetada pelo presentismo, ou seja, como o vínculo e a percepção das pessoas com o passado são construídos a partir da perspectiva presente:

O futurismo deteriorou-se sob o horizonte e o presentismo o substituiu. O presente tornou-se o horizonte. Sem futuro e sem passado, ele produz diariamente o passado e o futuro de que sempre precisa, um dia após o outro, e valoriza o imediato. Os sinais dessa atitude não faltam.³⁰

Por outro lado, a relação com o tempo no “pós-classicismo” é delimitada não apenas pelo passado clássico e a tradição clássica em si, mas pelas mudanças intrínsecas aos objetos de conhecimento ao longo dos anos, considerando as colisões e a não linearidade das narrativas estabelecidas sobre os mesmos³¹.

²⁹ “O classicismo configura-se entre essas pulsões duplas e imbricadas: entre o perigo da imitação parcial ou falsa e a realização da corporificação, entre a proclamação da tradição alcançada e o sentimento de perda que é endêmico à saudade. Ou seja, o classicismo toma forma como uma figura normativa e idealizada de como o presente depende do passado distante da antiguidade.” *“Classicism thus takes shape between these double and imbricated drives: between the danger of partial or false imitation and the fulfillment of embodiment, between the proclamation of achieved tradition and the sense of loss that is endemic to longing. that is, classicism takes shape as a normative, idealized figuring of how the present depends on the distant past of antiquity.”* POSTCLASSICISMS COLLECTIVE. *op.cit.* pp 23-24.

³⁰ HARTOG, François. *Regimes de Historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p 148-149.

³¹ “O pós-classicismo, então, busca fornecer uma narrativa de nosso envolvimento com o passado que possa levar em conta a contingência histórica do sujeito que sabe, as formações mutáveis do objeto de conhecimento ao longo do tempo e temporalidades não lineares de envolvimento envolvidas, onde, entre o presente e a antiguidade, tantas meditações e simultaneidades se acotovelam para redirecionar e informar a atenção do estudioso. Nessas condições, experimentos com atemporalidade não representam uma submissão a um cânone ou desrespeito à historicidade: as anacronias podem, quando reconhecidas em seu tempo, ser enfatizadas como condições de possibilidade, com o risco momentâneo da ignorância”; *“Postclassicism, then, seeks to provide a*

Considerando as duas categorias acima apresentadas, tempo e valor, compreende-se que ambas influenciam e convergem no terceiro apoio do tripé conceitual proposto pelo coletivo: responsabilidade. A partir do momento que não entendemos mais o passado clássico como tendo um valor intrínseco, nem isolado no tempo, mas como elemento narrativo e argumentativo que atua e é influenciado por ambas as categorias, este deixa de ser estático e acaba por trazer uma nova gama de responsabilidades para quem o estuda. Assim, ocorre uma mudança de paradigma em relação às obrigações sociais: ao invés de privilegiar unicamente às áreas tradicionalmente associadas ao seu ofício, passam a ter mais relevância contribuições que atentem para questões e demandas do tempo presente, o estudioso sendo, ao mesmo tempo, sujeito e objeto de sua área de estudos³².

Para tanto, segundo o coletivo, é vital que o pesquisador explicita para os leitores como suas percepções do passado são construídas: permeadas pelas visões de mundo e contexto em que o estudioso está inserido³³, apresentando as influências atuantes no processo de elaboração do trabalho. Desta forma, o passado clássico pode atuar como elemento de reflexão no presente, sem que seja um mero exercício de erudição ou de busca de um passado teleológico, o que não significa um abandono do rigor da pesquisa, mas a abertura para novas epistemologias e diálogos interdisciplinares com o presente, bem como a intencionalidade na elaboração de múltiplas interpretações deste passado.

Isto posto, observamos um grande esforço por parte de diversos classicistas em estabelecer um contato mais próximo e receptivo com distintos setores da sociedade e elaborar um contraponto aos discursos xenófobos e misóginos embasados em visões deturpadas ou parciais do mundo greco-romano. Entendemos que estes processos se aproximam das *Culture Wars* dos anos 1990 analisadas por Adler³⁴, caracterizadas pelas desavenças internas em universidades norte-americanas, as quais acabaram por alocar momentaneamente os

narrative of our engagement with the past that can take account of historical contingency of the subject who knows, the changing formations of the object of knowledge over time, and the enfolded, nonlinear temporalities of engagement, where, between the present and antiquity, so many meditations and simultaneities jostle to redirect and inform the scholar's attention. Under these conditions, experiments with timelessness do not represent either submission to a canon or disrespect for historicity: anachronies can, when recognized in their time, be made to carry emphasis as conditions of possibility, at the momentary risk of ignorance." POSTCLASSICISMS COLLECTIVE, *op. cit.* p. 28.

³² POSTCLASSICISMS COLLECTIVE, *op. cit.* p.35.

³³ POSTCLASSICISMS COLLECTIVE, *op. cit.* p. 31.

³⁴ ADLER, Eric. *Op. Cit.*

departamentos de estudos clássicos em meio à disputas narrativas e de poder entre grupos de diferentes matizes ideológicos à direita e à esquerda.

Ainda que a pesquisa de Adler seja voltada para eventos do passado recente, acreditamos que o conceito de *Culture Wars*³⁵ é interessante para compreendermos como diferentes grupos não acadêmicos vêm se aproximando do passado clássico e como pesquisadores como Zuckerberg³⁶, Beard³⁷ e Dozier³⁸, e iniciativas de grupos como *Eidolon*³⁹, *Pharos*⁴⁰ e o *Post classicism collective*⁴¹, têm pensado formas de responder a estes ataques e a percepções superadas e parciais sobre o mundo romano. Neste sentido, cabe ressaltar como tal relação entre passado e presente não se apresenta apenas em espaços acadêmicos, mas também em plataformas digitais e discursos políticos, em especial em apropriações da extrema direita, prática que encontra eco em meio a grupos *on-line* brasileiros⁴².

Assim, gostaríamos de enfatizar que a escolha do estudo dos comportamentos por meio de vestígios satíricos se dá pelo desejo e percepção da necessidade de apresentar uma visão mais plural do que o cidadão romano como um modelo de masculinidade embasada na força militar, física e política (e, portanto, legitimado para dominar o restante da sociedade). Ainda que, nas últimas décadas, pesquisas sobre diversos grupos anteriormente ignorados, como mulheres e escravos, tenham ganhado espaço, assim como o diálogo com diferentes aproximações teóricas (estudos de gênero, teoria *queer*, entre outros), nos parece relevante rever a idealização do cidadão romano e explorar os comportamentos pelos quais eles poderiam ser repreendidos e quais eram os elementos que poderiam torná-los alvos do deboche ou zombaria.

³⁵ Entendido aqui como o processo de polarização política na contemporaneidade, em que os grupos se identificam a partir de sua posição sobre temas específicos, centrando a discussão em aspectos culturais.

³⁶ ZUCKERBERG, Donna. *Op.cit.*

³⁷ BEARD, Mary. *Mulheres e poder: um manifesto*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2018.

³⁸ DOZIER, Curtis. "Hate Groups an Greco-Roman Antiquity Online: To Rehabilitate or Reconsider?" In.: VALENCIA-GARCIA, Louie Dean. *Far-Right Revisionism and the End of History*. Nova Iorque: Routledge, 2020. pp. 251-269.

³⁹ *Eidolon*. Disponível em: <https://eidolon.pub/>

⁴⁰ *Pharos*. Disponível em: <https://pharos.vassarspaces.net/>

⁴¹ POSTCLASSICISMS COLLECTIVE, op. cit.

⁴² Algumas considerações sobre o tema foram apresentadas na comunicação "Clássicos e a Internet: apropriações do mundo greco-romano on-line" cujo resumo está disponível em: SILVA, Lorena Pantaleão; FRANDJI, Ingrid Cristini Kroich. "Clássicos e a Internet: apropriações do mundo greco-romano on-line" In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS CLÁSSICOS: ANTIGUIDADE: DESEJO E LIBERDADE, 22, 2019 Juiz de Fora, MG. *Caderno de Resumos*. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2019. p.77-78.

Pensar e analisar masculinidades não contempladas por discursos normativos, é, considerando os pressupostos expostos, uma escolha também política, interessada na elaboração de um passado que contemple histórias e estruturas mais plurais, menos voltadas para o modelo idealizado e para respostas prontas, mas que impulse e favoreça questionamentos e indagações. Em suma, atentando para os propósitos enumerados, em especial para a necessidade de se repensar a relação com o nosso objeto de estudo considerando a tradição historiográfica e pesquisas que o precederam, apresentamos em seguida um breve panorama sobre o processo de construção dos *exempla* como modelos de masculinidades na historiografia sobre Roma.

2.2 – Todos os caminhos levam a Roma?

O entendimento do mundo antigo como o passado fundador da cultura ocidental favoreceu a construção de estereótipos e de uma percepção do passado clássico embasados nas qualidades relacionadas às conquistas militares, ao imperialismo e à heteronormatividade, priorização que acabou por restringir, em determinados momentos, o foco das pesquisas a um pequeno grupo de homens pertencentes à elite romana⁴³. Temas menos nobres – vida cotidiana, família, as camadas populares – eram apresentados como *trivia*, um complemento não obrigatório à narrativa dos “grandes” feitos romanos, que teriam função educacional e modelar.

Neste sentido, a existência de exemplos de comportamento elaborados a partir de um passado idealizado é mapeada desde a Roma Antiga. Conforme é apontado por Langlands⁴⁴, a ideia de que as pessoas pudessem aprender, evoluir, e se preparar para situações adversas era um dos fatores pelos quais os romanos desenvolveram toda uma gama de *exempla*, modelos de comportamento que eram transmitidos por diferentes vias, em especial a literatura.

⁴³ Debates sobre o tema são encontrados em: FUNARI, Pedro Paulo Abreu. “Análise documental e Antigüidade Clássica”. In. *Antigüidade Clássica: a história e Cultura a partir dos Documentos*. Campinas: Unicamp, 2003. FUNARI, Pedro Paulo Abreu. *A vida cotidiana na Roma Antiga*. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2003; bem como nas considerações apresentadas por SILVA, Gláydson. *História antiga e Usos do Passado: um estudo de apropriações da Antiguidade sob o regime de Vichy (1940-1944)*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2007.

⁴⁴ LANGLANDS, Rebecca. “Introduction”. *Exemplary ethics in ancient Rome*. Cambridge University Press, 2018.

Mais do que uma cartilha a ser seguida, os *exempla* eram fontes de reflexão individual e ferramenta para a construção de uma ética comum. Isto não significa que os leitores (das obras que descreviam jornadas heróicas ou das narrativas retóricas de Cícero) aceitassem todos os elementos apresentados de forma acrítica - ainda que, por serem discursos permeados por forte carga emocional, fossem capazes de mobilizar emoções e reações por parte de suas audiências. Estas narrativas foram utilizadas pelos romanos como uma das ferramentas com as quais seria possível educar futuros cidadãos e formatar heróis⁴⁵, e cuja popularidade deve-se também ao fato de acreditarem que estes *exempla* tinham grande potencial motivar os indivíduos:

Segundo as descrições da literatura antiga, os *exempla* eram capazes de exercer uma força extraordinária e transcendente sobre quem os contemplava. As metáforas costumam ser violentas e desconfortáveis. *Exempla* impressionaram ou deslumbraram os observadores, instigaram e despertaram, inflamaram a alma e, finalmente, os transformou - por meio do processo de emulação - em outra pessoa, alguém melhor⁴⁶

Neste sentido, mais do que função retórica, os *exempla* faziam parte das referências culturais por meio das quais os romanos compreendiam o seu próprio entorno e do mundo em que estavam inseridos. Formulados majoritariamente a partir dos feitos de homens da elite (ainda que existissem exceções, com *exempla* de mulheres e de escravizados), estes textos tornaram-se mais populares a partir do

⁴⁵ Sobre este aspecto a autora destaca, por exemplo, algumas considerações de Sêneca acerca deste tipo de prática literária: “Sêneca descreve as crianças romanas como atônitas e pasmadas (*obstupefecerant, mirari*) quando ouvem histórias exemplares e aprendem com elas sobre a virtude. O efeito de tais histórias em almas ternas é deslumbrante e inspirador; aprender com o *exempla* é como “se apaixonar” pela virtude que eles incorporam. Para os homens que viriam a se tornar os grandes líderes republicanos, bastava contemplar os retratos de heróis ancestrais, expostos nos salões de seus descendentes, para que seus corações se inflamassem de desejo de igualar as virtudes de outrora; suas próprias grandes realizações foram inspiradas diretamente pela *exempla*.”; “*Seneca describes Roman children as stunned and awestruck (obstupefecerant, mirari) when they listen to exemplary stories and learn from them about virtue.*⁸ *The effect of such stories on tender souls is dazzling and awe- inspiring; learning from exempla is like ‘falling in love’ with the virtue they embody. For the men who were to become the great Republican leaders, it was enough to gaze upon the portraits of ancestral heroes, on display in the halls of their descendants, for their hearts to be inflamed with desire to equal the virtues of old; their own great achievements were directly inspired by exempla.*” Idem, *ibidem* p.3.

⁴⁶ *According to the descriptions found in ancient literature, exempla were capable of exerting an extraordinary, transcendent force upon those who contemplated them. The metaphors are often violent and uncomfortable. Exempla struck or dazzled the viewers, goaded and aroused them, inflamed the soul and ultimately transformed them – though the process of emulation – into someone else, someone better.* Idem, *ibidem* p.2.

triumvirato, em especial devido à produção de manuais de conduta e instrução moral que ganham força durante este período⁴⁷.

No entanto, os *exempla* não estavam circunscritos à difusão literária e a personalidades famosas. Sabemos que a preservação do nome familiar e a manutenção da memória (em especial pelos patrícios) eram realizadas de diversas maneiras, inclusive por meio de estátuas, monumentos e textos que enaltecessem os feitos dos ancestrais. Mais do que mera vaidade, as representações destes modelos familiares arrolavam múltiplas funções: propagandear o status da família, transmitir valores às gerações mais novas, exprimir superioridade frente aos inimigos⁴⁸ – não se tratava, portanto, de um mero culto nostálgico, mas da organização de valores que, em última instância, eram parte dos subsídios éticos que constituíam a sociedade romana.

De maneira semelhante, no caso dos imperadores, as biografias serviam como modelo. As representações da imagem do imperador tinham múltiplos usos, em especial favorecer a opinião pública em relação a grupos específicos⁴⁹. Em tais relatos, um conjunto de virtudes emerge como padrão de conduta, apresentando o que era esperado destes governantes. Braund destaca alguns destes comportamentos virtuosos que eram esperados dos imperadores:

Imperadores romanos, direta ou indiretamente, promoviam imagens de si próprios expressos em virtudes particulares (...). Havia um conjunto (uso esta palavra deliberadamente, em oposição a cânone) de virtudes a partir do qual diferentes imperadores extraíram diferentes conjuntos de virtudes com as quais desejavam ser associados. O conjunto, que é grande, inclui as seguintes virtudes: *virtus* (destreza militar), *moderatio* (moderação), *libertas* (liberdade), *concordia* (concordia), *pax* (paz), *humanitas* (humanidade), *clementia* (misericórdia), *liberalitas* (generosidade), *securitas* (liberdade do medo), *fides* (confiança), *sapientia* (sabedoria), *iustitia* (justiça), *facilitas* (acessibilidade) e até mesmo *pulcritude* (beleza). Frequentemente, em obras literárias, a posse de (algumas dessas) virtudes está associada à restauração ou renovação do imperador da Idade de Ouro, a época pré-histórica em que Saturno governava e o pecado ainda não era conhecido na terra.⁵⁰

⁴⁷ Como os apresentados por Nepos, Atticus, Frontinus e Varrão, sendo o manual de Valerius Maximus *Facta et dicta memorabilia*, o mais conhecido. BELL, Sinclair. "Role Models in the Roman World". In.: *Memoirs of the American Academy in Rome. Supplementary Volumes 7*. 2008: p. 1-39.

⁴⁸ *Idem*, p. 9.

⁴⁹ BRAUND, Susana. "Paradigms of power: Roman Emperors in Roman Satire". In: CAMERON, Keith. *Humour and History*. Oxford: Intellect Books, 1993.

⁵⁰ "Roman emperors, directly or indirectly, promoted images of themselves cast in particular virtues (...). There was a pool (I use this word advisedly, as opposed to canon) of virtues from which different emperors drew different sets of virtues with which they wished to be associated. The pool, which is large, includes the following virtues: *virtus* (military prowess), *moderatio* (moderation), *libertas* (freedom), *concordia* (concord), *pax* (peace), *humanitas* (humanity), *clementia* (mercy), *liberalitas* (generosity), *securitas* (freedom from fear), *fides* (trust), *sapientia* (wisdom), *iustitia* (justice), *facilitas*

Para além de abranger comportamentos que são considerados modelares (alguns antagônicos entre si), a lista apresentada por Braund reforça como, desde o mundo romano, a existência de um passado idealizado na retórica política era comum. Ainda que tais narrativas modelares e biográficas tenham se tornado populares durante o período imperial, a construção das mesmas não se deu de uma forma estática. Neste sentido, modelos familiares de *uirtus* que eram populares no período republicano, embasados nas biografias de antigos patrícios, são abandonados e substituídos por narrativas centralizadas na figura do imperador a partir do século I d.C.⁵¹. Seja na historiografia, nos monumentos públicos ou em representações artísticas, a partir de Augusto, o imperador passa a ser retratado como o principal modelo de comportamento a ser seguido (não sem o incômodo de alguns grupos da sociedade que nem sempre aceitaram com tranquilidade este processo⁵²).

Assim, de acordo com interesses políticos e mudanças culturais, observamos variações de quais períodos eram assinalados como nostálgicos e quais *exempla* eram incentivados - reforçando a necessidade de atentar para o momento histórico

(approachability) and even pulchritude (beauty). Frequently in literary works the possession of (some of) these virtues is associated with the emperor's restoration or renewal of the Golden Age, the prehistoric time when Saturn ruled and sin was not yet known upon the earth." Idem.Ibidem. p. 60-61

⁵¹ BELL, Sinclair. *op.cit.*

⁵² "Não apenas teriam perdido espaço os exempla do período republicano, mas também a retomada de Rômulo e Remo como modelos de virtude e cujo exemplo seria espelhado em personagens da família imperial: "Por mais que o passado exemplar da república possa ter parecido ancorado no lugar, sobrecarregado por uma tradição secular, sua base acabou se mostrando fraca. Como se sabe, o vínculo conceitual entre o passado e o presente se rompe com a ascensão do primeiro imperador de Roma, que insinua no centro do poder um passado augustano (*renovatio*) às custas do decadente republicano. Da transferência dos antigos viris de sua casa no Capitólio para o campo de Marte para a cada vez mais "presença claustrofóbica" do imperador sentida na narrativa historiográfica, Augusto efetivamente toma o controle dos exemplos de Roma e, como consequência, reescreve sua memória coletiva. Com essa revolução cultural, o imperador se situa como a "convergência de tempos exemplares", canalizando seletivamente os exemplos do passado de Roma e implantando coercitivamente novos exemplos para o seu futuro. Em seu novo panteão, Enéias e Rômulo foram elevados ao lado de outros *summi viri* como símbolos de virtudes eternas (por exemplo, *pietas*), enquanto o imperador e sua família foram promovidos como seus herdeiros contemporâneos."; "However much the republic's exemplary past may have felt anchored in place, weighted down by centuries-old tradition, its foundation ultimately proved weak. As is well known, the conceptual link between past and present ruptures with the ascension of Rome's first emperor, who insinuates into the center of power of an Augustan past (*renovatio*) at the expense of its decaying republican one. From the transfer of the old viri lustres from their home on the Capitol to the Field of Mars to the increasingly "claustrophobic presence" of the emperor felt in historiographical narrative, Augustus effectively wrests control of Rome's role models and, as a consequence, rewrites its collective memory. With his "cultural revolution", the emperor situates himself as the "convergence of exemplary times", selectively channeling the role models from Rome's past and coercively deploying new ones for its future. In his new pantheon, Aeneas and Romulus were elevated alongside other *summi viri* as symbols of eternal virtues(e.g. *pietas*), while the emperor and his family were promoted as their contemporary inheritors" Idem.Ibidem. P. 11.

em que estes foram formulados. Faz-se necessário, também, retomar as construções historiográficas elaboradas a partir destes *exempla*, uma vez que, ao avaliarmos o papel da tradição clássica na preservação e difusão da literatura latina, podemos imputar que textos como os *exempla* voltados para a educação moral foram favorecidos no processo de preservação e tradução dos manuscritos, recebendo maior divulgação ao longo do tempo. Para além destes fatores, cabe ressaltar que a própria interpretação da ideia de *uirtus*⁵³ e de modelos relacionados ao mundo romano foram influenciados pelos *exempla* que, desta forma, permeiam a tradição clássica e os modelos interpretativos sobre a Roma Antiga.

No período medieval, exemplos de comportamento provenientes da tradição cristã passam a ter maior influência e divulgação (como, por exemplo, as vidas de santos, coletadas em textos da Legenda Áurea), mas mantêm-se a influência da tradição clássica na esfera política e filosófica. Este cenário passa por uma transição, quando, durante o Renascimento, o conhecimento do latim, da literatura latina e da história de Roma passa a ser prescrito pelos educadores humanistas, os quais afirmavam que o contato com o mundo clássico teria a capacidade de aprimorar a alma daqueles que se dedicassem ao seu estudo⁵⁴. Estes Humanistas⁵⁵ defendiam que o conhecimento das obras (em especial as latinas), bem como das línguas antigas (e, neste caso, defendiam o estudo do latim clássico em detrimento do medieval), era uma forma de influenciar e moldar o caráter dos indivíduos e, em última instância, torná-los pessoas melhores⁵⁶.

A análise destes modelos durante o Renascimento era voltada para a educação, formação e enriquecimento da experiência do indivíduo e influenciou o estudo da língua e dos exemplos da Antiguidade no período moderno. Como é apontado por Adler, tais temas foram incorporados durante os séculos XVII e XVIII no currículo das universidades americanas ainda sob influência do humanismo renascentista sob uma proposta de aperfeiçoamento individual⁵⁷. Ao mesmo tempo, a ligação com o passado romano torna-se presente em outros domínios, e comportamentos e práticas individuais passam a ser vinculados à esfera política de

⁵³ MCDONNELL, Myles. *Roman Manliness: "Virtus" and the Roman Republic*. Cambridge University Press, 2006.

⁵⁴ ADLER, Eric. *Op.cit.*

⁵⁵ Por exemplo: Coluccio Salutati (1331–1406), Pietro Paolo Vergerio (1349–1420), Leonardi Bruni (1370–1444), Guarino da Verona (1370–1460), e Vittorino da Feltre (1378–1446) ADLER, Eric. *Op.cit.*

⁵⁶ ADLER, Eric. *Op.cit.*

⁵⁷ ADLER, Eric. *Op.cit.*

forma mais expressiva, favorecendo com que, no que se refere à tradição clássica, estudar este passado deixe de ser uma demanda voltada apenas para o indivíduo e passe a ser entendida como uma prática importante na formação dos cidadãos nos estados modernos.

A aproximação do passado modelar romano a organização de projetos de estado pode ser explicada de diferentes formas (não excludentes): talvez porque os vestígios da historiografia, biografias e literatura romana estivessem repletos de *exempla* dos imperadores e outras figuras públicas; pelo desejo de reforçar um discurso moralizante; pelo interesse em legitimar determinados grupos e políticas vinculando-os à Roma Antiga. Dentre os intelectuais modernos que se dedicaram à análise do passado clássico destacam-se Montesquieu e Gibbon. Os autores viveram em períodos próximos, e, embora tenham atuado em diferentes áreas do conhecimento (filosofia política e história, respectivamente), as considerações sobre Roma elaboradas por ambos apresentam uma curva narrativa bastante semelhante. Suas obras ajudaram a popularizar a compreensão do passado romano por meio de uma sucessão linear de eventos vinculados ao crescimento e decadência do Império, bem como a sinalizar o papel de Roma como parte de um grande processo civilizacional do ocidente.

Isto posto, estas obras têm como característica comum o fato de discutirem modelos de estado/governo ao mesmo tempo em que enaltecem determinadas condutas individuais, assinalando quais eram dignas e virtuosas e quais teriam sido responsáveis pelo fim do Império Romano. Dentre as divergências nos trabalhos de ambos, podemos citar que, enquanto Montesquieu se propunha a encontrar os princípios gerais que regem a sociedade, Gibbon voltava-se para relações de causa e efeito que justificassem os eventos históricos⁵⁸.

Neste sentido, conforme é apontado por Martins⁵⁹, em Montesquieu a preocupação com Roma relacionava-se ao interesse em compreender o

⁵⁸“*Intellectually - alongside a lasting concern for factual accuracy and precise documentation - Gibbon as a 'philosophical historian' was concerned to write a history founded on 'the critical use of reason and the search for the underlying causes or "principles" of things*”; “Intelectualmente - ao lado de uma preocupação duradoura com a exatidão factual e documentação precisa - Gibbon como um 'historiador filosófico' preocupou-se em escrever uma história baseada no 'uso crítico da razão e na busca pelas causas subjacentes ou' princípios 'das coisas'.” KELLY, Christopher. “A grand Tour: Reading Gibbon’s ‘Decline and Fall’”. In: *Greece & Rome*. Vol.44, no 1, April 1997. p.41.

⁵⁹ MARTINS, Adilton Luís. “A queda de Roma segundo Montesquieu”. In: SILVA, G. J. et al. *Antiguidade como presença: antigos, modernos e os usos do passado*. Curitiba: Editora Prismas, 2017. pp. 109-140.

funcionamento geral dos governos e estados, e a partir daí estabelecer parâmetros para criticar e sugerir novas práticas políticas ao absolutismo francês. As alusões ao mundo romano estão presentes em “*O espírito das leis*⁶⁰” e, também, em uma obra anterior, dedicada exclusivamente à análise das “*Causas da grandeza e decadência do Império Romano*⁶¹”.

Nestes trabalhos, a argumentação estabelecida por Montesquieu traça paralelos entre a história romana e a da França por meio de um diálogo crítico com a historiografia do período e da Antiguidade. Ao defender uma monarquia constitucionalista para o governo francês, Montesquieu elabora argumentos que vinculam o passado monárquico romano à formação da virtude, graças aos grandes líderes e à intensa vida militar, enquanto a expansão do período republicano teria levado à adoção de vícios, à perda de liberdade, e à decadência⁶². Criticando os historiadores franceses do período, que assemelhavam o estado francês ao Império romano, “*Montesquieu rejeita completamente esta ideia de glória imperial. Seu objetivo político consiste em uma monarquia constitucional, por isso, precisa provar que o Império Romano é um lugar de escravidão e medo.*⁶³”

Assim, segundo Montesquieu, o distanciamento dos valores primordiais e a consequente decadência dos costumes⁶⁴ gerariam - na tentativa de se reestabelecer a ordem - o surgimento de um regime tirânico. O exemplo romano é descrito de forma a alertar quais ações deveriam ser tomadas a fim de evitar a adoção da tirania. Por outro lado, em “*Grandeza e decadência dos Romanos*”, somos expostos à descrição de como agiria o cidadão valoroso, em contraponto à riqueza e

⁶⁰ MONTESQUIEU, Charles Louis. *O espírito das leis*. Martins Fontes, 2000.

⁶¹ MONTESQUIEU, Charles Louis. *Considerações sobre as causas da grandeza dos romanos e da sua decadência*. Saraiva, 1997.

⁶² MARTINS, Adilton Luís. “A queda de Roma segundo Montesquieu”. In: SILVA, G. J. et al. *Antiguidade como presença: antigos, modernos e os usos do passado*. Curitiba: Editora Prismas, 2017.

⁶³ Idem, *Ibidem*. p.113.

⁶⁴ “No caso do luxo, perigoso demais, os romanos precisariam voltar à frugalidade dos primeiros tempos. O luxo traz a ruína. A história do luxo é a história do empobrecimento dos países não monárquicos. Uma república suntuária é destinada ao fim. Um despotismo suntuário é destinado à miséria e ostentação de poder e corrupções sem iguais.” Idem, *Ibidem* p. 118 “A ideia de uma Roma totalmente imoral, na linguagem de Montesquieu, “cheia de depravações”, aponta que as políticas de Augusto e Tibério tinham um espírito que não consistia na valorização da virtude republicana dos velhos tempos, nem na criação da honra, que em momento algum é mencionada junto da palavra monarquia”. Idem, *ibidem*. p. 119.

corrupção, vícios que teriam sido implantados em Roma com a chegada do epicurismo⁶⁵.

Ao longo da obra ocorre a formulação de um modelo de governante por meio da análise de diferentes personagens da Roma Antiga, em especial por críticas a determinados comportamentos dos imperadores. No entanto, as referências ao excesso de luxúria ou a outros vícios não são apresentadas como definidoras de caráter, mas funcionam como um recurso retórico para atestar a incapacidade ou mesmo a inabilidade daquele indivíduo como governante. Ou seja, a narrativa não afirma que os vícios são responsáveis por transformar alguém em tirano, mas sim que a presença deles pode auxiliar na identificação de um.

As representações de Montesquieu sobre a Roma Antiga se tornam particularmente importantes ao lembrarmos da influência que sua obra teve no Iluminismo e, por conseguinte, na Revolução Francesa e na Independência dos Estados Unidos. Neste sentido, em ambos os casos, pesquisas apontam para como os grupos que pensaram o aparato retórico e intelectual de ambos os processos o fizeram a partir de referências do passado Romano⁶⁶. Entendemos que a obra de Montesquieu não era a única influência neste sentido, mas observar como ele estabeleceu tais associações favorece a compreensão de interpretações e modelos acerca da República e do Império, e — especialmente importante para nós — cidadão e governante foram formatados.

Enquanto as ideias de Montesquieu influenciaram o processo de independência dos EUA e a Revolução Francesa, Gibbon, escrevendo três décadas após a publicação de “O Espírito das Leis”, participou ativamente destes eventos⁶⁷, enquanto redigia os cinco volumes de *Declínio e Queda do Império Romano*, publicados entre 1776 e 1788. Tendo um cargo na Câmara dos Lordes durante a guerra contra os EUA, Gibbon descreve a história do Império Romano como um

⁶⁵ “Creio que a seita e Epicuro, introduzida em Roma ao fim da República, muito contribuiu para estragar o coração e o espírito dos romanos. Os gregos já haviam sido influenciados por ela e assim ficaram corrompidos mais cedo”. In. MONTESQUIEU, *op.cit.* p.73.

⁶⁶ Como, por exemplo, é apresentado por Hendrikx, ao demonstrar como a obra de Montesquieu é amplamente citada e discutida no *L’ami du peuple*, jornal revolucionário controlado por Jean-Paul Marat. HENDRIKX, Valérie. “Tacite et Marat” In.: *Latomus* T. 64, Fasc. 3 (JUILLET-SEPTEMBRE 2005), pp. 742-75.

⁶⁷ Ao mesmo tempo os paralelos entre o seu engajamento no estudo do passado romano e o desmantelamento do território colonial britânico são expressos pelo autor em uma carta: “*L’homme de lettres et l’homme d’État, qu’il vous suffise de savoir que la decadence de Deux Empires, le Romain et le Britannique s’avancent à pas egaux. J’ai contribué cependant bien plus efficacement au premier*” Apud: KELLY, Christopher. “A Grand Tour: Reading Gibbon’s ‘Decline and Fall’”. In. *Greece & Rome*. Vol.44, no 1, April 1997. p. 51.

grande processo de degenerescência, fazendo uso, para tanto, de uma retórica que estimula o leitor a reagir aos fatos ali narrados⁶⁸.

Considerado um cânone para o estudo da civilização romana, *Declínio e Queda* serviu como inspiração e baliza para diversos trabalhos, posteriores, seja academicamente, no que se refere ao uso de vestígios textuais⁶⁹ e, em especial, na literatura escolar⁷⁰. Cabe salientar que, mesmo no século XX, o trabalho de Gibbon era apontado como minucioso e eloquente por vários comentadores “(...) *ainda que seus juízos pecassem por parcialidade*”⁷¹. Outros⁷² enfatizam o apelo educativo da obra, afirmando que os contemporâneos de Gibbon e os leitores de meados do século XX identificavam a ligação entre a Inglaterra contemporânea e a história de Roma que permeava a estrutura e o desenvolvimento do livro.

Criticado em períodos mais recentes, *Declínio e Queda* associa uma série de comportamentos ao processo de desmantelamento do Império romano. Neste sentido, Robinson sublinha como a suposta “*corrosão moral*”⁷³ pela qual passaram os romanos teria sido um dos focos de atenção do historiador. Gibbon estabelece uma distinção entre República e Império que se estenderá por toda a obra: destaca como a maior parte dos territórios do Império foram conquistados durante a República, período em que os líderes eram virtuosos, enquanto os sucessores de

⁶⁸ Dentre as características deste discurso, Kelly aponta como, para Gibbon, o processo de escrita estava embasado em princípios de uma “guerra intelectual”, seja no convencimento de seus leitores, seja na crítica a outros intelectuais e historiadores. Idem.

⁶⁹ Considerando as críticas recebidas ao primeiro volume, Gibbon se dedica a explicitar sua proximidade com os textos latinos e a se defender das críticas que lhe haviam sido apresentadas: “Não posso professar estar muito desejoso de conhecer o Sr. Davis; mas se ele se der ao trabalho de visitar minha casa em qualquer tarde quando eu não estiver, meu servo mostrará a ele minha biblioteca, que ele encontrará razoavelmente bem equipada com os autores úteis, tanto antigos quanto modernos, eclesiásticos também como profanos, que me forneceram diretamente os materiais da minha História”; “*I cannot profess myself very desirous of Mr. Davis's acquaintance; but if he will take the trouble of calling at my house any afternoon when I am not at home, my servant shall shew him my library, which he will find tolerably well furnished with the useful authors, ancient as well as modern, ecclesiastical as well as profane, who have directly supplied me with the materials of my History.*”. GIBBON, Edward. *Vindication*. Apud: KELLY, Christopher. “A Grand Tour: Reading Gibbon’s ‘Decline and Fall’”. In: *Greece & Rome*, vol. 44, no. 1, April 1997. p. 41.

⁷⁰ MOORE, R. W. “Decline and Fall”. In: *Greece & Rome*, vol. 5 no. 14. February 1936, p.65.

⁷¹ O comentador aponta ainda como o declínio do Império romano teria sido a “*mais terrível e mais instrutiva das lições da Antiguidade. A história de Roma é afinal a história de uma notável cidade-Estado que parece ter acumulado êxito sobre êxito, e que, depois de haver conquistado o mundo, se enredou na catástrofe, arrastando a civilização consigo. A questão de exatamente porque tal catástrofe ocorreu tem desde então ocupado os historiadores, e nenhum mais eloquentemente que Gibbon*”. ROBINSON, Charles Alexander. *Prefácio*. In: GIBBON, Edward. “Declínio e queda do Império Romano”. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. 11-31.

⁷² SAUNDERS, Dero A. “Introdução”. In: GIBBON, Edward. *Op.cit.* pp. 11-31.

⁷³ ROBINSON, Charles Alexander. “Prefácio”. In: GIBBON, Edward. *Op.cit.* P.9.

Augusto seriam dotados de temores e vícios, buscavam o prazer constantemente e, politicamente, eram tiranos⁷⁴.

Exemplo desta narrativa pode ser observada na descrição que o autor faz do governo de Cômodo, associando práticas cotidianas individuais com a decadência do Império. Observado em contraponto ao seu pai, Marco Aurélio, Cômodo é apresentado como um imperador jovem, tirano, dado aos prazeres carnais, que seriam exemplos da fraqueza e da inabilidade em governar:

Mas todos os sentimentos de virtude e humanidade se haviam extinguido na mente de Cômodo. Ao mesmo tempo que assim abandonava as rédeas do Império a tão indignos favoritos, nada mais prezava ele no poder soberano que não fosse a ilimitada libertinagem de se entregar a seus apetites sensuais. Suas horas eram passadas num serralho de trezentas belas mulheres e outros tantos rapazes, de toda categoria e de todas as províncias; e sempre que as artes da sedução se demonstrassem ineficazes, o brutal amante recorria à violência.⁷⁵

Ao longo da obra são apresentadas passagens que formatam esta narrativa de que Roma teria sido levada ao fim pela decadência moral. Estas descrições resultaram em censuras ao texto, que foi editado a fim de apresentar versões menos viscerais e sem as “imoralidades” presentes no texto original⁷⁶. Ou seja, mesmo quando um autor apresentava uma versão menos ideal e mais explícita do passado romano (ainda que para fins educacionais), esta acabava sendo destituída dos trechos considerados inadequados e adaptada a imagem que era esperada daquela civilização.

Considerando que seu trabalho foi escrito em um período próximo e com temática semelhante ao de Montesquieu em *Grandeza e Decadência dos Romanos*, vale ressaltar que ambos apresentam versões distintas sobre o papel das mudanças dos costumes na queda do Império. Enquanto em Montesquieu a subversão dos costumes e da *virtus* antigos seria uma consequência da decadência romana, para

⁷⁴ GIBBON, Edward. *Op.cit.* p. 34.

⁷⁵ Idem, *ibidem.* p.118

⁷⁶ “Uma história polêmica e vigorosa desse tipo não agradava ao mais politicamente correto do século XIX. Em 1826, o Revd. Thomas Bowdler publicou sua versão de Gibbon ‘para uso de famílias e jovens ... com a omissão cuidadosa de todas as passagens de tendência irreligiosa ou imoral. (...) O *Declínio e Queda* foi ainda cortado por sucessivos editores em uma tentativa de reduzir Gibbon ao modelo de ‘historiador frio e insensível’ que ele rejeitara tão explicitamente.”; “*Full-blooded, polemical history of this kind was not to the taste of the more politically correct nineteenth century. In 1826, the Revd Thomas Bowdler published his version of Gibbon ‘for use of families and young persons . . . with the careful omission of all passages of an irreligious or immoral tendency. (...) The Decline and Fall was further cut down by successive editors in an attempt to reduce Gibbon to the model of the ‘cool unfeeling historian he had so explicitly rejected’* . In: KELLY, Christopher. *Op.cit.* p.46.

Gibbon a mudança no comportamento dos imperadores e da população é pré-requisito para a queda do Império. Neste sentido, Gibbon elabora uma categorização dos imperadores em bons ou maus, dignos ou não, a qual acabou por influenciar diversos trabalhos historiográficos desde então⁷⁷. Beard destaca como a divisão que afirma que os imperadores do século II d.C. teriam sido especialmente bem-sucedidos, acabou por instituir o “*que muitos desde então têm chamado de período dos ‘bons imperadores’: Nerva, Trajano, Adriano, Antonio Pio, Marco Aurélio e Lúcio Vero*”⁷⁸. Para a classicista, ao apontar os imperadores de forma tão estereotipada, esta explicação dicotômica sobre Roma teve um efeito inesperado junto aos historiadores do período que “*(...) julgavam ‘sem hesitar’ e estavam dispostos a acreditar que o mundo romano teria sido um lugar melhor para se viver do que o deles.*”⁷⁹

Em ambos os casos, os autores, embora estivessem pensando em questões políticas, vinculam a busca excessiva pelo prazer à tirania. O comportamento do governante é abordado como uma questão de autocontrole, cuja falta estaria associada à decadência e ao mau governo, servindo de exemplo para os leitores de tais obras. Esta aproximação e vinculação com o passado romano adentrou os séculos XIX e XX, sendo que o processo de recepção de Roma na contemporaneidade vem sendo alvo de múltiplas pesquisas nos últimos vinte anos.

Hingley⁸⁰, por exemplo, aponta como Roma foi apropriada por intelectuais e políticos em fins do século XIX e início do XX a fim de traçar paralelos entre o Império da Grã-Bretanha e a Roma Antiga. Em meio às especificidades deste processo, o autor destaca a crítica ao comportamento dos imperadores e a preferência pela associação com o período republicano, bem como a forte influência destas ideias na esfera educacional. Neste sentido, naquele momento, nas escolas, em especial nos cursos frequentados pelos membros da aristocracia inglesa, passa-se a dar maior relevância ao mundo latino, e associa-se a imagem de Roma a princípios de eficiência e organização. Para Hingley, estes esforços são exemplos de como pretendia-se formar cidadãos ingleses que tivessem também como modelo a *grauitas*, ou seja, a seriedade que seria inerente aos romanos.

⁷⁷ BEARD, Mary. *SPQR-Uma História da Roma Antiga*. Editora Planeta do Brasil, 2017.

⁷⁸ Idem. *Ibidem*.p. 395.

⁷⁹ Idem. *ibidem*. p. 395.

⁸⁰ HINGLEY, Richard. *O Imperialismo Romano: Novas perspectivas a partir da Bretanha*. São Paulo: Annablume, 2010.

Até o presente momento, considerando os autores e períodos apresentados, observamos algumas particularidades do processo de recepção dos modelos romanos, como a associação com grupos específicos. Certamente existiam processos de popularização por meio da literatura ou de peças de teatro, monumentos e representações em espaços públicos, no entanto, os exemplos aqui apresentados parecem ter sido elaborados tendo um público distinto em mente: tanto Montesquieu quanto Gibbon estavam escrevendo em diálogo com os intelectuais e políticos de seu período; da mesma forma, a proposta educacional apresentada por Hingley foi criada por e para membros da elite inglesa, associando modelos de comportamento masculino ao sucesso ou fracasso de Roma. Trata-se da construção da história dos grandes homens que servem como exemplo e poderiam inspirar a demonstração de virtudes por parte do público destes autores.

A partir de 1900, ocorre um processo de transição com a popularização dos estudos clássicos, no que se refere ao público alcançado e aos temas. Assim, se no início do século XX as pesquisas eram marcadas por análises voltadas à compreensão da elite romana e seus interesses e, conforme é apontado por Potter⁸¹, eram populares as análises prosopográficas desta mesma elite⁸², ao longo do século esta situação passa por alterações. Inicialmente por meio de trabalhos como os apresentados por Jérôme Carcopino⁸³, observamos um maior interesse para aspectos e figuras até então pouco examinados pelos classicistas, como as mulheres e os escravos, ainda que em contraponto à figura exemplar do *paterfamilias*. Tais análises sobre grupos menos explorados pela historiografia são apresentadas a partir de vestígios com características particulares, dentre os quais as sátiras, sem que as especificidades destas fossem consideradas, levando a generalizações irônicas e ácidas do comportamento das mulheres romanas, por exemplo. Assim, ainda que aborde novos grupos, Carcopino produz uma história androcêntrica, na qual, mesmo o estudo de outras parcelas da sociedade romana ainda é elaborado em função de personagens e ideais masculinos.

⁸¹ POTTER, David. "The shape of roman history: the fate of the governing Class". In.: POTTER, David. *A companion to the Roman Empire*. Malden, Blackwell, 2006. Pp. 1-19.

⁸² Este interesse é exemplificado na obra de Ronald Syme, a qual, segundo Potter, dedica-se ao estudo da elite como sendo a expressão da história romana: "Para Syme, a história Romana era modelada por aqueles que se encontravam no topo. Mulheres, escravos, camponeses e os demais existiam para escorar o poder daqueles"; "For Syme, Roman history was shaped by the people at the top. *Women, slaves, peasants and the like existed to buttress their power.*" *Idem*. p.4

⁸³ CARCOPINO, Jérôme. *A vida cotidiana em Roma no Apogeu do Império*. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

Devemos lembrar ainda que, conforme é apontado por Silva⁸⁴, Carcopino faz parte de um grupo de intelectuais franceses que se aproximou do nazismo. A influência dos movimentos fascistas e nazistas nos estudos clássicos têm sido alvo de diversas pesquisas recentes, sendo que, em diversos países europeus, em especial na Itália, a associação com o passado romano foi intensa, não apenas o regime fascista financiou estudos e revitalizações de sítios arqueológicos como Pompeia⁸⁵, como apropriou-se de todo um grupo de imagens e símbolos romanos⁸⁶. A representação propagada pelas pesquisas resultantes era a do cidadão romano como exemplo de coragem, frugalidade e resiliência, novamente, sem maior espaço para o estudo de transgressões ou masculinidades diversas. As associações estabelecidas com o passado romano eram também condizentes com as pretensões expansionistas e ufanistas do regime em questão. Conforme é apontado por Giardina⁸⁷, este processo se estendia ao ensino, fazendo com que o mundo romano tivesse um destaque ímpar no sistema escolar italiano e nas esferas de pesquisa histórica e arqueológica. Destarte, no que se refere à construção de um passado ideal, os modelos implementados pelos ingleses, franceses e italianos reforçaram a propagação de estereótipos sobre a seriedade e rigidez romanas, características que eram convenientes aos projetos políticos que estes movimentos defendiam.

No período do pós-guerra notamos mudanças mais expressivas na forma como os estudos clássicos passam a se organizar em relação a grupos e comportamentos até então marginalizados. Estas percepções do mundo antigo começam a se alterar com a publicação das análises como as de Moses Finley⁸⁸, que apresenta considerações sobre a política, mas também economia e sociedade romanas. No entanto, ainda que apresente maior interesse no funcionamento da sociedade romana, Finley tende a padronizar a variedade de personagens e comportamentos, ou seja, mesmo estudando uma maior diversidade de grupos até

⁸⁴ SILVA, Glaydson. Op.cit.

⁸⁵ CAVICCHIOLI, Marina Regis. "A formação de Pompéia antiga: identidade, pluralidade e multiplicidade". In: FUNARI, Pedro Paulo A.; DE OLIVEIRA SILVA, Maria Aparecida (Ed.). *Política e identidades no mundo antigo*. AnnaBlume, 2009., p. 59-72. GARRAFFONI, Renata Senna; SANFELICE, Pérola de Paula. "Em tempos de culto a Marte por que estudar Vênus?: repensando o papel de Pompeia durante a II guerra". In: CERQUEIRA, Fábio et al. (Ed.). *Saberes e poderes no mundo antigo: estudos ibero-latino-americanos. volume II-dos poderes*. Imprensa da Universidade de Coimbra/Coimbra University Press, 2013.

⁸⁶ GIARDINA, Andrea. "O mito fascista da romanidade". *Estudos Avançados*, v. 22, n. 62, p. 55-76, 2008.

⁸⁷ Idem.Ibidem.

⁸⁸ FINLEY, Moses. *Política no mundo antigo*. 1985; FINLEY, M. *Aspectos da Antigüidade*. Portugal: Edições 70, 1990.

então excluídos das análises historiográficas, a ideia de comportamento modelar se mantém.

É apenas a partir da década de 1960 que observamos a inserção de novos temas nos estudos clássicos, bem como o surgimento de análises que se preocupam em ampliar os perfis apresentados dos romanos. Em grande parte, este processo se dá graças aos esforços de historiadoras feministas⁸⁹ que se propõem a buscar os vestígios deixados pelas mulheres romanas, bem como devido às análises marxistas, que enfocam os conflitos presentes na sociedade romana. Desde então e, em especial, ao longo dos anos 1980 e 1990 ocorre uma considerável expansão dos objetos de estudo existentes para o historiador, com o aumento no número de estudos sobre os grupos infames e populares⁹⁰.

Ainda que estes temas tenham sido explorados nos últimos anos, o modelo de cidadão romano (que remete ao período republicano), identificado como um homem sério, com um comportamento grave e solene e que mantinha um temperamento adequado à sua posição, ainda é bastante presente. Esta percepção do cidadão romano se dá, em grande parte, graças à construção que a historiografia elaborou sobre o tema, por meio da análise de obras didáticas e de cunho político (como os *exempla* e as obras literárias de autores considerados “sérios”), e de narrativas acerca do comportamento ideal, em detrimento da literatura satírica, cômica ou mesmo elegíaca. Longe de ser isenta, a própria escolha das obras analisadas já apresentava uma tendência à manutenção de costumes valorizados pela elite romana, com a qual os estudiosos modernos desejavam se identificar. Este processo de formação de um ideal romano se dá, portanto, pelo silenciamento ou hierarquização de comportamentos considerados “desviantes” pelos historiadores em favor de uma masculinidade específica.

Neste sentido, a historiografia tende a criar um juízo de valor dos períodos da história romana, com odes ao Período Republicano, quando Roma teria sido mais virtuosa, em contraponto ao Alto Império. Assim, a Roma Imperial é descrita como

⁸⁹ CANTARELLA, Eva. *Pandora's daughters: the role and status of women in Greek and Roman antiquity*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1987; POMEROY, Sarah. *Goddesses, whores, wives, and slaves: Women in classical antiquity*. Nova Iorque: Schocken, 1995; GARDNER, Jane F. *Women in Roman law & society*. Indianapolis: Indiana University Press, 1991.

⁹⁰ GARRAFFONI, R. *Bandidos e salteadores na Roma Antiga*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2002; GARRAFFONI, R. *Gladiadores na Roma Antiga. Dos combates às paixões cotidianas*. São Paulo: Fapesp, Annablume, 2005; FUNARI, P. P. A. *Cultura popular na Antiguidade Clássica*. São Paulo: Contexto, 1989.

tendo sido corrompida por costumes estrangeiros⁹¹, ou mesmo tendo perdido a virtude do trabalho no campo em detrimento da vida na cidade, elementos expostos como um sinal de depravação, perspectiva apresentada de forma repaginada em obras mais recentes, como *Os prazeres na Roma Antiga*. Este trabalho nos interessa, pois embora altere o foco de pesquisa do mundo político para a temática dos prazeres, o autor ainda associa estas práticas com a esfera política ao elaborar juízos de valor sobre os aspectos apresentados e ao criar paralelos com o tempo presente.

Afirmando que a temática por ele abordada aproxima antigos e modernos, Robert hierarquiza⁹² os comportamentos relacionados à busca pelo prazer, assegurando que, enquanto filósofos como Sêneca teriam alcançado a “*alegria do espírito*”, a maioria da população teria contemplado o “*massacramento desse conhecimento pelo véu ilusório dos prazeres*”⁹³, vinculando esta busca à ideia de decadência:

O prazer assume então a aparência de câncer obrigatório de qualquer civilização, de mal que todos consideram um remédio para a existência, mas que contribui para a sua decadência a longo prazo. (...) A busca dos prazeres constitui a preocupação principal dos romanos do final da República e do Império. Eles rejeitam a opressão da moral e da política cujas elucubrações lhes parecem artificiais e entredoras para a satisfação dos desejos naturais e do homem. A filosofia popular já proclamava: a vida é curta, é preciso aproveitá-la.⁹⁴

Ao longo de suas considerações sobre a busca do prazer em Roma, observamos a organização a partir de contraposições. Para tanto, ao estabelecer a dicotomia moral/prazer, o autor afirma existir um modelo de moral romana camponesa, a qual teria sido superada pela busca dos prazeres, por vezes incentivada pelo estado romano. Em diferentes pontos da retórica de Robert, ele afirma que, “*em sua origem, o romano é um soldado e um camponês*”⁹⁵, dois

⁹¹ Dentre os autores que apresentam essa visão em suas obras podemos destacar os trabalhos de Jérôme Carcopino e Paul Veyne. In: CARCOPINO, J. *A vida quotidiana em Roma no Apogeu do Império*. São Paulo: Companhia das letras, 1990; VEYNE, P. “O Império Romano”. In.: ÁRIES, Pierre; DUBY, Georges. (orgs.) *História da Vida Privada Vol. I*. São Paulo, Companhia das Letras, 1990. ROBERT, Jean-Noël. *Os prazeres em Roma*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

⁹² “Pois o homem jamais teve razão suficiente para conseguir dispensar seus instintos e acreditou encontrar a felicidade na satisfação imediata de seus apetites instintivos. É claro que existem prazeres mais refinados e outros mais baixos, prazeres do espírito e prazeres do corpo, mas todos têm a característica de serem superficiais, de pertencerem à esfera da simples sensação, de serem sentidos no momento.” ROBERT, Jean-Noël. *Op.cit.* p.6.

⁹³ Idem. Ibidem. p.6

⁹⁴ Idem. Ibidem. p. 6

⁹⁵ Idem. Ibidem. p. 17

exemplos de masculinidade modelar recorrentes na literatura e retórica romana, associados ao trabalho, coragem e virtude. Estes teriam a frugalidade, o trabalho e a austeridade como valores centrais e a origem campestre, a estrutura familiar, a religião e a tradição, como composição da base moral romana.

Ao mesmo tempo, o autor defende que a antiga moral teria sido perdida durante o processo de expansão devido ao convívio com outros povos, citando como exemplo as mudanças ocorridas a partir do contato com o epicurismo, que (Robert afirma de forma semelhante ao apontado por Montesquieu, dois séculos antes) teria sido mal compreendido pelos romanos, levando a comportamentos excessivos. Os perigos desta nova moral, segundo o autor, poderiam ser observados nas obras cômicas, que passam a detalhar como a população passa a se preocupar apenas com questões carnis, em especial relacionadas à alimentação e ao sexo. Assim, a sociedade romana é descrita de forma estática, criando um tipo ideal de comportamento para a totalidade de seus membros, modelo restrito a um período específico no tempo e elaborado a partir de obras cômicas sem que esta especificidade fosse considerada. Segundo a arguição apresentada, todas as práticas diferentes seriam “desvios” deste modelo inicial, incutindo a noção de degeneração pela deturpação moral e o contato com outros povos⁹⁶.

É sintomático que alguns dos argumentos apresentados por Robert se aproximem enormemente daqueles sugeridos por Montesquieu, por exemplo, ao afirmar que durante o período imperial teria ocorrido uma tentativa (mal sucedida) de retorno ao passado modelar, por meio de leis impostas para reavivar a moral e a ordem de outrora⁹⁷, bem como, ao culpar o epicurismo pela adoção de

⁹⁶ Sobre o período em que Plauto escreve as suas obras: “Roma torna-se uma capital internacional e novos valores transformam a sociedade. É o preço da vitória. A civilização rústica com base no trabalho e na austeridade é sucedida por uma civilização urbana que oferecerá as tentações do prazer aos cidadãos. (...) Instala-se o ócio, e essa mudança social vai acarretar uma modificação dos valores morais: o apetite do gozo substitui o espírito do sacrifício. As camadas inferiores da sociedade tornam-se mais pobres enquanto os ricos vivem uma abundância de luxo graças aos saques das conquistas e aos tributos pagos pelos países vencidos. Porém, com essas riquezas, é um novo modo de vida que, vindo do Oriente, invade Roma. A semipobreza de Roma era a sua salvaguarda moral(...)” Idem.Ibidem. p. 25.

⁹⁷ “Em todos os casos, os prazeres continuam a ser uma das grandes preocupações do homem romano, quer ele neles busque todos os refinamentos e sofisticções permitidos por suas riquezas, quer se abandone, devido à sua pobreza, ao gozo mais vulgar para nele encontrar o esquecimento de sua condição. Tanto num caso como no outro, já que é evidente que a moral tradicional só podia ser seguida por um pequeno grupo social e não por um império tão diversificado quanto o Império Romano, o prazer aparece nitidamente como o resultado de uma carência, a de uma moral que jamais conseguiu se adaptar à evolução de uma conquista e à glória de um destino único na história da Antiguidade.” Idem. Ibidem. p.40

comportamentos imorais e inapropriados. Estas correlações reforçam nossa percepção de que estes discursos sobre o passado romano são muito mais relacionados à manutenção da tradição clássica na historiografia do que à análise do passado em si. Trata-se de uma narrativa teleológica, em que modelos binários de bem x mal, moral x prazer, correto x decadente, se sucedem levando à conclusão de que a ausência de um código de conduta (masculino, em particular) mais rígido teria sido um fator central para o fim do império.

Ainda que tenha sido escrita em um período mais recente, no final do século XX, (próximo da publicação da *História da Sexualidade*⁹⁸, por exemplo) a obra de Robert, mesmo abordando uma temática semelhante à explorada por Foucault, reforça padrões normativos. Escrito em meados dos anos 1980, *Os prazeres na Roma Antiga* apresenta uma visão bastante crítica do contato com elementos externos e da influência destes na cultura local, com uma narrativa permeada pela reconstrução de valores de acordo com uma lógica que parece atender mais aos modernos que aos antigos. Ao iniciar a obra citando como nós, contemporâneos, podemos nos associar aquele passado clássico e, na sequência, criar uma hierarquia de valores e de indivíduos, o autor dá eco ao legado de associação do período imperial a uma derrocada dos costumes, em especial no que diz respeito às práticas sexuais e à alimentação. Tendo em mente as discussões relacionadas aos *Usos do Passado* elaboradas por autores como Bernal⁹⁹ e Silva¹⁰⁰, os pressupostos apresentados pelo *Post Classicisms Collective*, acreditamos que tais discursos, ao fornecerem uma visão unilateral da história romana podem levar à construção e à legitimação de discursos xenófobos e preconceituosos (como é analisado por Silva¹⁰¹).

Entendemos que, ainda que os grupos que proferem estes discursos não participem da discussão acadêmica propriamente dita, considerando a ideia de que a academia tem, cada vez mais, tentado dialogar com diferentes parcelas da sociedade, bem como a função social do historiador¹⁰², acreditamos ser interessante

⁹⁸ FOUCAULT, Michel. A história da sexualidade. Op.cit.

⁹⁹ BERNAL, Martin. "A imagem da Grécia Antiga como uma ferramenta para o colonialismo e para a hegemonia europeia" In. FUNARI, Pedro Paulo Abreu. *Repensando o Mundo Antigo*. Campinas: Unicamp/IFCH, 2003.

¹⁰⁰ SILVA apresenta uma série de digressões sobre como grupos políticos franceses se apropriavam do passado clássico gaulês para justificar medidas colaboracionistas com o nazismo e, na atualidade, defender medidas extremamente austeras e rígidas em relação aos imigrantes. SILVA, Glaydson. *Op. Cit.*

¹⁰¹ Idem, Ibidem.

¹⁰² BLOCH, Marc. *Ofício de historiador (ou Apologia da História)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

explorar como esses movimentos acabam por moldar a opinião pública sobre o passado romano e, de forma mais geral, sobre os estudos clássicos. Assim, mesmo sem trabalhar diretamente com estudos de recepção, acredito que a ciência sobre estes processos, sobre como as *Cultural Wars* têm sido questionadas e revisadas pelos pesquisadores da Antiguidade anglo-saxões, é relevante uma vez que tais narrativas têm encontrado eco em meio a grupos brasileiros.

Neste sentido, algumas considerações apresentadas por Brown¹⁰³, ainda que não sejam voltadas para o mundo clássico, podem nos auxiliar na compreensão sobre como fenômenos recentes (como a escalada de governos autoritários e valores tradicionalistas nos últimos anos) têm influenciado a percepção e o estudo da Roma Antiga. Ao analisar os processos relacionados à ascensão da extrema direita e esgarçamento do tecido social em democracias ocidentais, a autora destaca como o rebaixamento do estado de bem estar social e a mercantilização do cotidiano e da vida dos indivíduos promovidas pelo neoliberalismo são elementos essenciais para compreender os eventos políticos ocorridos na última década e como estes ameaçam a democracia, em diferentes lugares do mundo. Para tanto, Brown retoma os princípios neoliberais, apontando como, em especial a partir da década de 1980, estes passam a associar a organização neoliberal a uma moralidade embasada na valorização da propriedade privada e a importância da família.

O argumento apresentado por Brown é relevante aqui por alguns motivos: a autora expõe como o neoliberalismo, sistema de organização econômica, tem em suas raízes, discussões e propostas que dependem de uma percepção conservadora e tradicionalista de sociedade¹⁰⁴. Ao mesmo tempo, ela demonstra como ao diminuir o papel do Estado, o neoliberalismo, acaba por transferir para a família ações e responsabilidades antes estatais, esvaziando o campo político. Em conjunto a mercantilização dos indivíduos e a sujeição a cenários mais competitivos, é estabelecido um contexto que favorece o surgimento de posturas antidemocráticas, segundo a autora. Em suma, ao mesmo tempo em que estimula valores tradicionais, em especial no que diz respeito à organização familiar, o neoliberalismo acaba por

¹⁰³ BROWN, Wendy. Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no ocidente. São Paulo. Editora Politéia, 2019.

¹⁰⁴ A qual é defendida por Hayek, por exemplo, ao afirmar que a herança moral seria uma explicação válida para a suposta soberania ocidental e que esta é marcada pela tradição cristã. Idem. *Ibidem*.

frustrar parcelas que anteriormente encontravam-se em posições de comando e destaque na sociedade, uma vez que estes passam a se ver obrigados a competir e dividir espaço com grupos antes marginalizados.

Considerando o nosso enfoque, os dados levantados por Brown nos interessam pois, para além de expor como a percepção de masculinidade contemporânea é afetada por dinâmicas que incentivam um modelo de família bastante específico e tradicional, ela expõe como o neoliberalismo vincula o sucesso econômico a valores identificados como provenientes de uma moral ocidental¹⁰⁵. Associado aos fenômenos das redes sociais, em nosso caso em particular, as considerações apresentadas pela autora nos auxiliam na compreensão do apelo relacionado a retomada do passado clássico, em especial do mundo romano, a partir de perspectivas que destacam modelos de comportamento e uma masculinidade identificada como viril, dominante e heteronormativa¹⁰⁶. Para além disso, tais discursos e narrativas tendem a influenciar a adoção de regimes mais ou menos democráticos, conforme permeiam a construção de modelos de conduta na contemporaneidade, fazendo com que as *Culture Wars*, possam ser compreendidas além de um contexto cultural, mas como um elemento que tende a influenciar aspectos sociais e políticos.

Desta forma, em especial por estar trabalhando com percepções e modelos de masculinidade na Roma Antiga, se faz necessário refletir sobre o fazer histórico considerando as disputas narrativas nas quais estes temas estão envolvidos. Para além da academia, a construção de interpretações sobre o passado romano na atualidade perpassa diferentes espaços, dentre os quais as comunidades on-line. Enquanto as redes sociais tornam-se cada vez mais comuns em nosso cotidiano, como fonte de informação e meio de comunicação, eles passam a mediar, também, a relação das pessoas com Roma Antiga.

Assim, apresentamos na sequência algumas considerações sobre como é construído o imaginário sobre o passado romano em comunidades on-line e como alguns classicistas vêm mapeando esta questão.

¹⁰⁵ Idem, *ibidem*.

¹⁰⁶ Neste sentido, cabe ressaltar a interpretação de Mônica Cyrino a respeito do filme *Gladiador* (2000) de Ridley Scott. A autora destaca como a representação do personagem Maximus é associada a ideais capitalistas, tais como uma suposta ética do trabalho e o interesse e proximidade para com a família, um valor que seria mais revelador do período em que o filme foi realizado do que da época que ele retrata. Trata-se da naturalização de um padrão de masculinidade contemporâneo a partir de uma narrativa do passado clássico, por meio da ênfase no caráter heróico e exemplar da conduta apresentada. CYRINO, Monica Silveira. *Big Screen Rome*. John Wiley & Sons, 2009.

2.3 - Entre o neoestoicismo e a *alt-right* – velhos modelos e novas abordagens

Buscamos expor, por meio da análise da historiografia sobre Roma, como, em diferentes momentos históricos, os romanos foram descritos de forma a enfatizar e recomendar a adoção de determinadas formas de masculinidade. Esta retomada mostrou como a tradição clássica favoreceu e se fortaleceu com tais propostas, assumindo um papel de destaque na educação de grupos dominantes e, em outros momentos, na formatação e embasamento de ideologias políticas. Este processo não se deu de forma neutra, mas por meio da ação e escolha de diversos classicistas, que concordavam com tais processos, ou ainda, viam neste apoio uma forma de aumentar o prestígio e o alcance dos estudos clássicos.

No entanto, conforme apontamos anteriormente, desde o período do pós-guerra e, em especial, a partir das décadas de 1980 e 1990, observamos uma maior inserção de temas e grupos que, até então, eram mantidos à margem dos estudos clássicos. A partir de trabalhos de influência marxista, feminista, *queer*, pós-coloniais e decoloniais, temáticas até então pouco exploradas passaram a ganhar mais espaço, em eventos e publicações. Porém, ainda que este processo tenha ganhado força nos últimos anos, ele não é unânime na academia. Além disso, em meios não-acadêmicos, em especial em espaços e comunidades on-line, é possível observar o retorno de um discurso que idealiza e apresenta uma versão bastante autoritária do passado clássico.

No que se refere à esfera acadêmica, o descontentamento com os novos posicionamentos adotados por classicistas foi alvo de disputas intelectuais como as descritas por Adler¹⁰⁷, as *Culture wars* dos anos 1990. O autor aponta como *think-tanks* de grupos conservadores buscaram reafirmar a relevância de um estudo que reencarnasse os valores do humanismo renascentista, estabelecendo, para tanto, discussões e críticas aos recentes encaminhamentos dados aos estudos clássicos¹⁰⁸. Ainda que tenha sido uma proposta externa ao meio acadêmico,

¹⁰⁷ ADLER, Eric. Op. cit.

¹⁰⁸ “Nosso levantamento da história dos estudos clássicos no ensino superior americano nos leva a outras conclusões. Por razões discutidas anteriormente, os ideais do humanismo da Renascença - mesmo se apresentados de forma diluída por meio dos Grandes Livros - eram mais propensos a atrair os tradicionalistas durante as guerras culturais acadêmicas do que os professores clássicos. (...), muitos (embora não todos) críticos da academia americana durante o período tiveram carreiras fora da universidade, principalmente em grupos de reflexão conservadores ou jornalismo. Essas

acabou por influenciar a discussão sobre a formação curricular classicista nas universidades norte-americanas. Ao mesmo tempo, autores como Braund¹⁰⁹, Martindale¹¹⁰ e Luce¹¹¹ destacaram como o processo de escrita acadêmica dos estudos clássicos, embora apresentado como despersonalizado e impessoal, é influenciado por decisões sobre pesquisa e, em especial, sobre currículo permeadas por questões e demandas pessoais¹¹² e políticas.

Assim, ainda que academicamente observemos a discussão sobre o papel dos estudos clássicos e a necessidade de se pensar o mundo antigo de forma mais plural, a desconstrução da idealização do passado romano foi alvo de críticas de intelectuais conservadores (não necessariamente classicistas) como é o caso de Michael Lind¹¹³. Embora a sua produção escrita seja majoritariamente voltada para a área de relações internacionais, seu artigo “*The Second Fall of Rome*”, publicado em 2000, é dedicado a analisar as alterações na percepção do passado romano na

figuras, que escreveram para leitores em geral, eram mais céticas em relação à hiperespecialização associada ao imperativo da pesquisa. Os estudiosos clássicos da academia, independentemente de seus vínculos metodológicos e ideológicos, tinham fortes razões profissionais para permanecer menos encantados com tal perspectiva.”; “*Our survey of the history of classical studies in American higher education leads us to other conclusions. For reasons previously discussed, the ideals of Renaissance humanism—even if presented in diluted form via the Great Books— were more likely to appeal to traditionalists during the academic culture wars than to classics professors. As chapter 1 demonstrates, many (though by no means all) critics of American academia during the period had careers outside the university, chiefly in conservative think tanks or journalism. Such figures, who themselves wrote for general readers, were more skeptical of the hyper- specialization associated with the research imperative. Classical scholars in the academy, regardless of their methodological and ideological attachments, had strong professional reasons to remain less enchanted with such an outlook.*” Idem. *Ibidem*. p.75.

¹⁰⁹ BRAUND, Susana Morton. “Personal Plurals”. In. HALLET, Judith P.; VAN NORTWICK, Thomas. *Compromising Traditions: The personal voice in classical scholarship*. Londres: Routledge, 1997.

¹¹⁰ MARTINDALE, Charles. “Paper Voices: Writing the writer”. In. HALLET, Judith P.; VAN NORTWICK, Thomas. *Compromising Traditions: The personal voice in classical scholarship*. Londres: Routledge, 1997.

¹¹¹ DE LUCE, Judith. “Reading and re-reading the helpful princess”. *Compromising Traditions: The personal voice in classical scholarship*. In. HALLET, Judith P.; VAN NORTWICK, Thomas. Londres: Routledge, 1997. p. 25-37.

¹¹² Neste sentido, Braund é enfática sobre a relevância deste posicionamento ser compreendido por classicistas contemporâneos: “De qualquer forma, qualquer decisão que tomemos sobre a voz que usamos em nossa escrita acadêmica, o elemento mais importante é que devemos estar cientes dela. Caso estejamos adotando a voz autorizada pela academia, nós devemos saber. E, caso nós decidamos fazer algo diferente, esta precisa ser uma decisão consciente também. Parece-me que nos estudos clássicos existe muito pouco autoconsciência sobre as vozes que utilizamos em nossas pesquisas- e das formas quem que nós todo, inevitavelmente estamos implicados em atitudes políticas por meio das decisões que fazemos sobre quais projetos perseguimos e de que forma os perseguimos”; “Anyway, whatever decision we make about the voice we use in our academic writing, the most important thing is that we should be aware of it. If we are adopting the voice authorised by the academy, we ought to know. And if we decide to do something else, that needs to be a conscious decision too. It seems to me that in the classical academy there is too little self-awareness of the voices we use in our scholarship – and of the ways in which we are all inevitably implicated in political attitudes in the choices we make about which projects to pursue and how we pursue them”. BRAUND, Susana Morton. “Personal Plurals”. *op.cit.* p.49.

¹¹³ LIND, Michael. “The second Fall of Rome” *Wilson Quarterly*, v. 24, n. 1, p. 46-59, 2000.

sociedade americana. A partir de um grande retrospecto em que relembra o papel fundador do modelo de república romana na formação dos Estados Unidos, o autor aponta como o mundo latino teria perdido prestígio com a introdução de interpretações e narrativas menos elogiosas, fazendo com que o estudo do mundo romano fosse depreciado e substituído por exemplos de origem helenista.

Dentre os motivos para esta derrocada da imagem de Roma, Lind culpa a influência do protestantismo (que identificava os romanos como perseguidores de cristãos), a ascensão do romantismo (que menosprezava a retórica latina em contraposição à literatura grega) e, especialmente, a forma como a academia descrevia Roma. Segundo Lind, a partir de 1930 as disciplinas de humanidades teriam organizado o passado de forma a restringir o papel dos romanos a meros reprodutores da cultura grega e, desde então, de modelos para a República, os romanos teriam sido reduzidos a:

...pensava nos antigos romanos como um povo perverso e dissoluto, cujo passatempo favorito era assistir os cristãos sendo alimentados aos leões no Coliseu. Na mente popular, os gregos de corpo duro se exercitavam; Romanos gordos deitavam-se em sofás mordiscando uvas entre as orgias. A lição da história romana parecia clara: se você se divertir muito, será exterminado por bárbaros invasores e vulcões em explosão.¹¹⁴

Defensor do passado latino e do retorno de um modelo de educação renascentista (que, como vimos, influenciou os primórdios do ensino superior nos EUA), Lind afirma que, ao contrário da filosofia contemporânea, o contato com o passado romano seria capaz de formar cidadãos, de apresentar um modelo de como viver de forma pública em contraponto ao individualismo moderno¹¹⁵. Ao associar a defesa da tradição clássica com a defesa da própria ideia de civilização, o autor afirma que a renovação desta tradição seria capaz de fornecer modelos de

¹¹⁴“... *thought of the ancient Romans as an evil and dissolute people whose favorite pastime was watching Christians being fed to lions in the Coliseum. In the popular mind, hard-bodied Greeks exercised; fat Romans lay on couches nibbling grapes between orgies. The lesson of Roman history seemed clear: if you have too much fun, you will be wiped out by invading barbarians and exploding volcanoes.*” Idem, p.56.

¹¹⁵ “O exemplo romano em filosofia é ainda mais importante em nosso tempo. O ideal romano, que inspirou o “homem renascentista”, não era o pedante enclausurado, mas o estadista-filósofo mundano que combinava a contemplação com a ação. Moralistas do latim como Cícero e Sêneca, ao contrário de filósofos modernos como Hegel, estavam menos interessados em metafísica e epistemologia do que em questões práticas de como viver uma vida ética em um mundo turbulento e mau”; *“The Roman example in philosophy is even more important in our time. The Roman ideal, which inspired the “Renaissance man,” was not the cloistered pedant but the worldly philosopher-statesman who combined contemplation with action. Latin moralists such as Cicero and Seneca, unlike modern philosophers such as Hegel, were interested less in metaphysics and epistemology than in practical questions of how to live an ethical life in a turbulent and evil world.*” Idem, p. 59.

comportamento e de governo necessários ao século XXI. Para tanto, ele defende a necessidade de se estudar autores “moralistas como Sêneca e Cícero” a fim de se criar meios de ação em um mundo “mau e turbulento”. Os argumentos apresentados por Lind se aproximam muito aos dos conservadores descritos por Adler, que advogavam o retorno dos estudos clássicos e dos currículos humanistas às universidades americanas, bem como podem ser aproveitadas como respostas às demandas impostas pelo neoliberalismo, citadas por Brown.

Esta relação não é uma novidade no que se refere aos estudos clássicos, e, em especial, ao passado romano. Buscamos apresentar como, ao longo do tempo, podemos observar como as ondas conservadoras acabam por se associar ao passado romano a fim de construir tais modelos. No entanto, notamos uma variação deste processo nos últimos anos, pois esta apropriação desenvolveu algumas especificidades em ambientes não acadêmicos e, em especial, em comunidades on-line. Seja em grupos interessados pelo estudo do passado clássico, ou em coligações que se identificam com valores fascistas, temos observado um aumento de referências a um passado clássico idealizado, machista e heteronormativo. De forma mais ampla, ideais e referências a aspectos misóginos do passado greco-romano são amplamente utilizados para criticar mulheres que ocupam cargos políticos em redes sociais¹¹⁶, enquanto releituras do estoicismo ganham espaço entre autores de autoajuda. Conjuntamente, grupos que se identificam com ideais xenófobos e misóginos, bem como setores da extrema direita, vêm adotando uma narrativa que busca vincular o passado romano a ideais extremistas. Como é apontado por Bond, a utilização de símbolos e temas da antiguidade faz com que estes grupos estabeleçam falsos mitos de origem e uma autoridade embasada em um suposto legado romano¹¹⁷.

¹¹⁶ Mary Beard descreve como mulheres em cargos públicos em diferentes países foram associadas à figura de medusa, por exemplo. BEARD, Mary. *Mulheres e Poder*. Op.Cit.

¹¹⁷ “Quando James Alex Fields e os outros nacionalistas brancos se juntaram no evento “Unite the Right” portando escudos nos quais podia-se ver fasces Romanos com um machado, a mensagem de força legítima novamente era visível. Como o uso de SPQR ou a apropriação de tochas, todos estes símbolos adotados podem parecer referências inofensivas ao passado, mas esta iconografia particular está historicamente vinculada a violência. Se o fascismo italiano nos ensinou alguma coisa, é que a apropriação da história antiga fornece a estes grupos uma falsa história de origem e um sentimento de autoridade para fazer uso de violência que eles não podem justificar, autoridade que jamais deveriam ter” *“When James Alex Fields and the other white nationalists at the “Unite the Right” rally gathered with shields bearing the Roman fasces with an axe, the message of legitimate force was again visible. Like the use of SPQR or the appropriation of torches, all of these adopted symbols may look like harmless references to the past, but this particular iconography is historically tied to violence. If Italian Fascism has taught us anything, it is that the appropriation of ancient history provides these groups with a false origin story and a sense of authority to use violence that they*

Entre as pesquisadoras que vêm se dedicando a esta questão Donna Zuckerberg destaca-se ao abordar como estas contendas são potencializadas por meio das comunidades on-line. A autora levanta dois pontos de tensionamento que nos parecem relevantes: a idealização da filosofia clássica como elemento de sabedoria universal (de forma semelhante ao defendido por Lind e demais conservadores descritos por Adler), que tem como consequência a adaptação de partes da filosofia estoica em uma corrente de autoajuda contemporânea; e a criação de narrativas misóginas, que defendem o estupro e criticam a emancipação feminina por meio do diálogo ou apropriação de textos latinos.

No primeiro caso, obras de filósofos estoicos, em especial de Marco Aurélio, são compreendidas como literatura de autodesenvolvimento para aumentar a própria produtividade e auxiliar na criação de novos padrões de autodisciplina¹¹⁸. Os grupos, formados majoritariamente por homens que se dedicam ao estudo destes filósofos em comunidades on-line, têm em comum o desprezo pela comunidade acadêmica (que eles identificam como esquerdista e manipuladora). Assim, boa parte deste contato se dá por meio de traduções de trechos selecionados de filósofos antigos ou por meio de autores que se autodenominam estoicos modernos e se dedicam a reconstruir os manuais de conduta ou *exempla romanos*¹¹⁹.

Já no segundo caso, a obra *Ars Amatoria*, de Ovídio, tem sido apropriada com consequências ainda mais complexas, ao ser utilizada para justificar misoginia

cannot rightly claim and should never be given" in: BOND, Sarah. 'Fasces, Fascism, and How the Alt-Right Continues to appropriate Ancient Roman Symbols,' Hyperallergic, Setembro, 2018. Disponível em: <https://hyperallergic.com/459504/fasces-fascism-and-how-the-alt-right-continues-to-appropriate-ancient-roman-symbols/>

¹¹⁸ "Essa tendência entre os estoicos da pílula vermelha é parte de uma tendência maior no estoicismo popular do século XXI de maneira mais geral, a reformulação da filosofia como um "truque de produtividade" (ou "truque da mente"), uma estratégia ou técnica que aumenta a eficiência e a produtividade"; *"This tendency among Red Pill Stoics is part of a bigger trend in twenty-first century popular Stoicism more generally, the rebranding of the philosophy as a "life hack" (or "mind hack"), a strategy or technique that increases efficiency and productivity."* ZUCKERBERG, Donna. *Not all dead white men*. Op.cit. P. 61

¹¹⁹ "Tratar o estoicismo como uma filosofia essencialmente prática requer divorciar passagens de seu contexto original, de modo a fazê-las parecer universalmente aplicáveis (...), ou distanciar-se inteiramente do texto, ilustrando os princípios estoicos por meio de anedotas sobre figuras exemplares (...). Em ambos os casos, há uma tendência notável de exagerar o quão perfeitamente a sabedoria dos textos antigos pode ser aplicada ao mundo de hoje."; *"Treating Stoicism as a quintessentially practical philosophy requires one to either divorce passages from their original context, so as to make them seem universally applicable (...), or to distance oneself from the text entirely, by illustrating Stoic principles through anecdotes about exemplary figures. (...)In both cases, there is a remarkable tendency to overstate how seamlessly the wisdom of ancient texts can be applied to today's world"*. Idem. Ibidem p. 63

e incentivar a prática de estupros. Durante muito tempo analisada de forma a apresentá-la como uma escrita de gracejos e destinada a provocar o riso, o texto teve aspectos complexos desconsiderados (como, por exemplo, passagens misóginas para padrões contemporâneos). Zuckerberg destaca que, ainda que tal discussão esteja ocorrendo no ambiente acadêmico, Ovídio é extremamente popular e referenciado em comunidades on-line, em especial aquelas que se auto definem como *pick-up artists*¹²⁰.

Nestes espaços, por meio de artigos ou versões traduzidas, as táticas apresentadas por Ovídio em sua obra tornam-se um manual de conquista a ser seguido. Práticas que na atualidade são reconhecidas como assédio ou mesmo estupro passam a ser associadas a uma sabedoria antiga, a qual seria compreendida por apenas um seleto grupo na contemporaneidade¹²¹. Recusando interferências externas e ridicularizando acadêmicos (que teriam sido emasculados), estes grupos apresentam mais um exemplo de obra analisada fora de seu contexto e utilizada para justificar práticas perversas e dominadoras¹²².

Até aqui discutimos como a relação entre a percepção de uma civilização ideal e um padrão de comportamento aconteceu por meio das recepções do passado romano, contudo, acreditamos que esta associação ocorre de forma muito

¹²⁰ “Artista da sedução é um indivíduo, geralmente um homem heterossexual, que estudou intensamente e tentou dominar técnicas para convencer as mulheres a fazerem sexo com ele; essas técnicas abrangem um espectro que vai do flerte à manipulação, do assédio ao assalto”. “A *pickup artist is an individual, usually a heterosexual man, who has intensively studied and attempted to master techniques to convince women to have sex with him; these techniques fall on a spectrum from flirting to manipulation to harassment to assault.*” Idem. *ibidem*. p. 90.

¹²¹ “A relevância de Ovídio para a comunidade do jogo vai além de uma abordagem estratégica semelhante à sedução. Em uma tentativa de dar a si mesmos legitimidade e seriedade, alguns artistas da sedução olham para trás para famosos sedutores da história e os reposicionam como os predecessores intelectuais da comunidade de sedução moderna - e Ovídio é uma dessas figuras veneradas.”; “*The relevance of Ovid to the game community goes beyond a similar, strategic approach to seduction. In an attempt to give themselves legitimacy and gravitas, some pickup artists look back to famous seducers from history and reposition them as the intellectual predecessors of the modern seduction community - and Ovid is one such venerated figure.*” Idem. *ibidem*. p. 90

¹²² “A atração que Ars Amatoria de Ovídio exerce sobre a comunidade da sedução é fácil de entender: a mera existência de um poema de dois mil anos que dá conselhos semelhantes ao que é disseminado hoje valida fortemente a ideologia do artista de sedução. O status de Ovídio como um peso-pesado literário é um bônus substancial, assim como o fato de que suas obras (...) já foram consideradas “perigosas” pelos chamados guerreiros da justiça social. (...) A utilidade do texto para eles se estende apenas na medida em que confirma suas crenças sobre história, gênero e sexo e valida sua própria “arte”, dando-lhe um pedigree antigo.” “The attraction that Ovid Ars Amatoria holds for the seduction community is easy to understand: the mere existence of a two-thousand-year-old poem that gives similar advice to what is disseminated today powerfully validates pickup-artist ideology. Ovid’s status as a literary heavyweight is a substantial bonus, as is the fact that his works (...) have already been deemed “dangerous” by so called social justice warriors.(...) The text’s utility to them extends only insofar as it confirms their beliefs about history, gender, and sex and validates their own “art” by giving it an ancient pedigree.” Idem. *ibidem*. p.141-142

mais clara e direta na contemporaneidade em associações virtuais. Como é apresentado por Zuckerberg, os grupos que buscam modelos entre as obras de Marco Aurélio e Ovídio são próximos e dialogam com aqueles associados à extrema direita. Para além da discussão intelectual, eles têm se organizado para atuar politicamente, apoiando candidatos e se opondo a movimentos que eles classificam como *social justice warriors*, dentre os quais o movimento feminista e o movimento negro.

Tais agremiações, organizadas dentro e fora das universidades (sendo a mais famosa o *Identity Evropa*), afirmam que a cultura ocidental estaria em perigo devido a eventos como a globalização e a imigração. Para defender ideias que eles identificam como conservadoras, como o apoio à xenofobia, fazem uso do passado clássico, apresentando-o como um legado irretocável que estaria em risco¹²³. Blogs e sites que atuam defendendo tais princípios são bastante comuns na internet, e o comportamento por eles apresentado, ao defender uma moral conservadora ocidental coincide com as incoerências apresentadas por Brown no que se refere à adoção destes discursos, inicialmente incentivados pelos intelectuais neoliberais e que atualmente tendem a flertar com ideias totalitários.

Em relação a estes grupos, Dozier¹²⁴, Zuckerberg e o *Post Classists collective* apresentam algumas ressalvas que consideramos relevantes. Além de serem movidos por um antiacademicismo, os grupos e os seus seguidores, ao se associarem com o mundo romano, não estão necessariamente interessados na perícia técnica ou veracidade de suas narrativas. Assim, expor os erros nas interpretações apresentadas, ou ainda, em destacar como a bibliografia por eles utilizada é alvo de críticas ou está desatualizada causa pouco ou nenhum efeito sobre estas comunidades. Muitas vezes, este tipo de discussão acaba por aumentar o prestígio e a visibilidade de seus interlocutores, resultando no oposto do objetivo de desvinculá-los do passado clássico.

Dado o desinteresse destes grupos pela academia, nem sempre a mera refutação dos seus argumentos será o suficiente para encerrar tais discussões. Dozier¹²⁵ tem documentado diversos sites com estas narrativas e aponta como,

¹²³ Idem. Ibidem.

¹²⁴ Curtis Dozier, professor na Universidade de Vassar, nos Estados Unidos, mantém desde 2017 um blog dedicado a expor, catalogar e discutir estas apropriações do mundo clássico realizadas por grupos extremistas. Seu trabalho pode ser encontrado em: <http://pages.vassar.edu/pharos/>

¹²⁵ DOZIER, Curtis. "Hate Groups and Greco-Roman Antiquity Online: To Rehabilitate or Reconsider?". In: *Far-Right Revisionism and the End of History*. Routledge, 2020. p. 251-269.

mesmo que muitas vezes os argumentos utilizados cheguem próximo do absurdo, em outros momentos trata-se apenas da apropriação de algumas das muitas obras clássicas que defendem práticas que são moralmente inaceitáveis na atualidade, como a defesa do trabalho escravo, por exemplo.

Considerando tais fatores, acreditamos que esta discussão sobre os usos dos *exempla* romanos continua sendo essencial. Por outro lado, mais do que meramente refutar estas versões, trata-se de repensar o passado clássico, ampliar as possibilidades interpretativas e criar uma versão mais plural e reflexiva do mesmo. Atentando ao fundo moralista que perpassa a construção de modelos de homem romano como uma figura heteronormativa, dominadora e militarizada, acreditamos que o estudo de obras latinas que descrevam práticas e comportamentos considerados desviantes do padrão de *uirtus* romana é uma ferramenta válida na disputa narrativa sobre tal passado.

Para tanto, se faz necessário repensar como estudar masculinidades, tema até pouco tempo incomum nos estudos clássicos. Neste sentido, Connell aponta como, até os anos de 1970, “... o Gênero dos homens era compreendido (...), como o ‘papel do sexo masculino’. Isso significava, essencialmente, um conjunto de atitudes e expectativas que definiam a masculinidade apropriada”¹²⁶. Ao pensar o Gênero como uma estrutura binária, os primeiros trabalhos na área acabavam por enfocar o estudo de uma masculinidade marcada pelo patriarcado, por vezes sendo apresentada como a única existente, como apontado por Giffin¹²⁷.

Tal concepção vem passando por alterações desde então, e em tempos mais recentes, passa a ser entendida como “... uma configuração prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero”¹²⁸. Logo, a perspectiva de múltiplas masculinidades nos permite, conforme é apontado por Connell, entender estas práticas como as atitudes dos indivíduos frente à marcadores de gênero específicos, sendo mediadas por “racionalidade e um significado histórico”, no interior de uma estrutura ampla, englobando elementos referentes à sociedade e ao estado. Tal mudança de ângulo, teria sido influenciada pelas pressões e estrutura

¹²⁶ CONNELL, Robert W. “Políticas da Masculinidade”. *In.*: Educação e realidade. 20 (2) pp. 185-206. Jul/dez 1995, p.187

¹²⁷ GIFFIN, Karen. A inserção dos homens nos estudos de gênero: contribuições de um sujeito histórico. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 10, p. 47-57, 2005.

¹²⁸ CONNELL, Robert W. “Políticas da Masculinidade”. *In.*: Educação e realidade. 20 (2) pp. 185-206. Jul/dez 1995, p. 188.

capitalista em que estamos inseridos, as quais teriam enfatizado como a masculinidade, no singular, seria um conceito frágil¹²⁹ e excludente.

Assim, a fim de sanar as defasagens conceituais propostas por modelos singulares, é sugerido como as interações sociais analisadas a partir de uma perspectiva de Gênero, nos permitiriam identificar “*relações entre homens, relações de dominação, marginalização e cumplicidade*”. Neste cenário, ao invés de um modelo único, são sempre observados: um modelo hegemônico de masculinidade apresentado como ideal e outras propostas de masculinidades que atuam em seu entorno. Ao mesmo tempo, a construção de uma identidade de gênero é elaborada, de maneira coletiva e individual, por meio de constantes reformulações, a partir de um projeto que deve considerar e reconhecer o prazer e interesse dos indivíduos em participar e se apropriar desta masculinidade¹³⁰.

Ainda que as considerações apontadas por Connell tenham sido estabelecidas a partir da observação do mundo contemporâneo, entendemos que algumas das dinâmicas por ele apontadas podem auxiliar na análise das masculinidades a partir das sátiras romanas. As sátiras reforçam as críticas e padrões sociais por meio do riso, bem como a existência de uma masculinidade hegemônica. Porém, ao descrever práticas e comportamentos menos aceitáveis estas obras nos auxiliam também a compreender como eram elaboradas as relações entre as diferentes masculinidades presentes naquele contexto. Ao mesmo tempo, graças à diversidade de autores e amplitude temporal, podemos mapear as mudanças na forma como as masculinidades romanas eram vistas e construídas, enfocando nas interações permeadas pelas práticas alimentares e sexuais.

Ao apresentar os vícios de todos, inclusive de membros da elite e de grupos mais abastados, ao mesmo tempo em que atribui, eventualmente, qualidades relacionadas a *uirtus* a escravos e outros membros dos grupos populares, a escrita satírica nos apresenta uma sociedade romana menos hierárquica e com divisões

¹²⁹ “Sob esta ótica, a forma de dominação peculiar à nossa época não é mais a autoridade patriarcal, mas sim a transformação de todas as relações em formas instrumentais e impessoais. entre outras coisas, isto implica que a masculinidade requer a supressão de muitas necessidades, sentimentos, e formas de expressão, o que faz esta construção social ser aterrorizadamente frágil. O resultado é uma “tensão” entre ser macho e ser masculino, capaz de manter uma insegurança constante nos homens, e impulsionar tanto a auto-desvalorização como reações violentas contra outra/os” GIFFIN, Karen. op.cit. p. 50

¹³⁰ “As condições sob as quais a hegemonia pode ser sustentada estão constantemente mudando. Como consequência, um dado padrão de masculinidade hegemônica está sujeito ou a ser contestado ou a ser transformado ao longo do tempo.” CONNELL, Robert W. op.cit. p.192

mais fluidas, em que modelos de masculinidade não são restritos à elite, mas alvo de disputas entre diferentes grupos.

Tendo isto em mente, acreditamos que a análise das sátiras romanas, textos que no passado foram associados a uma visão meramente moralista da sociedade romana e, na atualidade, têm passado por revisões que consideram outras possibilidades interpretativas, possam nos auxiliar. Assim, na sequência apresentaremos questões específicas sobre o riso e a sátira, e mais especificamente, sobre a sátira romana.

3 – Quid Rides?

Conforme exposto no capítulo anterior, ao longo do tempo observamos a construção de múltiplas narrativas sobre o mundo romano. Mais do que uma história única, entendemos que os discursos sobre Roma (sejam elaborados por historiadores ou não) devem ser localizados e analisados como partes de uma contenda narrativa. Tal disputa se relaciona, principalmente, a uma idealização do período clássico e seu papel na formação do imaginário mítico de origem do Ocidente, ou seja, a qualidades associadas à Grécia e à Roma que teriam sido transpostas a outros grupos ao longo do tempo, e continuariam a nos influenciar até os dias atuais. No que se refere à Roma, considerando esta visão quase sempre elogiosa e didática, quando os erros dos romanos eram analisados era para que os leitores não cometessem os mesmos equívocos que teriam levado o Império Romano à decadência.

Atentando para esta percepção modelar sobre o passado romano, temos como objetivo enfatizar como a literatura satírica pode ser uma forma de nos depararmos com perspectivas mais plurais acerca das masculinidades romanas, e, principalmente, analisar quais eram as posturas criticadas pelos autores, e como estas refletiam as disputas e conflitos sociais e as relações de poder inerentes às relações de gênero.

Assim, se faz necessário observar a construção do “cidadão romano” no que se refere ao riso e ao cômico, figura por vezes idealizada que permeia documentários e livros didáticos e o imaginário da população em geral. Dentre as descrições apresentadas, observamos uma predominância da imagem de um romano sério, disciplinado, de forma recorrente em diferentes plataformas e meios de comunicação, ou, conforme é apontado por Minois:

Os latinos não são mais sérios que os outros. Foram os historiadores e os pedagogos que construíram e transmitiram durante séculos — por meio de estudos clássicos e de humanidades, baseando-se em textos cuidadosamente escolhidos — a imagem imponente de uma romanidade grave, heróica, solene, estóica. Um mundo dividido em dois: de um lado os Catão, os César e os Brutus, impávidos, cumprindo seu destino pontuado de frases históricas bem recortadas que preenchem os dicionários de citações e as páginas rosa do Petit Larousse; de outro a plebe que gargalha diante das obscenidades da atelana e que vocifera sobre as grades do anfiteatro.¹³¹

¹³¹ MINOIS, Georges. *História do riso e do escárnio*. São Paulo: Unesp, 2003. p. 53

Trata-se, portanto, da construção de um mito do romano sério, pertencente à elite, taciturno, o qual vem sendo questionado atualmente. Neste sentido, as obras de Beard¹³² e Minois¹³³ explicitam como não apenas o riso estava presente, em Roma mas era parte importante na forma como eles entendiam o mundo ao seu redor. Esta presença pode ser observada em vestígios da Cultura Material, como é apontado por Clarke¹³⁴ e Funari¹³⁵, e também por meio do *corpus* literário latino, que conta com uma ampla quantidade de obras¹³⁶ cômicas, satíricas e/ou marcadas pelo riso.

Assim, por considerarmos o riso um elemento relevante para a compreensão da sociedade romana, decidimos analisar um grupo de Sátiras, escolha que se deve, como apontamos anteriormente, à diversidade de comportamentos e atitudes cotidianas ali expostos. Embora sejam obras fascinantes para o historiador, em virtude da amplitude de temas passíveis de serem trabalhados, e o riso provocado por estes textos, são necessárias algumas reflexões sobre esta especificidade. Por este motivo, iniciaremos o capítulo, então, expondo considerações sobre a teoria do riso e suas vertentes, seguido de alguns dados sobre o riso em Roma e como ele tem sido compreendido pelos classicistas. Ao fim, apresentaremos algumas questões relativas à Sátira, como este gênero foi estudado ao longo do tempo e como estabelecer uma análise sobre masculinidades do ponto de vista histórico.

Destacamos que se faz necessário observar a teoria do riso durante este processo por dois motivos distintos. O primeiro, é por estarmos trabalhando com uma literatura voltada para o riso e, portanto, precisamos de um aparato conceitual para lidar com esta questão. O segundo fator pelo qual tal temática é relevante é porque entendemos que a historicidade das discussões sobre tal tema nos auxilia a compreender a trajetória percorrida pela literatura aqui analisada. Assim, a forma como esta habilidade/característica humana foi compreendida por diferentes

¹³² BEARD, Mary. *Laughter in ancient Rome: On joking, tickling, and cracking up*. Oakland: University of California Press, 2014.

¹³³ MINOIS, George. *Op. cit.*

¹³⁴ CLARKE, John R. *Looking at laughter: humor, power, and transgression in Roman visual culture, 100 BC-AD 250*. Univ of California Press, 2007.

¹³⁵ FUNARI, Pedro Paulo Abreu. "A caricatura gráfica e o ethos popular em Pompéia". *Classica-Revista Brasileira de Estudos Clássicos*, p. 117-138, 1992.

¹³⁶ BEARD, Mary. *Laughter in ancient Rome: On joking, tickling, and cracking up*. Oakland: University of California Press, 2014.

filósofos e humanistas ao longo do tempo pode nos propiciar indicadores relevantes sobre como o humor e o riso eram encarados, inclusive pela tradição clássica, bem como sobre qual espaço era dado para a sátira enquanto gênero literário. Logo, ao nos questionarmos sobre as interpretações e apropriações da literatura satírica romana realizadas ao longo de diferentes períodos históricos - em especial nas eras moderna e contemporânea – dialogamos com processos que tangenciaram a formação dos estudos clássicos e os discursos sobre a Antiguidade.

Isto posto, acreditamos que a relação que estabelecemos com a ideia do riso e do que é risível é permeada pela historicidade conceitual por meio da qual analisamos este fenômeno. Embora algumas teorias sobre o tema sejam baseadas na premissa de que tal resposta física e psicológica seja universal, observamos uma amplitude de interpretações que buscaram explicar o riso considerando aspectos históricos, sociais e culturais. Ou, como é apontado por Beard: *“Seres humanos, nós podemos dizer com segurança, sempre riram. Mas as pessoas no passado riam de maneira diferente de nós? E se sim, como - e, tão importante quanto, como podemos saber?”*¹³⁷.

Em sua obra sobre o riso romano, a classicista ressalta que definir o que é risível perpassa reconhecer os temas sobre os quais era aceitável fazer piadas em diferentes contextos sociais, etnias, regiões geográficas. Destarte, justamente por isso, conhecer os elementos que levam ao riso em diferentes temporalidades nos permitiria compreender de forma mais aprofundada sociedades de outros períodos históricos que não o nosso¹³⁸, interpretação que é comum a diversos teóricos do riso e do humor¹³⁹. Mas de que forma o riso foi compreendido ao longo do tempo e,

¹³⁷ *“Human beings, we can safely say, have always laughed. But did people in the past laugh differently from us? And if so, how – and, just as important, how can we know?”*. BEARD, Mary. “The history of Laughter”. In.: *Laughter in ancient Rome: On jocking, tickling and cracking up*. University of California Press. Oakland. 2014. P. 49.

¹³⁸ “Desnecessário dizer que nós poderíamos escrever uma descrição melhor e mais “profunda” de qualquer sociedade histórica se nós entendêssemos os protocolos e a prática do seu riso. Quem ria, de quem, e quando? Quando o riso era inapropriado? Quais eram os assuntos e ocasiões apropriados para uma boa risada?” *“It almost goes without saying that we could write a better and “thicker” description of any historical society if we understood the protocols and practice of its laughter. Who laughed, at what, when? When was laughter out of order? What were the appropriate subjects or occasions for a chuckle?”* Idem, *Ibidem* p. 51

¹³⁹ Dentre eles, destacamos Cameron: “Embora o riso possa ser constante ao longo da história, e embora o uso do humor como arma social esteja sempre em evidência, o material do humor sempre muda. O humor reflete os interesses e a mentalidade do período histórico em que é produzido. Talvez a única definição satisfatória de humor seja aquela que é constantemente atualizada e leva em conta a época dos seus praticantes, sua origem social, interesses culturais, etc.” *“Although laughter may be constant through the ages, although the recourse to humour as a social weapon is always in evidence, the stuff of humour changes. Humour reflects the interests and the mentality of the period in which it is produced. Perhaps the only satisfactory definition of the humorous will be one which is constantly*

principalmente, que tipo de reflexões teóricas têm permeado os estudos sobre esta esfera da vida cotidiana?

3.1 - Qual o papel do riso?

A definição de um papel específico para o riso na sociedade é uma discussão que perpassa diferentes temporalidades com a existência de teorias e análises sobre o riso desde a antiguidade, com Aristóteles e Cícero, até recentes pesquisas da neurociência sobre o tema. Diversos filósofos também se dedicaram a esta questão, dentre os quais se destacam Hobbes, Bergson¹⁴⁰, Freud¹⁴¹ e Bakhtin¹⁴², como discutiremos, brevemente, na sequência.

No que se refere a qualificação das teorias sobre o riso, a fim de estabelecer uma classificação para as múltiplas vertentes que estudam o tema, alguns teóricos têm adotado uma divisão tripartite das mesmas¹⁴³. O primeiro grupo concentraria as chamadas *Teorias de Superioridade*, nas quais o riso é compreendido como tendo essencialmente um papel regulador e de controle social; o segundo seria marcado pelas *Teorias de Alívio*, em que as piadas permitem expressar questões complexas socialmente, ou mesmo abordar temas que seriam - de outra forma - intoleráveis em um diálogo “civilizado”, tais como política e sexo; e, finalmente, as *Teorias de Incongruência*, nas quais o inesperado e absurdo são as principais fontes do riso, sendo esta última, segundo Plaza¹⁴⁴, mais popular entre teóricos contemporâneos. Contudo, esta divisão não é um consenso entre os pesquisadores, em grande parte porque algumas teorias se encaixam em mais de um grupo, ou, por vezes, não há concordância em relação a qual dos grupos determinada tese se encaixa (a doutrina aristotélica é compreendida tanto como teoria do alívio como teoria da superioridade por diferentes comentadores). Por

updated to take into account the age of those concerned, their social background, their cultural interests, etc” In. CAMERON, Keith (Ed.). *Humour and History*. Intellect Books, 1993. p.8.

¹⁴⁰ BERGSON, Henri. *O riso: ensaio sobre a significação da comicidade*. Martins Fontes, 2007.

¹⁴¹ FREUD, Sigmund. *Obras Completas: O chiste e sua relação com o inconsciente (1905)*. Companhia das Letras, 2017.

¹⁴² BAKHTIN, M. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo/ Brasília: Hucitec/ Edunb, 1999.

¹⁴³ ATKINSON, Ronald F. *Humour in philosophy*. In. CAMERON, Keith (Ed.). *Humour and History*. Bristol: Intellect Books, 1993;

¹⁴⁴ PLAZA, Maria. “Introduction”. In: *The function of humour in Roman verse satire: laughing and lying*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

estes motivos não iremos adotar tal divisão, mas discutiremos alguns teóricos e suas especificidades individualmente.

Estudiosos, como Atinkson¹⁴⁵, ao realizarem um histórico sobre o tema, declaram que, mesmo tendo sido escopo do estudo de diferentes filósofos, o riso não teria sido alvo principal de nenhuma grande explanação¹⁴⁶, uma vez que não existiriam grandes teóricos do tema (Bergson, sendo uma possível exceção), e as teorias seriam, em sua maioria, pouco elaboradas e bastante semelhantes¹⁴⁷, em especial no que se refere à ênfase na ligação do riso e humor com a esfera emocional. Ainda que, de fato, as teorias sobre o riso não tenham sido o principal alvo do esforço dos filósofos apresentados, entendemos que tal fato não significa que estas sejam rasas ou que não possamos notar diferenças entre elas. Reforçamos que reconhecer as principais correntes relativas ao estudo do riso e do humor, bem como as referências cruzadas em tais trabalhos, se faz necessário para que possamos dialogar com as interpretações e análises estabelecidas sobre a escrita satírica ao longo do tempo.

Desta forma, cabe salientar que uma semelhança entre algumas teses sobre o riso é a influência e a presença do pensamento aristotélico (por vezes nomeado como teoria clássica do riso). Ao longo do tempo, podemos mapear a teoria aristotélica sobre o riso como sendo embasada em dois aspectos centrais¹⁴⁸: o primeiro é que o rir é uma capacidade exclusivamente humana (e, portanto, ligada à nossa racionalidade), e o segundo que o riso está sempre marcado por um elemento de desprezo e escárnio, ou seja, é provocado pela sensação de superioridade em relação ao objeto alvo de nosso libelo¹⁴⁹, ou, como é apresentado por Skinner:

A sugestão básica de Aristóteles é, portanto, que a alegria induzida pela zombaria é sempre uma expressão de desprezo, uma sugestão que já estava presente em sua observação anterior de que entre as origens do prazer estão “as ações, os ditos e as pessoas ridículas.”¹⁵⁰

¹⁴⁵ ATKINSON, Ronald F. “Humour in philosophy”. In. CAMERON, Keith (Ed.). *Humour and History*. Intellect Books, 1993.

¹⁴⁶ *Idem, Ibidem*.

¹⁴⁷ Conforme é apontado por Alberti: “Uma variedade tão grande de autores e de períodos da história do pensamento constitui sem dúvida uma das principais dificuldades deste estudo(...)cada autor parece recomençar sua investigação do zero, ignorando em grande parte as tentativas de definição anteriores. Não são poucos os que declaram que as suas teorias têm a faculdade de revelar, de uma vez por todas, a essência do riso, quando na verdade, boa parte de suas definições já figura em outros textos.” P. 8. ALBERTI, Verena. *O Riso e o Risível*. Zahar, 1999.

¹⁴⁸ BEARD, Mary. *Op. cit.*

¹⁴⁹ *Idem, Ibidem*.

¹⁵⁰ SKINNER, Quentin. *Hobbes e a teoria clássica do riso*. São Leopoldo: Unisinos, 2002. pp. 16-17

Uma interpretação recorrente sobre o papel do riso (muitas vezes associada à ironia satírica) é derivada do preceito aristotélico de que o riso é majoritariamente castrador e corretivo, sendo empregado para ridicularizar tudo e todos que não se encaixam nos padrões estabelecidos por uma determinada sociedade, ideia que repercute em reflexões contemporâneas sobre o tema. Porém, ainda que observemos referências às premissas aristotélicas sobre o riso em diferentes obras, Beard¹⁵¹ afirma que tal premissa – a existência de uma teoria Aristotélica sobre o riso – é passível de questionamentos. Para a autora, a perda do segundo livro da *Poética* (com sua análise sobre a comédia) é um elemento catalisador de uma certa mística acerca da obra, sendo que a importância dada ao trabalho seria, em grande parte, derivada de seu desaparecimento. Neste sentido, a ideia de uma teoria unificada sobre o riso é, para Beard, um exagero retórico, pois, embora Aristóteles tenha apresentado considerações sobre o tema, estas contribuições surgem de forma dispersa na sua obra não constituindo, portanto, um exemplo de teoria pensada e organizada como tal¹⁵².

Além de Aristóteles, outros autores se dedicaram ao estudo do riso na Grécia antiga, dentre os quais Platão que, em *A República*, reforça a ideia de que o riso serviria como uma forma de se reprovarem os vícios¹⁵³. Ainda na Antiguidade, uma das primeiras tentativas de se explicar o riso a partir de um viés fisiológico e medicinal foi apresentada por Hipócrates, ao discutir o caso do filósofo Demócrito. Ao realizar sua análise sobre o tema, Hipócrates estabelece comparações entre a loucura e o riso, nos permitindo um vislumbre sobre como a medicina antiga encarava tais questões¹⁵⁴.

Contudo, embora estas considerações provenientes do mundo grego tenham sido preservadas, é o pensamento aristotélico que marca as origens das discussões sobre o tema, primando pela defesa da ideia do riso como uma demanda utilitária, com reflexos tanto na Antiguidade como no mundo contemporâneo. Assim, tendo em mente o questionamento apresentado por Beard sobre a mística criada em torno da obra desaparecida de Aristóteles, podemos imaginar que as interpretações utilitaristas, que apontam o riso como um mero aparato repressivo integrado a um

¹⁵¹ BEARD, Mary. *Op. cit.*

¹⁵² BEARD, Mary. *Op. Cit.* p.30.

¹⁵³ SKINNER, Quentin. *Op.cit.*

¹⁵⁴ HIPÓCRATES. *Sobre o Riso e a Loucura*. São Paulo: Hedra, 2013.

processo de urbanidade grega são, em grande parte, mais resultado do olhar do analista do que da teoria em si. Neste sentido, ao observarmos as recepções da concepção aristotélica na Antiguidade e, em especial, na contemporaneidade, podemos identificar o enquadramento do riso como um possível elemento perturbador da ordem, motivo pelo qual, se faz necessário, nos parece, aos olhos destes pensadores, atribuir uma função para o riso, a de ridicularizar e expor aqueles que não se encaixam nos padrões, recriminando condutas fora das regras sociais.

No mundo romano, dentre os autores que se dedicaram ao estudo e reflexão sobre o riso, destacam-se os trabalhos de Cícero. Em sua obra sobre princípios básicos da retórica e guia para o domínio de tal arte, *De Oratore*, Cícero estabelece longas digressões sobre a importância do riso e seu valor como ferramenta oratória, como é apontado por Graff¹⁵⁵. Mais do que uma mera defesa do tema, Cícero organiza critérios para o riso, determinando em quais situações ele poderia ou não ser utilizado como uma arma contra o adversário, quais formas de humor são mais adequadas a um orador e quais são associadas ao riso das camadas populares.

Neste sentido, em especial ao que se refere ao trabalho ciceroniano, gostaríamos de destacar que a classificação do riso como uma ferramenta retórica estabeleceu parâmetros sobre o tema que permeiam a área até os dias atuais, como é destacado por Beard¹⁵⁶. Em outras palavras, mais do que uma reflexão sobre o riso, Cícero estabeleceu modelos e limites para seu uso no espaço político, influência que se mantém, em especial quando consideramos a sua maciça presença no interior do *corpus* da literatura latina que sobreviveu até o período contemporâneo.

Desde o Renascimento as reflexões greco-romanas influenciaram a formação da epistemologia do riso. Naquele período, para além do valor retórico, passa a existir um questionamento mais efetivo sobre os aspectos fisiológicos e

¹⁵⁵ GRAFF, Fritz. "Cícero, Plauto e o Riso Romano". In. Bremmer, J. Roodenburg. H. (orgs). *Uma História Cultural do Humor*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

¹⁵⁶ Sobre a influência do gênero e da tradição clássica na forma como compreendemos discursos contemporâneos, a autora cita: "Persiste, entretanto, o fato de nossas próprias tradições de debate e discurso público, suas convenções e suas regras, continuarem à sombra do mundo clássico. (...) Repito, não somos apenas vítimas ou joguetes da herança clássica, mas ela nos forneceu um poderoso gabarito para pensar a respeito do discurso público e decidir o que se define como oratória boa ou ruim, persuasiva ou não, e a qual discurso deve ser dado espaço para ser ouvido. E o gênero é, sem sombra de dúvida, parte importante dessa mistura." BEARD, Mary. *Mulheres e poder: um manifesto*. Editora Planeta do Brasil, 2018. pp. 31- 32

psicológicos do riso, e sobre quais seriam as emoções que incitavam tal reação corporal. Skinner¹⁵⁷ destaca que, embora os filósofos reconheçam a dificuldade em definir quais eram os motivos que levariam as pessoas à explosão do riso, tanto os humanistas como os médicos do período estabeleceram uma argumentação que se inspira no modelo greco-romano com algumas atualizações, enfatizando, por exemplo, o papel do imprevisto no processo.

A recepção dos modelos da Antiguidade, mais do que mera reprodução, é permeada pela formulação das primeiras críticas à doutrina greco-romana, apontando o quanto esta seria incompleta por não especificar com exatidão quais vícios seriam mais facilmente ridicularizados¹⁵⁸. Neste sentido, é curioso observar que, conforme é apontado por Skinner, são alguns dos escritores de manuais de boas maneiras, tais como Baltasar de Castiglione¹⁵⁹, que se debruçam sobre a ideia de que o riso poderia ser utilizado como elemento de controle social, além de buscar a definição de quais comportamentos poderiam ser recriminados e corrigidos desta forma¹⁶⁰. Ao mesmo tempo, nos parece relevante considerar que o Renascimento foi um momento de questionamento das visões greco-romanas sobre o tema, elemento sintomático do processo de revisão e reelaboração da imagem do mundo greco-romano como modelo, mas que também dialoga com aquele passado ao elaborar as ferramentas para auxiliar na construção de uma ordem social coesa, em especial entre as elites.

Assim, no período moderno, conforme apontado por Skinner, durante o processo de revisão do pensamento grego/aristotélico, Hobbes e Descartes, acenam com um retorno aos pressupostos da Antiguidade sobre o tema. As reflexões de Hobbes sobre a teoria do riso são influenciadas pelas obras de Quintiliano e Aristóteles, reforçando, mais uma vez, a ideia do riso como sinal de uma paixão¹⁶¹, algo que Hobbes descreve como “uma expressão de confiança”, advinda da sensação de superioridade frente ao outro. Desta forma, tanto na teoria médica do período (que assinalava o riso como um elemento central para a psicologia dos

¹⁵⁷ SKINNER, Quentin. *Op. Cit.*

¹⁵⁸ Idem. *ibidem.*

¹⁵⁹ Autor renascentista, cuja obra, “O cortesão”, livro de etiqueta cortesã, torna-se um dos principais manuais de conduta do período.

¹⁶⁰ “Castiglione amplia essa ideia, sugerindo que os vícios que merecem especificamente nosso desprezo são aqueles que exibem uma certa falta de naturalidade em vez de uma perversidade completa, especialmente aqueles que “vão um pouco além”, conduzindo assim a um comportamento extravagante.” SKINNER, Quentin. *Op. Cit.* p 35

¹⁶¹ “Como no caso de Descartes, a sugestão básica de Hobbes é que o riso expressa a sensação, alegre e desdenhosa, da nossa própria superioridade” In. SKINNER, Quentin. *Op.cit.* p. 56.

humores, capaz de corrigir o temperamento e reduzir a melancolia), quanto nas premissas filosóficas, observamos, na obra hobbesiana, uma retomada das concepções clássicas, em especial aristotélicas, sobre o riso.

Contudo, ainda que útil, para Hobbes, o riso precisa ser dominado¹⁶², demanda que pode ser observada também nos livros de cortesia, os quais estabelecem críticas ao exagero do riso, em especial para mulheres. Assim, o riso pode ser apontado como um elemento cerceado por meio do que Elias¹⁶³ definiu como o Processo Civilizador. Ao longo do século XVII, o riso passa a ser observado como algo indelicado, bárbaro, descontrolado e contrário à modéstia e à virtude¹⁶⁴. Como é apontado por Skinner, especificamente para Hobbes, o riso, mesmo considerando as suas funções para a sociedade, é interpretado como uma fraqueza de caráter, uma vez que pessoas importantes não cultivariam o riso, atividade que seria uma perda de tempo e a falta de controle sobre esta esfera, bem como o incentivo excessivo ao riso, não condizia com as práticas de pessoas sábias e equilibradas¹⁶⁵.

O que podemos observar ao compararmos o relato elaborado por Skinner com aquilo que é apresentado por Aristóteles, Cícero e Quintiliano, é que, embora a interpretação sobre a função e a forma como o riso é elaborado tenha sofrido poucas alterações em sua argumentação central, o fato é que o espaço ocupado pelo mesmo mudou. De uma ferramenta validada pelo seu aspecto retórico e por seu valor moralizante frente à sociedade, o riso passa a ser também estigmatizado como um sinal de descontrole e fraqueza, em uma sociedade que busca se projetar como séria e civilizada.

Esta relação pouco amigável com o riso se manterá durante alguns séculos, sendo que apenas no século XX, segundo Minois¹⁶⁶, observamos uma retomada deste tema como um elemento central e relevante nas teorias filosóficas. Neste sentido, Alberti cita como filósofos tais como Ritter, Bataille e Nietzsche, têm em comum uma percepção do riso como um elemento chave para compreender o mundo contemporâneo, em especial devido à sua caracterização como um elemento

¹⁶² SKINNER, Quentin. *Op.cit.*

¹⁶³ ELIAS, Norbert; *O Processo Civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, v. 1, 1994.

¹⁶⁴ SKINNER, Quentin. *Op.cit.*

¹⁶⁵ SKINNER, Quentin. *Op.cit.* p. 77

¹⁶⁶ MINOIS, George. *Op.cit.*

não normativo, ao mesmo tempo exterior e complementar à lógica cotidiana¹⁶⁷. De tal modo, para estes autores, o riso tem a capacidade de apresentar aquilo que escapa às regras e às normas sociais, nos auxiliando no processo de encontrar os desvios, pois chegaria em espaços e discursos que não são necessariamente permeados pela razão¹⁶⁸. Segundo Alberti, comentando Ritter:

O estatuto do riso como redentor do pensamento não poderia ser mais evidente. O riso e o cômico são literalmente indispensáveis para o conhecimento do mundo e para a apreensão da realidade plena. Sua positivação é clara: o nada ao qual o riso nos dá acesso encerra uma verdade infinita e profunda, em oposição ao mundo racional e finito da ordem estabelecida.¹⁶⁹

O riso, seria, destarte, um caminho por meio do qual poderíamos acessar elementos e discursos que escapam à ordem e ao discurso normativo. Tendo isto em mente e, considerando as proposições foucaultianas sobre o discurso¹⁷⁰, em especial os processos externos de interdição, como a interdição da palavra, a vontade da verdade e segregação do discurso não normativo, entendemos que o riso, justamente por seu aspecto disruptivo, pode atuar como um elemento que desloca a ordem ou expõe as incongruências nos discursos dominantes em uma determinada sociedade. Contudo, em diversas teorias, este aspecto disruptivo é suprimido pela ênfase na ideia do riso como elemento coercitivo e educacional por meio da ridicularização de seus alvos.

Dentre as teorias desenvolvidas sobre o riso desenvolvidas na contemporaneidade, é recorrente a ênfase ao trabalho de Bergson¹⁷¹ e suas considerações sobre a função social do humor. Em sua obra sobre o *Riso*, o autor destaca como o humor e a comicidade são características humanas marcadas pela insensibilidade, ou seja, pessoas e indivíduos que nos causam empatia ou afeição não geram o riso. No entanto, para o autor, ao mesmo tempo em que a comicidade demanda o distanciamento do objeto do riso, ela é fruto da sociabilidade, isto é,

¹⁶⁷ALBERTI, Verena. *O Riso e o Risível*. Zahar, 1999.

¹⁶⁸ Discutindo as ideias de Joachim Ritter, Alberti destaca que o riso revela que o “não normativo, o desvio e o indizível fazem parte da existência. (...) são inúmeros os textos que tratam do riso no contexto de uma oposição entre a ordem e o desvio, com a conseqüente valorização do não-oficial e do não-sério, que abarcariam uma realidade mais essencial do que a limitada pelo sério” ALBERTI, Verena. *Op.cit.* p. 12

¹⁶⁹ ALBERTI, Verena. p. 12

¹⁷⁰ FOUCAULT, Michel. *A Ordem do discurso*. Edições Loyola, 1996.

¹⁷¹ BERGSON, Henri. *O riso*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

“*nosso riso é sempre o riso de um grupo*”¹⁷², só existe dentro de um determinado apanhado de costumes, com quem se divide uma cumplicidade. Assim, o riso só pode ser compreendido considerando o meio que lhe deu origem, ao mesmo tempo em que possibilita acessar diversas áreas desta mesma sociedade. “*Pelo medo que inspira, o riso reprime as excentricidades*”¹⁷³, ou seja, segundo Bergson, o riso é uma ferramenta utilizada com o objetivo de aperfeiçoamento geral, uma vez que, atuando como trote social, modela as atitudes dos membros da sociedade por meio da crítica por ele induzida.

Bergson escreve seu tratado sobre o riso no final do século XIX, e em 1905 temos a elaboração de outra teoria sobre o riso, por meio das considerações apontadas por Freud, em sua obra sobre o chiste¹⁷⁴. Junto ao trabalho de Mikhail Bakhtin, estes autores completam a tríade de teorias que referenciam a maioria das pesquisas que, de alguma forma, são interpeladas pela presença do riso.

Para Freud, o chiste (assim como outros elementos vinculados à comicidade e ao riso, conforme apontamos anteriormente) não teria recebido a devida atenção por parte da academia, e, os poucos estudos existentes restringiam-se a vincular o chiste à esfera da comicidade, sem que o potencial psíquico deste processo fosse devidamente explorado. Assim, sua obra sobre o tema tem como objetivo compreender quais eram os motivos que levavam à elaboração e à apreciação do chiste a partir da teoria psicanalítica, destacando os aspectos psíquicos relacionados a este processo, compilando as técnicas do chiste, ou seja, quais são os meios utilizados para causar o riso.

Dentre as características listadas por Freud, está o fato de o chiste ser um tipo de comicidade subjetiva, que, por diversas vezes, atua como uma forma de caricatura; um segundo ponto listado é o fato do riso ser provocado pela ação de encontrar semelhanças ocultas entre esferas distintas, ou seja, ser incitado por meio da elaboração de conexões arbitrárias. Igualmente, ser formado a partir da oposição entre a presença e a ausência de sentido em uma mesma frase; e, finalmente, o fato de parte de sua mensagem se manter oculta, precisando ser desvelada pelo ouvinte ao mesmo tempo que esse recado é passado de forma breve, rápida. Assim, citando

¹⁷² *Idem.*

¹⁷³ *Idem*, p. 14.

¹⁷⁴ FREUD, Sigmund. *O Chiste e sua relação com o inconsciente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. (versão e-pub).

Lipps¹⁷⁵, Freud afirma que o efeito cômico é resultante de uma reação de “estupefação e aclaramento”. O chiste expressa algo que está sob a esfera inconsciente da mensagem de forma condensada e restrita e, para tanto, faz uso de táticas como a condensação de termos, o jogo de palavras que foneticamente sejam similares, a formação de trocadilhos, a abreviação, a troca de um fonema que altere o significado em uma frase ou expressão popular, entre outras técnicas¹⁷⁶ que, segundo o autor, seriam favorecidas pelo idioma alemão. No que se refere à proximidade com as sátiras, vale dizer que, tal como o alemão, o latim é uma língua com declinações e formações nominais que favorecem a elaboração de jogos de palavras. Além disso, as sátiras são favorecidas pela leitura em voz alta, por serem escritas em hexâmetros, tornando-as propícias para o uso de jogos de palavras e gracejos fonéticos.

Em relação a produção do chiste, Freud destaca que são justamente os chistes mais tendenciosos, aqueles que implicam um ataque a algo ou alguém, em que o autor tem um motivo claro por trás de sua crítica, que geram a maior descarga de riso na audiência. Dentre estes, dois modelos e temas apareceriam com maior frequência: os chistes hostis e os chistes obscenos. Ambos casos relacionados a esferas do comportamento humano que foram controladas, nas quais se espera a conduta civilizada e o controle das emoções hostis. Segundo o autor, as atitudes violentas foram substituídas pelos jogos de palavras, nos quais diminuimos e sobrepujamos nosso inimigo¹⁷⁷, permitindo extravasar a hostilidade de maneira socialmente aceitável (além disso, estes jogos tornam-se um importante recurso para questionar a moral e a tradição vigente). Assim, o chiste torna-se um mecanismo psíquico utilizado para “satisfazer tendências que de outro modo não seriam satisfeitas”, similar ao processo onírico de formulação dos sonhos.

¹⁷⁵ LIPPS, F. *apud* FREUD, Sigmund. *Op.cit.*

¹⁷⁶ “Até agora tomamos conhecimento de um número tão grande de diferentes técnicas do chiste que receio perdemos uma visão panorâmica de todas elas. Então vamos procurar resumi-las: I. Condensação: a) com formatação de palavras compostas; b) com modificação. II Uso do mesmo material: c) parte e todo; d) reordenação; e) ligeira modificação; f) a mesma palavra, plena e vazia. III. Duplo sentido: g) significado nominal e como coisa; h) significado metafórico e concreto; i) duplo sentido propriamente dito (jogo de palavras); j) ambiguidade; k) duplo sentido com alusão.” FREUD, Sigmund. *Op.cit.* pos. 649

¹⁷⁷ “Ao fazer deste uma pessoa pequena, inferior, desprezível, cômica, obtemos, por uma via indireta, a satisfação de sobrepujá-lo — algo que o terceiro, que não fez nenhum esforço, confirma com seu riso. Estamos preparados, agora, para tratar do papel do chiste na agressividade hostil. O chiste nos permitirá constatar algo de ridículo no inimigo, que antes, devido a obstáculos em nosso caminho, não podíamos expressar aberta ou conscientemente; assim, ele novamente contornará limitações e abrirá fontes de prazer que se tornaram inacessíveis”. FREUD, Sigmund. *Op.cit.* pos. 649.

No que se refere à motivação para a produção do chiste, ela estaria relacionada ao fato de ser um trabalho psíquico que causa prazer, não apenas àquele que cria como também ao indivíduo que ouve (sendo que a presença do ouvinte é essencial para a realização completa do processo), algo que o distancia da mera comichão. Isto porque, conforme é apresentado por Bergson¹⁷⁸, o riso cômico pode surgir por meio de uma série de efeitos: por exemplo, o riso que provém de observar que alguém tem um cacoete, um tique na expressão ou na fala, atitudes que nos causam riso mesmo que estejamos restritos ao papel de espectador. Assim, ao contrário do chiste, o riso cômico pode ser solitário e não exige grande esforço psíquico.

Para Freud “O prazer do chiste tendencioso resulta da satisfação de uma tendência que de outro modo não seria satisfeita. (...) Mas o modo como o chiste produz essa satisfação está ligado a condições peculiares (...)”¹⁷⁹. Segundo o autor, estas condições variam, caso o chiste seja dirigido a pensar/criticar condições externas (as relações de poder entre as pessoas envolvidas) ou internas (a quebra de algum código moral), contudo, em ambos os casos, ele atuaria como uma forma de desviar e questionar a repressão inerente a estes obstáculos. Logo, o prazer relacionado é proporcional ao esforço necessário para a manutenção dos processos de autocontrole e repressão, ou seja, ao liberar o indivíduo dos mecanismos de autocontrole, o chiste favorece uma “economia psíquica” cuja energia será descarregada por meio do riso – quanto maior for a repressão associada, maior será a descarga de humor e o prazer vinculado¹⁸⁰.

Assim:

(...) o chiste tendencioso exibe da maneira mais clara, entre todos os estágios de desenvolvimento do chiste, a principal característica do trabalho do chiste: liberar prazer pela eliminação de inibições.

Ele fortalece as tendências a serviço das quais se coloca, proporcionando-lhes o auxílio de impulsos que eram mantidos suprimidos ou simplesmente se colocando a serviço de tendências suprimidas. (...). Seu poder consiste no ganho de prazer que ele retira das fontes do jogo com

¹⁷⁸ BERGSON, Henri. *Op.cit.*

¹⁷⁹ FREUD, Sigmund. *Op.cit.* pos. 2114

¹⁸⁰ “Repassando novamente as técnicas do chiste que dividimos em três grupos, observamos que o primeiro e o terceiro grupos, a substituição das associações de coisas por associações de palavras e o emprego do absurdo, podem ser brevemente definidos como restaurações de antigas liberdades e afastamentos da coerção da educação intelectual; são alívios psíquicos que podem, em certa medida, ser contrapostos à parcimônia, que constitui a técnica do segundo grupo. Alívio de um gasto psíquico já existente e economia de um que vai ser exigido: a esses dois princípios, portanto, reduz-se toda a técnica do chiste e, assim, todo o prazer obtido dessa técnica”. FREUD, Sigmund. *Op.cit.* pos. 2271

palavras e do absurdo liberado, e, se formos julgar conforme as impressões que tivemos dos gracejos não tendenciosos, será impossível considerar que o montante desse prazer seja tão grande que lhe possamos atribuir a força de suspender inibições e repressões enraizadas.¹⁸¹

Neste sentido cabe ressaltar que, o trabalho sobre o riso elaborado por Mikhail Bakhtin¹⁸² apresenta similaridades com o de Freud, uma vez que em sua teoria sobre a carnavalização ele aponta como o riso e o humor são utilizados para subverter a ordem. Assim como Bergson, Freud destaca que o chiste, para ser completo, demanda a presença de uma terceira pessoa, ou seja, o riso só é completo com a presença de uma audiência com a qual o autor divide uma certa compatibilidade psíquica¹⁸³. Em outras palavras, Freud destaca, assim como Bergson, que o riso chistoso é sempre o riso de um grupo e, como Bakhtin, que o riso é uma atividade que estimula o questionamento das regras. Porém, ainda que estas sejam considerações gerais sobre o papel do riso nas interações humanas, é necessário considerar a especificidade histórica e cultural de nosso objeto de estudo. Tendo isso em mente, apresentamos na sequência algumas concepções sobre o riso voltadas para as particularidades do mundo romano.

3.2 - O riso e a deferência na sociedade romana

Ainda que estejamos considerando o riso como elemento central de nossa análise, este surge para nós por meio de obras literárias. Isto posto, antes de

¹⁸¹ FREUD, Sigmund. *Op.cit.* pos. 2283

¹⁸² BAKHTIN, Mikhaïl Mikhaïlovitch. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec, 1987.

¹⁸³ “Se um montante de energia de investimento capaz de ser descarregado deve ser liberado na terceira pessoa, várias condições têm de ser satisfeitas ou são desejáveis para favorecer o processo. 1) É preciso assegurar que a terceira pessoa realmente efetive esse gasto de energia. 2) É preciso impedir que, uma vez liberada, essa energia encontre outro uso psíquico, a não ser o de estar disponível para a descarga motora. 3) Só pode ser vantajoso que o investimento a ser liberado seja antes fortalecido e intensificado na terceira pessoa. Para servir a todos esses propósitos há certos recursos do trabalho do chiste que podemos classificar como técnicas secundárias ou auxiliares. A primeira dessas condições estabelece uma das propriedades da terceira pessoa que a tornam apta a ser ouvinte do chiste. Ela tem de possuir com a primeira pessoa, definitivamente, uma compatibilidade psíquica tal que chegue a apresentar as mesmas inibições internas que foram superadas pelo trabalho do chiste na primeira. Quem é dado a piadas de baixo calão não poderá extrair prazer de um chiste sutil de desnudamento; as agressões do sr. N. não encontrarão nenhuma compreensão junto a pessoas incultas habituadas a dar vazão ao seu prazer grosseiro. Cada chiste demanda assim seu próprio público, e rir dos mesmos chistes é uma prova de grande compatibilidade psíquica”. FREUD, Sigmund. *Op.cit.* pos. 2675

apresentarmos as especificidades sobre a sátira, gostaríamos de pontuar algumas questões sobre a relação entre o riso e o processo de escrita em Roma. Para tanto, nos remetemos às considerações de Konstan em seu texto "*Friendship and Patronage*"¹⁸⁴. Segundo o estudioso, as relações de patronato a que os autores romanos estavam submetidos eram bastante complexas, em grande parte devido à estratificação presente na sociedade romana¹⁸⁵, com a presença de diversos grupos que se relacionavam a partir das concepções de patronos e clientes, sendo que estes últimos eram, na maioria das vezes, financeiramente dependentes dos primeiros. As relações entre esses grupos eram pautadas pela troca de favores e, no caso dos escritores, a proteção de um patrono importante poderia resultar na entrada em círculos literários e políticos superiores.

Desta forma, Konstan aponta que, embora o conceito de amizade implique, supostamente, uma relação entre iguais, devemos atentar para o fato de que, mesmo com indícios de amizade entre membros de grupos sociais distintos, atitudes de deferência entre amigos eram comuns e esperadas. Tal fator pode ser exemplificado pela análise etimológica dos nomes pelos quais os romanos em relação de amizade costumavam se chamar, em que eram valorizados termos que destacavam a importância dos amigos em questão ao mesmo tempo que denotavam uma certa reverência (*amici potentes, magni amici* - amigo poderoso e amigo grandioso). Esta terminologia e adjetivos apontam as diferenças e hierarquização presentes em meio à sociedade romana, uma vez que, os termos mais comumente

¹⁸⁴ KONSTAN, David. "Friendship and Patronage". In. HARRISON, Stephen. *A Companion to Latin Literature*. Oxford: Blackwell, 2005. pp. 345-359.

¹⁸⁵ "A Roma Antiga era uma sociedade profundamente estratificada. Desde o momento em que a literatura latina começou a ser produzida no século III AC, e na verdade bem antes disso, o censo romano dividia os cidadãos de acordo com a riqueza e o status, com a ordem senatorial no topo e proletários, isto é, aqueles cuja riqueza consistia apenas nos filhos, no degrau inferior. Nessas circunstâncias, para segurança e bem-estar, os pobres dependiam de famílias poderosas, que, por sua vez, dependiam deles para apoio político. Tais relações, em grande parte informais no período histórico, mas sancionadas pelo costume, eram o que os romanos entendiam pelos termos 'patrono' (*patronus*) e 'cliente' (*cliens*). No final da República, esperava-se que os clientes votassem em seu patrono se ele concorresse a um cargo, enquanto ele, por sua vez, se comprometia a representá-los, se necessário, em processos judiciais." "*Ancient Rome was a deeply Stratified society, From the time when Latin literature first began to be produced in the third century BC, and indeed well before then, the Roman census divided citizens according to wealth and status, with the senatorial order at the top and proletarians, that is, those whose wealth consisted solely in their children, at the bottom rung. In these circumstances, the poor depended for security and well being on powerful families, who in turn relied on them for political support. Such relations, largely informal in the historical period but sanctioned by custom, were what the romans understood by the terms 'patron' (patronus) and 'client' (cliens). In the late Republic, clients were expected to vote for their patron if he ran for office, while he in turn undertook to represent them, if necessary, in legal proceedings.*" *Idem, ibidem*. P. 345.

relacionados à relação de clientela, como cliente e patrono, eram considerados pouco educados.

As distinções entre a amizade e a patronagem, por vezes, são pouco claras ao leitor moderno, ao que o autor destaca as considerações sobre a complexidade das relações entre os romanos apresentadas por Cícero:

As diferenças de classe são tomadas como naturais, mas nem por isso Cícero desconsidera a autenticidade desta amizade. A amizade romana é um conceito carregado: ela ensejava um vínculo afetivo desinteressado, mas ela também podia implicar uma expectativa recíproca de serviços prestados, fosse entre iguais ou desiguais, da mesma forma que a amizade real também proporcionava, conquanto na base da generosidade e amor, e não na de considerações práticas¹⁸⁶.

Konstan aponta como, o autor do período republicano, Ênio, teria afirmado que, embora as relações pudessem ser amáveis e sinceras, a relação ideal entre um homem desfavorecido e seu amigo pertencente à elite demandava um comportamento e atitudes bastante específicas. O primeiro deveria ser leal, gentil, educado, contente com a sua posição e, principalmente, deveria saber dizer as coisas certas, na hora certa, palavras afáveis ao final do dia para alegrar seu *Magni amici* após um dia preocupado com temas de grande importância no senado ou em outro cargo¹⁸⁷. Deste modo, consideramos adequada a terminologia apresentada por Haroche¹⁸⁸ para destacar que a sociedade romana, em especial a elite com a qual estamos trabalhando, era marcada por regras estritas, e por um forte senso de “deferência” entre os envolvidos, conforme apontado por Konstan:

Finalmente, podemos notar que as relações sociais romanas eram governadas por um senso refinado de etiqueta que permitia aos homens preservar seu rosto ou *dignitas* no mundo intensamente competitivo e consciente de status da aristocracia romana. As elaboradas expressões de

¹⁸⁶ “Class differences are taken for granted, but Cicero does not on that account dismiss such friendship as inauthentic. Roman friendship is thus a loaded concept: it designated a selfless, loving bond, but it might also connote a reciprocal expectation of services, whether between equals or unequals, such as true friendship too afforded, albeit on the basis of generosity and love rather than practical considerations Idem, *Ibidem*. p.347

¹⁸⁷ Idem, *ibidem*. p. 348.

¹⁸⁸ “A moderação supõe uma representação distinta do corpo, uma relação que instaura e permite a existência do sujeito. Tangível no espaço, ela revela o papel dessa relação na construção da identidade social, assim como indica a posição nela ocupada pelo indivíduo. Tal posição decorre de uma distribuição específica de indivíduos no espaço: estabelece o valor por meio de afastamentos e aproximações entre os corpos, daquele que tem poder, mais poder que os demais; traduz-se igualmente por gestos, posturas e atitudes exteriores (Mauss) que contribuem para exprimir deferência, consideração, respeito, reconhecimento e dignidade, em função da qualidade e do valor social (Simmel) reconhecido num indivíduo.” HAROCHE, Claudine. *A condição sensível: formas e maneiras de sentir no Ocidente*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2008.

boa vontade e afeto em que essas cortesias foram codificadas não são sinais de falta de sinceridade, mas sim formas de civilidade que foram um "prelúdio necessário para as transações sociais". A polidez era, de fato, tão essencial à conversação romana que mesmo a expressão mais íntima de afeto necessariamente fazia uso da mesma moeda.¹⁸⁹

Uma parcela considerável de autores – em especial aqueles que não eram nascidos em Roma ou eram provenientes de estratos sociais mais baixos – dependiam dos patronos financeiramente e, também, para entrar nos círculos literários da elite. Além disso, mesmo que o autor fosse economicamente independente, as estruturas hierárquicas ainda pesavam sobre sua posição, já que registros apontam para o fato de que fazer troça de figuras políticas importantes, em sátiras, por exemplo, poderiam resultar em castigos como a prisão ou o exílio¹⁹⁰.

Konstan destaca ainda que, conforme a sociedade romana torna-se mais complexa, observa-se uma mudança no processo de autoria, sendo que gêneros literários mais nobres (como a história, por exemplo) são em geral produto do trabalho de romanos proeminentes, enquanto os clientes acabam por se ocupar de gêneros menores. O autor destaca que os clientes, por vezes, se recusavam a escrever em gêneros maiores, afirmando não ter a mesma habilidade intelectual que seus patronos, algo que podemos compreender como uma forma de elogio e uma tentativa de agradar os patronos, ressaltando, mais uma vez, as diferenças hierárquicas da elite romana.

Porém, estas afirmações acabam por destacar uma contradição no funcionamento da sociedade romana. Por um lado, apresentamos as informações sobre a presença do humor e do riso, e do orgulho expressado por Cícero e Quintiliano, no que se refere ao humor romano e como este poderia ser utilizado como uma ferramenta retórica contra desafetos ou em disputas públicas. Por outro, por meio da literatura (como nos é apresentado por Konstan), observamos uma sociedade bastante hierarquizada, na qual as relações entre os indivíduos são marcadas pela solenidade e deferência. Acreditamos que estas duas esferas estão

¹⁸⁹“Finally, we may note that roman social relations were governed by a refined sense of etiquette that enabled men to preserve their face or dignitas in the intensely competitive and status-conscious world of the Roman aristocracy. The elaborate expressions of good will and affection in which these courtesies were encoded are not signs of insincerity, but rather forms of civility that were a ‘necessary prelude to social transactions’. Politeness was, indeed, so integral to Roman conversation that even the most intimate expression of affection necessarily made use of the same coinage.” In: KONSTAN, David. Op.cit. p. 347

¹⁹⁰BRAUND, Susana. “Paradigms of power: Roman Emperors in Roman Satire”. In: CAMERON, Keith. *Humour and History*. Oxford: Intellect Books, 1993.

conectadas e que elas pautam os motivos que levavam os romanos a produzirem um humor tão ácido quanto o satírico.

Segundo Konstan, os autores estariam, em sua maioria, presos a um determinado modo de agir que implicava em respeitar e exprimir em gestos sua deferência para com seus patronos. Neste sentido, tal como é apontado por Haroche, estes “*gestos ou posturas podem provocar impressões, induzir sensações, refletir uma disposição psicológica ou determinado estado de espírito*”¹⁹¹, dentre os quais o “*amor pelo mais importante*” serviria como uma forma de desvio da auto-estima daquele que o expressa. Ainda que a autora esteja trabalhando com a sociedade de corte, estas considerações nos fazem refletir sobre as condições de trabalho e a postura que os patronos esperavam dos autores/clientes, e qual seria o impacto destes textos na sociedade romana.

Cabe aqui uma ressalva, pois, embora acreditemos que as proposições apontadas por Konstan sejam válidas – de fato, os autores dependiam dos patronos – o conteúdo expresso nas sátiras nem sempre é condizente com a postura esperada, com algumas sátiras sendo dedicadas a criticar justamente o comportamento de certos patronos e o as relações de clientela. Baseando-nos nas colocações apresentadas por Haroche em *A condição Sensível*, atribuímos isso a um possível sentimento de humilhação resultante desta relação hierarquizada e estritamente delimitada em uma dependência constante, provocada e fortalecida pela tradição romana. Em diversas sátiras¹⁹², os autores, ao longo de seu texto, ridicularizam os *amici magni*, apontando-os como mesquinhos, avarentos e pouco inteligentes, enquanto reclamam das situações pelas quais precisam passar para conseguir um mero convite para o jantar. Isto posto, considerando os aspectos apresentados por Freud, podemos inferir que as sátiras atuariam como o mecanismo de alívio psíquico descrito pela teoria do chiste, bem como, em alguns momentos atuaria como narrativa que, graças às suas peculiaridades, poderia romper ou questionar discursos que, de outra forma eram reconhecidos como verdade.

Desta forma, a sátira poderia agir como uma forma de coerção de comportamentos indesejáveis no interior da elite romana, fortalecendo um sentimento de coesão, assim como outras formas de humor romano também o faziam, tal como é apontado por Bergson. No entanto, em consonância com as

¹⁹¹ HAROCHE, Claudine. op.cit.

¹⁹² Por exemplo, na obra de Juvenal.

teorias de Freud e Bakhtin gostaríamos de destacar como uma especificidade deste gênero literário o fato de ele atuar como um mecanismo de subversão da tradição romana, como uma forma de alívio psíquico não apenas para o autor, mas também para a audiência. Aqui lembramos que estes textos eram lidos em banquetes e em outras ocasiões públicas¹⁹³, fazendo com que outros indivíduos que estivessem presentes partilhassem do processo chistoso. Em especial ressaltamos que, para além de ser uma fonte valiosa para a compreensão de comportamentos do cotidiano romano, acreditamos que podemos entender a sátira como um mecanismo por meio do qual se estabeleciam disputas sobre modelos de comportamento e práticas cotidianas.

Assim, considerando os aspectos narrados por diferentes estudiosos sobre o riso e a proposição apresentada por Konstan acerca da existência de um padrão de comportamento que seria esperado nas relações entre os indivíduos da elite romana, acreditamos que, uma das possibilidades interpretativas vinculadas ao riso é, justamente aquilo que é apontado por Alberti, *“Ele encerra uma situação de extrema atividade filosófica: permite pensar (experiência refletida) o que não pode ser pensado”*¹⁹⁴, favorecendo momentos de subversão da ordem dada, como é apontado por Bakhtin, ou mesmo pela teoria de alívio psíquico apresentada por Freud.

Acreditamos assim, que o riso se caracteriza como um mecanismo que nos permite vislumbrar um cenário em que estão expostos os não ditos e inversões de uma determinada sociedade. Deste modo, mesmo com uma grande amplitude de vestígios disponíveis para se estabelecer o estudo sobre o passado romano, julgamos que as análises calcadas na literatura satírica podem resultar em considerações sobre as relações no interior da sociedade romana e, em especial sobre os campos de disputa entre as diferentes masculinidades ali retratadas. Para que possamos realizar esta tarefa de forma satisfatória se faz necessário analisar estas obras considerando a sua especificidade literária.

3.3 - A Sátira e suas características

¹⁹³ Em especial as obras de Pérsio e Juvenal, segundo Conte. CONTE, Gian Biagio. *Latin literature: a history*. JHU Press, 1999.

¹⁹⁴ ALBERTI, Verena. *O Riso e o Risível*. Zahar, 1999. p.15.

“*Satura quidem tota nostra est*”. A frase de Quintiliano “a sátira é toda nossa” é comumente encontrada em trabalhos relativos à sátira ou à literatura romana. Em seu tratado, o autor afirma que os romanos fundaram este gênero literário, dando-lhe a aparência e regras formais que marcam sua escrita, exaltando o gênero e a capacidade criativa de seus criadores. Mas como poderíamos defini-lo?

Além das obras tradicionalmente reconhecidas como sátiras, ressaltamos que podem ocorrer apropriações para a construção de um estilo ou *tom* satírico em um texto, como, por exemplo, a obra de Marcial, que faz uso de técnicas características da sátira, mas escreve em Epigramas, ou mesmo Petrônio que, ao escrever *Satyricon*, elabora diversas referências às técnicas e temas satíricos, explorando, no entanto, outras possibilidades narrativas como a escrita em prosa e a paródia da épica grega. Embora estes exemplos sejam considerados parte de uma *literatura satírica*, eles possuem diversas características de outros gêneros (como é o caso do *Satyricon*, que alguns teóricos apontam como um proto-romance). Assim, por motivos metodológicos e de aparato conceitual, escolhemos aqui trabalhar unicamente com as obras que melhor se encaixam na acepção de sátira para os romanos, sua forma sendo definida como discursos escritos em versos, majoritariamente em hexâmetros datílicos, que poderiam ser lidos individualmente ou para o público, em banquetes ou outros encontros, e que têm como uma de suas principais características a amplitude de temas abordados¹⁹⁵.

Contudo, antes de abordarmos com mais detalhes as especificidades da sátira romana, iremos nos deter em alguns pontos levantados por teóricos literários sobre o papel, a forma e intencionalidade da escrita satírica. Neste sentido, ao apontar as principais características da sátira, Pollard¹⁹⁶ destaca a comicidade e a ironia como elementos centrais, apresentando-a como um gênero que dialoga constantemente com outras formas literárias, com grande amplitude temática, permeada pelo desejo de reclamar e protestar. Seus temas são aqueles relacionados à sociedade: não almejam a transcendência de abordar a morte ou o amor, mas sim, os erros, a futilidade, os excessos e a hipocrisia¹⁹⁷.

¹⁹⁵ Destacamos que, ainda que as Epístolas de Horácio sejam consideradas um desdobramento do gênero satírico, não as incorporamos ao grupo de textos a serem analisados, optando em trabalhar apenas com as Sátiras.

¹⁹⁶ POLLARD, Arthur. *Satire - The critical idiom*. Londres: Methuen & Co. 1970.

¹⁹⁷ *Idem, Ibidem*.

De forma semelhante, Hodgart¹⁹⁸ afirma que o satirista deseja corrigir os indivíduos e moldá-los de acordo com as convenções sociais, utilizando, por vezes, de uma retórica desproporcional aos erros apontados. Assim, ao abordar a condição humana, o satirista adota uma postura crítica e hostil em relação aos vícios e à estupidez, por meio de um riso depreciativo, que seria resultado das rixas e desavenças entre indivíduos e grupos:

A expressão de desprezo e o riso debochado têm a sua origem nessa situação e o impulso satírico está, provavelmente, mais intimamente ligado a este tipo de comportamento agressivo que ao ataque aberto, que é a atitude que os animais adotam com os de outra espécie. A raiva do satirista é modificada por sua percepção de superioridade e desprezo por sua vítima; sua aspiração é que ela se humilhe e a melhor forma de conseguir isto é por meio do riso depreciativo¹⁹⁹

Sobre este processo de “destruição” das vítimas na escrita satírica, Pollard²⁰⁰ afirma que: “O satirista não é uma pessoa fácil de se conviver. Ele é mais consciente das loucuras e vícios de seus compatriotas e ele é incapaz de não mostrar que o é”²⁰¹. Porém, mais do que fazer com que as pessoas aceitem um modelo de virtude, o satirista está interessado em “identificar e condenar comportamentos e indivíduos que ele considera viciosos”²⁰². Assim, além de apreciar a possibilidade de criticar o comportamento alheio, para estes autores, o satirista utiliza as suas capacidades como armas, ferramentas, com as quais se propõe a restaurar e corrigir os problemas do momento em que vive e punir aqueles que merecem.

Este processo seria possível graças à crença, por parte do satirista, de que ele tem a “verdade” ao seu lado, não demonstrando dúvida sobre os ideais que persegue. Esta compreensão de que a sátira teria um papel social não implica em

¹⁹⁸ HODGART, M. *La sátira*. Madrid: Guadarrama. 1969.

¹⁹⁹ “A expressão de desprezo, e o riso zombeteiro origina-se nessa situação, e o impulso satírico provavelmente está mais ligado a esse tipo de comportamento agressivo do que ao ataque explícito, que é a atitude dos animais adotam com os de outra espécie. A raiva do satirista é modificado pelo seu senso de superioridade e de desprezo por sua vítima; seu desejo é que se humilhe, e a melhor forma de conseguir é o riso de desprezo.” “*La expresión de desprecio, y la risa burlona tienen su origen en esa situación y el impulso satírico está probablemente más intimamente ligado a este tipo de comportamiento agresivo que al ataque abierto, que es la actitud que los animales adoptan con los de otra especie. El enojo del satírico se ve modificado por su sentido de superioridad y desprecio hacia su víctima; su aspiración es que ésta se humille y la mejor forma de conseguirlo es la risa depreciativa.*” *Idem, ibidem*. P. 10.

²⁰⁰ POLLARD, Arthur. *Op.cit.*

²⁰¹ “*the satirist is not an easy man to live with. He is more than usually conscious of the follies and vices of his fellows and he cannot stop himself from showing that he is*”. *Idem, ibidem*. p. 10.

²⁰² “(...) *identifying and condemning behaviour and men he regards as vicious*” *Idem, ibidem*. p.10

uma visão utópica de mundo mas, pelo contrário, para Pollard, o satirista tem consciência das diferenças entre a realidade e as aparências e tem uma especial predileção para expor os hipócritas. Segundo o estudioso, esta tarefa seria bem aceita pela sociedade e favorecida pelo desejo do satírico de convencer a audiência do valor e da necessidade de seu trabalho²⁰³, colocando-se, por vezes, como um benfeitor público. O papel do satirista seria definido por:

Ele está principalmente preocupado não com algo em si, mas com a atitude do homem em relação a essa coisa. Quando o homem fica fora de proporção, o satirista deve corrigi-lo. Ele nos restaura a sanidade ao nos fazer rir, às vezes generosamente, às vezes severamente. Devemos ser capazes de desfrutar até mesmo de sua raiva. Sua correção pode envolver uma desproporção compensatória, mas, desde que isso não seja extremo, vemos seu propósito e apreciamos seu efeito.²⁰⁴

Ainda que as considerações sobre o papel social da sátira apresentadas por ambos os autores sejam importantes para compreendermos alguns dos mecanismos por meio dos quais se estabelece o gênero satírico, acreditamos que estas interpretações foram influenciadas pelas teorias do riso coercitivo, motivo pelo qual as mesmas, por vezes, menosprezam outras características da escrita satírica em favor da ideia da sátira como mecanismo de controle social.

Embora estas definições mais rígidas sobre o que é e sobre quais são as características da sátira ainda estejam presentes em discussões literárias e em manuais sobre o tema, Griffin²⁰⁵ aponta a existência de um descompasso entre a teoria da sátira, estabelecida em meados dos anos 1960 e 1970 (período em que escrevem autores como Hodgart²⁰⁶ e Pollard²⁰⁷) e produções mais recentes sobre autores específicos. Em seu trabalho sobre as mudanças na percepção da sátira pela teoria literária, o autor aponta como pesquisas posteriores à década de 1970, tendem a centrar suas análises nas ambiguidades presentes na escrita satírica, não

²⁰³ “A sátira sempre possui uma vítima, ela sempre critica. Porque o satirista age dessa maneira? Sua primeira tarefa é convencer sua audiência do valor - ou, ainda mais, da necessidade - daquilo que está fazendo” *“Satire always has a victim, it always criticizes. Why does the satirist act in this way? His first task is to convince his audience of the worth – even more, of the necessity – of what he is doing.”* POLLARD, Arthur. Op. Cit p.73

²⁰⁴ “He is primarily concerned not with something in itself, but with man’s attitude to that thing. When man gets it out of proportion, the satirist must correct him. He restores us to sanity by making us laugh, sometimes generously, sometimes grimly. We should be able to enjoy even his anger. His correction may involve a compensating disproportion, but, provided that this is not extreme, we see its purpose and appreciate its effect.” Idem, p. 21.

²⁰⁵ GRIFFIN, Dustin H. *Satire: A critical reintroduction*. University Press of Kentucky, 1994.

²⁰⁶ HODGART, Matthew. *Op.cit.*

²⁰⁷ POLLARD, Arthur. *Op.cit.*

convergindo em um novo consenso teórico, mas favorecendo o questionamento e a revisão de conceitos.

No que se refere à sátira romana, Griffin ressalta como diferentes teóricos analisaram este *corpus* intencionando encontrar os modelos e o momento de formatação do gênero. Segundo o autor, esta busca por uma origem da sátira nas obras romanas acabou por inflacionar a relevância dada a algumas características e narrativas, em especial a concepção da sátira como um texto excessivamente moralista, com a função de criticar os vícios humanos, citando como trata-se de uma construção antiga, exemplificada pelas considerações apresentadas pelo gramático Diomedes²⁰⁸, no século IV d.C. Desta forma, entendemos que, interpretações como as de Pollard e Hodgart, menosprezando outras características do texto satírico, como humor e ludicidade, podem ser consideradas uma continuidade deste processo de definição do gênero como um texto de crítica moral e de coerção por meio do riso.

A defesa da sátira como uma arte didática se mantém ao longo do século XVIII, momento em que o gênero passa a ser também criticado pelos temas e excessos narrados, enquanto seus defensores afirmavam que se tratava de uma arte moral, fator que justificaria sua publicação e difusão, debate que perdura ao longo do século XIX, conforme é apontado por Griffin. É apenas a partir da segunda metade do século XX, no período posterior à Segunda Guerra Mundial, que o gênero satírico torna-se foco de interesse da teoria literária, momento em que ocorre um esforço para defini-lo com maior precisão, com trabalhos que facilitaram o processo de reconhecimento e análise destas obras²⁰⁹. Tendo dito isso, acreditamos ser necessário expandir o escopo desta discussão e considerarmos outros aspectos, dentre os quais o papel da literatura na sociedade romana e as particularidades da sátira romana.

²⁰⁸ “Diomedes define a forma em termos integralmente morais. Ele não diz nada de sagacidade, humor, ludicidade, exagero ou fantasia ou paradoxo, iconoclastia ou espírito carnavalesco. Em última análise, são escritores como Diomedes, refletindo o que G.L. Hendrickson chamou de “obsessão moral da crítica literária na antiguidade tardia”, que conduzem mais ou menos diretamente à função moral da sátira que domina a teoria satírica da Renascença até meados do século XX.”; “*Diomedes, reflecting what G.L. Hendrickson called the “moral obsession of literary criticism in later antiquity”, who lead more or less directly to the emphasis on satire’s moral function that dominates satiric theory from the Renaissance into the mid-twentieth century*” In. GRIFFIN, Dustin. *Op.cit.* p. 10.

²⁰⁹ Idem. *Ibidem*.

3.4 - A sátira romana

Tendo observado como se deu o processo de construção das teorias literárias sobre o gênero satírico, consideramos ser necessário reservar um espaço para a discussão da especificidade da sátira romana e como esta vem sendo analisada por classicistas e historiadores. Dentre as formas de humor presentes em Roma, a sátira se destaca, em especial, pelo seu estilo ácido, por seus alvos morais e políticos, e também por dedicar-se a comentar e analisar a “*experiência direta da vida social*”, como é apontado por Citroni²¹⁰. A sátira funcionaria como um elemento de subversão literária aos temas da escrita tradicional, ao mesmo tempo em que se identifica pela rigidez de formas, sendo sempre elaborada em versos, preferencialmente em hexâmetros datílicos. Aqui podemos observar uma das primeiras ironias deste gênero: em seus primórdios, na Roma Antiga, ao abordar temas pouco nobres os autores escolhem um tipo de verso tradicionalmente utilizado na narrativa épica de deuses e heróis.

Conforme é apontado por Bakhtin²¹¹, os grandes temas, os textos épicos, por exemplo, são projetados em um passado absoluto, inacessível ao leitor, localizado apenas na memória. É um passado no qual se encontram as origens das tradições, e que, embora presente em si diferentes temporalidades, trata-se de um “*tempo arredondado e acabado*”²¹² e, por isso mesmo, distante. Contrapondo-se a este passado épico e grandioso, os gêneros literários menores dedicavam-se a apresentar a esfera inferior e banal da atualidade:

A vida atual, o presente ‘vulgar’, instável, e transitório, esta vida ‘sem começo e sem fim’ era objeto de representação somente dos gêneros inferiores. Mas, antes de mais nada, ela era o principal objeto de representação mais vasto e rico da criação cômica popular²¹³.

²¹⁰ “A exigência de formas diversas de abordagem artística à experiência direta da vida social, de formas que, para além da impessoalidade da comédia, consentissem um confronto direto da pessoa do poeta com o seu ambiente e com a sociedade e a cultura do seu tempo, levou a algumas esporádicas retomadas da poesia jâmbica, mas sobretudo determinou o nascimento já nas fases iniciais do desenvolvimento da literatura latina, de um gênero novo e original – a sátira (...) “. CITRONI, Mario. *Op.cit.* p.330-331.

²¹¹ BAKHTIN, Mikhail. “Epos e romance.” *Questões de literatura e estética*. São Paulo: Unesp/Hucitec, 1993. Pp. 397-428.

²¹² Idem, *Ibidem*. p. 411

²¹³ Idem, *Ibidem*. p. 412

A partir desta apropriação da cultura popular, Bakhtin destaca o surgimento de um novo domínio literário que ele define como literatura “sério-cômica”. A formação desta nova esfera literária resultaria, segundo o autor:

No processo de destruição de distâncias, o princípio cômico destes gêneros, extraído do folclore (o riso popular), adquire um significado especial. É justamente o riso que destrói a distância épica e, em geral, qualquer hierarquia de afastamento axiológico. Um objeto não pode ser cômico numa imagem distante; é imprescindível aproximá-la para que se torne cômica; todo o cômico é próximo; toda obra cômica trabalha na zona máxima de proteção.²¹⁴

Destarte, entendemos que tanto a literatura cômica quanto a satírica, ao não estabelecerem a mesma distância observada na épica, dessacralizam, despem, e invertem a hierarquia²¹⁵. Da mesma forma, destaca Citroni: “*Na cultura antiga opera um tenaz preconceito com relação à representação literária da vida quotidiana, que tende a ser confinada na dimensão do cômico e reservada a gêneros literários que são considerados ‘menores’ pelo próprio fato de terem caráter cômico e realista*”²¹⁶.

De uma maneira geral, entre os temas abordados pelo estilo satírico estão as relações entre homens e mulheres, a presença de temáticas consideradas obscenas, bem como as críticas aos comportamentos considerados excessivos ou passionais²¹⁷. Logo, a sátira, foi interpretada como uma literatura que tinha como um de seus objetivos a manutenção das regras que regiam o mundo romano.

No entanto, pesquisas mais recentes sobre este gênero literário, como a desenvolvida por Plaza²¹⁸, têm revisto o papel do humor na sátira romana, expondo

²¹⁴ Idem, *Ibidem*. p. 413.

²¹⁵ Em seu ensaio acerca do riso e do carnaval no renascimento, Bakhtin destaca como o carnaval e a reunião de indivíduos durante este período acaba por criar uma visão de mundo própria, a qual é marcada pela inversão, pela liberdade e pelo mundo desprovido de suas regras e hierarquias. O carnaval atuaria assim como um momento de supressão das regras e leis que regem o cotidiano e, especialmente, daquelas regras que definem as diferenças entre os indivíduos. Neste sentido, nos interessa aqui a observação do autor de que durante o carnaval eram utilizadas uma série de paródias, marcadas pelo uso de termos chulos e pela presença de blasfêmias. O carnaval funcionaria assim como um escape cômico da realidade cotidiana, um momento de liberação e subversão das regras. Escolhemos aqui trabalhar com o texto “Epos e o romance” em detrimento de “A cultura popular na Idade média e Renascimento”, porque é no primeiro que Bakhtin desenvolve argumentos acerca do riso com base em obras que se aproximam de maneira mais eficaz de nosso objeto de estudo.

²¹⁶ CITRONI, Mario. “Musa pedestre”. In.: CAVALLO, Guglielmo; FEDELI, Paolo; GIARDINA, Andrea. *O espaço literário da Roma antiga*. Belo Horizonte: Tessitura, 2010.

²¹⁷ HODGART, M. *La sátira*. Madrid: Guadarrama. 1969.

²¹⁸ PLAZA, Maria. “Introduction” *The function of humour in Roman verse satire: laughing and lying*. Oxford University Press on Demand, 2006.

como, mesmo sendo um elemento relevante e definidor do gênero satírico, este aspecto foi pouco analisado. A classicista aponta como os satiristas definiram dois objetivos principais para a presença do humor nas sátiras: meio para expressar a crítica moralizante e, ao mesmo tempo, tornar este tópico mais palatável²¹⁹. Estes comentários dos satiristas romanos teriam levado muitos críticos a compreender o humor como algo separado do conteúdo da sátira e, neste cenário, ele seria passível de ser compreendido de duas formas distintas: como um elemento que quebra as regras opressivas da sociedade romana ou como uma forma de reforçar estas mesmas regras, uma vez que a violação seria ridicularizada e apontada como inaceitável²²⁰.

Para Plaza, estas interpretações não consideram todo o cenário, pois embora fosse considerado como um elemento periférico (um recurso utilizado para um fim), o humor e o riso provocado pelo mesmo estabeleceram-se como um fator simbólico central. Desta forma, a sátira não seria um mero quadro ridicularizando vícios, mas um produto amplo e ambíguo, em que o humor ocupa um espaço mais relevante do que uma mera forma de facilitar o processo de criticar indivíduos e comportamentos. Neste sentido, não se trata apenas de mera ferramenta, como era apontado anteriormente, mas parte de uma demanda estética, criando um paradoxo em que crítica e humor estão vinculados e criando uma forma de linguagem específica.

Embasada em teorias da incongruência, a autora aponta que as sátiras foram alvo de múltiplas interpretações, por vezes conflitantes, justamente porque o humor permite a existência de diversas ideias e afirmações, sendo o resultado da incompatibilidade de dois ou mais componentes e ocorrendo ao estabelecermos um rompimento na ordem simbólica (entendida aqui a partir do referencial laciano). Desta forma, podemos inferir que aquele que produz a piada ou chiste rompe a ordem que rege a sociedade e revela, assim, seu domínio do discurso, movimento que é reconhecido pela audiência, provocando o riso. Portanto, para Plaza, o humor na sátira romana é resultado da incongruência, do rompimento da ordem do discurso, podendo ou não ser amplificado por outros aspectos.

²¹⁹ “eles descrevem o humor como (1) uma forma de expressar a sua mensagem principal (crítica moral e educativa), e (2) como um elemento agradável, tornando a mensagem moral mais palatável” *“they describe humour as (1) a means of expressing their main message (moral criticism and teaching), and (2) as a pleasing element, making the moral message more palatable.”* Idem, op.cit.p.1

²²⁰ Idem, ibidem.

Aqui cabe ressaltar que, conforme é apontado pela autora, existem poucos estudos anteriores ao século XIX examinando o humor nas sátiras romanas. As observações literárias elaboradas desde então teriam, segundo Plaza, duas vertentes centrais: ou elas concordam com o satirista e o reconhecem como moralista que faz uso da ironia ou o questionam e afirmam que aquilo que ele ridiculariza poderia ser uma ameaça ao seu *status*, reafirmando a existência da quebra de regras. Para além desta dicotomia, ela recorre ao trabalho de Kernan para apontar um segundo paradoxo que seria a existência (e reconhecimento por parte do público) de uma ambiguidade na figura do satirista, que se dividiria em duas personalidades, uma pública e outra privada, sendo a primeira honesta, provedora de um julgamento moral, em geral com uma origem rural, enquanto a segunda, privada, seria agressiva, sensacionalista e orgulhosa. Plaza aponta como os satiristas elaboram estas *persona* de forma a criar tensão na escrita da obra. Assim, eles insistem que dizem a verdade enquanto exageram na narrativa; descrevem em detalhes comportamentos que afirmam reprovar; defendem princípios morais, mas para isso usam de recursos pouco nobres; além de demonstrarem uma personalidade egoísta com pouca ou nenhuma simpatia pelas vítimas.

De forma distinta das reflexões apresentadas até o momento, provenientes da teoria literária, alguns historiadores também têm se dedicado à temática, repensando a relação da sátira no interior da sociedade romana. Seguindo esta perspectiva, Habinek²²¹ afirma que a sátira romana não deveria ser encarada apenas como um gênero literário, mas também como uma prática social. Para ele, a sátira – da mesma maneira que os combates de gladiadores e determinados jogos infantis – poderia ser qualificada como *ludus*, como um jogo realizado entre os jovens da elite romana. A partir dos pressupostos apresentados por Huizinga, Habinek descreve a atitude de ler e escrever as sátiras como uma forma de substituir atividades reais, tendo como objetivo treinar os indivíduos para ações futuras. De maneira similar ao jogo, a sátira atuaria como uma licença da vida real, licença esta que prepararia o homem da elite para a liberdade que o esperava, e com a qual ele deveria ser capaz de lidar.

Desta forma, segundo o autor, por meio da ação de imitar e inovar, os membros da elite romana eram capazes de construir a sua identidade em relação à

²²¹ HABINEK, Thomas. "Satire as aristocratic play". In: FREUDENBURG, Kirk. *The Cambridge companion to Roman satire*, 2005. p. 177-91.

alteridade dos grupos e comportamentos atacados. Por conseguinte, segundo esta perspectiva, o satirista atua como um defensor da elite masculina que ridiculariza os elementos que atentam contra a segurança desta, apresentando, como temas centrais da sátira, a elite romana em desintegração, assim como a problematização das práticas cotidianas desta elite por meio de um jogo de identificação e diferenciação.

Posto que as considerações estabelecidas por Plaza e Habinek tenham pontos de partida distintos, acreditamos que estas propostas de entendimento da sátira romana não são necessariamente excludentes. Habinek, como especialista em história social romana, apresenta uma função muito específica para a escrita satírica, porém, esta pode ser entendida como uma das múltiplas formas de percepção e criação do riso a partir das quebras de discurso evidenciadas por Plaza.

No que se refere ao riso provocado pela sátira, ainda que tenham sido revisados nos últimos anos, trabalhos como os de Hodgart quanto de Pollard foram importantes ao mapear e identificar quais são os recursos utilizados pelos satiristas para causar o riso. Os autores contavam com um grupo relativamente pequeno de técnicas empregadas para provocar o riso em sua audiência (leitores ou aqueles que pudessem ouvir as obras em declamações públicas) as quais poderiam ser adaptadas à situação, aplicando um humor engenhoso e irônico quando se esperava um sorriso complacente da plateia, ou técnicas de redução²²² e mais próximas da ridicularização e da comicidade quando o interesse era produzir um riso mais aberto e escandaloso²²³.

²²² Dentre as principais técnicas que poderiam ser utilizadas pelos autores satíricos destacam-se a redução, ou seja, a degradação da vítima que pode se dar pelo rebaixamento de seu status e/ou dignidade (retirando símbolos relevantes para a vítima, tais como roupas, títulos de nobreza, marcadores de classe, etc.). Outra técnica bastante empregada é o ataque irônico sobre o indivíduo. HODGART, Matthew. *Op.Cit.*

²²³ “O satirista pode usar uma ampla variedade de formas literárias, entretanto ele tem que se limitar a uma quantidade reduzida de técnicas. Ainda que os objetos sobre os quais a sátira versa, sejam as mais duras realidades da existência humana, ela tem a intenção de suscitar o nosso riso e o nosso sorriso. É certo que o sorriso é uma espécie de riso secundário, isto é, um riso inibido ou pelos bons modos, ou por situações específicas. (...) O riso se expressa por meio de uma série de sintomas físicos – riso espasmódico, contrações dos músculos abdominais, inclusive por lágrimas e nos casos mais extremos, perda do controle da bexiga – contudo a causa que motiva todos esses sintomas permanece obscura e complexa”. *“El satírico puede usar una amplia variedad de formas literaria, pero tiene que limitar se a emplear una gama bastante reducida de técnicas. La sátira, aunque el objeto sobre que versa sea muy frecuentemente la más duras realidades de la existencia humana, tiene la intención de suscitar nuestra risa o nuestra sonrisa. Damos por sentado que la sonrisa es una especie de sub-risa, es decir una risa inhibida por los Buenos modales o que no se manifiesta plenamente debido a la situación. (...) La risa consiste en una serie de síntomas físicos - carcajadas espasmódicas, contracciones de los músculos abdominales, e incluso lágrimas y en los casos más*

Quanto ao alcance destas obras, devemos lembrar que longe de ser uma ação solitária, a leitura e a escrita eram atividades compartilhadas em círculos sociais. Só em Roma existiam, no final do período imperial, vinte e nove bibliotecas públicas²²⁴. Ao mesmo tempo, lembramos que é comum encontrarmos transcrições e paródias de textos literários em grafites pompeianos²²⁵, apontando que, mais do que um discurso circunscrito a nichos específicos, a literatura tinha um alcance significativo, por meio da leitura individual ou coletiva, fator que nos leva a acreditar que uma parcela da população tinha contato com obras literárias²²⁶.

Ponderando as particularidades acerca da sátira latina e a presença desta (e do riso em geral) na sociedade romana, acreditamos que por meio das obras dos poetas satíricos temos a chance de vislumbrar os aspectos mais indisciplinados dos romanos. Considerando a função social do riso e o fato de a própria sátira ser utilizada como um mecanismo de preparação, um treinamento para o mundo real, compreendemos as críticas ali presentes e os ataques e as correções em relação ao comportamento dos indivíduos como uma tentativa de discutir e enfatizar a presença de determinadas condutas na sociedade romana ao mesmo tempo em que, ao entendermos o riso e o humor como elementos centrais para o gênero, é possível focar na descrição de práticas associadas às masculinidades dissidentes.

Ainda que não possamos afirmar com certeza se os comportamentos que ali são citados de fato eram comuns ou, se justamente por serem apresentados eles eram evitados, o fato é que estas obras nos dão acesso àquilo que deveria ser um espaço de discussão, ainda que marcado pelas suas especificidades. As condutas que eram, supostamente, execráveis do ponto de vista moral, para os cidadãos romanos estavam relacionadas, muitas vezes, à percepção da masculinidade dos

extremos perdida del control de la vejiga - , pero la causa que motiva todos estos síntomas permanece oscura y compleja” HODAGART, Matthew. *Op.Cit.* p. 108.

²²⁴ JONES, Peter; SIDWELL, Peter. “Roman literature”. In.: *The World of Rome: An introduction to Roman Culture*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997. Pp.262-286.

²²⁵ FUNARI, Pedro Paulo. *A vida Quotidiana na Roma Antiga*. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2003.

²²⁶ Sobre a recepção das sátiras na sociedade romana, acreditamos serem frutíferas as considerações apresentadas por Beard (ainda que a autora esteja se referindo às comédias romanas). Para a classicista, ainda que não possamos definir como as audiências teriam reagido às peças que eram apresentadas, é seguro afirmar que se tratava de uma experiência compartilhada, e ainda assim, alguns indivíduos teriam estabelecido relações diversas e mais pessoais com o que estava sendo apresentado. Assim, enquanto alguns riam, outros poderiam se isolar durante este processo, ou como ela diz: “O riso age em ambas as direções tanto para incorporar como para isolar. A história do riso é, como veremos, sobre aqueles que não entendem (ou não querem) entender a piada, bem como sobre aqueles que entendem”; *“Laughter acts both to incorporate and to isolate. The history of laughing is, as we shall see, about those who don’t (or won’t) get the joke as well as about those who do”* BEARD, Mary. *Laughter in Ancient Rome: on jocking, tickling and craking up*. Op. Cit. p

personagens envolvidos. Era esperado que um cidadão tivesse autocontrole e soubesse se comportar em público, segundo a historiografia. Contudo, nas sátiras, observamos relatos de excessos, condutas que não condizem com a ordem e hierarquia sociais relatadas em outros vestígios do período romano.

Isto posto, em conformidade com teóricos como Plaza, que aponta para uma discussão sobre o riso que extrapola o viés normativo, entendemos que trabalhamos aqui com obras que estabelecem um relato que não é meramente moralizante, mas que são passíveis de fornecer, por meio do riso múltiplos significados sobre as condutas descritas, bem como favorecem uma leitura mais plural do passado romano.

Por fim, entendemos que, ao relatar as intrigas, disputas e comportamentos que transgridem a norma, a sátira torna-se um espaço no qual podemos identificar algumas das disputas existentes entre diferentes grupos da sociedade. O quão visível e inteligível as diferentes camadas de humor e crítica presentes seriam compreensíveis para o leitor da obra dependeria da proximidade que ele teria com os interditos da sociedade romana.

Assim, ao analisarmos os relatos sobre práticas alimentares e sexuais, observamos não apenas comportamentos vinculados à diferentes percepções de masculinidade, nem sempre condizentes com o ideal de *virtus* romano, como, dependendo do enfoque cedido a cada trecho, podemos extrair dos mesmos mais de um significado. Neste sentido, acreditamos que, reconhecer a possibilidade de mais de uma chave de leitura e, principalmente, de interpretações que abarquem a possibilidade de que os textos poderiam apresentar mais de um alvo do riso, tornam mais complexa a tentativa de dividir as práticas entre aquelas consideradas certas ou erradas, ao que, acreditamos ser mais profícuo apontar as incongruências e disputas aparentes em tais narrativas.

Pretendemos aqui analisar a evolução do discurso sobre as práticas alimentares e sexuais por meio da sátira romana nas obras de Lucílio, Pérsio, Horácio e Juvenal. Embora existam outros autores satíricos passíveis de serem estudados, de forma geral, os quatro autores selecionados são citados como sendo os principais criadores do gênero satírico romano. Esta escolha se dá também por motivos metodológicos, uma vez que, ainda que não estejam tão distantes entre si, a análise destes autores nos permite abarcar desde meados do século II a.C. até a metade do século I d.C. Trata-se de um período ímpar da história romana, entre o

final da República e o início do Império, marcado por uma série de mudanças sociais e políticas.

Não obstante estes autores sejam todos representantes de um mesmo gênero literário, apontaremos, de forma sucinta, as investigações sobre as especificidades individuais da escrita de cada autor. Mais do que estabelecer um único modelo para interpretação das sátiras como um todo, pretendemos analisar os trechos aqui apresentados tendo em conta as variáveis presentes no universo da escrita romana. Não acreditamos ser possível recuperar todos os múltiplos significados que eram estabelecidos pelos satiristas, até mesmo porque, conforme é apontado por Beard²²⁷, trata-se de uma tarefa impossível, mas intentamos ressaltar as diferentes possibilidades de interpretação do humor construído nestas obras. Assim, temos como princípio observar e interpretar os textos selecionados a partir de uma análise que não se restrinja a um viés cômico e incongruente ou chistoso e utilitarista, mas em reconhecer que ambas as possibilidades podem estar presentes na escrita satírica romana²²⁸. Buscamos analisar, caso a caso, e estabelecer algumas considerações sobre as práticas alimentares e sexuais dos romanos, quando estas eram passíveis de críticas e quando alguns destes comportamentos eram narrados vinculados à noção de masculinidade romana.

Ainda que as práticas sexuais e a alimentação sejam temas recorrentes nos textos analisados, eles não são apresentados da mesma forma. Enquanto as discussões acerca de banquetes e digressões sobre a alimentação e gluttonia são tema central de diversas sátiras, as referências às práticas sexuais são apresentadas de forma diferente. Quando comportamentos lascivos são descritos, em geral, eles não são o tema central da sátira, mas utilizados como parte do esforço em se diminuir ou ridicularizar uma pessoa ou um grupo. Já a alimentação aparece associada ao simbolismo moral, na qual a relação do indivíduo com a comida serve para expor aspectos escondidos do caráter, como a avareza ou a subserviência.

²²⁷ BEARD, Mary. Op. Cit.

²²⁸ Assim, as chamadas piadas programáticas seriam o momento em que os satiristas apresentavam os motivos que os levavam a escrever tais textos. Sobre o tema, Plaza afirma: "eles dão uma resposta real para a urgente questão de como escrever sátiras quando isso é tão perigoso e a resposta é: através da piada. Simultaneamente, eles alertam o leitor para não tomar o que é dito à letra, mas para procurar por significados escondidos e/ou por múltiplos significados sob a superfície" *"they give a real answer to the pressing question of how to write satire when this is so dangerous and this answer is: through joking. Simultaneously, they warn the reader not to take what is said at face value, but to look for hidden and /or multiple signifiers below the surface"* PLAZA, Maria, op.cit. pp. 37-38.

Nossa preocupação em estabelecer um referencial teórico que seja capaz de compreender o humor crítico ao mesmo tempo em que está aberto às possibilidades de múltiplas interpretações dos textos satíricos se dá por compreendermos que, sem este cuidado poderíamos, tal como é exposto por Beard, nos deixar levar pela falsa sensação de que estamos lidando com um fenômeno universal, que todos compartilhamos dos mesmos gatilhos do que consideramos engraçado, ou mesmo do que nos produz o riso. Reconhecer isso não significa invalidar as teorias sobre o riso apresentadas, mas entender que elas fazem parte de um constructo teórico que não, necessariamente, explica todas as formas de humor e motivos de riso em Roma, e que tratam-se de ferramentas e não amarras na elaboração da análise dos textos. Por este motivo entendemos, que a sátira, poderia sim ter uma função social e o riso um aspecto relacionado ao controle e definição de *exempla*, contudo ao narrar eventos e atitudes que geram o riso em seus interlocutores, o texto satírico pode ser analisado como vestígio válido para entendermos como determinadas práticas estavam relacionadas à percepção de gênero.

Neste sentido, a sátira desempenha um papel duplo: por uma lado ao ridicularizar determinados comportamentos ela apresenta modelos e *exempla* às avessas, marcados pela *indignatio* e crítica dos autores, por vezes com citações e referências à legislação que estaria sendo desobedecida, por outro em certos momentos apresentando de forma laudatória ou reforçando o quão comum eram comportamentos supostamente transgressores. Contudo, mais do que a mera crítica moralista, entendemos também que, ao citar tais comportamentos, os satiristas estavam jogando com a ordem social, expondo as incongruências nas ações e discursos humanos e, este movimento, quando reconhecido pela audiência (seja de leitores ou de ouvintes), causaria o riso. Assim, mais do que uma versão única do riso, entendemos que os textos analisados eram construídos de forma a acomodar diferentes camadas de humor, as quais poderiam acenar para distintos grupos da sociedade, como é apontado por Plaza. Isto não significa invalidar o chiste como um componente relevante da sátira, mas entender o texto satírico como uma espécie de prisma cujos reflexos e significados eram amplos e atingiram de forma diferenciada grupos diversos da sociedade romana.

Por fim, se faz necessário afirmar que, muito embora estejamos trabalhando com alguns dados que fogem da esfera puramente historiográfica e dialogando com outras áreas do conhecimento com teóricos do riso e do humor, bem como sobre a

sátira especificamente, ainda que este processo perpassasse diferentes temporalidades, compreendemos que apenas por meio da conjunção das teorias sobre o riso e das discussões elaboradas no âmbito da teoria literária, é possível estabelecer uma base teórica que possa nos auxiliar no processo de interpretar como se dava a percepção e discussão da masculinidade a partir das práticas alimentares e sexuais em Roma.

Trabalhando apenas com autores homens²²⁹, os comentários dos mesmos não se restringem a um grupo social ou gênero, ainda que nos sejam apresentados um número muito maior de personagens masculinos, fazendo com que estudos de gênero se torne um aporte interessante para a construção desta análise. Contudo, ao realizarmos a leitura, observamos que, para além das eventuais descrições e comentários sobre as práticas sexuais, outra esfera que surge como catalizadora de comportamentos e do local social dos personagens é a das práticas alimentares. Além disso, em diversos trechos, a sexualidade e a alimentação são associadas, por meio de metáforas ou por terem sido agrupadas em uma sequência de argumentos apresentados pelos autores para identificar ou criticar uma característica ou comportamento específico. Assim, entendemos que, além das práticas sexuais, as práticas alimentares eram, também, elementos definidores das relações sociais romanas e, portanto, são relevantes na compreensão da construção e interação das masculinidades. Destacamos ainda que, mesmo considerando que a escrita das sátiras tenha sido realizada por homens pertencentes ou associados à elite romana, o fato de se tratar de um gênero literário que tem como uma de suas bases o riso, as obras discutem as ações de pessoas provenientes de diversos grupos sociais, inclusive das camadas populares.

Ao mesmo tempo, o espaço ocupado pelos textos satíricos e a função deles junto aos seus leitores os distancia do riso provocado pela comédia, por exemplo. A sátira, para além do riso como elemento de organização interna, função social ou por uma questão estética²³⁰, permite a construção de críticas de comportamento e modelos de conduta de forma distinta. Os *exempla*, no caso da

²²⁹ Chegaram até nós apenas trechos da obra de Sulpícia, satirista romana. Especificamente no caso dela, o trecho sobrevivente de 72 versos, além de ter a sua autenticidade questionada por alguns classicistas, não aborda os temas aqui propostos para análise (no trecho sobrevivente, uma vez que ela teria escrito poesia erótica, conforme é apontado por Richlin). RICHLIN, Amy. "Sulpicia the Satirist." *The Classical World*, vol. 86, no. 2, 1992, pp. 125–140. JSTOR, www.jstor.org/stable/4351257. Accessed 11 May. 2020.

²³⁰ PLAZA, Maria. Op.cit

sátira, são construídos a partir do negativo, da citação dos comportamentos que não devem ser seguidos, e são associados ao riso causado pelo ridículo e pela quebra discursiva, descrita por Plaza²³¹.

Para tanto, os autores estabelecem críticas e ridicularizam, tanto figuras conhecidas, como também estereótipos da elite romana. Durante este processo são expostas as falhas ou desvios desta elite. Mesmo que consideremos que estas críticas são estabelecidas com a finalidade de retomar uma organização anterior ou de censurar determinadas ações, ao contrário de outros textos que expõem o vício como exceção e reforçam o modelo, a sátira não nega a existência de regras de conduta, mas aponta como estas não eram necessariamente seguidas e que estavam em discussão e em disputa. Mesmo que seja por meio do riso e, por vezes, afirmando que eram práticas não condizentes com a elite romana, a sátira acaba por expressar a existência destes comportamentos transgressores. Destarte, antes de darmos continuidade à análise das práticas propriamente ditas, apresentamos na sequência algumas considerações sobre os autores e suas obras.

Lucílio

Lucílio²³², nascido entre 180 e 148 a.C. e morto em 102 a.C., teria escrito (segundo os fragmentos que sobreviveram e os comentários de seus contemporâneos) trinta livros com textos satíricos, dos quais chegaram até a atualidade mil e trezentos versos, de forma bastante fragmentada – o trecho preservado mais longo contém apenas treze versos. Ainda que os gregos tenham desenvolvido a Sátira Menipéia, Lucílio é apontado por Quintiliano, Horácio e Juvenal como o “pai”, ou o fundador da Sátira Latina²³³. Segundo os

²³¹ Idem. *Ibidem*.

²³² Para análise aqui apresentada utilizamos como referência a edição LUCILIUS, "Satires". In: *Remains of Old Latin III: Lucilius, Laws of the XII Tables*. Tradução de E. H. Warmington. Loeb Classical Library. Cambridge: Harvard University Press, 1938.

²³³ Existem dois autores anteriores que se apresentavam como Satiristas: Ênio e Pacúvio. No entanto uma parcela ínfima de seus escritos sobreviveu ao tempo e, devido à grande distinção formal entre eles e o padrão da sátira romana, em geral não são alocados na mesma categoria da sátira formal à qual pertencem os autores aqui analisados. Assim, ainda que posteriormente suas obras tenham sido reconhecidas como sátiras, este processo não era tão claro para a audiência romana. In: GOLDBERG, Sander. "Lucilius and the *poetae seniores*". In.: BREED, Brian W.; KEITEL, Elizabeth; WALLACE, Rex. *Lucilius and Satire in Second-century BC Rome*. Cambridge University Press, 2018. Considerando esta divisão estabelecida pelos próprios romanos, o estado absolutamente fragmentário dos textos e a distância temporal dos autores em relação aos trabalhos aqui analisados, estabelecemos nosso recorte com os quatro autores tradicionalmente apontados como satiristas tanto pelos romanos como por comentaristas posteriores.

comentadores, foi ele quem passou a usar a sátira como forma de crítica social, além de fixar a métrica dos versos – após algumas experimentações – com o hexâmetro datílico, formato que foi mantido pelos demais satiristas aqui analisados²³⁴.

Contudo, ainda que tenha sido identificado como precursor deste gênero, o processo de classificação das obras em gêneros literários específicos tem sido revisado por estudiosos que destacam como esta divisão é formulada de maneira subjetiva e posterior ao processo de escrita²³⁵. Lucílio, segundo Goldberg, provavelmente não se enxergava como fundador, mas como alguém que estava estabelecendo experimentações em relação à escrita e à poesia. Porém, uma série de motivos (dentre os quais podemos destacar: as inovações apresentadas nos quesitos de métrica, temática e terminologia) favoreceram a popularidade de sua obra e, posteriormente, a fixação da métrica, ao servir de inspiração para Horácio, acabou por reforçar o título de fundador da sátira romana, como é apontado por Goldberg:

Ao contrário de Quintiliano, Velleius ou não tinha um termo ou não sentia a necessidade de um para identificar "o tipo de poesia que Lucílio escrevia". A mudança vem com Horácio. Seguindo os passos de Lucílio ele efetivamente definiu um gênero, retrospectivamente, através da criação de um outro corpus tão estreitamente alinhado à poesia de Lucílio que passou a precisar - e na sua segunda coleção a fornecer - um termo específico para descrever qual tipo de poesia Lucílio e Horácio escreveram.²³⁶

Dentre as suas influências, autores teatrais como Plauto e Terêncio se destacam. Da mesma forma, embora sua obra fosse voltada para a leitura, seu

²³⁴ CONTE, Gian Biagio. *Latin literature: a history*. JHU Press, 1999.

²³⁵ "Até mesmo a palavra 'sátira' é problemática, e não somente porque seu significado original é obscuro. É impossível datar e precisar o momento em que se tornou uma etiqueta genérica. O próprio Lucilius não usa apenas um termo para descrever sua escrita: *ludus ac sermones* "conversas lúdicas", *chartae* "anotações" (1014W[1084M]), e *schedia* "improvisações" (1131W [1279M]) são exemplos das denominações que aparecem nos fragmentos. A sátira no sentido moderno, i.e. "o tipo de poesia que Lucílio escrevia", não surge antes da segunda coleção de sermões de Horácio e não reaparece até o famoso catálogo de Quintiliano."; "The very word "satire" is problematic, and not just because its original meaning is obscure. Its emergence as a generic label is impossible to date. Lucilius himself uses no one term to describe his writing: *ludus ac sermones* "playful chats" (1039W [1039M]), *chartae* "jottings" (1014W [1084M]), and *schedia* "improvisations" (1131W [1279M]) all appear in the fragments. Satira in the modern sense i.e. "the kind of poetry that Lucilius wrote," does not appear until Horace's second collection of *sermones* and does not reappear until it introduces Quintilian's famous catalogue" In.: GOLDBERG, Sander. Op. Cit. p. 46-47.

²³⁶ "Unlike Quintilian, Velleius either had no term or felt no need for a term to identify "the kind of poetry that Lucilius wrote". The change comes with Horace. By following in Lucilius' footsteps, he in effect defined a genre in hindsight by creating another corpus aligned so conspicuously with the poetry of Lucilius that he needed – and in his second collection supplied- a specific term to describe que kind of poetry Lucilius and Horace wrote". Idem, Ibidem. p.47

formato dialógico permitia que fosse compreendida como um contínuo entre a prática cotidiana de discursos e discussões em ambientes públicos, transportada para o texto²³⁷, algo que transparece por meio da experimentação no uso do latim datado de meados do século II a.C. e de variedades linguísticas, estrangeirismos e variações entre o naturalismo e um texto mais estilizado, características inovadoras para a época²³⁸.

Tendo vivido no período das conquistas republicanas, a escrita de Lucílio se distingue de outros autores, segundo Paratore, por ser “*a primeira poesia romana que se nutre exclusivamente da crítica aos contemporâneos e aos seus vícios (...) fazendo entender que não é mais tempo de furores heroicos, que é necessário habituar-se a uma poesia tênue e sincera, que fale com voz modesta*”²³⁹. Comentários como este são, em parte, devidos aos ataques pessoais bastante ácidos, mesmo quando se dirigia às pessoas de relevância política e social como cônsules e censores²⁴⁰. Tais críticas surgem, primordialmente, associadas a uma grande preocupação sobre a definição e preservação da cultura romana, que, segundo Lucílio, estaria em extinção²⁴¹. Considerando o período de escrita da obra, estas conjecturas foram possivelmente influenciadas pelo contato com povos externos à península itálica, resultando na construção deste discurso de proteção daquilo que seria uma identidade romana.

Paratore²⁴² afirma que o desgaste pessoal foi responsável pela mudança de Lucílio, ao final da vida, de Roma para Nápoles. Mais importante do que possíveis consequências biográficas, é relevante destacar como a liberdade

²³⁷ BREED, Brian. “Lucilius Books” In.: BREED, Brian W.; KEITEL, Elizabeth; WALLACE, Rex. *Lucilius and Satire in Second-century BC Rome*. Cambridge University Press, 2018. p 57

²³⁸ “A linguagem das sátiras de Lucílio pode ocasionalmente aspirar a efeitos de naturalismo, como se documentassem a conversação do mercado, do prostíbulo ou da sala de jantar, mas ela também manifesta estilização e embelezamento dignos de Plauto ou Petrônio”; “*The language of Lucilius’ satires might occasionally aspire to effects of naturalism as if documenting the talk of the marketplace or brothel or dining room, but it also manifests stylization and embellishment worthy of a Plautus or a Petronius*”. BREED, Brian; WALLACE, Rex; KEITEL, Elizabeth. “Introduction”. In. BREED, Brian. Op. Cit. p.9.

²³⁹ PARATORE, Ettore. op.cit. P. 140

²⁴⁰ GOLDBERG, Sander. Op.cit.

²⁴¹ “Aqui está o que parece um papel para Lucílio representar, como defensor do bom latim, assim como da identidade romana, mas isso acaba inevitavelmente sendo uma negociação complicada. No livro I de Lucílio, por exemplo, já se está lamentando a morte da *Romanitas*, na cultura e na língua” “*Here is what looks like a role for Lucilius to play, as a defender of good Latin, along with Roman identity, but that turns out inevitably to be a complicated negotiation. Lucilius book I, for example, is already bewailing the death of Romanitas, in culture and in language.*” BREED, Brian; WALLACE, Rex; KEITEL, Elizabeth. “Introduction”. In. BREED, Brian. Op. Cit.p.8.

²⁴² PARATORE, Ettore. Op. Cit.

expressa pelo autor teria sido um problema para os satiristas que se seguiram. Isto porque, Lucílio teria tido acesso a um tipo de independência que, segundo Breed, diminui ao longo dos anos, fazendo com que as críticas, a ironia e a acidez apresentadas por ele se tornassem um padrão inalcançável para os poetas posteriores²⁴³.

Apesar do cunho autobiográfico e interpretações focadas nas relações interpessoais, como as apresentadas por Parattore²⁴⁴, análises mais recentes tendem a questionar esta percepção mais tradicional. Ainda que os temas abordados e o fato de se tratar de um gênero bastante crítico faça com que, tanto o autor como sua audiência tenham sejam associados à elite romana, Breed e Wallace²⁴⁵ defendem que Lucílio contava com uma audiência mais ampla, incluindo grupos menos favorecidos e populares. Logo, mesmo que a sátira tenha surgido como uma proposta textual²⁴⁶ e urbana, em contraposição às peças de teatro, por exemplo, especificamente no caso de Lucílio, ele próprio se apresenta, em sua obra, como porta-voz do povo romano e conforme é destacado por Breed, tais distinções entre uma leitura exclusiva da elite ou aquela que teria uma maior circularidade entre grupos populares não é clara: “*Essa confusão de sinais em direções diferentes torna difícil atribuir ao texto de Lucílio uma posição clara no contínuo ‘popular’ vs ‘elite’*”²⁴⁷.

Considerando os temas propostos por nós para análise, ao longo dos trinta livros de Lucílio, podemos observar a descrição de diferentes modelos de masculinidades. Múltiplos personagens nos são apresentados, alguns deles fictícios e outros, supostamente, inspirados em figuras reais e seus atos. Considerando nossos dois focos de análise, encontramos um número expressivamente maior de referências às práticas e hábitos alimentares e a sociabilidade envolvida nestes (em especial em banquetes), do que relatos sobre práticas sexuais, ainda que tenhamos algumas descrições esparsas pela obra de casos de adultério, por exemplo.

Ao contrário das demais obras, o texto de Lucílio, devido a precariedade de sua conservação, torna mais difícil a sua análise. Por este motivo, em diversos

²⁴³ BREED, Brian W.; KEITEL, Elizabeth; WALLACE, Rex (Ed.). *Lucilius and satire in second-century BC Rome*. Cambridge University Press, 2018. P. I-II

²⁴⁴ PARATORE, Ettore. *Op.cit.*

²⁴⁵ BREED, Brian. *op cit.*

²⁴⁶ BREED, Brian. “Lucilius Books”. In. BREED, Brian W.; KEITEL, Elizabeth; WALLACE, Rex (Ed.). *Lucilius and satire in second-century BC Rome*. Cambridge University Press, 2018. p. 57.

²⁴⁷ “*These mixed signals make it difficult to assign Lucillius’ text a stable position along a ‘popular’ vs. ‘elite’ continuum*” In. BREED, Brian W.; KEITEL, Elizabeth; WALLACE, Rex (Ed.). “Introduction”. *Lucilius and satire in second-century BC Rome*. Cambridge University Press, 2018.p.18

momentos a descrição das ações apresentadas podem parecer superficiais. No entanto, ponderando a importância de sua obra para os demais satiristas, buscamos apontar o máximo de referências possível, em especial para que pudéssemos estabelecer relações com os demais autores, motivo pelo qual, mesmo pequenos versos fragmentários foram apreciados. Consideramos também os comentários de seus contemporâneos para melhor compor os temas abordados²⁴⁸.

Horácio

Ao contrário de Lucílio, Pérsio e Juvenal, Horácio²⁴⁹ não se restringiu ao estilo satírico e explorou outros gêneros literários, como a poesia lírica, por exemplo. No que se refere à periodização de seu trabalho, conforme é apontado por Bradshaw²⁵⁰, ainda que existam alguns questionamentos sobre a sua data de nascimento, poucos personagens do meio literário têm a data da morte registrada, e Horácio é um deles, dado que reforçaria a visibilidade e status que o autor teria alcançado na sociedade romana.

Segundo as informações que chegaram até nós, retiradas das sátiras ou de comentadores contemporâneos, Horácio viveu de 65 a.C. até 8 a.C.²⁵¹ e acompanhou os momentos turbulentos da transição da República para o Império. Dentre os eventos que ele teria presenciado e participado ativamente estão as disputas relacionadas ao período do triunvirato (lutando contra Otávio e Marco Antônio) e, segundo algumas interpretações de trechos da sua obra, ele teria também participado da Batalha do Ácio (supostamente, Mecenas também estaria presente²⁵²).

²⁴⁸ Para tanto, utilizamos como referência a edição organizada por E.H. Warmington, para a Loeb.

²⁴⁹ Para a análise aqui apresentada utilizamos como referência a edição HORACE. *Satires, Epistles and Ars Poetica*. Tradução: FAIRCLOUGH, HR. Loeb Classical Library. Cambridge: Harvard University Press, 1928.

²⁵⁰ BRADSHAW, Arnold. "Horace's Birthday and Deathday". In: WOODMAN, Tony; FEENEY, Denis (Ed.). *Traditions and Contexts in the Poetry of Horace*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

²⁵¹ Bradshaw destaca como, ainda que a data de morte de Horácio seja aceita pela maioria dos estudiosos, seu nascimento é motivo de controvérsia, sendo que, possivelmente, alguns dos biógrafos teriam utilizado dados astrológicos ou vinculado a data da morte de Horácio com a de Mecenas. "Para sumarizar: Horácio provavelmente morreu em 27 de novembro B.C, conforme Suetônio, com 56 anos, mas não podemos ter tanta certeza a respeito desta data como temos a respeito do nascimento do poeta" ; "To sum up: Horace probably died on 27 november b.C., as Suetonius stated, aged 56, but we cannot be as sure of this date as we can be of the poet's birthday." BRADSHAW, Arnold. Op.Cit. p. 16

²⁵² BRADSHAW, Arnold. Op.Cit. p. 4

Horácio era filho de um liberto e, portanto, não descendente da elite romana, mas dependente de Mecenas, que lhe financiou e cedeu uma fazenda para que pudesse se dedicar exclusivamente à literatura²⁵³. Esta mudança para o campo aparece em sua obra, na qual a descrição do contraste entre cenários urbanos e rurais é recorrente. Um tema bastante explorado por Horácio é a relação com a comida, associando a culinária com noções de hospitalidade e ligando a alimentação a grupos sociais específicos. É relevante que, mesmo vivendo em um momento de expansão econômica, a sátira Horaciana apresenta uma visão dúbia sobre o luxo e a dispendiosidade da elite romana, variando os comentários entre o elogio e a recriminação destes comportamentos, de acordo com o contexto, muitas vezes relacionando com a esfera alimentar.

No que se refere a formação, Horácio frequentou a academia em Atenas²⁵⁴, contudo, conforme é apontado por Zetzel²⁵⁵, isto não se refletiu no uso de termos e expressões gregas em suas sátiras. Inicialmente influenciado pela literatura grega, o autor passa a defender uma escrita latina, como aparece em sua obra, seguindo padrões temáticos que eram explorados desde Ênio e sob a influência de Lucílio. Sobre a sua interação com os leitores, Horácio afirma que esperava que seu texto fosse lido por alguns, poucos, leitores de qualidade (Sat. I, 10, 72)²⁵⁶, dado que é compreendido como símbolo do diálogo com a elite romana como sendo o foco central de sua produção literária.

Ao analisarmos a obra de Horácio, observamos que dentre os temas selecionados para essa tese, o autor descreve e discute em diferentes momentos as práticas alimentares, em especial os banquetes e jantares, e de forma menos expressiva e mais localizada no início de sua obra, temas relacionados às práticas sexuais. Um ponto favorável do trabalho com o texto Horaciano é o estado de preservação da obra, permitindo uma análise mais aprofundada.

Para além dos temas aqui propostos para análise, cabe ressaltar como em diversos momentos, e em ao menos três sátiras específicas, Horácio apresenta motivos pelos quais ele deveria ou era levado a escrever sátiras e a função desta na sociedade. Em especial na quarta sátira do primeiro livro, que teria sido escrita antes

²⁵³ MUECKE, Frances. "Introduction". In. HORACE, *Satires II*. Aris & Phillips, 1997.

²⁵⁴ BRADSHAW, Arnold. Op.cit. p.9.

²⁵⁵ ZETZEL, James J. "Dreaming about Quirinus: Horace's *Satires* and the development of Augustan poetry. In: WOODMAN, Tony; FEENEY, Denis (Orgs) *Traditions and Contexts in the poetry of Horace*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

²⁵⁶ Idem.Ibidem. p.42.

do contato de Horácio com Mecenas, ele aponta como estaria escrevendo um tipo de texto semelhante ao de Lucílio, e que, embora não fosse a sua intenção, sempre teve facilidade em observar o comportamento alheio, e que a sua obra teria uma função social, de apresentar os *exempla* para a sociedade.

Aparentemente estas declarações tiveram grande repercussão no meio literário, fazendo com que Horácio abordasse novamente o tema na décima sátira do primeiro livro. Reforça que as críticas anteriormente apresentadas a Lucílio eram justas, que seria um erro escrever sátiras em grego e destaca as qualidades de uma boa sátira, dentre as quais uso do humor e clareza seriam essenciais²⁵⁷. Por fim, na primeira sátira de seu segundo livro, Horácio retoma o tema, em um diálogo imaginário com o interlocutor que deseja lhe convencer a parar de escrever sátiras, ao que Horácio afirma não ter talento para a poesia lírica e que, na verdade, não atacava ninguém com suas sátiras, mas se defendia, assim como um touro quando é obrigado a utilizar seus chifres.

Mais do que mera programática, ou seja, a listagem dos fatores que levariam alguém escrever sátiras, nos interessa observar como o satirista se apresenta ao longo destes textos: alguém predestinado a apontar e corrigir os comportamentos alheios, algo que lhe seria natural e necessário, fator que nos auxilia no processo de análise, em que o autor associa essa postura a sua integração com o gênero satírico. Cabe ressaltar que, comparativamente a Juvenal, por exemplo, o humor de Horácio apresenta-se menos ácido e mordaz, e, em alguns momentos, ele mesmo torna-se alvo das críticas apresentadas, fazendo-nos acreditar que, a ênfase na ideia de correção e dos *exempla* estaria mais voltada para uma questão do estilo literário do que um desejo pessoal em corrigir indivíduos e comportamentos.

Pérsio

Pérsio²⁵⁸ viveu no período entre 34 d. C e 62 d. C. e escreveu seis sátiras, preservadas em sua integralidade e publicadas após a sua morte. Dentre as

²⁵⁷ Idem.

²⁵⁸ Para a análise aqui apresentada utilizamos como referência a edição JUVENAL, D.; PERSIUS, *Satires*. Tradução de BRAUND, Susanna Morton. Loeb Classical Library. Cambridge: Harvard University Press, 2004.

influências estilísticas que lhe são atribuídas encontram-se o estoicismo e o cinismo, além de Lucílio, de quem copia a métrica, e Horácio²⁵⁹. Parattore²⁶⁰, ao criticar a obra de Pérsio afirma que seu texto era excessivamente “rebuscado” e engessado, sustentando que uma das poucas qualidades do mesmo era a defesa da moralidade. As experimentações textuais elaboradas por Pérsio são destacadas também por Braund²⁶¹, ao citar como seu texto hermético é um desafio para a tradução. Trata-se de uma crítica recorrente conforme podemos observar no trecho a seguir:

recentemente tentou-se reivindicar o valor poético das Sátiras de Pérsio; mas todo o esforço surtiu apenas o efeito de isolar três ou quatro imagens, três ou quatro passagens breves em que o leitor respira numa atmosfera menos obscura e tenebrosa: assim, por exemplo, o motivo inicial da sátira terceira, com o diálogo entre o *jovem senhor* e seu companheiro, assim as expressões afetuosas para com Cornuto, no início da sátira quinta. O pior é que Pérsio fundou, no campo da sátira de tipo horaciano, uma nova tradição: a do estilo obscuro, rebuscadamente arquitetado com construções preciosas.²⁶²

A apreciação descrita por Parattore no trecho acima nos parece muito mais relativa ao teórico que aos contemporâneos de Pérsio, uma vez que mesmo Parattore reconhece que o satirista teve grande aceitação nos círculos romanos, sendo elogiado pelo gramático Quintiliano, em sua compilação de autores latinos. Ou seja, seus versos eram apreciados na Antiguidade, e essa percepção de que ele simbolizaria uma escrita rebuscada cujo único valor reside nas lições apresentadas pelo texto, faz parte de uma retórica moderna sobre o autor.

Conte, por sua vez, afirma que, junto a Juvenal, Pérsio foi responsável por mudanças na recepção das sátiras, que teriam passado a ser destinadas a um público mais amplo²⁶³, que se estendia para além de amigos próximos dos autores,

²⁵⁹ CONTE, Gian Biagio. *Latin literature: a history*. JHU Press, 1999. p.467.

²⁶⁰ PARATTORE, Ettore. “Pérsio”. Op.Cit.

²⁶¹ BRAUND, Susana. “Introduction”. In. JUVENAL, D.; PERSIUS, *Satires*. Tradução de BRAUND, Susanna Morton. Loeb Classical Library. Cambridge: Harvard University Press, 2004.

²⁶² PARATTORE, Ettore. Op. Cit. P. 617.

²⁶³ “As inovações são consideráveis tanto em relação à forma que assume a sátira quanto em relação a sua audiência. As sátiras de Lucílio e Horácio tinham como provável audiência o seu círculo de amigos, enquanto que as de Pérsio e Juvenal, embora formalmente endereçadas a um indivíduo, são na verdade direcionadas para um público geral de leitores-ouvintes, perante os quais o poeta assume o papel de um censor moral” *“The innovations are considerable in regard both to the form that satire now takes and to the audience for the work in society. The satires of Lucilius and Horace assumed as a likely audience the circle of their friends, whereas those of Persius and Juvenal, even though formally addressed to an individual, are actually directed to a general public of reader-listeners, before whom the poet plays the part of a censor of vice and morals.”* CONTE, Gian Biagio. *Latin literature: a history*. JHU Press, 1999. p. 467.

sendo lidas em voz alta, em público. Para além disso, no que diz respeito aos temas e abordagens apresentados por Pérsio, dentre as características ressaltadas sobre sua obra por diferentes comentadores, destaca-se a influência do estoicismo, estabelecida graças ao seu tutor, Annaeus Cornutus, que é citado em alguns trechos e teria sido responsável pela edição do texto após a sua morte. As referências ao tutor e a filosofia estóica favoreceram a interpretação de Pérsio como tendo uma forte carga moral em sua obra, elemento que o teria levado a escrever Sátiras, interpretação que reforça a percepção casuística sobre a escolha do gênero literário e sua função por parte dos autores:

Pérsio, diversas vezes, especialmente nos poemas mais evidentemente programáticos, retorna aos motivos para suas escolhas literárias: em conformidade com a concepção moral-pedagógica de literatura defendida pelos estóicos, sua poesia é inspirada principalmente por uma necessidade ética, a necessidade de expor e combater a corrupção e a vileza, razão pela qual é polemicamente oposto às modas literárias da época. Para o moralista Pérsio, a poesia contemporânea estaria arruinada por uma degradação do gosto que é também um sinal de falta de valor moral.²⁶⁴

No entanto, ainda que de fato a influência do estoicismo seja perceptível em sua obra, entendemos que a interpretação dos dados ali narrados podem ir além do reconhecimento das narrativas apresentadas como tratado moralista, não restringindo assim as possibilidades de leitura das mesmas.

Dentre os autores aqui analisados, Pérsio tem o menor número de versos, fazendo com que, em comparação aos demais, ele esteja menos presente nas análises propostas.

Juvenal

²⁶⁴“*Persius, several times, especially in the more evidently programmatic poems, returns to the reasons for his literary choices: in conformity with the moral-pedagogical conception of literature that was held by the stoics, his poetry is inspired more than anything by an ethical need, the need to expose and combat corruption and vice, and for that reason it is polemicly opposed to the literary fashions of the day. For the moralist Persius, contemporary poetry is ruined by a degeneration in taste that is also a sign of moral worthlessness.*” CONTE, Gian Biagio. *Latin literature: a history*. JHU Press, 1999.p.469.

O último dos poetas aqui apresentados, Juvenal²⁶⁵ viveu durante o século I d.C. Suas dezesseis sátiras são consideradas por alguns comentaristas como o ápice do desenvolvimento do gênero em Roma. No que se refere ao modo de escrita, Juvenal apresenta referência e citações, em especial de Lucílio e Horácio, fato que o ajudava a ser reconhecido como autor satírico. Temos poucas informações biográficas sobre Juvenal, uma vez que, ao contrário dos demais autores aqui apresentados, ele é pouco citado por seus contemporâneos, sendo apenas alvo de três epigramas de Marcial, que o elogia por seu talento oratório e pela crítica à vida frenética em Roma. Assim como outros autores romanos sobre os quais temos poucas informações, existem algumas especulações sobre a biografia de Juvenal.

No que se refere à popularidade de sua obra, conjuntamente às sátiras de Pérsio (ambos autores são reunidos em um único manuscrito proveniente do séc. IX), seus textos alcançaram certa popularidade durante o período medieval graças a interpretação destes como sendo obras de fundo moralista, segundo Paratore. A interpretação de seu texto como tendo uma grande preocupação com aspectos morais da sociedade romana, bem como do questionamento desta moral é relatado também por Conte:

Juvenal recusa a conformar-se, em outras palavras, com a tradição satírica anterior, reflexiva e racionalista, mas sua rejeição daquela tradição é mais geral: ele ataca as próprias formas do raciocínio e do juízo moral, as categorias e estruturas do pensamento moral romano²⁶⁶

Cabe ressaltar que, embora tenhamos apresentado breves considerações sobre as vidas dos autores, mais do que entender os textos como parte da biografia dos autores (mesmo quando estes escrevem em primeira pessoa), iremos estabelecer nossas interpretações a partir dos aspectos que associam estes textos ao humor e ao riso, pois são os elementos que unem os trabalhos aqui

²⁶⁵ Para a análise aqui apresentada utilizamos como referência a edição JUVENAL, D.; PERSIUS, *Satires*. Tradução de BRAUND, Susanna Morton. Loeb Classical Library. Cambridge: Harvard University Press, 2004.

²⁶⁶ “Juvenal refuses to conform, in other words, to the earlier rationalistic and reflective tradition of satire, but his rejection of that tradition is more general: it attacks the very forms of moral reasoning and judgement, the categories and structures of Roman moral thought” Conte, Gian Biagio. *Latin literature: a history*. JHU Press, 1999. p.475

apresentados, considerando que estes possivelmente alcançaram uma audiência mais ampla do que a elite romana, dialogando com outros grupos sociais.

Assim, considerando as especificidades sobre o riso e as características das sátiras aqui elencadas, iremos analisar, nos próximos dois capítulos, como a percepção das masculinidades romana é apresentada e construída por estes textos, considerando as práticas alimentares e sexuais. Além de serem esferas que aparecem de forma recorrente nas sátiras, alguns elementos corroboraram para esta decisão, como o fato de ambas comportarem ações realizadas em companhia de outros indivíduos, perpassam a corporificação da prática analisada e, são temas que foram considerados mundanos, menos relevantes, por estudiosos em determinados momentos. Contrapor as construções de gênero a partir destas esferas permite questionar modelos elaborados a partir de princípios filosóficos e observar como se davam as relações de poder e disputas na sociedade romana.

4 – *Bene cocto et condito*: as práticas alimentares e a construção da masculinidade

Tendo em mente o papel desempenhado pela recepção da antiguidade ao longo da história, tentamos demonstrar, como se deu a construção de modelos de comportamento e masculinidade a partir do passado romano. Para além do ideal de *uirtus*, vinculado à conduta apresentada pelos cidadãos pertencentes à elite, recorrente na historiografia sobre Roma e utilizado como modelo em diferentes momentos históricos²⁶⁷, acreditamos que a construção de percepções sobre a masculinidade na sociedade romana se dava de forma complexa e não linear, o que pode ser observado ao atentarmos para relatos sobre o dia a dia dos romanos.

Notamos, porém, que, mesmo trabalhos históricos recentes²⁶⁸, que analisam textos de viés cômico ou satírico, acabam por reforçar a percepção de uma virilidade embasada em potência sexual e militar, sem considerar a especificidade das fontes²⁶⁹. Por outro lado, na internet e em obras voltadas para um público mais amplo, ocorre a popularização de ideais de virilidade identificados como romanos, bem como de aprendizados oriundos da releitura de correntes filosóficas da antiguidade, em especial do estoicismo, fazendo com que tais modelos de masculinidade sejam apresentados como sendo desejáveis também na contemporaneidade²⁷⁰.

Contudo, o gênero perpassa uma multiplicidade de esferas do cotidiano. Para além dos elementos tradicionalmente associados à virilidade, virtude e à concepção de masculinidade romana, tais como a ação política e militar²⁷¹, as inferências de gênero podem ser encontradas em diferentes áreas da vida, expondo a complexidade das relações sociais, conforme é descrito por Connel e Pearse: *“Acima de tudo o Gênero é uma questão de relações sociais dentro das quais*

²⁶⁷ MCDONNELL, Myles. *Roman Manliness: "Virtus" and the Roman Republic*. Cambridge University Press, 2006.

²⁶⁸ THUILLIER, Jean-Paul. Virilidades Romanas: *vir, virilitas, virtus*. In.: CORBIN, Jean-Jacques Courtine, VIGARELLO, Georges. Petrópolis-RJ: Vozes, 2013. Pp.71-124.

²⁶⁹ Neste trabalho específico, Thuillier utiliza um número reduzido de autores, muitos dos quais escrevem textos com teor satírico e/ou cômico, ignorando este aspecto e reforçando uma idealização dos homens romanos com atribuições vinculadas à virtude moral e atlética, bem como ao número de conquistas sexuais. Trata-se de uma obra que, por fazer parte de uma coletânea, reforça a ideia de um modelo de masculinidade ocidental que teria início na Antiguidade Clássica ao mesmo tempo em que alcança um público mais amplo, não restrito aos meios acadêmicos. *Idem*. *Ibidem*.

²⁷⁰ ZUCKERBERG, Donna. *Not all dead White men*. Harvard University Press, 2018.

²⁷¹ MCDONNELL, Myles. *Roman Manliness: "Virtus" and the Roman Republic*. Cambridge University Press, 2006.

*indivíduos e grupos atuam*²⁷². Neste sentido, tal processo é transpassado por um aspecto corpóreo:

Simultaneamente, corpos são objetos e agentes das práticas sociais. Os mesmos corpos são envolvidos formam estruturas sociais e trajetórias pessoais, o que, por sua vez, fornece condições para novas práticas nas quais os corpos são envolvidos. Processos corporais e estruturas sociais se conectam pelo tempo. Somam-se ao processo histórico no qual a sociedade é corporificada e os corpos são arrastados para a história.²⁷³

Assim, práticas alimentares e sexuais são ações que, fisiologicamente, são fontes de prazer, mas também práticas sociais²⁷⁴ que atuam de forma incisiva sobre o corpo dos indivíduos, e o fazem por meio de processos marcados pelo gênero. Por meio de ambas, podemos observar relações de interesse, mutualidade, exercício de poder e exclusão, seja entre grupos ou indivíduos, processos vinculados à percepção da masculinidade dos envolvidos.

O ato de comer, contrariamente a outras ações cotidianas (ainda que estas também possam ser analisadas segundo a sua historicidade), destaca-se como agregador social, sendo comumente realizado em grupo e/ou de forma pública, permeado, portanto, por valores e signos sociais expressos por meio do que está sendo consumido, onde, como e em qual companhia²⁷⁵. Neste sentido, a

²⁷² CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. *Gênero: uma perspectiva global*. São Paulo: nVersos, 2015. P.47.

²⁷³ Idem. Ibidem. P.112

²⁷⁴ Como é apontado por John D'Arms "Longe de serem frívolos ou triviais, os hábitos alimentares de uma dada sociedade são aspectos fundamentais da cultura e portanto socialmente expressivos: eles podem ser guias para a proximidade e para a distância sociais; para status e fraternidade ritual; para superioridade e subordinação políticas. Isto se torna claro de imediato quando se reconhece que "necessidades" biológicas, em termos dietéticos, pouco tem a ver com aquilo que de fato consumimos, ou a ordem, as ocasiões e os rituais sociais envolvidos em torno de nosso consumo." *"Far from being frivolous or trivial, the food habits of any society are fundamental aspects of culture, and so are socially expressive: they can be guides to social proximity and social distance; to ritual fraternity and to status; to political superiority and subordination. This becomes clear at once, when its recognized that biological "needs", in dietary terms, have little to do with what in fact we consume, or the order, the occasions, the social rituals which come to cluster around our consumption of it"* D'ARMS, John. "Control, companionship, and clientela: some social functions of the Roman communal meal". *Echos du monde classique: Classical views*, v. 28, n. 3, p. 327-348, 1984. p. 327

²⁷⁵ STEPHENSON, John. "Dining as a spectacle in Late Roman Houses" In. *Institute of classical studies*. Londres: University of London. 2016.; DUNBABIN, Katherine MD. *The Roman banquet: images of conviviality*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003; reforçam essa perspectiva, do aspecto social dos banquetes e de como estes processos teriam se modificado ao longo do tempo. Para tanto o fazem a partir de evidências da cultura material e da análise de sítios arqueológicos que contemplam espaços voltados para a realização de banquetes. Stephenson, por exemplo, afirma que: "A refeição comum romana, a *cena* ou *convivium*, era mais do que mera oferta de comida para família e *amici*; era um cenário preferencial para a encenação de um mundo ideal, no qual o anfitrião podia aparecer como um benfeitor poderoso e generoso perante um seleto círculo de amigos" "The roman communal dinner, the *cena* or *convivium*, was more than just an offering of food to *amici* and family; it was a preferred setting for the enactment of an ideal world, in which the patron could appear as a

maioria dos trechos aqui analisados são relativos à banquetes e jantares, refeições elaboradas em grupo, de forma comunal, relatos que, por meio de descrições relacionadas à alimentação, nos permitem vislumbrar tanto aspectos relacionados às interações sociais, bem como à masculinidade, seja ela hegemônica ou dissidente. Justamente por ser um espaço que, na sociedade romana, servia para a performance pública, de apresentação e contato com grupos sociais distintos, jantares e banquetes nos permitem analisar a corporificação do gênero por meio das práticas alimentares, assim como a sociabilidade que lhe é vinculada.

Temática profícua para estudos relacionados à história social, cabe ressaltar que, como é apontado por Dudabín²⁷⁶, tendo sido alvo da atenção de renascentistas e de pesquisadores até meados do século XIX, as práticas alimentares em Roma acabaram relegadas ao segundo plano ao longo do século XX, apresentadas como curiosidades em trabalhos sobre a vida cotidiana. O tema passa a receber maior atenção por parte dos historiadores a partir da década de 1980, sob a influência da história cultural²⁷⁷, em um período em que temas como sexualidade e gênero também ganharam espaço em pesquisas sobre o mundo greco-romano. Trata-se de uma área que foi favorecida pelo contato com uma grande variedade de vestígios: materiais, epigráficos²⁷⁸, imagéticos e arqueológicos, repensando tanto a idealização dos banquetes em monumentos funerários²⁷⁹ até a identificação de diferentes padrões alimentares por meio da paleoantropologia²⁸⁰.

Dentre os registros sobre os hábitos alimentares romanos, as representações de jantares e banquetes são múltiplas, e apontam para o fato de que tais práticas variavam de acordo com o espaço/localidade e ao longo do tempo. Assim ressaltamos que, as obras aqui analisadas o são a partir do reconhecimento delas como produções associadas à península itálica, majoritariamente a cidade de

generous and commanding benefactor before a select circle of friends.” In: STEPHENSON, John. “Dining as a spectacle in Late Roman Houses” In: Institute of classical studies. Londres: University of London. 2016. P. 60

²⁷⁶ DUNBABIN, Katherine MD. *The Roman banquet: images of conviviality*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

²⁷⁷ Idem. *Ibidem*.

²⁷⁸ WOOLF, Greg. Food, poverty and patronage: the significance of the epigraphy of the Roman alimentary schemes in early imperial Italy. *Papers of the British School at Rome*, v. 58, p. 197-228, 1990.

²⁷⁹ ROLLER, Matthew B. “Horizontal women: posture and sex in the Roman convivium”. In.: *American journal of philology*, v. 124, n. 3, p. 377-422, 2003.

²⁸⁰ KILLGROVE, Kristina; TYKOT, Robert H. “Food for Rome: a stable isotope investigation of diet in the Imperial period (1st–3rd centuries AD)”. *Journal of Anthropological Archaeology*, v. 32, n. 1, p. 28-38, 2013.

Roma, uma vez que, o consumo de alimentos era relacionado à construção de identidades étnicas e variava de forma expressiva em diferentes espaços do território imperial, de acordo com influências locais²⁸¹.

No que se refere ao aspecto social das práticas alimentares, a comensalidade envolvida nos atos de comer e beber era intrinsecamente ligada ao tecido social romano, e, portanto, plena de significados, como é descrito por Dundabin:

O comer e o beber comunais eram um dos mais importantes rituais sociais no mundo romano, fortemente entrelaçados na tecitura da vida doméstica e pública. Banquetes comunais representavam um papel essencial nas relações de membros da elite com seus dependentes, com seus potenciais apoiadores ou até mesmo com a comunidade inteira, bem como nas suas interações entre si, marcando as humildes reuniões da não-elite, escravos libertos e às vezes escravos não-libertos em suas guildas e associações religiosas.²⁸²

Assim, no que se refere à relevância das práticas alimentares para os romanos, social e culturalmente, esta pode ser observada por meio das várias referências presentes em registros textuais, mas também, como apontamos, com o apoio da arqueologia nos espaços destinados à alimentação nas casas romanas, na iconografia e nas obras mortuárias. A presença do tema na literatura, seja em obras de ficção ou não, é ampla e variada. Para além dos banquetes e jantares, outros aspectos das práticas alimentares também são recorrentes, seja nas comédias ou mesmo em obras filosóficas, inclusive com a defesa e prescrição de formas de alimentação consideradas adequadas. Conforme é apontado por Grimm²⁸³, a alimentação era parte central nos rituais religiosos, bem como na vida familiar e social, sendo abordada de forma normativa por médicos e filósofos, vinculada a questões morais e de bem-estar físico²⁸⁴.

²⁸¹ Assim, mesmo quando ocorre a descrição de práticas estrangeiras, como hábitos pertencentes aos gregos e egípcios tais descrições (e críticas) são elaboradas a partir do olhar romano, em um gênero que se identifica como originalmente romano, para uma audiência majoritariamente romana.

²⁸² "Convivial eating and drinking formed one of the most significant social rituals in the Roman World, inextricably interwoven into the fabric of public and domestic life. Communal banqueting played an essential role in the relationships of members of the elite with their dependents, with their potential supporters, or even with their entire community, as well as in their interaction among themselves, it marked the humble gatherings of the nonelite, of freedmen, and sometimes slaves in their guilds and religions associations" DUNBABIN, Katherine. *The Roman banquet: images of conviviality*. Cambridge University Press, 2003.

²⁸³ GRIMM, Veronika, "On Food and the body". In: POTTER, David. *A companion to the Roman Empire. A companion to the Roman Empire*. Malden, MA: Blackwell, 2006.

²⁸⁴ "Na ausência de injunções morais divinas, os filósofos humanos e outros guardiões da moralidade se preocuparam a respeito de como deve-se viver uma vida ética, e antigos "profissionais da saúde", médicos e treinadores atléticos, davam conselhos sobre saúde. A comida era uma preocupação

4.1 - Discussões sobre práticas alimentares na filosofia, literatura e outros vestígios escritos

Considerando assim, a relevância dos hábitos alimentares, o tema foi abordado em diversas formas de registros escritos, para além da literatura. Especificamente no que se refere à filosofia, Scade²⁸⁵ afirma que diferentes correntes, em especial o estoicismo e o epicurismo construíram uma ética minimalista frente às práticas alimentares, uma vez que, mesmo os epicuristas, que possuíam uma visão mais hedonista de mundo, alertavam para os limites ao prazer proporcionado por tal comportamento²⁸⁶. Dentre os estóicos a preocupação com a alimentação pode ser observada, por exemplo, em Sêneca, cujos textos são permeados de referências às práticas alimentares. Hay²⁸⁷ destaca como, ao contrário de outros autores “sérios”, Sêneca inclui temas gastronômicos em seus textos, de forma a materializar no corpo a natureza dos argumentos apresentados, inserção não restrita aos textos de teor satírico, mas que abrange os trabalhos filosóficos do autor²⁸⁸. Os conselhos sobre as práticas alimentares apresentados por Sêneca não se destinavam aos sábios que já teriam controle de seu

central tanto para o bem estar físico quanto moral.”; *“In the absence of God-given moral injunctions, human philosophers and other guardians of morality worried about how one should live an ethical life, and ancient “healthcare professionals,” doctors and athletic trainers, gave advice about health. Food was a central concern for both moral and physical well-being”*. 354. GRIMM, Veronika, On Food and the body. In: POTTER, David. *A companion to the Roman Empire*. Malden, MA: Blackwell, 2006.

²⁸⁵ SCADE, Paul. “Food and Ancient Philosophy”. In: WILKINS, John; NADEAU; Robin. *A Companion to Food in the Ancient World*. New Jersey: John Wiley and Sons, 2015. Pp.68-75

²⁸⁶ “Comer em excesso, por tanto, não serve para aumentar o prazer na proporção da quantidade consumida, já que quando o apetite foi saciado e atingiu-se um estado de prazer não há maior prazer a ser ganho através da alimentação.”; *“Unrestrained feasting will not, then, serve to increase pleasure in proportion to the quantity consumed, since when the appetite has been sated and one has achieved a state of pleasure there is no greater pleasure to be gained from eating.”* SCADE, Paul. “Food and Ancient Philosophy”. In: WILKINS, John; NADEAU; Robin. *A Companion to Food in the Ancient World*. New Jersey: John Wiley and Sons, 2015. P.72

²⁸⁷ HAY, Christine Richardson. “Dinner at Seneca’s Table: The Philosophy of food” In: *Greece and Rome*, second Series. Vol. 56, nº1 (abril, 2009), pp 71-96

²⁸⁸ “A comida é um requisito físico para a vida, mas sua natureza fascinante e seu uso frequentemente incorreto a tornam um meio relevante de impor idéias (...) A filosofia é “corporalizada”, o materialismo do corpo fundamentando concepções, idéias e argumentos em uma tangibilidade e substância que salienta a atualidade e autenticidade da verdade filosófica e da expectativa moral” *“Food is a physical requirement of life, but its tantalizing nature and frequent misuse make it an easy and relevant means of enforcing ideas. (...) Philosophy is ‘corporealized’, the materialism of the body grounding conceptions, ideas, and arguments into a tangibility and substance that underscores the actuality and authenticity of philosophical truth and moral expectation.”* HAY, Christine. op.cit.P.93

comportamento, mas eram indicados como caminho, um processo de transformação e aperfeiçoamento²⁸⁹, ou seja, como modelo para os leitores.

Além das implicações morais relacionadas às práticas alimentares, elas também foram associadas às ideias de bem-estar físico, comentadas por médicos do período, como pode ser atestado a partir dos registros deixados por Galeno. As recomendações médicas no mundo romano apontavam para a alimentação como elemento central para uma vida saudável, enquanto a busca por remédios e drogas curativas ocorreria apenas esporadicamente, como última opção²⁹⁰.

Desta forma, considerando a permeabilidade do tópico em diferentes esferas da sociedade romana, não é estranho que existissem obras específicas dedicadas ao tema. Dentre as obras de não-ficção sobre alimentação produzidas em Roma, destaca-se o livro de Apicius, escrito no século I d.C, o qual, embora tenha sido categorizado como exemplar de texto culinário, não apresenta propriamente receitas, mas notas sobre alimentos e suas qualidades e características²⁹¹. Assim, Nadeau, por exemplo, argumenta que a escrita sobre as práticas alimentares derivava do interesse e desejo de intelectuais e de grupos elitizados discutir sobre a alimentação (uma vez que a maioria dos cozinheiros era iletrada e livros eram objetos caros), e que obras como o livro de Apicius seriam voltadas para a formação de um público que entendia esse tema como parte de uma discussão científica e filosófica²⁹², que estaria sendo educado no tema, entendido como uma demanda social, e identificado como sinal de status e educação.

No que se refere à literatura, a citação e discussão de práticas alimentares varia de acordo com os gêneros literários. A épica e a tragédia, por

²⁸⁹ “o estoicismo, especialmente como apresentado por Sêneca nas *Epistulae Morales*, não era uma filosofia para o infalível homem sábio que já havia alcançado ou provavelmente iria logo alcançar a perfeita sabedoria. Mesmo no fim de sua vida, Sêneca ainda considerava-se um *proficiens* e nunca tinha medo de afirmar suas próprias fraquezas (epp. 6.1;7.1-2;8.2;57.3;71.30; 87.4-5). Afinal, a ênfase dos ensinamentos de Sêneca e do estoicismo em geral, eram na integridade individual e na motivação e esforço de cada pessoa na tarefa de atingir seus objetivos e viver a vida boa como um indivíduo feliz, livre e lúcido.”; “*stoicism, especially as Seneca presents in the Epistulae Morales, was not a philosophy for the infallible wise man who had already reached or was likely soon to achieve perfect wisdom. Even at the end of his own life, Seneca still regarded himself as a proficiens and was never afraid to state his own inadequacies (epp. 6.1;7.1-2;8.2;57.3;71.30; 87.4-5). Hence the emphasis of Seneca’s teaching, and Stoicism in general, was on individual integrity and the motivation and effort of each person to accomplish their goals and live the good life as a happy, free, and knowing individual.*” HAY, Christine. op.cit.P. 80-81

²⁹⁰ WILKINS, John. “Medical Literature, Diet, and Health” In. WILKINS, John; NADEAU; Robin. *A Companion to Food in the Ancient World*. New Jersey: John Wiley and Sons, 2015.

²⁹¹ NADEAU, Robin. *Cookery Books*. In. WILKINS, John; NADEAU; Robin. *A Companion to Food in the Ancient World*. New Jersey: John Wiley and Sons, 2015.

²⁹²Idem. p.57

exemplo, eventualmente citam banquetes, contudo, com poucas informações sobre os alimentos consumidos, são relatos vagos, em parte porque tratava-se de um tema considerado mundano, como é argumentado por Leigh²⁹³. Em compensação, em outras áreas da literatura romana, como as marcadas pelo riso, a alimentação ganha destaque, em especial nas sátiras e comédias²⁹⁴. Assim, ainda que os temas aqui trabalhados sejam citados em outros textos, a sátira, particularmente, nos é vantajosa por apresentar o tema de forma detalhada, os alimentos consumidos e também ritos e marcadores sociais relacionados.

Contudo, como apontamos anteriormente, na maior parte do século XX, o estudo sobre as práticas alimentares romanas foi relegado ao segundo plano, apresentado de forma superficial em trabalhos sobre a vida cotidiana. Ao longo deste período, dentre os trabalhos sobre o tema da alimentação e da comensalidade, destacam-se as citações sobre a *Cena Trimalchionis*, apresentada no *Satyricon*, de Petrónio²⁹⁵. Ainda que a obra em questão não faça parte do grupo de textos aqui propostos para análise, cabe ressaltar o impacto que o relato de Petrónio sobre o jantar realizado por um liberto teve na elaboração de interpretações sobre o funcionamento dos banquetes e da comensalidade envolvida, em especial, daquela relacionada ao período imperial.

Petrônio descreve Trimalcião como um liberto extremamente rico, ao qual os leitores são expostos quando os protagonistas participam do banquete que o primeiro estava oferecendo. O texto destaca, de forma bastante gráfica, o luxo da casa e da refeição oferecida por Trimalcião, ao mesmo tempo em que descreve como o anfitrião, embora abastado, não dominava os signos da elite romana, confundindo elementos da mitologia, cometendo pequenas gafes enquanto tentava reproduzir um discurso que se propunha sábio e filosófico, alcançando o resultado oposto, sendo relatado como uma pessoa prepotente e ridicularizado por este comportamento.

²⁹³ LEIGH, Matthew. "Food in Latin literature". In: WILKINS, John; NADEAU; Robin. *A Companion to Food in the Ancient World*. New Jersey: John Wiley and Sons, 2015.

²⁹⁴ "Os romanos tinham uma clara noção da hierarquia entre os gêneros. A épica e a tragédia são as formas realmente elevadas e os deuses, heróis e reis que as populam são caracteristicamente desconectados de questões banais como o que eles comerão no almoço. Isso não é assim para os gêneros baixos - comédia, sátira, epigrama e romance - nos quais toda a vida humana está a mostra."; "*The romans had a clear sense of the hierarchy of genres. Epic and tragedy are the truly lofty forms and the gods, heroes and kings who populate them are characteristically detached from questions as banal as what they can expect for lunch. Not so those lower genres – comedy, satire, epigram, and the novel – where all human life is on display*". Idem. *Ibidem*. P.51.

²⁹⁵ PETRÔNIO, *Satíricon*. Tradução de Cláudio Aquati. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

No que concerne à interpretação deste personagem, análises que criticavam e questionavam o luxo apresentado pelo liberto, que o descreviam como um indivíduo com dificuldades de integração à sociedade²⁹⁶, ou ainda, que apontavam semelhanças entre o comportamento de Trimalcião e o do imperador Nero tendem a focar no exagero e na abundância descritas por Petrônio, não sendo incomum que este trecho seja utilizado para representar a importância dos banquetes em Roma, como é apresentado a seguir:

Ascilto e Encolpo são convidados para jantar na casa de Trimalcião, o rico liberto que conheceram nos banhos. A entrada da bela morada de Trimalcião surpreendeu bastante os dois companheiros por suas pinturas e seu grande aviso “Cuidado com o cão”, sob o qual estava representado um feroz canzarrão acorrentado. E, quando estão para entrar na sala de refeições, um escravo encarregado do serviço exclama “com o pé direito!” Portanto, com medo de desagradar aos deuses, os convivas trataram de atravessar o limiar com o pé correto. O luxo exibido durante esse jantar que Petrônio descreveu à maneira de uma sátira em seu romance assinala um paroxismo na evolução dos prazeres da mesa na Antiguidade romana. Muito cedo na história, a refeição noturna, a única importante para os romanos em seu dia-a-dia, tornou-se um verdadeiro momento de relaxamento, objeto de todas as atenções e refinamentos. Depois de um dia com frequência agitado, o fato de voltar para casa (ou ir à casa de amigos) para passar três horas - ou mais - relaxando em torno de uma mesa bem servida tornou-se a manifestação mais evidente de uma arte de viver à romana. O jantar, muitas vezes seguido por uma longa bebedeira que se prolongava até a alvorada na casa dos mais devassos, era de fato todo um espetáculo onde havia música, canto danças e jogos diversos, nem sempre de muito bom gosto quando a sobriedade dos convivas estava sensivelmente atingida.²⁹⁷

Podemos observar como Robert, ainda que afirme que o texto em questão tem um viés satírico, acaba por utilizar o exemplo de Petrônio para apontar a relevância social do banquete, o que era esperado do mesmo, e, qual era o comportamento dos convidados. A associação entre o que é apresentado por Petrônio como uma possibilidade de “espionar” a interação existente num banquete romano é recorrente²⁹⁸.

Dentre as interpretações apresentadas para a *Cena Trimalchionis* ao longo do tempo, a ideia de que se trataria de uma representação crítica da corte

²⁹⁶ A interpretação de que Trimalcião é um pária que vive em uma espécie de limbo social é exposta por Veyne, ao utilizá-lo como representante do espaço ocupado pelos libertos na sociedade romana do período imperial. VEYNE, Paul. “O Império Romano”. In.: ÁRIES, Pierre; DUBY, Georges. (orgs.) *História da Vida Privada Vol. I*. São Paulo, Companhia das Letras, 1990. P. 85.

²⁹⁷ ROBERT, Jean-Noël. *Os prazeres em Roma*. São Paulo: Martins Fontes, 1995. p. 121-122

²⁹⁸ Carcopino em sua obra sobre a vida cotidiana na Roma Antiga, cita Nero e Trimalcião, lado a lado, comparando a similitude da duração dos jantares oferecidos por ambos. CARCOPINO, Jérôme. *A vida cotidiana em Roma no Apogeu do Império*. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

neroniana é comum. Associações mais diretas afirmavam que o retrato ali apresentado teria sido feito com o intuito de ridicularizar o imperador, enquanto outras obras associam Trimalção a Nero de forma mais sutil, apresentando semelhanças entre os banquetes oferecidos por ambos²⁹⁹. A narrativa de Petrônio é bastante sedutora, em parte devido a teatralidade com a qual o autor descreve os eventos ao longo de sua obra³⁰⁰, bem como graças a grande quantidade de detalhes e linguagem utilizados que podem levar à percepção de que os fatos ali narrados seriam exemplos da realidade romana. Apresentamos o exemplo das interpretações relativas a *Cena Trimalcionis* pois acreditamos que, devido ao teor satírico da obra petroniana, esta apresenta pontos de diálogo com os textos aqui analisados.

Destarte entendemos que as diversas descrições de banquetes e de aspectos associados à esfera alimentar nas Sátiras aqui examinadas, com a ênfase nas relações e comportamentos entre personagens majoritariamente masculinos, confirma como as práticas alimentares eram um setor essencial para a construção e compreensão das masculinidades e das relações de poder entre romanos, uma vez que o ato de se alimentar de forma comunal em Roma raramente ocorre em um ambiente neutro, mas em espaços marcados por diferenças políticas e sociais³⁰¹.

Dupont aponta que os processos de produção e consumo de alimentos no mundo antigo são marcados por questões de gênero, o qual, por vezes, se apresenta de forma instável quando relacionados às práticas alimentares³⁰², ou seja,

²⁹⁹ Exemplo de interpretação que acaba por considerar a descrição de Petrônio como retrato dos banquetes romanos e, em especial, semelhante aos oferecidos por Nero, “Na casa Dourada que mandou construir, Nero concebera a sala principal de refeições à imagem do universo. Era redonda e girava o tempo todo, dia e noite, para imitar o movimento do mundo. O teto, feito de plaquinhas móveis de marfim, deixava cair perfumes e flores em profusão, que pareciam tombar do céu. Do mesmo modo, na casa de Trimalção, por volta do final do jantar, a sala de refeições começa, de repente, a ressoar e a vibrar, para grande assombro dos convivas. E eis que os caixotões do teto se entreabrem para de lá descer um grande círculo onde estão enganchadas coroas de ouro com alabastros de perfume.” In.: ROBERT, Jean-Noel. “Os Prazeres da Mesa”. op.cit. P.125

³⁰⁰ PANAYOTAKIS, Costas. *Theatrum Arbitri: theatrical elements in the Satyrice of Petronius*. Brill, 1995.

³⁰¹ “A chave para a compreensão da alimentação antiga é a comensalidade, compartilhar a mesa com outros. Comer não era apenas se reabastecer, era uma afirmação da família, de vínculos familiares, cívicos ou religiosos.”; “The key to ancient eating was commensality, sharing the table with others. Eating was not mere refuelling, it was an affirmation of family, kinship or civic religious bonds” WILKINS, John; HILL, Shaun. *Food in the ancient world*. John Wiley & Sons, 2009. p.63. Argumento semelhante é encontrado em RAWSON, Beryl. “Banquets in Ancient Rome: Participation, Presentation and Perception”. In: *Dining on Turtles*. Palgrave Macmillan, London, 2007. p. 15-32.

³⁰² A autora cita como exemplo a suposta impossibilidade de mulheres praticarem sacrifícios rituais como esta regra era quebrada por grupos específicos quando necessário (seja por meio das Vestais ou de esposas que assumiriam a função de seus maridos (sacerdotes) em algumas ocasiões: “O espaço político, onde alguns fazem sacrifícios e outros não, define cidadãos como homens e mulheres como casadas. Quando necessário a sociedade cria figuras transgênero (as Vestais) ou arranjos (o casal flamínico).”; “*The political space, whereone sacrifices and the other does not, defines*

em ambientes vinculados à esfera alimentar são observadas transgressões de padrões normativos de gênero. Contudo, como uma característica central vinculada à *uirtus* nos banquetes, segundo Dupont, o consumo excessivo, tanto de alimentos como de bebida era associado ao apetite desenfreado (*gula*) e à *mollitia*, ou maciez, moleza considerada efeminada em contraponto ao *durus*, do ideal masculino, militar, atlético e controlado³⁰³. Assim, ainda que seja um espaço em que eventualmente as regras vinculadas aos padrões de gênero eram quebradas, a esfera alimentar era bastante marcada pela presença de modelos e ideais tradicionais da masculinidade romana, associados a *uirtus*.

Ainda que não seja nosso foco, cabe ressaltar que, dentre os trabalhos dedicados a pensar gênero e sua relação com as práticas alimentares, destacam-se os voltados à presença feminina em banquetes³⁰⁴ e ao consumo de vinho e alimentos específicos pelas mulheres romanas, sendo um campo profícuo de pesquisa. Contudo, nas obras aqui analisadas, é descrita, majoritariamente, a participação masculina nas refeições, com grande variação de ações e comportamentos narrados de acordo com o grupo social dos indivíduos e seus interlocutores.

4.2 - A relevância da alimentação para os satiristas romanos

A relação das sátiras com as práticas alimentares aparece desde a etimologia do termo *satura*, utilizado para designar um prato marcado pela mistura de diferentes alimentos e, posteriormente, o gênero literário que teria as práticas alimentares como um de seus tópicos recorrentes. Neste sentido, no que concerne à obra de Lucílio (180 a.C – 102 a.C.) observamos tanto sátiras inteiramente dedicadas a temas correlatos como a crítica à gluttonia e a descrição de banquetes, quanto pequenas referências no restante da obra. Dentre os comportamentos que são frequentemente associados ou exemplificados por meio das práticas alimentares, podemos destacar a avareza, o exibicionismo, a ganância além da esfera alimentar surgir como um espaço de disputas de poder, servindo como

male citizens and married women. When necessary society creates transgender figures (the Vestals) or arrangements (the flaminic couple).” DUPONT, Florence. “Food, Gender and Sexuality”. In: WILKINS, John; HILL, Shaun. Op.cit. P.81

³⁰³ Idem. Ibidem.P.82

³⁰⁴ ROLLER, Matthew B., *op.cit.*; RUSSELL, Brigitte Ford. “Wine, women, and the Polis: gender and the formation of the city-state in archaic Rome”. In.: *Greece & Rome*, v. 50, n. 1, p. 77-84, 2003.

inspiração e sendo retomado pelos demais autores aqui analisados. Horácio (65 a.C. – 8 a.C.), escreveu vários textos expondo banquetes e jantares, detalhando ingredientes e pratos apresentados (além dos dados sobre a sociabilidade relacionada ao consumo de alimentos). Pérsio (34 d.C. – 62 d.C.), por sua vez, é o autor que apresenta a menor quantidade de textos sobre o tema, em geral associados ao perfil do jovem em fase de formação intelectual e filosófica, enquanto Juvenal (55 d.C. – 127 d.C.) descreve banquetes e a relação cotidiana das pessoas com os alimentos, com destaque à postura apresentada pelos grupos populares, clientes, libertos e estrangeiros em relação ao tema. Ao longo dos textos, podemos observar como aspectos específicos (determinados ingredientes ou comportamentos), e mesmo narrativas acabam sendo repetidas e adaptadas pelos satiristas, estabelecendo conexões com os trabalhos de seus antecessores.

A validação do tema surge também nas programáticas, ou seja, nas sátiras que apresentam os motivos que teriam levado os satiristas a escrever. Pérsio, por exemplo, em sua primeira sátira, faz referência aos exemplos de Lucílio e Horácio, e se propõe a criticar a hipocrisia romana, afirmando que seu desejo não estaria vinculado a ideia de alcançar fama e reconhecimento, mas a falar aquilo que considerava necessário, como a crítica ao luxo e aos banquetes dos senhores, fatores para os quais as musas ofereceriam grande inspiração: *sive opus in more, in luxum, in prandia regum / dicere, res grandes nostro dat Musa poetae* (Pérsio, *Sát.* 1.67-68). Neste sentido, Pérsio não apenas se insere em meio ao gênero satírico ao afirmar que seguiria seus antecessores, como também reforça a relevância da esfera alimentar para a sátira.

De forma semelhante, Juvenal, em sua primeira sátira, afirma que a ostentação de seus contemporâneos seria um dos sinais da decadência da sociedade romana (e tal fato o levaria a escrever). Ele associa a degeneração dos valores à forma como alguns dissipam a sua fortuna, contrapondo um passado frugal ao seu presente, ao afirmar que os antigos não realizavam jantares de sete pratos (*quis fercula septem secreto cenavit avus*; Juvenal *Sát.* 1.94-95) enquanto clientes dependiam da espórtula. A situação dos clientes e a relação desses com seus senhores é um dos temas recorrentes na obra de Juvenal, e, em sua programática, ele aponta como os grupos populares dependiam de tais convites para garantir sua segurança alimentar, afirmando que, quando mal sucedidos, eram obrigados a se contentar com pouco, citando, por exemplo, como alguns acabariam

por comer apenas repolho (*caulis miseris atque ignis emendus*; Juvenal Sát. 1.134). Juvenal contrapõe a situação dos clientes à afirmação de que os senhores aproveitariam os melhores ingredientes da terra e do mar (*optima siluarum interea pelagique vorabit rex horum vacuisque toris tantum ipse iacebit*; Juvenal, Sát.1.135-136), jantando até mesmo javalis - tradicionalmente destinados ao consumo em grupo- sozinhos (*quanta est gula quae sibi totos ponit apros, animal propter conuiuia natum*; Juvenal, Sát. 1.140-141). Para além da descrição dos conflitos sociais relacionados à alimentação, Juvenal ironiza tal postura ao afirmar que tal comportamento seria castigado com a morte, e os glutões passariam de convivas à tema das conversas nos banquetes (*hinc subitae mortes atque intestata senectus. it noua nec tristis per cunctas fabula cenas; ducitur iratis plaudendum funus amicis*; Juvenal, Sát. 1.145-146).

Aspectos como a percepção idealizada do passado e a crítica ao luxo excessivo à mesa bem como a figura do cliente miserável, que é maltratado por seu senhor, são elementos presentes já na primeira sátira de Juvenal. Esta defesa dos clientes e de cidadãos pobres é recorrente ao longo da obra, não caracterizando apenas uma apologia à frugalidade, mas, o reconhecimento do desejo de diferentes grupos em acessar os mesmos bens e condições dos mais favorecidos, expondo assim disputas sociais por meio das práticas alimentares.

Contudo, ainda que a temática esteja presente nos trabalhos dos quatro satiristas, a forma e os aspectos sublinhados por cada um deles apresentam variações que pretendemos explorar. A fim de facilitar o processo de análise das obras aqui apresentadas, elaboramos uma divisão que visa enfatizar aspectos vinculados a disputas e enfrentamentos entre masculinidades hegemônicas e dissidentes, ou seja entre comportamentos esperados, normativos e modelares e aqueles que escapam do idealizado para os cidadãos romanos: 1) escassez e agência; 2) inadequação e sociabilidade; 3) excesso e gula; 4) alimentação e ética.

Esta divisão foi estabelecida a fim de organizar a análise dos trechos considerando que os mesmos localizam-se em sátiras com temáticas distintas. Neste sentido, consideramos o tema central de cada sátira, qual era o contexto em que o episódio narrado está inserido, quais adjetivos são utilizados para descrever os personagens envolvidos e quais atributos relacionados à percepção da masculinidade dos personagens são reforçados pelos autores. Os temas tangenciam quatro áreas que aparecem são vinculadas de forma recorrente à ideia

de *uirtus* e a percepção de masculinidades na Roma antiga: agência individual, sociabilidade, uso dos recursos à sua disposição e modelos ético/filosóficos³⁰⁵.

Considerando os apontamentos elaborados por McDonnell³⁰⁶ sobre as alterações que o termo *uirtus* sofreu ao longo da história, não intencionamos confrontar a percepção de *uirtus* associada à masculinidade seguindo modelos pré estabelecidos, mas centramos nossa análise nos trechos que descrevem relações de gênero e poder, bem como as disputas entre masculinidades ideais e dissidentes (conforme descrito por Connell e Pearse³⁰⁷). As divisões aqui apresentadas são, desta forma, a organização de pontos de diálogo entre as sátiras e uma categorização embasada na forma como a esfera alimentar é vinculada, a percepção e organização de masculinidades na sociedade romana.

4.2.1 - Escassez e agência

A alimentação de uma forma geral e, em especial, quais indivíduos consomem determinados alimentos, são marcas distintivas entre grupos sociais recorrentes nas sátiras, sendo comuns os relatos sobre escassez. Isto fica bastante claro nos relatos sobre banquetes, mas também em pequenos trechos sobre a carestia em que vivia parte da população. O décimo quarto livro de Lucílio, por exemplo, em que apresenta as dificuldades da vida em Roma, inicia com fragmentos citando alguns alimentos de baixa qualidade: uma pomba magra (*macroque palumbes*), um ganso mal alimentado (*anseris herbilis virus*) e um queijo fedendo a alho (*caesus allium ollit*) (Lucílio, *Sát.* 14. 479-481), seguidos de trechos em que são apresentadas falas, supostamente pertencentes a um favorito (*dilectum*) (Lucílio, *Sát.* 14.483) dos grupos populares (*vulgus*) (Lucílio, *Sát.* 14.483) reclamando da falta de ofertas, do fato que eles não recebiam nem pão nem carne proveniente dos sacrifícios realizados aos deuses (*viscera largi*) (Lucílio, *Sát.* 14, 487-488).

³⁰⁵ Cabe ressaltar que, considerando a quantidade de textos analisados neste trabalho, metodologicamente fizemos a leitura dos textos traduzidos e posteriormente dos trechos selecionados para análise em latim. A fim de facilitar a comparação entre os autores, buscamos apresentar um breve resumo das sátiras, destacando termos e trechos de interesse em latim, citando os versos específicos dos relatos analisados.

³⁰⁶ MCDONNELL, Myles. "Introduction". *Roman Manliness: "Virtus" and the Roman Republic*. Cambridge University Press, 2006.

³⁰⁷CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. *Gênero: uma perspectiva global*. São Paulo: nVersos, 2015.

A prática de divisão e distribuição dos sacrifícios expostos aos deuses era comum na religião romana, como é apontado por Beard³⁰⁸ e Scheid³⁰⁹. Em geral estes eram organizados, por membros da elite, em dias de festa, e segundo Wilkins e Hill, marcados pelo interesse em alimentar grupos populares visando ganho político³¹⁰. Tal costume era bem recebido pela população mais pobre uma vez que o consumo de carne vermelha era relativamente pequeno frente a outras fontes de proteína animal e que os grupos mais pobres tinham uma dieta baseada, principalmente, em vegetais e que o consumo de aves era mais comum³¹¹.

A forma como o texto está estruturado, iniciando com a citação de alimentos de péssima qualidade associados ao termo utilizado para se referir ao povo (*vulgus*) gera o riso, ao mesmo tempo em que reforça diferenças entre elite e plebeus e destaca a alimentação como uma marca de distinção social entre os romanos. Dependendo das sobras dos sacrifícios parece ser uma realidade remota para o autor e seus interlocutores, fazendo com que as demandas da plebe sejam ridicularizadas.

A falta de alimentos era um fator de preocupação para as elites dominantes³¹², pois, além de ser um tema com impacto político, a escassez de comida levava à brigas e levantes populares³¹³. Neste trecho, ainda que fragmentado, o riso é causado pelos termos utilizados no início da sátira, em que são apontados alimentos de péssima qualidade conjuntamente aquele que é apresentado como favorito da plebe (descrito como alguém incapaz de prover a si mesmo). A contraposição da necessidade de depender de outrem para ter acesso a determinados víveres, e as reclamações provenientes de tal situação pode ser interpretada como reconhecimento do risco apresentado pela plebe. Mais do que uma mera crítica ao comportamento dos grupos populares, um aviso e registro das disputas inerentes ao convívio entre plebe e elite.

Para além disso, como é apontado por Corbier, para grupos privilegiados, a carne assada não era tão desejável, uma vez que ela teria perdido a maior parte

³⁰⁸ BEARD, Mary, et al. *Religions of Rome: Volume 1, a history*. Vol. 1. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

³⁰⁹ SCHEID, John. *An introduction to Roman religion*. Indiana: Indiana University Press, 2003.

³¹⁰ WILKINS, John; HILL, Shaun. *Food in the ancient world*. John Wiley & Sons, 2009, p. 57

³¹¹ ALCOCK, Joan P. *Food in the ancient world*. Greenwood, 2006;

³¹² Tema recorrente, o relato sobre a falta de grãos e como ela afeta principalmente a população mais simples, é também destacado em outro trecho da obra de Lucílio, "*Deficit alma Ceres, nee plebes pane potitur*" (Lucílio, *Sát.* 5.214).

³¹³ GARNSEY, Peter. *Famine and food supply in the Graeco-Roman world: responses to risk and crisis*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989. p. 207.

da gordura, sendo excessivamente seca³¹⁴. Considerando a preferência dos grupos abastados por carnes mais gordas, a contraposição de carne magra, das aves mal nutridas, e do assado resultante de uma oferta aos religiosos corrobora a imagem da alimentação consumida pelos grupos populares como pouco desejável (reforçando a interpretação de que era um marcador social relevante). Contudo, a apresentação do personagem, demandando algo que entendia como lhe sendo de direito e tendo uma rede de colegas que lhe apoiam, para além do riso provocado, pode nos indicar o reconhecimento de risco no comportamento do porta voz da plebe, bem como da esfera alimentar como meio de expressão destas disputas, por parte do autor.

De forma semelhante, podemos observar a narrativa de escassez e a ideia de frugalidade forçada associadas à falta de agência e domínio sobre a própria alimentação em diversos trechos das sátiras de Juvenal. Por exemplo, na terceira sátira, em que nos é descrito o diálogo entre Juvenal e Umbrício, momentos antes deste último mudar-se para o interior. Dentre as críticas à cidade e aos romanos, Umbrício censura, em especial o comportamento da elite em relação aos clientes pobres como ele, culpando a influência grega, da qual ele se mostra ressentido, e vinculando a mesma à esfera alimentar, afirmando que os estrangeiros estariam recebendo melhores lugares nos banquetes (*toro meliore recumbet*; Juvenal, *Sát.* 3,82), independente do fato dele ter sido criado no monte Aventino ou alimentado com olivas (*blica nutrita Sabina*; Juvenal, *Sát.* 3,85). A citação ao monte Aventino e ao consumo de olivas, identificadas como “frutas sabinas”, reforçando o caráter étnico e identitário em contraponto à influência grega, e a escolha do termo *toro* (utilizado também para referenciar o leito matrimonial) formata um argumento risível, associando o leito matrimonial e o vínculo ali estabelecido com aquele que era criado em meio aos banquetes e exacerbando o papel de um ingrediente ordinário e recorrente, como as olivas como elemento definidor da cidadania dos envolvidos.

Neste cenário de dismantelamento dos valores romanos, segundo Umbrício, a riqueza teria se tornado o único elemento hierárquico relevante entre os grupos sociais. O discurso do personagem aponta como a fortuna seria ilustrada por meio da esfera alimentar, citando o grande número de pratos oferecidos nos jantares

³¹⁴ Ao analisar a relação dos romanos com o consumo de carne, Corbier aponta como um dos aspectos valorizados na carne era a quantidade de gordura, fazendo com que *gourmets* preferissem a carne assada em favor de outras formas de preparo, uma vez que a gordura era perdida durante o processo. In: CORBIER, Mireille. “The ambiguous status of meat in ancient Rome”. *Food and Foodways: Explorations in the History and Culture of Human Nourishment*, 3:3, Routledge 1989, pp. 223-264.

da elite (*quam multa magnaque paropside cenat?*; Juvenal, *Sát.* 3,142), enquanto os mais pobres, como ele, seriam obrigados a sair da cidade, devido ao alto preço dos alimentos. A ridicularização de Umbrício perpassa a contraposição de seu status de cidadão romano (que ele reafirma diversas vezes ao longo do texto), e as situações às quais ele é exposto. Estes relatos chegam a extremos, tais como quando, ao descrever o assédio sofrido na rua por um jovem bêbado, ressalta como o agressor teria questionado com quem ele teria consumido vinho azedo e feijões, com qual sapateiro teria jantado cebolas e cabeça de ovelha cozidas (*unde uenis? exclamat, cuius aceto, cuius conche tumes? quis tecum sectile porrum sutor et elixi ueruecis labra comedit?*; Juvenal, *Sát.* 3.292-294), enfatizando a simplicidade e baixa qualidade dos ingredientes em questão (ou seja, até mesmo um indivíduo de comportamento infame, um jovem delinquente, debocha de sua situação precária por meio de inferências aos seus hábitos alimentares). A esfera alimentar surge como símbolo da exclusão de Umbrício dos círculos que ele se considerava no direito de frequentar.

Em ambos os casos, a ridicularização dos personagens, seja do favorito da plebe narrado por Lucílio, ou de Umbrício, é embasada na incapacidade destes se alimentarem, em sua falta de agência, sua dependência. Uma alteração no que se refere ao status de ambos é que, enquanto o personagem apresentado por Lucílio poderia ser interpelado como uma ameaça, uma parte do riso provocado por Juvenal é estabelecido por meio da contraposição da condição de cidadão de Umbrício, e suas práticas alimentares, que revelam alguém fraco e dependente, postura distante do ideal de cidadão romano, uma imagem incoerente e ao mesmo tempo, possivelmente, familiar.

Além da história de Umbrício, Juvenal elabora outros relatos sobre clientes e cidadãos pobres e seus hábitos alimentares. Um dos mais longos excertos sobre o tema é descrito na quinta sátira, em que o tema do banquete serve como um pano de fundo para criticar as relações de patronato e clientelismo em Roma. Nos versos iniciais, ele apresenta Trébio, um cliente que se submetia a desmedidas humilhações a fim de receber convites para a ceia na casa de seu patrono, os quais, quando existentes, eram insuficientes considerando os serviços realizados (segundo a visão do cliente). Neste cenário, a descrição desta relação, em especial da *salutatio*, a obrigação em apoiar e defender os interesses do protetor, é apresentada

como um fardo e uma mancha para o orgulho do cliente, dado às exigências descabidas de seu patrono.

Em sua narrativa, o autor estabelece uma sequência para as humilhações sofridas por Trébio em um crescente. Inicia com Juvenal questionando os motivos que levam o interlocutor a aceitar um tratamento tão humilhante, perguntando se não seria mais proveitoso comer a comida do cachorro ao invés de implorar por um jantar (*tantine iniura cenae? tam ieiuna fames, cum possis honestius illic et tremere et sordes farris mordere canini?*; Juvenal, *Sát.* 5.9-11), uma vez que o convite ocorreria apenas após longa espera, apenas para que a almofada não ficasse vazia no jantar de seu senhor (*ergo duos post si libuit menses neglectum adhibere clientem, tertia ne uacuo cessaret culcita lecto*; Juvenal, *Sát.* 5.15-17). Assim, a alimentação surge como mediadora da relação entre ambos, como uma forma de materializar as relações de poder ali estabelecidas. A descrição, apresenta comparações que reforçam a humilhação sofrida pelo cliente, ao sugerir que se alimente com o que é destinado aos cachorros enquanto Juvenal, ainda que se apresente de forma supostamente empática, aponta aos seus leitores como Trébio é também alvo de sua crítica.

Ao longo do texto é enfatizada a discrepância entre o tratamento oferecido ao cliente, cidadão romano, e aquele destinado ao seu patrono e demais convidados. O vinho que os clientes recebem é muito inferior; os copos em que são servidos os convivas são incrustados com pedras preciosas, enquanto os destinados aos clientes estão sujos; aos clientes a água é servida quente por escravos feios e mal-encarados enquanto o patrício recebe água fresca de belos escravos asiáticos; o pão de Trébio não pode ser cortado de tão duro, enquanto os convidados recebem aquele feito com a melhor farinha (e, caso tentasse pegar do pão de melhor qualidade, Trébio seria humilhado publicamente; Juvenal destaca, “há que se saber em qual cesto colocar as mãos”). Enquanto os convivas saboreiam lagostas, Trébio recebe um pequeno prato com caranguejos e ovos e a mesma desarmonia se mantém na qualidade do azeite, dos frutos do mar (frescos para Virrão e estragados para os clientes), e, por fim, o cliente não receberia carne e apenas assistiria o mestre de cerimônias destrinchar as mais diferentes aves e lebres. Segundo Juvenal Virrão, o patrono, não tem motivação econômica para tal conduta, mas deseja humilhar seus clientes, que, mesmo castigados, teriam que fingir contentamento.

Ao longo da leitura observamos como Juvenal faz uso das técnicas como a redução satírica, descrita por Hodgart³¹⁵. Comparando continuamente a situação de Trébio com a de Virrão e seus convivas, Juvenal provoca o riso de sua audiência ao desumanizar o personagem e gradativamente aumentar a intensidade dos insultos aos quais este se submete para conseguir um mero jantar. O banquete, que se inicia com vinho de qualidade inferior, passa pelo pão que está duro e chega aos peixes nauseabundos e intragáveis.

Neste trecho destaca-se a escolha de palavras utilizada por Juvenal para distinguir os alimentos e, por conseguinte, aqueles que o comiam. Por exemplo: enquanto a lagosta de Virrão é grande e farta, e os peixes que lhe são servidos vem de águas límpidas, o cliente deveria se satisfazer com uma enguia ou com um pequeno peixe que teria sido alimentado “com o que saía da cloaca de Suburra” (*vos anguilla manet longae cognata colubrae aut glaucis sparsus maculis Tiberinus et ipse vernula riparum, pinguins torrente cloaca et solitus mediae cryptam penetrare Suburae*; Juvenal, *Sát.5.103-106*)³¹⁶. A cloaca romana era o sistema de esgotos da cidade, e a Suburra era o bairro conhecido pelos prostíbulos e por ser mal frequentado. Ao descrever tal alimentação e destacar que o fato de ser um homem livre era ali um dado insignificante, Juvenal termina de “despir” seu personagem, tornando-o um mero tipo-ideal dos clientes romanos, os quais, segundo a descrição, se submetiam a qualquer humilhação em troca de migalhas, imagem que exacerba a fraqueza, falta de agência e dependência do personagem. Esta submissão fica evidente em trechos como quando é descrito que sabia que seria repreendido caso pegasse o pão que não lhe cabia. Tais características corroboram para a formação do riso pela incongruência do que está sendo narrado: um cidadão, sem autonomia, que teria internalizado e se acostumado com tal situação. Por fim, ao comparar Trébio aos palhaços que apanham nas comédias latinas³¹⁷, Juvenal afirma que, em breve, Trébio aceitaria tal violência sem questionar.

³¹⁵ HODGART, Matthew. Op.Cit.

³¹⁶ Este mesmo tema é explorado por Lucílio. Cabe destacar que a referência apresentada por Juvenal, pode ser compreendida como uma inserção no meio satírico, por meio do aceno a outro autor, ao mesmo tempo que a lembrança de tal referência seria, possivelmente, reconhecida por seus leitores, potencializando o riso provocado pela mesma.

³¹⁷ Braund afirma que as referências à cabeça raspada seriam vinculadas aos palhaços que atuavam como parte do entretenimento oferecido nos jantares romanos. BRAUND, Suzana. In: JUVENAL, D.; PERSIUS, *Satires*. Tradução de BRAUND, Susanna Morton. Loeb Classical Library. Cambridge: Harvard University Press, 2004. p.229

O cliente é assemelhado a um escravo, dependente da cozinha de seu senhor, pois, mesmo sendo livre, se submete à tal degradação pelo desejo de um bom jantar. Ao longo da sátira é ressaltada a condição de cidadão do cliente, mas com a referência aos *scurra* e à dependência alimentar Juvenal infere que, Trébio, naquelas condições, não era melhor que um escravo. Como um último aspecto na construção do riso nesta sátira, para além da ridicularização e recriminação de Virro, apresentado como sovina e mau patrono e de Trébio, alvo do riso por suas reclamações efusivas combinadas à descrição de um comportamento dócil e complacente frente às ofensas recebidas, podemos pensar que, considerando que no período em que Juvenal escreve, as sátiras eram lidas em público, inclusive em banquetes. Esta leitura em um ambiente semelhante ao que é descrito na obra poderia ter um impacto especial naqueles que estavam ouvindo, gerando uma nova camada de humor em relação aos eventos narrados.

A descrição da dependência por meio da esfera alimentar é também explorada por Juvenal em sua sétima sátira, ao apresentar as dificuldades enfrentadas pelos poetas, advogados e professores, associando o status social dos mesmos à alimentação. Ao expor a situação dos poetas, por exemplo, estes são apresentados como extremamente dependentes, seja de seus benfeitores, seja do apoio de César. Contudo, é ressaltado que, ao contrário do que teria ocorrido com Horácio e Virgílio, os subsídios seriam cada vez piores, além de reforçar como eles dependiam de seus patronos tanto do ponto de vista material como simbólico, o autor destaca como tal situação acometia também outros profissionais. Para tanto, cita como advogados recebiam o pagamento por meio de alimentos como presunto seco, peixes em conserva, cebolas velhas e vinho (*quod uocis pretium? siccus petasunculus et uas pelamydumaut veteres, Maurorum epimonia, bulbi aut uinum Tiberi deuectum, quinque lagonae, si quarter egisti*; Juvenal, *Sát. 7.119-122*) e como professores de retórica tinham dificuldade em adquirir os víveres necessários para sua sobrevivência (*summula ne pereat qua vilis tessera venit frumenti; quipe haec merces lautissima*. Juvenal, *Sát. 7.174-175*), motivo pelo qual deveriam mudar de profissão.

Juvenal ridiculariza estas profissões ao criticar a incapacidade em adquirir alimentos, enfatizando como eram dependentes de parcelas mais pobres e com menor prestígio, reduzindo a agência dos personagens. Ao mesmo tempo, tais narrativas acabam por expor a incongruência no que seria o esperado pela

sociedade romana. Personagens que, supostamente contavam com o reconhecimento do público, em especial em meios literários, são apresentados de forma embaraçosa e dependente.

Como buscamos apresentar, a imagem de escassez, em especial quando associada às relações de clientela, é recorrente na obra de Juvenal. Os personagens são descritos em situações de dependência, ridicularizados e em espaços que consideram aquém de seu status. Ao contrário do *dilectus* de Lucílio, que poderia apresentar algum risco, os personagens narrados por Juvenal, embora reclamem da situação em que se encontram, apresentam uma postura dócil, não se revoltam com o tratamento recebido, parecem acomodados, fator que, contraposto à ira do poeta com os eventos narrados, acaba por causar um efeito cômico. As descrições destacam, por meio da esfera alimentar, qual era a posição destes em meio às relações de poder em que estavam inseridos, apontando, principalmente, como estavam submetidos à outrem e, portanto, distantes de uma postura que pudesse ser considerada viril ou virtuosa.

Pérsio, na sexta sátira, narra eventos que fazem o próprio satirista reagir a uma ameaça de controle de sua alimentação a fim de evitar ser exposto à uma situação de escassez. A sátira é escrita como uma carta, na qual Pérsio narra sua mudança de Roma para a costa Ligúrica e apresenta o local como um espaço em que ele não teria preocupações e viveria de forma mais equilibrada, simbolizada, entre outros fatores, pela sua relação com a alimentação³¹⁸.

A esfera alimentar é citada como exemplo das diferenças entre as pessoas, ressaltando que, enquanto alguns comemorariam o aniversário comendo legumes secos embebidos na salmoura e controlariam a pimenta, (pois era cara), outros gastariam toda sua fortuna com alimentação (“*solis natalibus est qui tinguat holus siccum muria vafer in calice empta, ipse sacrum inrorans patinae piper*”; Pérsio, *Sát.* 6.19-21), enquanto Pérsio afirma tentar tirar o máximo proveito das coisas, não por meio da ostentação³¹⁹, mas afirmando que cada um deveria servir-se de suas plantações de grãos, ou seja aproveitar aquilo que lhe está disponível.

³¹⁸ Pois ali não deixaria de jantar sem o molho adequado ou seria obrigado a cheirar o selo de uma garrafa de vinho rançoso. (Pérsio, *Sát.*6)

³¹⁹ Identificado por meio de ações como servir rodovalho para seus libertos, ou distinguir se o pássaro era macho ou fêmea apenas por seu sabor. (Pérsio, *Sát.*6). Braund afirma que a capacidade de definir o sexo dos alimentos pelo sabor era atribuída aos gourmets. BRAUND, Suzanna. In: JUVENAL, D.; PERSIUS, *Satires*. Tradução de BRAUND, Susanna Morton. Loeb Classical Library. Cambridge: Harvard University Press, 2004.

Neste contexto, o autor critica os herdeiros que tentavam impedir que ele utilizasse seus recursos conforme o seu desejo, ameaçando gastar seus bens com homenagens, triunfos, jogos de gladiadores e com a distribuição de alimentos para a plebe, não deixando nada para seus sucessores, caso tivesse suas ações cerceadas.

Para enfatizar os desagrvos em relação a seu herdeiro, Pérsio prioriza a esfera alimentar e os alimentos consumidos, contrapondo imagens de escassez e ostentação: pergunta se o sucessor acredita que ele irá comer urtigas fervidas (*coquantur urtica*; Pérsio, *Sát.* 6.69-70) e bochecha de porco defumada (*fissa fumosum*; Pérsio, *Sát.* 6.70) para que os descendentes do legatário, fossem alimentados com as entranhas de ganso (*satur anseris extis*; Pérsio, *Sát.* 6.71), questionando se deveria manter uma figura esguia (*trama figurae*; Pérsio, *Sát.* 6.73) enquanto o legatário apresenta uma barriga flácida pela gordura (*tremat tomento popa venter*; Pérsio, *Sát.* 6.74).

Aqui, somos apresentados a uma relação com a alimentação que perpassa a afinidade com os demais e com a esfera pública, seja ao referenciar a distribuição de alimentos, ou ao defender a agência individual em relação às práticas alimentares. Da mesma forma, ao expor com ironia aqueles que comemoram o aniversário com legumes na salmoura ou ao recusar de forma veemente a possibilidade de restringir seus desejos alimentares para economizar recursos, Pérsio ridiculariza e menospreza a frugalidade. Não se trata de uma ode ao excesso, mas da defesa de sua agência em relação às demandas apresentadas pelo herdeiro, e da exposição de disputas de poder por meio da esfera alimentar. O aspecto de retidão e correção não surge diretamente relacionado aos alimentos ingeridos ou mesmo às noções de ganância e avareza, mas à ideia de direito adquirido sobre aquelas práticas. A frugalidade é criticada por Pérsio ao mesmo tempo em que ironiza os interesses alimentares de seu herdeiro, e defende seu direito a não ser sóbrio, mas aproveitar suas possibilidades. Ao contrário dos relatos de Lucílio e Juvenal, esta última sátira apresenta um personagem com poder de decisão sobre sua alimentação.

Um ponto em comum observado nos diferentes relatos sobre a escassez é a relação desta com a agência dos indivíduos, uma vez que a incapacidade de escolher o próprio alimento torna-se uma característica definidora, que acaba por diminuir o status dos personagens que têm seus hábitos e práticas alimentares

submetidos ao poder de outrem frente à audiência. Ainda que os satiristas apresentem uma narrativa inicialmente empática a tal situação, ao longo dos textos estes indivíduos são ridicularizados, como, por exemplo, quando o agressor ataca Umbrício critica e ironiza sua refeição e companhia ou ainda, quando Juvenal descreve os professores de retórica e advogados os apresentando como dependentes de doações. Alguns destes personagens são resignados, não representam perigo, pelo contrário, são alvo da chacota de seus pares, por vezes fazendo referências a signos que supostamente deveriam lhes garantir um lugar de destaque na sociedade romana, em especial as origens e o status de cidadão, os quais se mostram irrelevantes.

Assim os personagens narrados por Juvenal não apresentam também a agência apresentada na narrativa de Pérsio. Considerando os padrões estabelecidos por Dupont³²⁰, a relação entre *mollis* e *durus* nestas narrativas não é necessariamente vinculada ao autocontrole ou a virtude, como apontado pela autora. Nestes trechos observamos como as relações de poder entre os indivíduos são organizadas de acordo com a agência de cada um deles sobre a própria vida e escolhas, as quais incluem o desejo em participar dos jantares e ceias, bem como de consumir alimentos mais elaborados e menos frugais. Tais personagens são ridicularizados justamente por serem obrigados a abrir mão de seus desejos e a adotar uma vida mais simples, por vezes sem ter suas necessidades satisfeitas. Exceção a tal retrato é Pérsio, ao recusar vegetais e alimentos de baixa qualidade reafirmando seu poder de escolha no que se refere aos seus bens, costumes e hábitos alimentares e, conseqüentemente, a sua família, enfatizando sua auto-gerência frente às ameaças realizadas pelo herdeiro.

Estes relatos apontam para a construção de masculinidades vinculadas ao acesso a alimentos de boa qualidade e ao poder de escolha em relação aos mesmos, sendo as ceias e banquetes espaços de prazer e convívio desejados por todos, nos quais as relações de poder entre diferentes modelos de masculinidade são expostas por meio do acesso e agência em relação a determinados alimentos. Neste sentido, mesmo a narrativa apresentada por Juvenal, que pode ser lida como tendo um viés mais moralista e crítico aos excessos, aponta para o interesse dos personagens em participar destes eventos. Longe da defesa de uma vida simples e

³²⁰ DUPONT, Florence. "Food, Gender and Sexuality". In. WILKINS, John; NADEAU; Robin. *A Companion to Food in the Ancient World*. New Jersey: John Wiley and Sons, 2015.

próxima aos modelos do passado romano, ainda que esses eventualmente sejam citados nas sátiras, quando consideramos o riso e o humor presentes no texto, alimentos e eventos marcados pelo luxo e abundância são apresentados como desejáveis, e aqueles excluídos desta esfera são ridicularizados.

Outro fator que causa o riso é a incongruência de personagens representantes de grupos de cidadãos letrados retratados como incapazes e dependentes de parcelas menos nobres para se alimentar, comportamento que aponta para uma dependência que não coaduna com a ideia de uma masculinidade hegemônica e autocontrolada (uma vez que autocontrole presumiria acesso aos alimentos em questão), compondo-se assim de práticas que apontam para uma masculinidade dissidente, obrigada a atuar de forma submissa e permissiva. Tais grupos demonstram-se ressentidos (e o desejo dos mesmos em ter acesso aos banquetes, alimentos e fartura disponível a outros reforça o modelo hegemônico), enquanto a esfera alimentar expõe conflitos com grupos supostamente menos influentes, como os gregos citados por Umbrício, os quais são apresentados como risco aos cidadãos romanos.

Assim, a agência surge como um elemento central na construção de percepções de masculinidade, as quais são relatadas em um espectro que aponta para diferentes níveis que variam da autonomia e autossuficiência à dependência e submissão, e cuja quebra discursiva ao expor as rurgas latentes na sociedade romana favorece o riso. Estas relações entre distintos grupos sociais e o que era esperado de cada um deles no que se refere à esfera alimentar podem ser observadas também por meio dos comportamentos designados para cada um dos grupos envolvidos nas refeições comunais.

4.2.2 - Inadequação nos banquetes

Um dos temas mais recorrentes no que se refere às práticas alimentares nas Sátiras são as descrições de jantares e banquetes, caracterizados pela convivialidade, pela importância como espaço para estabelecimento de contatos e relações sociais, bem como pelo o impacto dos eventos na imagem dos envolvidos. A relevância destes para a sociabilidade pode ser observada por meio de relatos que enfatizam o desejo em participar de tais eventos, ou, por exemplo, pelo abatimento relatado por Trébio (Juv. *Sát.* 5) ao perceber-se excluído e diminuído

nessas reuniões. De forma semelhante, a expectativa em relação aos encontros e contatos formados nestes eventos é narrada por Lucílio, ao apresentar os temas de discussão desenvolvidos em um banquete, como os convidados se dirigiam um ao outro, e a importância dada ao espaço eles ocupavam no *triclinium* (*Chremes in medium, in summum ierat Damaenetus*; Lucílio, *Sát.* 28.815). O autor destaca também como se davam as conversas nestes espaços: “*Verum tu quid agis? Interpela me, ut sciam*” (Lucílio, *Sát.* 28.819), algo como “O que você anda aprontando? Me conte!”, reforçando como seria um momento de trocas significativas para os presentes.

Contudo, não apenas os convidados eram descritos como personagens que criavam expectativas e eram julgados em sua participação em tais encontros, mas também os anfitriões, uma vez que, os jantares eram parte da construção e expressão de seu papel na sociedade, como uma vitrine, refletindo em sua imagem pública³²¹. Neste sentido, a performance dos anfitriões surge relacionada à capacidade de suprir seus dependentes e agradar a rede de contatos ali presente. A não adequação às expectativas depositadas por seus pares em tais eventos poderia ferir a imagem dos envolvidos, tornando-os motivo de riso, transformando-os em párias.

Nas sátiras, em diversos momentos observamos aqueles que ofereciam as refeições como alvo dos autores, por servir os convidados com víveres de baixa qualidade, ou pela escassez apresentada. Esta crítica não se restringe aos espaços urbanos, mas surge, no terceiro livro de Lucílio, em meio à narrativa de uma viagem realizada pelo autor e alguns companheiros para Cápua, na qual é exposta a participação do grupo em um jantar extremamente simples, cuja descrição é marcada pela falta. Para explicitar como teria ocorrido o jantar, Lucílio descreve todos os alimentos que não foram servidos, “*Ostrea nulla fuit, non purpura, nulla peloris/ aspargi nulli*” (Lucílio, *Sát.* 3.126-127), ou seja, nenhuma ostra, ou peixe púrpura, mexilhões ou aspargos. Além da simplicidade dos alimentos, os instrumentos para servir estariam sujos, teriam sido utilizadas com ingredientes mal-cheirosos e de sabor desagradável “*nam mel regionibus illis inscrustatus calix rutai caulis habentur*” (Lucílio, *Sát.* 3.128-129). Tais condições levariam os convidados à indigestão “*exalas tum acidus ex pectore ructus*” (Lucílio, *Sát.* 3.130).

³²¹DUNBABIN, Katherine MD. *The Roman banquet: images of conviviality*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003

Ostras eram consideradas afrodisíacas e restritas ao consumo de grupos mais abastados enquanto mexilhões tinham menos prestígio³²² (ainda que ambos fossem associados ao luxo e, eventualmente, à corrupção de costumes³²³). Ao longo do século I a.C. foram construídos, na região da Campânia, uma série de tanques para a piscicultura. O texto analisado foi escrito no século anterior, mas, caso consideremos que já poderia existir algum tipo de movimento neste sentido, o riso seria provocado não apenas pela falta destes alimentos no banquete, mas porque, em especial naquela região, era esperado que eles fossem servidos. A finalização com o fato de que nem ao menos aspargos foram oferecidos (um alimento que estaria disponível mesmo aos mais pobres) intensifica a impressão de que o referido jantar era insuficiente.³²⁴

Neste caso específico, nos chama a atenção o fato da anfitriã ser uma mulher Síria (*caupona hic tamen una Syra*; Lucílio, *Sát.*3.123). Além de ser uma evidência da presença feminina nos jantares, a personagem é apresentada de maneira sensualizada, enfatizando seus pés desnudos (descritos como respeitáveis *honestas*, não conseguimos saber se de forma irônica por meio do fragmento, Lucílio, *Sát.*3.124). Cabe destacar que a prática de se reclinar junto aos homens é descrita na comédia latina, em especial nas peças de Plauto, como sendo uma ação típica de prostitutas³²⁵, referência que poderia ser identificada pelos leitores.

Ressaltamos como o evento organizado por uma mulher tem como característica central a falta e a sua incapacidade em organizar uma ceia satisfatória para seus convidados. Ao longo do texto é relatado o consumo elevado de vinho e diferente de narrativas alocadas em ambientes urbanos, não ocorre uma crítica direta a esse comportamento, o que poderia ser atribuído ao fato da anfitriã ser uma mulher e, portanto, não ter a virtude do autocontrole, bem como ao ambiente em que se encontram. Desta forma, a falta, a sujeira e a ceia insatisfatória, fatores vinculados à pobreza e à inadequação, são atributos associados ao campo, por

³²² “As ostras eram o fruto do mar mais caro listado no Édito de Preços de Diocleciano, custando 100 denários por 100, enquanto ouriços do mar e mexilhões custavam metade do preço pela mesma quantidade”. In.: DÉRY, Carol A. “Fish as Food and Symbol in Ancient Rome”. *Fish: Food from the Waters*, p. 94-115, 1998.p.104

³²³ Déry cita como Plínio apresentava críticas severas ao consumo de Ostras e mexilhões como elementos que comprovavam um comportamento decadente. DÉRY, Carol. *Op.cit.*

³²⁴ “Embora Plínio tenha dito que o aspargo selvagem está à disposição para qualquer um pegar, ele notou que de todos os vegetais cultivados, o aspargo é o que precisa de maior e mais diligente atenção.” ALCOCK, Joan. *Op.cit.* p. 49.

³²⁵ ROLLER, Matthew, *op.cit.*

estarem em Cápuia, e ao fato de a anfitriã ser uma mulher estrangeira, responsável pela falta de alimentos e a decorrente indigestão nos cidadãos ali presentes.

Outro exemplo de evento malsucedido é narrado por Lucílio em seu trigésimo livro, segunda sátira, em que a avareza do anfitrião é censurada. Ao longo do texto, descobrimos que a mesa destinada ao preparo do vinho é velha e está trepidante (*Clauda una est pedibus cariosis mensula vino*; Lucílio, *Sát.* 30.1027), bem como os móveis não acomodam os convidados de forma adequada, apenas um sofá com almofadas fora preparado para que eles reclinassem e estaria unido por uma corda, (*unus consterni nobis vetus restibus aptus / Culcitulae accedunt privae centonibus binis*; Lucílio, *Sát.* 30.1025-1026). Para além das críticas crescentes em relação ao ambiente, o autor destaca que pessoas de péssima reputação e gluttonas, teriam sido convidadas (*Illo quid fiat Lamia et Bitto oxyodontes quod veniunt, illae gumiae evetulae improbae ineptae*; Lucílio, *Sát.* 30.1028-1029), bem como alguns que cantam muito mal (*Deblaterant, blennus bonus rusticus concinit una*; Lucílio, *Sát.* 30.1034)³²⁶. Tal situação levaria o narrador ao extremo, desejando banir, expulsar todos, inclusive o anfitrião (*Ipsa cum domino calce omnes excutiamus*; Lucílio, *Sát.* 30.1037).

Dois pontos nos chamam a atenção: a descrição do espaço destinado aos convidados não condiz com o que era esperado, uma vez que o ato de reclinar, tendo se iniciado em meios aristocráticos, era associado ao luxo e conforto³²⁷, não a um móvel precário preso por cordas. A organização do *triclinium* favorecia o contato e a proximidade do grupo ali reunido e, como é apontado por Dudabin, em representações gráficas, a apresentação dos objetos relacionados ao preparo e consumo do vinho é destacada como símbolo de prosperidade e status, logo, a mesa instável seria causa de espanto e chacota. Por fim, o contato com os demais convidados, caracterizados como rudes e desagradáveis, tem o efeito oposto ao esperado, ao invés de favorecer a coesão e união do grupo, causa a desavença.

³²⁶ Warmington em sua tradução aponta para as diferentes possibilidades de interpretação de *Deblantare*, a partir dos comentários de Nonius sobre o verso em questão: "We might take *deblantare* as: strike up, or babble a silly tune; *obloqui*: join in singing; *configngere*: improvise; *concinit*: sings in harmony, in tune." In: LUCILIUS, "Satires". In. *Remains of Old Latin III: Lucilius, Laws of the XII Tables*. Tradução de E. H. Warmington. Loeb Classical Library. Cambridge: Harvard University Press, 1938. De uma forma mais ampla podemos compreender que o verso em questão reporta o comportamento inadequado após a excessiva ingestão de álcool.

³²⁷ DUNBABIN, Katherine MD. *The Roman banquet: images of conviviality*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. p.13

Considerando a tradição dos *exempla*, entendemos que, no mundo romano, eles funcionavam como um modelo de comportamento. Neste caso, todas as ações narradas iam contra o que era esperado em um banquete e, da mesma forma que os *exempla* apresentavam os modelos de forma a guardar a memória do indivíduo e seus feitos, neste texto, por meio do exagero, Lucílio apresenta todas as interdições existentes em um banquete, bem como qual seria a consequência para o anfitrião que se comportasse de tal forma: o banimento.

Jantares e banquetes eram espaços de autopromoção e construção de relações sociais e políticas³²⁸, e a imagem apresentada era moldada de forma a exibir uma figura generosa e próspera. Neste caso, o anfitrião é marcado pela sua inabilidade de prover adequadamente os convidados e pelas más companhias, que se mostravam incapazes de internalizar e compreender as regras deste tipo de interação, com um comportamento errático ao cantar mal e em momento inoportuno. Tais associações são apresentadas como um fator depreciativo, que levaria o anfitrião a perder a estima dos demais convidados e, por fim, ser banido, ostracizado.

Lucílio destaca também a sociabilidade intrínseca ao banquete e os cuidados dedicados por quem ofertava o evento ao apontar como os convidados foram recebidos e entretidos (*pulchre invitati acceptique benigne*; Lucílio, *Sát.* 20.595) pelo anfitrião, destacando como o vinho³²⁹ e os ovos eram de excelente qualidade (*decumana ova*; Lucílio, *Sát.* 20.597), e como cada convidado receberia seu pedido particular, elementos que indicariam uma ceia exemplar. Contudo, esta percepção é questionada ao ser descrita a preocupação do anfitrião em ressaltar que os peixes servidos teriam sido pescados entre as duas pontes do Tibre, *Pons Aemilius* e *Pons Sublicius*, (trecho posteriormente referenciado por Juvenal) e a

³²⁸ “Dessa maneira o cidadão romano consciente de seu *status*. se apresentava para si mesmo e para seus convidados e, por reputação, para o público mais amplo. A preocupação com estética, conforto e luxo forma a infraestrutura necessária para a *performance* do banquete. O cuidadoso planejamento da comida e sua apresentação também são de suma importância.”; “In this way the status-conscious Roman presented himself to his guests and, by reputation, to the wider public. The concern for aesthetics, comfort and luxury provides the necessary infrastructure for the performance of the banquet. Integral too is the careful planning of the food and its presentation”. In.: RAWSON, Beryl. “Banquets in Ancient Rome: Participation, Presentation and Perception.” LUCKINS, Tanja. *Dining on Turtles: Food, Feasts and Drinking in History*. P. 19-20.

³²⁹ O trecho original refere-se apenas a região de Chios. A partir dos comentários apresentados por Servius, Warmington interpreta que este fragmento refere-se ao vinho ali servido, que seria, assim, de boa qualidade. In. LUCILIUS, “Satires”. In. *Remains of Old Latin III: Lucilius, Laws of the XII Tables*. Tradução de E. H. Warmington. Loeb Classical Library. Cambridge: Harvard University Press, 1938.

discussão entre os presentes sobre a lei Licínia³³⁰ (*Legem vitemis Licini*; Lucílio, *Sát.* 20.599), que estava em voga à época e determinava o racionamento de alimentos, a qual os convidados afirmam que não seguiriam naquela noite, implicando que eles teriam acesso a uma quantidade de alimentos superior à maioria da população e acima das restrições legais sobre o tema. Criticam também a lei Calpurnia que punia as denúncias de extorsão por parte dos oficiais romanos³³¹. A associação estabelecida entre o discurso moralmente duvidoso dos presentes, o qual destratava a legislação romana e o fato do peixe que estavam consumindo ser pescado próximo à cloaca romana, favorece o riso proveniente da incongruência do relato, de um banquete que oferecia iguarias, para um que serve alimentos inadequados e conta com convidados pouco virtuosos.

Horácio (*Sát.* 2.8), relata um banquete no qual Mecenas³³² teria sido o convidado de honra. O interlocutor de Horácio, descreve um espaço luxuoso, com a presença de um volumoso número de escravos, apontando como, a fim de agradar Mecenas, o anfitrião ofereceu diversas variedades de vinho como o proveniente de Falerno, junto a pratos de excelente qualidade. Tal característica é enfatizada pelo fato de as peculiaridades de cada prato serem discutidas por um dos convidados, que descrevia os alimentos. Ao explicar o sabor do que estavam provando, um dos termos utilizados era "*ingustata*", que pode dizer que algo que não provado anteriormente, novo, ou "sem gosto", ambiguidade chistosa que poderia inferir que nem todos os convidados concordavam com as avaliações expressas³³³.

Neste contexto de aparente abundância, dois dos convidados, clientes trazidos por Mecenas, afirmam que beberiam até levar o anfitrião à falência (*nos nisi damnose bibimus, moriemur inulti*; Horácio *Sát.* 2.8.34). A narrativa aponta que tal ameaça teria deixado o dono da casa pálido (*vertere pallor*; Horácio *Sát.* 2.8.35), temendo pelos beberrões, pelo excesso de zombaria e, supostamente, porque o

³³⁰ Conforme apontado por Warmington em nota. In. LUCILIUS, "Satires". In. *Remains of Old Latin III: Lucilius, Laws of the XII Tables*. Tradução de E. H. Warmington. Loeb Classical Library. Cambridge: Harvard University Press, 1938.

³³¹ Conforme apontado por Warmington em nota. Idem, *Ibidem*.

³³² Um elemento interessante no que se refere à organização do grupo no espaço destinado aos banquetes é a descrição de que os clientes que acompanhavam Mecenas sentavam-se aos seus pés. Roller afirma que a posição de sentar-se aos pés de alguém ao invés de deitar-se no *triclinium* é atribuída às mulheres que acompanhavam seus maridos nos banquetes, o que pode ser uma piada com a situação submissa destes clientes frente a Mecenas. In. ROLLER, Mathew. *op.cit.*

³³³ Como é apontado por Fairclough, em nota, citando Palmer. In. HORACE. *Satires, Epistles and Ars Poetica*. Tradução: FAIRCLOUGH, HR. Loeb Classical Library. Cambridge: Harvard University Press, 1928.

abuso com o vinho afetaria o paladar e os impediria de aproveitar o banquete. Enquanto ambos ingerem grandes quantidades de vinho, sendo imitados pelos demais convidados, os clientes do anfitrião se abstém (*imi convivae lecti nihilum nocuere lagoenis*; Horácio *Sát.* 2.8.40-41). Na sequência, o jantar, uma lampreia com camarões (a qual, é ressaltado, teria sido pescada antes da desova, caso contrário a carne não seria tão boa), é servido e as referências ao luxo que permeia aquele evento continuam sendo apontadas enquanto os convivas discutem os ingredientes do molho, provenientes de locais distantes e exóticos.

Contudo, ainda que a narrativa tenha apontado, até então, para os esforços do anfitrião e as preocupações causadas por convidados inesperados, é descrito como o toldo que os protegiam cai, gerando uma nuvem de sujeira. Este evento marca uma transição nos temas abordados pelos convidados que passam a discutir os caprichos da sorte e como ela seria injusta, uma vez que a organização e gestão de um evento como aquele era fonte de nervosismo para quem o ofertava. Essa transição narrativa é marcada também pela mudança no comportamento do anfitrião, que passa a atuar de forma mais efetiva em suas tentativas de entreter seus convidados, se retirando por alguns instantes e retornando, propondo-se a comentar os alimentos expostos, os quais estão em um péssimo estado, a fim de distrair os convidados. A atitude descrita tem um efeito contrário ao esperado, com os convidados incomodados com a situação, deixando de consumir os alimentos expostos e abandonando o banquete (*quem nos sic fugimus ulti, ut nihil omnino gustaremus*; Horácio *Sát.* 2.8.93-94). Ao fim não é a postura dos convidados nem os eventos externos que atrapalham o bom funcionamento do banquete, mas as ações do próprio anfitrião, ao preocupar-se de forma demasiada, e se portar de forma inconveniente.

Ao longo das sátiras de Horácio, Mecenas é um personagem constante e que não é alvo de críticas severas do autor, pelo contrário, é apresentado de forma elogiosa. Observamos como o anfitrião realiza inúmeros esforços para agradar seus convivas, considerando que se tratava de uma situação com um convidado especial: servindo diferentes variedades de vinho e destacando a qualidade dos alimentos, de forma semelhante ao apresentado em textos anteriores. Porém, neste caso, ainda que comentários sobre como a lampreia foi pescada ou o fato de dois convidados afirmarem que iriam falir o anfitrião ao beber toda a sua adega tornem o momento risível, o texto torna bastante claro que era esperado que o anfitrião adotasse tal

postura e fornecesse um banquete que expressasse, por meio dos víveres servidos, uma representação de sua posição social e riqueza.

Ao longo do tempo, em especial a partir do período imperial, aumenta a importância da espetacularização dos eventos romanos, segundo Stephenson³³⁴. O autor destaca como nesse período foram incorporadas apresentações de literatura, música, acrobatas aos jantares e banquetes, passando a ser parte da preocupação dos anfitriões. Contrariamente ao que seria esperado, no texto de Horácio, ao invés de prover os convidados com alguma forma de entretenimento, o anfitrião se expõe ao ridículo, ao fornecer um ambiente inadequado, ao mesmo tempo em que, ao longo da narrativa, sua preocupação excessiva em agradar é risível.

Juvenal (Sát. 11), também se dedica a descrever as qualidades de uma boa ceia e quais seriam as formas de entretenimento mais adequadas para seus convidados. Ele destaca, ao longo do texto, sua origem humilde, que é apontada como uma virtude, e que poderia ser observada por meio de seus escravos, que falavam apenas latim (*cum posces, posce Latine*; Juvenal, Sát. 11.148), e que serviriam vinho local, mas, contudo, tinham um comportamento equivalente ao dos homens livres (*qualis esse decet quos ardens purpura vestit*; Juvenal, Sát. 11.155). Em oposição a relatos que ressaltam a origem estrangeira dos escravos responsáveis pelo vinho, bem como alimentos exóticos ou raros, Juvenal exacerba as qualidades locais daquilo que está oferecendo.

A comparação entre o que o esperado e a realidade oferecida torna-se mais evidente quando o próprio Juvenal se dedica a descrever qual forma de entretenimento estaria disponível para seus convidados comparando com aquilo que os convidados esperavam. Ele aponta como estariam aguardando um espetáculo com viés sensual, com dançarinas estrangeiras, que rebolariam em busca de

³³⁴ "No decorrer de uma refeição e na festa regada a bebida que a sucede, os convidados conversam uns com os outros sobre uma variedade de tópicos, conversa esta que é pontuada por jogos, brindes e discursos. Todavia, em certos momentos um segundo show acontecia no triclinio, logo antes do jantar, no qual artistas atuavam para os convidados. Estes shows estão entre as mais memoráveis características do *convivium* que chegaram a nós através da arte e da literatura, nas quais são representadas dançarinas, musicistas, mímicos, acrobatas, dramaturgos, animais treinados e ocasionais gladiadores e executores praticando suas artes nas casas e nas salas das *villa*"; "In the course of a meal and the drinking party afterwards, guests would engage one another with conversation on a range of chosen topics, punctuated by games, toasts, and addresses. However, at times a second show would unfold in the triclinium, taking place in the space before the dining party, where entertainers performed for the guests. These shows are some of the most memorable features of the *convivium* to come down to us in art and literature, which portray dancers, musicians, mimes, acrobats, dramatists, trained animals, and occasional gladiators and executioners practicing their arts in houses and villa halls." STEPHENSON, John. Op.cit. p.61-62

aplausos (*forsitam expectes Gauditana canoro incipiant prurire choro plausuque probatae ad terram tremulo descendant clune puellae*; Juvenal, Sát. 11.162-164) e seriam observadas pelas esposas reclinadas ao lado de seus maridos, cena que atiçaria os desejos dos presentes .

Contudo, ao invés de suprir tais desejos, Juvenal afirma que tais cenas não seriam observadas em sua casa, pois seriam excessivamente obscenas - até mesmo para um escravo que trabalhasse em um bordel (*non capit has nugas humilis domus. audiat ille testarum crepitus cum verbis, nudum olido stans fornice mancipium quibus abstinet, ille fruatur vocibus obscenis libidinis arte*; Juvenal, Sát. 11. 171-174). O riso aqui, no entanto, não parece ser causado pela mera inversão, mas pela ironia da situação, que conta com elogios traçados aos escravos que agiriam como era esperado dos homens livres, enquanto estes desejavam diversões que o satirista aponta como indignas.

O autor descreve quais as formas de diversão que seriam oferecidas em sua casa, afirmando que eles leriam Homero e Virgílio, poemas tão bons que não importava quem os lesse - segundo Braund, implicando que não teriam contratado ninguém para esta atividade (*nostra dabunt alios hodie conuiuia ludos: conditor Iliados cantabitur atque Maronis altisoni dubiam facienta carmina palmam. quid referet, tales uersus qua uoce legantur*; Juvenal, Sát. 1.179-182). Nesta sátira, observamos um conflito: o anfitrião reconhece e identifica a expectativa de seus convidados, aquilo que era esperado que oferecesse, contudo, em seu discurso, propõe um modelo de diversão que não apenas era divergente do esperado, mas que, em si, apresenta uma crítica às diversões aguardadas. O riso é provocado pela incongruência inerente entre aquilo que é esperado e o que está sendo ofertado. Ao mesmo tempo, aponta para conflitos relacionados aos valores e modelos da sociedade romana, em que ambas propostas poderiam ser entendidas como plausíveis, ainda que, quando comparadas, causem riso pela diferença entre aquilo que era propagado como importante pelos cidadãos romanos e o que era de fato apreciado quando estes se reuniam.

A situação é risível dado o esforço empenhado pelos mesmos em agradar seus pares e, ainda assim, serem mal sucedidos. Em ambos os casos, seja pelo desejo e preocupação excessiva em agradar ou pelo abandono dos padrões esperados pelos convivas, as sátiras apontam para a existência de um conjunto de atitudes que seriam esperadas, dentre as quais se destacam a generosidade, o

desejo em agradar seus convivas, bem como a habilidade em instigar conversas e propor distrações interessantes. Ao modificarem esse cenário e centralizarem a atenção em si, de forma inadequada, estes anfitriões tornam-se alvo do riso, demonstrando fraqueza e distanciamento do ideal de generosidade e comportamento esperado.

Ao mesmo tempo, nestes eventos, são evidenciadas as disputas entre patronos e clientes. Em especial, na narrativa de Horácio, podemos observar como não se tratava de uma relação de poder unilateral, mas complexa em que os grupos envolvidos estavam sendo constantemente testados e observados, fator que transparece por meio da discussão sobre o consumo de vinho, em que os clientes de Mecenas apresentam um comportamento que conflitava com aquilo que era esperado de um convidado, ao mesmo tempo em que os clientes do anfitrião apresentam uma postura submissa. Assim, ainda que possamos reconhecer posturas que seriam exemplares e esperadas, o relato nos apresenta condutas que distam desse ideal, e que, justamente por seu caráter transgressor, acabam por evidenciar os deslocamentos e rupturas da ordem apresentada. O riso, desta forma, seria também proveniente da identificação desta transgressão, por meio da qual o anfitrião é colocado a prova, e tem sua generosidade questionada. Na sátira de Juvenal, é o próprio anfitrião quem expõe a transgressão da regra, ao reconhecer que não oferecia aquilo que era esperado por seus convidados, mas sim o que ele considerava adequado.

Nos relatos aqui apresentados, a ideia da convivialidade é elemento central para o sucesso dos eventos propostos, sendo destacada pelos satiristas, reforçando a percepção de que se tratava de um ambiente planejado para o fortalecimento de laços e da hierarquia social entre os presentes³³⁵. Contudo, nos trechos destacados, a inabilidade do anfitrião acaba por impedir a realização dos eventos de forma adequada, seja pela escassez de alimentos, como ocorre em Cápuia, pela qualidade duvidosa dos peixes servidos, seja pela inadequação na escolha dos convidados. Todas estas narrativas reforçam a ideia de que existia um padrão esperado para realização dos banquetes, que era desejado que fosse

³³⁵ “O banquete pode fortalecer hierarquias, divisão e distanciamento social tanto quanto o equilíbrio. Como a competição sempre coexiste com a solidariedade na atividade comunal, as festas “unem e dividem ao mesmo tempo”; *“Feasting can foster hierarchy, division and social distancing as well as social equilibrium. As competition always coexists with solidarity in communal activity”, so feasts “both unite and divide at the same time”* STEPHENSON, John. Op.cit. p.61

suprido pelo organizador. De forma distinta a como são narrados os personagens de origem humilde, sem agência, neste caso, ainda que tenham condições para realizar os jantares, o fazem de forma errônea, alcançando péssimos resultados.

Os relatos são marcados pela falha e pela falta, inferindo a incapacidade desses indivíduos em manter a organização social e a hierarquia, sendo questionados ou desautorizados por convivas de status social inferior, como é narrado na sátira de Horácio, na qual os convidados se propõem a beber todo o vinho apresentado e em que os erros cometidos neste cenário poderiam implicar no ostracismo dos anfitriões. A generosidade é apresentada como uma característica desejável e o modelo de comportamento masculino subentendido como ideal é aquele em que os anfitriões se mostram capazes de suprir as necessidades de seus convidados, característica que fica ainda mais evidente quando comparamos como a única refeição oferecida por uma mulher dentre os relatos apresentados é marcada pela falta e escassez.

Contudo, ainda que os relatos sejam focados em quem oferece estes eventos, observamos que estes são colocados à prova de forma recorrente, seja por clientes que ameaçam acabar com o vinho ou por suas tentativas de entreter os convidados. Neste sentido, as situações expostas nas sátiras são complexas, com uma hierarquia não estanque, mas espaços em que as relações de poder entre masculinidades provedoras e, portanto, hegemônicas, são colocadas à prova por personagens que supostamente seriam dependentes destas situações. Observamos a preocupação dos anfitriões em serem ostracizados ou ridicularizados, apontando como não se tratava de uma relação direta e hierárquica, mas que contava com nuances e como a disputa entre perfis de masculinidade hegemônica eram colocados à prova por personagens dependentes e de masculinidades dissidentes. As relações de poder são descritas de forma tensionada, demonstrando como, por exemplo, clientes beberrões poderiam colocar o sucesso de um banquete planejado em detalhes em risco. Seja por meio de relatos de incongruência como os apresentados ou da ironia apresentada por Juvenal ao expor como sua persona satírica não pretendia romper com valores que lhe eram caros para agradar seus convidados, os anfitriões, longe da imagem poderosa e abusiva que poderia nos ser apresentada por meio de personagens como o patrono de Trébio, Virro, são descritos em meio a relações de poder simbióticas em que o seu sucesso depende também da aprovação e das relações estabelecidas com parcelas menos

afortunadas. Destaca-se ainda como a postura em relação aos alimentos, em especial a ideia de excesso e autocontrole permeia a maioria desses relatos, e em diversos momentos acaba por ser o foco central da narrativa, como será analisado no tópico a seguir.

4.2.3 - Excesso e gula

A imagem dos romanos como glutões, constantemente reclinados em banquetes foi popularizada por diferentes plataformas midiáticas e alvo de trabalhos recentes como o apresentado por Lind³³⁶. Trata-se de um perfil que é bastante explorado nas sátiras, tanto na descrição de banquetes luxuosos como pela construção de personagens marcados pela gula e pelo excesso alimentar. Tais narrativas sobre a ostentação à mesa são, muitas vezes, elaboradas em contraponto a um ideal de virtude, por vezes representado no embate entre dois personagens.

O tema da gluttonia é recorrente na obra de Lucílio, na qual, em meio as citações relativas às práticas alimentares, surgem reprimendas em relação ao consumo excessivo. Neste sentido, por exemplo, ao destinar seus ataques a um jurista no segundo livro, Lucílio afirma que o personagem em questão e os glutões (em geral) seriam especialistas em consumir toda carne disponível e capazes de, até mesmo, beber a gordura proveniente do tocinho. O verbo utilizado para descrever o consumo da gordura, *lurchare*, está associado à imagem de alguém comendo de forma insaciável, sôfrega. Corbier³³⁷ destaca como a gordura proveniente da carne era um dos elementos mais desejados pelos gourmands romanos e como o consumo de carne de porco era bastante comum e apreciado em Roma. Contudo, consumir a gordura da forma como é narrado seria um comportamento para além da gluttonia, beirando o animalesco. Em outro momento, ao criticar um glutão, Lucílio questiona se aquele não tinha descoberto que as ostras têm o sabor da lama dos rios (*Quid ergo si ostrea Cerco cognorit fluvium limum ac caenum sapere ipsum?*; Lucílio, *Sát.* 9.357-358). Em ambos os casos, as descrições se aproximam do grotesco e definem estes personagens como indivíduos com pouco ou nenhum controle sobre si.

³³⁶ LIND, Michael. "The second Fall of Rome" *Wilson Quarterly*, v. 24, n. 1, p. 46-59, 2000.

³³⁷CORBIER, Mireille. "The ambiguous status of meat in ancient Rome". *Food and Foodways: Explorations in the History and Culture of Human Nourishment*, 3:3, Routledge 1989, pp. 223-264.

O excesso alimentar apresentado nas sátiras surge também vinculado ao consumo de vinho. Pérsio (*Sát.* 3) apresenta a persona do jovem irritadiço e nervoso em meio a uma discussão sobre os comportamentos que o levaram a um estado de ressaca, explorando o tema a partir da descrição dos aspectos negativos da ingestão excessiva de vinho e suas consequências. As críticas ao personagem, que se encontra incapaz de escrever devido ao consumo de Falerno, são realizadas por meio de imagens relacionadas à alimentação, insinuando que, por estar de ressaca o outro alimentava-se (e, portanto, infere-se, agia) tal qual uma criança (*puer*), demandando a comida picadinha e recusando o cantarolar de sua mãe (*et similis regnum pueris pappare minutum/ poscis et iratus mammae lallare recusas*; Pérsio, *Sát.* 3.17-18). O interlocutor aconselha que, mesmo com uma despensa repleta (*multa fidelia putet in locuplete penu*; Pérsio, *Sát.* 3.73-74), inclusive com presentes provenientes de seus clientes, é importante que o jovem encontre seu lugar no mundo, uma vez que ele seria dependente e mimado, como observado por meio de seus hábitos alimentares.

Destacando as consequências físicas de tais práticas e prevendo um futuro desastroso, o interlocutor afirma que as prescrições médicas que oprimiam Pérsio, palpitações e mal-estar, seriam esquecidas quando ele se sentisse em condições de retornar aos antigos hábitos, buscando vinho na casa de um amigo rico. Segundo o interlocutor, Pérsio consumiria este vinho nas termas, em meio à uma sequência de atos que o levaria à morte. A descrição é bastante gráfica, afirmando que, dos lábios entre abertos escorreria o que ele tinha consumido um pouco antes, e que seria assistido em seu velório apenas pelos libertos de seu testamento. Tal narrativa, que visava expor a falta de autocontrole e o consumo excessivo de vinho, faz com que Pérsio reaja, afirmando estar em ótimas condições e saudável (e, portanto, distante do futuro ali descrito).

De forma semelhante à apresentada em outras sátiras, Pérsio exagera e leva as implicações dos comportamentos listados às últimas consequências. Assim a bebedeira (e ressaca) de um estudante preguiçoso é transformada em uma narrativa que resulta em um cenário de morte e solidão, em que apenas os libertos vão ao funeral do personagem principal. Além da crítica em que o estudante é chamado de indolente e mimado, ao final ele é esquecido, apresentado como alguém pouco memorável, vinculando o comportamento errático e o consumo excessivo de vinho à solidão e ao ostracismo.

As atitudes infantis do estudante, são apresentadas como um traço de seu caráter, favorecidas pelo consumo excessivo de álcool revelando uma masculinidade incompleta, inexistente, o que pode ser percebido pela utilização do termo *puer*, menino, bem como pela tentativa do interlocutor em orientá-lo e corrigir seu comportamento, avisando que a incapacidade de seguir tais conselhos, o tornaria um pária social. O excesso de vinho é vinculado ao descontrole, sintoma associado à emasculação, reforçado pela alimentação infantil e pelo não reconhecimento dos pares.

Juvenal, de forma semelhante, aponta a gluttonia e o excesso à mesa como características importantes de diversos personagens. Ao relatar a corte de Domiciano (Juvenal. *Sát.* 4), ele faz uso dos hábitos alimentares como elementos definidores do caráter de Crispino, personagem descrito como um estrangeiro (egípcio) que teria se tornado conselheiro de Domiciano. O marco central para a ridicularização e questionamento da moral de Crispino é a compra de um salmonete por seis mil sestércios³³⁸ para consumo próprio (*mullum sex milibus emit, aequantem sane paribus sestertia libris*; Juvenal, *Sát.* 4. 15-16) , e não como um presente para um homem sem herdeiros ou para uma amante, situação que seria mais aceitável (*consilium laudo artificis, si munere tanto praecipuam in tabulis ceram senis abstulit orbi; est ratio ulterior, magnae si misit amicae, quae uehitur cluso latis specularibus antro. nil tale expectes: emit sibi*; Juvenal, *Sát.* 4.18-21). Os atributos extravagantes do personagem surgem em outros momentos, como, por exemplo, quando Crispino é descrito como alguém que, ao frequentar a corte de Domiciano, teria se tornado capaz de reconhecer a origem de uma ostra pelo seu sabor, e estaria familiarizado ao consumo de vinho Falerno, comprovando seu caráter glutão.

Juvenal nos apresenta a imagem de um personagem com costumes extremamente dispendiosos e, principalmente, que age desta forma não pelo desejo em agradar os demais por meio de uma refeição ou banquete comunitário, como seria esperado, mas para consumo e prazer individuais. Ao apontar que até mesmo o ato de presentear o referido peixe com intenções escusas seria mais nobre do que consumi-lo sozinho, o autor estabelece uma hierarquia de comportamentos em que a gluttonia seria um dos mais desprezíveis, além de insinuar que tal iguaria seria

³³⁸ Juvenal destaca como tal valor seria suficiente para comprar terras em regiões mais distantes, afirmando que o pescador seria mais barato que o peixe em questão. (Juvenal. *Sát.* 4)

inacessível ao personagem em questão em um contexto que não envolvesse a corte, ao reforçar a sua origem e processo de ascensão social.

Além da crítica a Crispino, na mesma sátira, ao longo do texto, a alimentação e o consumo de peixe são associados à incapacidade de governança de Domiciano (e de sua corte). Juvenal narra como, na época de Domiciano, teria surgido um enorme rodovalho, o qual não foi colocado à venda por medo de represálias, mas entregue para o consumo do imperador, pois um exemplar tão suntuoso provavelmente era um fugitivo dos tanques de César e, portanto, deveria ser devolvido para ele. A este relato, vincula um evento ocorrido em um passado distante, em que um peixe semelhante teria sido entregue ao Rei, e, por não existir uma vasilha adequada para servi-lo, os conselheiros reais teriam indicado que, a partir de então, um oleiro deveria integrar a corte, para caso a situação se repetisse.

A narrativa criada em torno do tamanho e do consumo de peixes pela corte, seja pelo rei ou pelo conselheiro enfatiza a frivolidade, sendo destacada a incongruência nas prioridades e no comportamento daqueles que governam. A necessidade de ter um oleiro sempre próximo, de estar preparado para a chegada de um peixe, bem como ter um conselho para a formulação de um plano a respeito de tais eventos mimetiza o comportamento esperado em uma grande crise, um evento adverso, contudo, o esforço apresentado pelos personagens não condiz com a (pequena) gravidade do problema, causando o riso. O fato do comportamento de Crispino ter sido apresentado previamente retoma um argumento recorrente na obra de Juvenal, de crítica a grupos e personagens estrangeiros, reforçando a ideia de que estes exerciam má-influência sobre a população romana, e, neste caso, sobre o governo, o que seria observável por meio das práticas alimentares.

O caso da corte de Domiciano nos é particularmente relevante por ser uma crítica direta a membros de grupos governantes, os quais passavam por um maior escrutínio público. Braund³³⁹ descreve as ações e características que eram esperadas por parte dos imperadores, caracterizadas como *uirtus*. Neste sentido, a ideia de ser glutão, ser influenciado por estrangeiros e dependente de um conselho ineficiente certamente não eram condizentes com o comportamento desejado para um governante. Segundo a autora, a sátira era, neste contexto, utilizada para criticar as administrações anteriores a fim de favorecer o governo reinante no momento da escrita (considerando assim que a referida sátira foi escrita após 96 d.C.), ou seja,

³³⁹ BRAUND, op.cit.

teria atuado como uma forma de propaganda durante um período de troca de dinastias.

O riso é provocado pelo absurdo da situação, não pelo fato dos imperadores e classes governantes serem próximos ao luxo alimentar citado. A posição dos personagens na sociedade romana (de liderança e prestígio) é colocada em questão por meio da exposição de ações cotidianas e do contato com maus conselheiros. É interessante notar que, não são os governantes considerados glutões, mas sim manipuláveis e ridicularizados darem grande atenção a futilidades.

Narrativas de excesso à mesa não aparecem vinculadas apenas à elite e grupos privilegiados, mas também às parcelas mais pobres da população. Juvenal, por exemplo (*Sát. 11*), elabora uma reflexão sobre o tema a partir da comparação entre o impacto de um jantar suntuoso para diferentes grupos sociais, por meio de dois personagens, destacando como, enquanto alguns, como Ático, oferecem banquetes considerados elegantes, outros, como Rutilo, com a mesma ação seriam alvo de escárnio (*Atticus eximie si cenat, lautus habetur, si Rutilus, demens*. Juvenal, *Sát. 11*. 1-2).

Ambos têm origens bastante distintas, e, enquanto Atico pertenceria à elite, Rutilo teria abandonado a carreira militar para tornar-se um treinador de gladiadores. Para além do cargo pouco lisonjeiro, o segundo teria o hábito de consumir víveres que estariam além de suas posses, pratos e ingredientes exóticos cujo entusiasmo gerado era diretamente proporcional ao preço, e tinha nestas práticas parte central de sua vida (*quibus in solo vivendi causa palato est*. Juvenal, *Sát. 11.11*). Assim, Juvenal afirma que, pessoas como Rutilo seriam capazes de penhorar a prataria, conviver com credores lhes cobrando, ou mesmo derreter as estátuas de suas mães a fim de conseguir recursos para sua alimentação luxuosa. A engenhosidade para conseguir os recursos necessários incluiria pequenos golpes, como emprestar dinheiro, não pagar os credores, e mudar-se para o litoral a fim de aproveitar as ostras. O retrato formulado pelo satirista aponta como a afeição por alimentos caros poderia levar o indivíduo a gastar toda a herança e bens, até mesmo itens pessoais como o anel que carregava, ironizando que este tornar-se-ia então um mendigo, com o dedo nu.

Por meio desta comparação é apresentada uma diferença crucial: quando um pobre gasta com um banquete, isto é uma extravagância, contudo, a mesma atitude sendo proveniente de uma pessoa rica, serviria para melhorar a sua

reputação. Toda a narrativa referente ao consumo de alimentos caros não estabelece a proibição ou o interdito ao consumo, mas a hierarquização dos mesmos. A busca por alimentos onerosos quando não se pertence à elite ou não possui os recursos necessários é ridicularizada como fora de lugar e o excesso passível de castigos que incluem a despersonalização, como é exposto pelo indivíduo que perde até mesmo os signos de distinção, como o anel. O alerta, neste caso, não perpassa o consumo, mas o desejo de ocupar um lugar que não lhe é de direito, tema recorrente nas sátiras de Juvenal. A esfera alimentar surge como um dos espaços em que as divisões não são tão claras, sendo que o ideal de masculinidade apresentado por Ático não implica em sobriedade ou virtuosismo, mas em agir dentro daquilo que era esperado para seu grupo social. São os ensejos de personagens menos afortunados, que não teriam direito ao consumo de alimentos de luxo que causam o riso, é o anseio em ter algo que não lhe seria naturalmente concedido que é ridicularizado.

A gluttonia surge, neste sentido, como a marca de alguém que não reconhece o seu lugar em meio a hierarquia social e que pode levar os indivíduos à ruína e é apresentada como um traço de caráter daqueles que não seriam bons ou másculos o suficiente. De forma mais evidente no estudante descrito por Pérsio, criticado por agir como uma criança, mas também nas narrativas de Juvenal e Lucílio, os personagens retratados não são reconhecidos como modelos de cidadão, mas, possuem comportamentos que beiram o grotesco, ou, no caso de Juvenal, são abertamente criticados, considerando os grupos sociais a que pertenceriam. Esta característica é reforçada pelo desejo destes em suprir seu desejo ou em consumir como os membros de outro grupo social. A gula acaba por performar não apenas o desejo alimentar mas o interesse em pertencer a outro grupo, tornando-se símbolo assim, de uma masculinidade incompleta, pueril ou inapropriada, associada a imagens de personagens que teriam um estatuto social supostamente inferior ao da elite, como é o caso de Crispino, um estrangeiro, ou de Pérsio apresentado como um jovem, ainda não completamente formado, sem ter seus valores estabelecidos. Neste sentido, questões relacionadas à formação ética e filosófica dos personagens são constantemente representadas nas sátiras, sendo melhor e mais detalhadamente narradas em alguns momentos, que serão discutidos no tópico a seguir.

4.2.4 - Alimentação e ética

Em diferentes sátiras somos apresentados a diversas referências à movimentos filosóficos e reflexões que serviriam como modelos para os leitores, muitas vezes vinculando estes movimentos à esfera alimentar. As referências ao estoicismo, por exemplo, são recorrentes, associadas a ideias de autocontrole, o que pode ser reflexo da popularidade desta corrente em Roma no período do final da República e início do Império. Ao mesmo tempo, ainda que nem sempre relacionados a uma corrente filosófica, aspectos vinculados às práticas alimentares romanas são utilizados para discutir e representar questões éticas e valores que regeriam aquela sociedade.

Um exemplo é Laelio, personagem apresentado por Lucílio e, supostamente, seguidor da filosofia estóica, que é apresentado em meio a um banquete oferecido por Galonio, no qual discursa. Em contraposição a outros cenários marcados pela falta e escassez, presentes na obra de Lucílio, somos apresentados a uma síntese das características de uma boa refeição: Laelio afirma que um bom jantar seria *bene cocto et condito, sermone bono este, si quaeris libenter* (Lucílio, *Sát.* 5.200-207), ou seja, marcado pelo bom cozimento, bom tempero, mas também pela boa conversa, que traria um prazer inerente ao processo. Em seu discurso Laelio elogia alimentos menosprezados como a labaga (folha parecida com a azedinha), enquanto critica os glutões, em especial o anfitrião, afirmando que, mesmo servindo ingredientes como camarões (*squilla*) e esturjões (*acupensere*) enormes, este nunca teria aproveitado uma boa refeição (*o gurges Galloni, es homo miser' inquit "Cenasti in vita numquam bene"*) (Lucílio, *Sát.* 5.200-207). Como é destacado por Déry³⁴⁰, o tamanho e o preço do peixe eram elementos relevantes e signos de poder e de prestígio social, chegando ao ponto de leilões serem organizados para a venda dos maiores exemplares (e, por possuírem tais características, os esturjões passaram a ter destaque nos banquetes romanos). Assim, ao comentar a qualidade dos ingredientes servidos, Laelio reconhece o esforço do anfitrião para agradar seus convidados, ao mesmo tempo em que desdenha da convenção social que incentiva tal comportamento. O elemento central aqui é a associação entre os convidados e o prazer relacionado à alimentação. Mais do que ingredientes específicos, destaca-se a questão da companhia por meio das

³⁴⁰ DÉRY, Carol. *Op.cit.*

referências ao *sermone bono*, bem como pelo uso de *libenter* que pode ser traduzido tanto como com prazer como “com boa vontade”, ou seja, a refeição ideal seria feita com boa vontade, algo impensável em meio às más companhias.

Ao discutir a relação de algumas correntes filosóficas com a esfera alimentar, Scade³⁴¹ destaca como, por perceberem a virtude como a finalidade central de suas ações, os estóicos censuravam a postura hedonista daqueles que se divertiam à mesa, argumentação apresentada de forma exacerbada pelo filósofo aqui retratado, ainda que, ao analisarmos o discurso de Laelio, percebamos a crítica aos excessos, mas também como estes eram encarados como parte esperada da *cena*, aquilo que ele descreve como exagero não parece causar espanto ou reações de censura nos demais.

O exagero na argumentação *ad absurdum* de Laelio provoca o riso, mas também desqualifica o autor e a corrente filosófica por ele representada. Considerando o uso de metáforas culinárias como forma de expor princípios filosóficos, podemos inferir que a sátira em questão aponta não apenas para o domínio das paixões, como seria esperado para um estóico, mas também para descontrole frente ao anfitrião, uma duplicidade sustentada pelo uso do riso na narrativa. Ao apresentar o personagem defendendo o consumo de uma hortaliça como a labaga, Lucílio ridiculariza a negação de Laelio em aproveitar o jantar, uma vez que era esperado que os convidados apreciassem o mesmo, colocando em questão se um comportamento como criticar o anfitrião e chamá-lo de glutão, era adequado, se condizia com a “boa vontade” (*libenter*) defendida pelo filósofo.

Acreditamos que, por meio da discussão sobre os alimentos, é exposto o conflito entre duas percepções masculinidade Romana. A primeira seria campesina, simples e estóica em contraponto a uma mesa (e convivência) luxuosa, dependente e interessada no contato com o estrangeiro (identificada pelo primeiro grupo como exagerada e não educada). Neste sentido, ambos personagens, (e, por consequência, as masculinidades por eles representadas), são motivos de riso, expondo os confrontos entre diferentes modelos de conduta.

Em uma primeira leitura a interpretação do evento tende a implicar que se tratava da mera crítica ao comportamento exagerado e dispendioso do anfitrião, excessivamente preocupado em ostentar a sua riqueza e incapaz de aproveitar o jantar. Ao mesmo tempo, Laelio, ao se apresentar como uma figura que busca a

³⁴¹ SCADE, Op. Cit.

virtude, desligada dos prazeres hedonistas, também é alvo do riso, devido a contradição presente em sua fala ao defender alimentos como a labança e, ao mesmo tempo, afirmar que saberia identificar refeições bem temperadas e preparadas. O filósofo aparece não como um modelo frente ao excesso, mas como figura caricata e incoerente, apresentando um exemplo de *uirtus* que não apenas era difícil de ser alcançado, mas, também, ridículo.

A recorrência de referências a correntes filosóficas é observada também em Horácio. Um exemplo é o relato sobre Ofelo (Horácio, *Sát.2.2*), personagem identificado como um antigo amigo do satirista. Tendo como tema a vida simples (*vivere parvo*; Horácio, *Sát.2.2,1*), a sátira em que ele é apresentado é permeada por referências, em especial, ao estoicismo, relacionando-o às práticas alimentares. Ofelo defende que o verdadeiro prazer em se alimentar seria mais dependente da fome do indivíduo e de seu caráter, que do preço ou refinamento do alimento, e associa o apetite sadio e aceitável à atividades como a caçar lebres (*leporem sectatus*; Horácio, *Sát.2.2,9*), cavalgada e o treinamento do exército (*romana fatigat militia*; Horácio, *Sát.2.2,10-11*), identificadas como sendo tipicamente romanas e bastante másculas, em contraposição aos jogos e atividades praticados pelos gregos, que seriam menos extenuantes.

Assim, o esforço gerado pelo trabalho seria suficiente para abrir o apetite, fazendo com que a qualidade do vinho (proveniente ou não de Falerno) e do *mella* (e a variedade do mel utilizado em sua produção), perdessem completamente a relevância e fazendo com que pão e sal fossem substitutos possíveis ao consumo de peixes, associando a masculinidade *ideal* ao despreço pelas extravagâncias alimentares e à predileção por alimentos simples.

Em oposição a tal modelo, é descrita uma lista de alimentos que seriam marcas dos glutões e seus desejos: aves raras, peixes, ostras. Algumas preferências como o consumo de pavão ao invés de frango são apontadas como uma escolha derivada exclusivamente da estética associada ao pássaro, e não do seu sabor, sendo questionado se os interessados comeriam a carne ou a plumagem do animal: *num vesceris quam laudas pluma? Cocto num adest honor idem?* (Horácio, *Sát.2.2,27-28*). O argumento apresentado neste trecho valoriza o alimento adquirido com o suor do trabalho em detrimento do luxo à mesa, enquanto a preocupação excessiva com a alimentação e origem dos víveres importados são apontados como uma marca vexatória e pouco viril, diferenças que seriam

irrelevantes para quem tem fome, uma vez que mesmo os mais ricos apreciariam ovos e azeitonas, ingredientes recorrentes em pratos populares.

Na sequência, diferentes qualidades de peixes são apresentadas em contextos polêmicos. Ofelo afirma *Laudas, insane, trilibrem /mullum, in singula quem minuas pulmenta necesse est* (Horácio, *Sát.2.2,33-34*), questionando a sanidade daqueles que exibiam e elogiavam uma grande tainha, que ao fim seria cortada em pedaços durante o seu preparo, crítica que implica no desdém por toda a sociabilidade exposta por meio das *cenas* nas demais sátiras, em especial dos padrões estabelecidos entre os membros da elite sobre o que seria um banquete bem-sucedido, ao que cita Galonio e Lucílio, lembrando que o primeiro teria sido ridicularizado por servir um esturjão enorme ao invés de um peixe mais adequado à situação, como um rodovalho.

No entanto, as críticas apresentadas pelo estóico não se restringiriam aos comportamentos excessivos, mas também à avareza, por meio do personagem de Avidieno, relatado como alguém que comia frutas silvestres (*silvestria corna*; Horácio, *Sát. 2.2,57*), azeite rançoso com vinho azedo (*vinum et cuius odorem olei*; Horácio, *Sát. 2.2,59*) e azeitonas velhas (*quinquennis oleas*; Horácio, *Sát. 2.2,57*), comportamentos que são criticados e desaconselhados de forma menos severa que a gluttonia. Ofelo defende que uma alimentação mais simples seria melhor para a saúde e, apresentando-se como *exemplum* em relação à alimentação, destacando como mantinha hábitos humildes, provenientes do campo, compartilhados com vizinhos e amigos.

Ao ridicularizar os alimentos cobiçados por alguns membros da elite, Horácio, por meio do personagem, aborda o tema como se este fosse de conhecimento geral, não trata os excessos como motivo de surpresa, mas como atitudes corriqueiras (ainda que criticáveis). Além disso, no início da sátira, é estabelecida a correlação entre atividades masculinas e o prazer na alimentação, dando a entender que aqueles que mantinham padrões de trabalho e atividades romanos e másculos não se preocupariam demasiadamente com a comida, inferindo que todos os exemplos de alimentos citados como sendo extravagantes, ostras, faisão, peixes como o esturjão e o rodovalho, não correspondem ao que era esperado de um cidadão romano, idealizando uma alimentação campestre e simples. A conjunção destes dois fatores implicaria no fato da maioria dos homens romanos estarem distantes do ideal exposto por Ofelo.

De forma semelhante, Damasipo, outro personagem apresentado por Horácio (Sát. 2.3) se propõe a discutir sobre as loucuras humanas a partir do estoicismo, por meio das práticas alimentares. Ao abordar a questão da avareza, por exemplo, ridiculariza aqueles que economizam em tudo, bebem vinho azedo e se alimentam apenas de verduras e legumes mesmo tendo Falerno e trigo estocado, pois, quando morressem, outros, como um filho ou liberto, fariam uso das riquezas escondidas. Esta preocupação dos avaros em relação ao dispêndio de alimentos surge também por meio do relato de um pai que, em seu leito de morte, afirma preferir que um filho seja exilado e banido, caso este fosse eleito Edil ou Pretor, pois acabaria por gastar a fortuna em feijão, ervilhas e tremoços consumidos em vias e jogos públicos. O riso provocado pela preocupação dos indivíduos em situações extremas (como o leito de morte), com problemas sobre os quais eles não têm mais influência, bem como o exagero em suas posturas enfatiza a mediocridade das preocupações apresentadas.

Em contraponto aos comportamentos avaros, são narrados casos de jovens pródigos que teriam gasto as fortunas de suas famílias com extravagâncias alimentares, como o caso de Nomentano, que recebeu enorme fortuna e a desperdiçou com alimentos elaborados e é identificado como louco e estúpido *Nunc age, luxuriam et Nomentanum arripemecum: vincet enim stultos ratio insanire nepotes* (Horácio, Sát. 2.3.224-225). Da mesma maneira, é discutido que o filho de Esopo teria dissolvido uma enorme pérola em vinagre *aceto diluit insignem bacam* (Horácio, Sát. 2.3.240-241) apenas para poder consumi-la e, o caso dos filhos de Quinto Arrio, que tinham como preferência almoçar rouxinóis, extremamente caros. Nestas narrativas, não somos informados dos nomes dos filhos, mas sim o dos pais e, por conseguinte, das famílias. O foco de atenção e da crítica se mantém, desta forma, vinculado ao *paterfamilias*: o pai que instrui seus filhos a não desperdiçar os bens da família em seu leito de morte seguido de relatos de consumo excessivo, fazendo com que o disparate apresentado possa ser compreendido como uma falha na educação e na transmissão dos *exempla* e sintoma das contendas entre gerações. Assim, considerando que os hábitos alimentares mudam ao longo do tempo, assim como a relação destes com padrões de gênero, a forma como são apresentados, expondo os pais ao relatar o comportamento exagerado dos filhos, sinaliza o incômodo com mudanças e com a ostentação alimentar apresentada pelos jovens em questão.

Enquanto os pais são narrados como sendo mais avaros e menos dados a excentricidades na mesa, os filhos adotam comportamentos vinculados à exposição de poder e riqueza, em parte para validar seu espaço na sociedade, e o fazem por meio do consumo de alimentos extravagantes. A tônica desta sátira, iniciada com o discurso estoico e passando pela relação familiar e a transmissão de valores entre gerações, mais do que enfatizar a ideia de uma *uirtus* encontrada no meio termo, destaca as contradições relacionadas à alimentação. Não é apresentado um modelo de virtude de fato, mas as fraquezas, tanto daqueles que desperdiçam grandes somas com práticas alimentares singulares, quanto dos que se preocupam demasiadamente em economizar. Pobres e ricos, jovens e velhos, todos são apresentados como sujeitos à alguma forma de descontrole, a repetirem padrões de comportamento de forma automatizada, retirando a capacidade reflexiva dos personagens. Em ambas as sátiras, tanto Ofelo como Damasipo fazem uso de referências filosóficas para justificar os argumentos sobre os comportamentos analisados. Os personagens em si tornam-se motivos de riso, ao se apresentarem como tendo uma moral acima de críticas e, na sequência, estabelecerem uma hierarquia de valores a partir de um tema tão prosaico como a alimentação.

A interpretação da alimentação a partir de princípios filosóficos é levada ao extremo por Horácio (*Sát.* 2.4), ao descrever um jantar com a mesma ênfase merecida por uma discussão filosófica. O satirista é apresentado a uma série de ensinamentos que Catio, seu interlocutor, afirma serem mais interessantes que as ideias de Pitágoras e Platão. Tendo como intuito ridicularizar a preocupação excessiva com os hábitos alimentares, a sátira em questão é dividida em quatro partes que seguem a ordem dos pratos em um banquete: a primeira é dedicada aos aperitivos ou antepastos (*gustatio*), a segunda ao prato principal (*mensa prima*), seguido da sobremesa (*mensa secunda*) e, finalmente, a forma como o banquete é organizado. Catio descreve uma série de pratos e alimentos apontando quais eram os mais adequados, como escolher os ingredientes e prepará-los, ressaltando a proveniência dos mesmos, muitos dos quais de regiões distantes. O solilóquio sobre vinhos, mexilhões, quais as melhores variedades de azeitona é apresentado como sendo um conhecimento indisponível para os leigos, seria um sinal de sabedoria.

Ao inflar a relevância destes dados e destacar a atenção e recursos gastos com ingredientes raros ou exóticos, comparando o ato de cozinhar com uma intrincada arte, *Cenarum artem*, Horácio ironiza o discurso proferido por Catio.

Conhecer o sabor exato de cada alimento, qual o melhor javali, o molho certo com cada peixe, lebre, ovas, saber escolher as melhores maçãs e assim por diante é apresentado como uma ciência digna apenas de poucos escolhidos, a qual incluía questões relativas à sociabilidade: como escolher a melhor louça, toalhas e demais apetrechos e treinar os escravos. A fala apresentada pelo interlocutor se mostra entediante e repetitiva, a comparação de detalhes tão simplistas com filosofia e a atenção exagerada dada por Catio a situação cria um cenário em que a preocupação excessiva com a gastronomia é ridicularizada. Neste caso, a própria figura do interlocutor que é encontrado falando sozinho na rua a fim de não esquecer temas tão irrelevantes se mostra patética. Não é o consumo de pratos refinados que é alvo do riso, mas, principalmente, a fala e a preocupação exagerada com tais temas.

Em comum, as três situações narradas por Horácio questionam a validade dos preceitos citados frente a realidade em que os indivíduos estavam inseridos. Os exemplos citados são, em sua maioria, de pessoas agindo de forma extrema, distantes de um ideal de equilíbrio e autocontrole. O estoicismo, longe de ser um modelo a ser seguido, torna-se motivo de riso, ao ser contraposto a uma realidade que dista dos ideais por ele professados. Considerando uma maior circulação desta corrente filosófica em Roma a partir do final da república, os relatos e ações narrados podem ser entendidos como uma crítica, ou ao menos, um questionamento à corrente, em que são apresentados comportamentos extremos, seja em relação à gula ou à avareza alimentar. Longe de um ideal almejado, os preceitos estoicos são apresentados como pouco viáveis, enquanto são narrados modos de vida diversos, organizados a partir de outras ordens. Em oposição ao ideal masculino de relação com a esfera alimentar exposto por Ofelo ao associar características másculas à despreocupação com a alimentação, as demais narrativas acabam por apontar outras formas de se relacionar com esta esfera, práticas dissidentes que são reconhecidas e apresentadas pelos satiristas, tais como a gula excessiva e a preocupação com a alimentação como fonte de prazer e satisfação.

Se em Horácio a referência à filosofia serve para ridicularizar o interlocutor e demonstrar a incoerência em suas ações, Pérsio descreve um diálogo filosófico e como os personagens envolvidos entendiam a relação com a esfera alimentar. Ao longo da conversa entre Sócrates e Alcebíades, o último é criticado por

sua superficialidade e falta de conhecimento em geral, sendo que parte das reprimendas é elaborada por meio de referências alimentares, comparando os hábitos de Alcebíades com os de uma senhora idosa, que deseja alimentos elaborados (*uncta patella*; Pérsio, *Sát.*4.17 - que pode ser entendido como um prato gorduroso) e ficar ao sol ao longo do dia (prática que segundo Thuillier³⁴² era considerada pouco máscula). Já o estoicismo é abordado por Pérsio ao descrever a relação e a influência de Cornuto em sua vida, citando como, quando ele passou a ter idade para frequentar a Suburra e os banquetes, teria sido acolhido pelo tutor que o auxiliou a moderar seu comportamento errático e com quem dividiu mesas mais modestas (*seria mensa*; Pérsio, *Sát.* 5.44). Tais práticas teriam favorecido a construção do caráter de Pérsio, pois, segundo o satirista, o interesse excessivo pela alimentação e a obesidade eram fatores que levariam os homens à ruína. Na sequência, o autor vincula a ideia de liberdade ao status do indivíduo e às práticas alimentares, afirmando que a liberdade que lhe é essencial não é aquela que permite qualquer um receber a sua cota de grãos, ridicularizando a ideia de que “uma volta” seria suficiente para transformar alguém em cidadão (*Quiritem vertigo facit*; Pérsio, *Sát.* 5.75), ou seja, apontando para diferenças que acometeriam os libertos. Para tanto, cita o caso de Dama, um servo adulator, que ficaria emocionado, choroso (*lippus*) ao receber vinho Vappa³⁴³ (conhecido pela má qualidade) e mentiria em troca de lavagem, do alimento dos animais. Pérsio questiona se, caso fosse liberto, transformado em Marco Dama, isso lhe tornaria uma pessoa mais confiável, seria então aceitável tomar a sua palavra como verdadeira?

Neste trecho, os hábitos alimentares são apresentados como a definição da moral do indivíduo. Mais do que o seu estatuto jurídico, ou mesmo o seu nome, é a relação com a comida que surge como símbolo definidor do caráter de Dama, enquanto a diminuição da manumissão e a referência ao péssimo vinho e a comida de animais reforça a percepção de seu baixo estatuto social e incompatibilidade com o conceito de liberdade. Ao longo do texto somos apresentados a uma hierarquia implícita por meio da relação com a alimentação. Enquanto elogia o controle de Cornuto frente ao tema, Pérsio ridiculariza os libertos, utilizando seus hábitos e

³⁴² THUILLIER, Jean-Paul. Virilidades Romanas: *vir*, *virilitas*, *virtus*. In.: CORBIN, Jean-Jacques Courtine, VIGARELLO, Georges. op.cit. p 91

³⁴³ *Vappa* também poderia se referir a uma pessoa sem escrúpulos, sem valor.

predileções alimentares como um marcador mais relevante do que o estatuto jurídico, uma vez que, supostamente, tais marcadores seriam imutáveis. Trata-se também de um discurso filosófico sobre o autocontrole e domínio, que seriam típicos de mestres como Cornuto e indisponíveis para libertos como Marco Dama.

Para provocar o riso nestes trechos relaciona-se a mecanização do indivíduo, recurso recorrente no humor, que aponta para a falta de agência e de autocontrole. Contrapor tais comportamentos a proposições filosóficas, faz com que esta mecanização fique ainda mais evidente. Ao mesmo tempo, a própria obsessão dos filósofos frente ao tema faz com que o comportamento dos mesmos seja exposto ao ridículo, ao se preocuparem em discutir um tema menor como esse, em especial ao compararem-se com grupos, como libertos.

As implicações éticas relacionadas à esfera alimentar são encontradas também em trechos não vinculados diretamente à nenhuma corrente filosófica. Mais do que um espaço em que as percepções hierárquicas podem ser identificadas, em algumas sátiras a alimentação surge como um elemento perigoso, que possibilita a subversão da hierarquia estabelecida. Esta representação da esfera alimentar como uma área de risco surge, em especial, na obra de Juvenal, em duas sátiras, com personagens que se contrapõem aos modelos de cidadão romano e que utilizam da alimentação como arma contra seus desafetos.

Na primeira delas, Juvenal apresenta a interlocução entre alimentação e religiosidade (Juvenal, *Sát.* 15), ao descrever e condenar a prática de canibalismo. Sua crítica é voltada para a religião egípcia que, segundo o autor, realizaria tais práticas, em dias de festas religiosas, nos quais grupos de fiéis aproveitariam o fato dos rivais terem consumido vinho e aprisionariam um de seus membros, o qual seria supliciado e consumido pela multidão. As cenas descritas são grotescas, citando o consumo de carne humana por parte dos envolvidos, associando um visual e comportamento animalesco ao processo (afirmando que estes chegariam a “roer os ossos das vítimas”, por exemplo). Mais do que uma mera descrição de canibalismo motivado pela rivalidade, este é também associado ao consumo de vinho, sendo descrito como aqueles que o consomem ficariam sujeitos a esse tipo de situação.

A distinção entre o grupo de estrangeiros e romanos tem como ponto central a descrição de um comportamento grotesco e animalesco dos primeiros que é colocado em contraposição a, por exemplo, um comentário elogioso sobre a dieta pitagórica, inferindo que um sábio seria incapaz de ferir um ser vivo, quanto mais um

humano, ou quando descreve como mesmo os animais na natureza demonstrariam mais compaixão entre os membros de uma espécie. Ao afirmar que, em algumas situações, o canibalismo seria aceitável e mesmo os fantasmas das vítimas concordariam com essa proposição durante cercos muito longos, por exemplo, Juvenal ironiza e provoca o riso ao demonstrar uma moral dúbia, defendendo um comportamento que tinha apontado como inaceitável e animalesco, ao mesmo tempo em que expõe e coloca em debate quais os limites éticos que balizam tal conduta. Mais do que a crítica ao canibalismo em si, surge como um elemento relevante a utilização deste comportamento grotesco como fator de distinção entre a audiência e o grupo ao qual Juvenal se identifica e os egípcios. A forma dialógica como a sátira contrapõe exemplos de virtude aos egípcios e suas práticas religiosas, ao consumo de vinho e, em especial ao canibalismo, hierarquiza os dois grupos, em uma lógica que opõe a *uirtus* romana ao grotesco estrangeiro.

Enquanto na décima quinta sátira a relação entre a alimentação e morte seja utilizada para apontar o caráter animalesco de um grupo e a superioridade romana, ao final da sexta sátira, na qual as mulheres são o tema central, são descritas uma série de situações nas quais as práticas religiosas, sexuais e alimentares estão relacionadas. Ao comentar e criticar as formas de esoterismo e práticas religiosas femininas, Juvenal descreve poções que seriam utilizadas por esposas e amantes, como teria ocorrido com Calígula, que teria perdido a sanidade mental após ser envenenado pela esposa. Tais poções seriam um risco para a virilidade e poderiam subverter as relações matrimoniais, citando na sequência, também o caso de Agripina e sua suposta tentativa de envenenamento por cogumelos.

Neste trecho, Juvenal descreve a alimentação como perigo para os interlocutores e, principalmente, como uma ferramenta útil para possíveis inimigos, sobre a qual os homens não teriam capacidade de detectar o risco eminente ou mesmo as más intenções das ofertas de alimentos, em especial por parte das mulheres. A narrativa que vincula a loucura de Calígula ao fato de ter consumido um alimento ser afrodisíaco, referência que poderia causar o riso na audiência, ao associar o comportamento violento do general à necessidade de consumir um estimulante sexual, em especial quando este teria sido oferecido por sua esposa, implicando que a sua performance sexual seria insuficiente, fazendo com que um

personagem vinculado a símbolos de virilidade, como a vida militar, seja retratado com disfunção erétil e insano.

Os ideais de masculinidade que permeavam a sociedade romana relatados por meio dos *exempla* distanciam-se das características associadas à feminilidade e a grupos estrangeiros. Contudo, para além da percepção de comportamento inadequado, o texto aparece como um aviso, um alerta sobre os possíveis perigos apresentados pela alimentação. Mais do que um risco de fato, a apresentação de tais personagens como sendo ameaçadores para o bem-estar físico dos cidadãos romanos pode ser entendida como uma forma de reforçar as diferenças entre tais grupos e a audiência: sendo eles descritos como grotescos e incivilizados, no caso dos egípcios ou sarracenos, ao falar das mulheres. Os textos, ainda que critiquem os egípcios e suas práticas religiosas e as mulheres também tornam os homens ali apresentados alvos potenciais, ao colocá-los como suscetíveis ao envenenamento (e temendo tal situação) ou citar como, em determinadas circunstâncias (como um cerco mais longo), eles também seriam capazes de cometer canibalismo.

Certamente as atitudes ali observadas são marcadas pelo exagero retórico, bastante presente nos textos de Juvenal, mas apontam para os conflitos éticos envolvidos, e também servem para despir o ideal de masculinidade marcado pela *uirtus* romana. A distinção da *uirtus* ou de uma suposta superioridade, da *grauitas* romana não cabe no cenário descrito, em que eles são despidos de suas virtudes e vitimizados.

Os trechos sobre o estoicismo ridicularizam os filósofos, como é o caso de Laelio, ou apresentam ideais inalcançáveis. Os meios utilizados para apresentar as dificuldades em seguir o estoicismo são vinculados a masculinidades dissidentes como os jovens que dilapidam a fortuna da família levados pelo desejo ou os escravos e libertos. Ao ridicularizar o estoicismo, os autores colocam em discussão e abrem para críticas um modelo de vida que era apresentado e defendido como ideal.

Além das críticas aos comportamentos alheios, as sátiras descrevem as mudanças que estão ocorrendo na sociedade romana e quais são os grupos envolvidos nessas disputas. Isso pode ser observado por meio dos relatos relacionados à esfera alimentar, que expõem confrontos entre diferentes grupos sociais, como patronos, libertos e clientes. Desta forma, notamos a existência de rupturas e disputas, apontando que os espaços ocupados por cada um desses

grupos não era estanque, mas móvel, com uma hierarquia estabelecida considerando características diversas como idade e etnia, por exemplo. Contudo, podemos observar por meio destes textos como estas comparações são elaboradas em um espectro que tem como ponto de partida o cidadão pertencente à elite e, considerando as mudanças pelas quais passaram os *exempla* ao longo do tempo, o imperador, bem como correntes filosóficas, em especial, o estoicismo.

Assim, a crítica é estabelecida a partir da existência de um conjunto de predileções reconhecidas pelos leitores e pela audiência, a qual era marcada por ideais de *virtus* e pelos *exempla*. Estas características e comportamentos estavam, portanto, associados a ideais de masculinidade, ou masculinidades hegemônicas. Ao longo das sátiras esta percepção de uma masculinidade exemplar, e quais atitudes eram associadas a mesma, aparecem nos discursos dos personagens, por vezes, de forma implícita. Como apontamos anteriormente, por meio do riso, somos expostos tanto às práticas que desviam da ordem padrão quanto a situações que apontam para a ruptura e transgressão de protocolos que regeriam as relações listadas, em que são recorrentes as brigas e disputas entre grupos por alimentos, momentos em que a imagem do cidadão romano não surge como exemplo, mas em disputa com grupos hierarquicamente inferiores e entre iguais.

Os argumentos que sustentam tais modelos como sendo exemplos e ideais de comportamento são questionados, por exemplo, ao expor as incongruências das correntes filosóficas, os satiristas demonstram as falhas nas propostas e modelos de vida traçados, uma vez que o ideal, ainda que seja entendido como tal é apresentado como pedante e incoerente, como é possível observar na narrativa de Lucílio ao narrar o comportamento de Laelio, ou Horácio relatando a postura de Damasipo.

Por fim, ao analisarmos as práticas alimentares por meio dos grupos apresentados, pudemos observar que, ainda que existissem padrões e modelos de virtude e masculinidade que eram esperados e incentivados por meio de diferentes plataformas, como a divulgação de *exempla* ou a educação filosófica, modelos esses que reconhecemos como vinculados à construção de uma masculinidade hegemônica, associada ao que era esperado como comportamento, em especial, dos homens da elite romana, tais padrões eram questionados e discutidos.

A sátira, com suas características reconhece a existência deste modelo de comportamento, contudo, ela dialoga com o mesmo ao citar e contrapor

propostas de vida que divergem destes ideias ou masculinidades divergentes. A construção do modelo de masculinidade era regida também por esferas pouco maleáveis do discurso, tais como a tradição e a legislação, por exemplo, entendemos que nas sátiras este escape se dá por meio do riso, mas também ao deslocar a discussão para áreas menos disciplinadas da vida pública, como era o caso das práticas alimentares (que, como apontado por Dupont³⁴⁴, favorecem as transgressões de gênero).

Assim ao expor comportamentos dissidentes, estes são associados, em diversos momentos a grupos hierarquicamente inferiores, tais como jovens sob o poder do *paterfamilias*, libertos, mulheres, escravos e clientes, o que poderia ser interpretado como exemplo da pouca *uirtus* destes grupos, da reafirmação das regras, da ridicularização do diferente. Contudo, observamos que não necessariamente estes personagens queriam seguir com modelos que tradicionalmente seriam exemplos de virtude e masculinidade, pelo contrário, em suas falas são expostos os lapsos discursivos daqueles que defendem a norma, apontando como as falas e a vida eram mais complexas do que poderiam aparecer por meio de tais modelos. Ao invés de surgir por meio de questões políticas, as disputas entre diferentes tipos de masculinidade são relegadas a outras áreas e comportamentos do cotidiano, como é o caso da alimentação, em especial quando consideramos o quanto estas refeições tinham um espaço na agenda pública da sociedade romana.

Se considerarmos que a masculinidade hegemônica estava vinculada à virtude romana e, a priori, moldada por meio de ideais filosóficos, as sátiras apresentam o desejo pela gula e opulência por parte de clientes insatisfeitos e o medo em desapontar e inadequação de anfitriões pertencentes à elite. Ainda que sejam, supostamente, defendidos ideais estóicos, o interesse pelo excesso, pela abundância e os relatos de gluttonia, apontam para como uma parcela da população rejeitava o ideal de masculinidade moderado, campesino e controlado em favor de práticas que considerem o desejo e interesse em uma alimentação mais extravagante e luxuosa. Ao mesmo tempo, o modelo de masculinidade vinculada a moderação e simplicidade é constantemente ligado a figuras caricatas e pouco

³⁴⁴ DUPONT, Florence. "Food, Gender and Sexuality". In: WILKINS, John; NADEAU, Robin. *A Companion to Food in the Ancient World*. New Jersey: John Wiley and Sons, 2015.

convincentes, cujos argumentos são irrealis e rígidos, não associados à reflexão esperada por adeptos de uma corrente filosófica.

Estas diferentes expectativas em relação à esfera alimentar acabam por nos apresentar também, conflitos entre grupos, tal como entre clientes e patronos, entre cidadãos e estrangeiros, ou entre diferentes gerações. Ao vincular comportamentos erráticos, como o desrespeito à etiqueta esperada por parte de um cliente em um banquete, ou o consumo extravagante por parte de um estrangeiro, a grupos dissidentes, as sátiras nos apresentam como aqueles que não se encaixam no ideal proposto pelo modelo hegemônico, ao não pertencer à elite romana, utilizam da esfera alimentar com um ambiente de disputa e confrontação. São momentos em que, por vezes, aqueles que deveriam personificar a masculinidade hegemônica são colocados à prova ou que suas incongruências são expostas. Esta crítica não se restringe a personagens específicos, mas se estende aos modelos de comportamento, como é o caso dos estóicos e da figura do imperador, expostas por meio de sua corte ou de seus familiares.

Considerando que a apropriação da masculinidade hegemônica, vinculada ao comportamento que seria esperado de homens da elite e da em um determinado contexto é um processo que pode ser entendido como interessante e vantajoso para os envolvidos sem impedir que o que existam masculinidades dissidentes e em conflito entendemos que por meio da análise destas práticas na sátira podemos identificar organizações de gênero mais fluidas e a coexistência de diferentes masculinidades.

5 - As práticas sexuais e a construção da masculinidade

De forma semelhante à apresentação dos comportamentos relacionados às práticas alimentares, observamos nas sátiras uma série de descrições associadas às práticas sexuais. Neste sentido, caracterizamos aqui práticas sexuais não apenas como o ato sexual em si, mas como o grupo de atividades envolvidas no processo, como, por exemplo, a escolha de parceiros. Ao longo deste capítulo analisaremos as narrativas associadas a tais práticas a fim de compreender como estes processos poderiam afetar a formulação de masculinidades em Roma.

Inicialmente, cabe ressaltar que, de forma semelhante ao que observamos no capítulo anterior, as práticas sexuais também são associadas e utilizadas como elementos de identificação dos indivíduos e grupos aos quais eles pertencem, carregando consigo, questões relacionadas não apenas ao gênero, mas também de idade, etnia e classe social, por exemplo. Isto pode ser observado tanto em citações a respeito da incapacidade sexual de homens idosos (*Juv. Sát. 10*)³⁴⁵, como por meio da hipersexualização dos homens de origem grega ou a estrangeiros em geral³⁴⁶ e, também, pela definição dos parceiros a partir da listagem das vantagens e desvantagens de acordo com o grupo social a que eles pertencem, por exemplo. Estas relações reforçam a percepção de que tais práticas não eram entendidas como algo separado do restante da sociedade romana, mas, sim, reconhecidas como elementos que influenciavam e interferiam na percepção do status dos indivíduos. Para tanto, iniciamos com um breve retrospecto acerca dos estudos sobre sexualidade e práticas sexuais no mundo romano e, na sequência, apresentaremos algumas considerações sobre como estas práticas são relatadas nas sátiras.

³⁴⁵ Juvenal ridiculariza os desejos e pedidos realizados pelos indivíduos em suas orações. Dentre estes destaca aqueles que desejam chegar a velhice, mas não conseguiriam mais aproveitar a vida, inclusive, sendo incapazes de manter relações sexuais.

³⁴⁶ Juvenal afirma não existirem mais homens de verdade em Roma e associa a suposta falta de masculinidade naquele momento ao fato de existir uma maioria de estrangeiros habitando a cidade. (*Juvenal, Sát. 3*).

5.1 - Práticas sexuais e os Estudos Clássicos

A sociedade contemporânea identifica-se como sendo altamente sexualizada e erotizada. Seja por meio de filmes, de publicidade ou outras formas de expressão, somos expostos a materiais considerados eróticos e/ou obscenos, ao mesmo tempo em que é comum que a autopercepção e o estabelecimento da identidade individual sejam embasados, entre outros fatores, pela sexualidade³⁴⁷. Esta situação favorece o estabelecimento de discussões sobre quais grupos são erotizados, sobre como se dá este processo e com quais as implicações. Trata-se de um tema sensível, e bastante enfatizado em discursos de diferentes espectros políticos, bem como um campo de estudos em expansão, tangenciado por áreas de pesquisa diversas.

Em contrapartida à expressiva presença de mensagens e referências sexuais no ocidente contemporâneo, por vezes, alguns analistas tendem a apontar períodos do passado como sendo menos erotizados, ignorando que a construção dos conceitos de obscenidade e erotismo é influenciada por aspectos históricos e culturais e, portanto, necessitam ser analisados considerando o período e contexto em que foram produzidos³⁴⁸. Assim, além de considerar a especificidade de cada período e local estudado, é necessário atentar para a não linearidade das mudanças na forma como diferentes sociedades e períodos entendiam a suas práticas sexuais. Roma, por exemplo, tende a ocupar um espaço ambíguo nos estudos sobre estas práticas, sendo apresentada, por vezes, como exemplo a ser seguido³⁴⁹ e, em outros momentos, como devassa e decadente.

Ainda que de forma periférica, reflexões e referências às práticas sexuais romanas estiveram presentes na historiografia ao longo do tempo, influenciadas por modelos e ideais do período em que foram elaboradas. Ao longo das últimas décadas, em especial a partir dos anos de 1970, podemos observar um aumento exponencial nos estudos sobre a sexualidade e as práticas sexuais na antiguidade e no mundo romano, impulsionados pelos movimentos gay e feminista, como é

³⁴⁷ MOTTIER, Véronique. *Sexuality: A very short introduction*. OUP Oxford, 2008.

³⁴⁸ CLARKE, John. *Roman Sex: 100 B.C. to A.D. 250*. Abrams: Nova Iorque, 2003.

³⁴⁹ ZUCKERBERG, Donna. *Not all dead White men*. Harvard University Press, 2018; DOZIER, Curtis. Hate Groups and Greco-Roman Antiquity Online: To Rehabilitate or Reconsider?. In: *Far-Right Revisionism and the End of History*. Routledge, 2020. p. 251-269.

destacado por Richlin³⁵⁰. Como apontamos anteriormente, em diversos momentos, o passado romano foi estudado enfatizando percepções de virtude e virilidade que atendiam a interesses específicos, sendo que comportamentos que não estivessem de acordo com a imagem proposta eram desconsiderados ou minimizados.

No que se refere ao aporte teórico, pesquisas sobre sexualidade tendem, como exposto por Skinner, a ser divididas em dois grandes grupos teóricos: Essencialistas (com perspectivas biologizantes e, por vezes, psicanalíticas) e, em períodos mais recentes, observamos o aumento de pesquisas construtivistas, que criticam a percepção de heterossexualidade compulsória³⁵¹ presente nas análises essencialistas. Tais apontamentos não significam que a disputa entre Construtivismo e Essencialismo como uma dicotomia estanque, uma vez que algumas análises tendem a ser influenciadas por ambas, contudo são modelos que nos auxiliam a compreender os percalços e caminhos traçados pelas pesquisas sobre sexualidade³⁵².

Especificamente no que se refere aos estudos sobre a sexualidade, as reflexões de Foucault, influenciaram de forma indelével a episteme sobre o tema na Antiguidade. Em especial, por meio de sua História da Sexualidade³⁵³, o filósofo enfatizou a compreensão da sexualidade como um tema abstrato, o qual foi classificado e estudado, analisado por meio de saberes constituídos por diferentes campos de pesquisa, em especial a partir do século XIX. Ao expor a construção dos aparatos de controle da sexualidade, e como estes influenciam nossa percepção sobre o tema transformando-o em uma área de estudo, estimulou outros pesquisadores a indagar como este processo ocorria nos demais momentos

³⁵⁰ RICHLIN, Amy. *Sexuality in the Roman Empire. A Companion to the Roman Empire*. Oxford: Blackwell, p. 327-53, 2006.

³⁵¹ “Durante as últimas três décadas, acadêmicos defendendo uma abordagem construtivista da sexualidade tentaram demonstrar que há relativamente poucas características próprias ao sexo tão enraizadas na natureza a ponto de serem consideradas constantes. A sexualidade, a partir desta perspectiva histórica e crítica, é de tal forma moldada por forças culturais e mediada por fatores como a linguagem que ela deve ser vista exclusivamente como o produto de uma sociedade particular”; “*During the past three decades, therefore, scholars spousing a “constructionist” approach to human sexuality have attempted to demonstrate that there are relatively few underlying features of sex so embedded in nature that they may be deemed constant. Sexuality, from this historical and critical perspective, is so shaped by cultural forces and mediated by factors such as language that it must be seen as exclusively the product of a particular society.*”SKINNER, Marilyn. “Why Ancient Sexuality? Issues and Approaches”. *Sexuality in Greek and Roman culture*. John Wiley & Sons, 2013. p10

³⁵² Idem. *Ibidem*.

³⁵³ FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: a vontade de saber*. São Paulo: Paz e Terra, 2014; FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: o uso dos prazeres*. São Paulo: Paz e Terra, 2014; FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: o cuidado de si*. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

históricos³⁵⁴. Ao retomar textos e exemplos que remontam à Antiguidade Clássica, Foucault destacou o potencial do tema para os estudos sobre o mundo greco-romano.

Porém, a própria percepção da existência ou da compreensão de algo como a sexualidade contemporânea na antiguidade é questionada por alguns pesquisadores que tendem a não aplicar tal conceito, considerado o período como um momento “pré-sexualidade”, como é apontado por Mottier³⁵⁵. Contudo, esta posição não é unânime entre pesquisadores do mundo antigo, e, segundo Feitosa:

Embora a expressão sexualidade tenha sido empregada somente a partir do século XIX e, portanto, sem valor epistemológico para sociedades anteriores, a sua aplicação é apropriada por considerar como os valores culturais interferem na maneira como as pessoas se relacionam com o próprio corpo, com os seus desejos e sentimentos. A análise da sexualidade integra a historicidade do corpo, do que pode ser definido por erógeno, das prescrições estabelecidas à prática sexual e de suas emoções, evidenciando variados sentidos, de acordo com os valores socialmente constituídos em grupos, tempos e espaços históricos estabelecidos³⁵⁶

Ainda que seja atualmente mais comum e recorrente encontrar pesquisas sobre temas correlatos à sexualidade no mundo antigo, é relevante apontar qual a importância para a contemporaneidade do empreendimento de tais esforços. Destacamos, por exemplo, como a discussão sobre a sexualidade na Antiguidade

³⁵⁴ “Entretanto, a sua exploração dos artifícios usados em tempos recentes para converter a sexualidade em uma “tecnologia” capaz de regular as atividades de indivíduos e populações inteiras suscitou intenso interesse na questão de saber se, em outros momentos históricos, sociedades desenvolveram diferentes parâmetros para categorizar comportamentos sexuais e designar significado a eles.”; *“Nevertheless, his exploration of the tactics used in recent times to convert sexuality into a “technology” capable of regulating the activities of individuals and entire populations sparked off keen interest in the question of whether, at other historical moments, societies had developed different kinds of frameworks for categorizing sexual behaviors and attaching significance to them.”* SKINNER, Marilyn. “Why Ancient Sexuality? Issues and Approaches”. *Sexuality in Greek and Roman culture*. John Wiley & Sons, 2013.p. 6

³⁵⁵ “Considere o contraste com a maneira em que sujeitos modernos interpretam as suas experiências sexuais. Categorias como heterossexual e homossexual são uma referência central a partir da qual nós damos sentidos à nossa própria sexualidade. É nesse sentido que o mundo clássico foi descrito como um mundo “anterior à sexualidade” por historiadores como Michel Foucault, Paul Veyne, David Halperin, ou John Winkler. As maneiras pelas quais o sexo era conceituado e os significados culturais atribuídos a ele eram radicalmente diferentes dos de hoje.”; *“Consider the contrast with the ways in which modern subjects make sense of their sexual experiences. Categories such as heterosexual and homosexual are a central source upon which we draw in order to make sense of our own sexuality. It is in this sense that the classical world has been described as a world “before sexuality” by historians as Michel Foucault, Paul Veyne, David Halperin, or John Winkler. The ways in which sex was conceptualized and the cultural meanings that were attached to it were radically different from today”* In: MOTTIER, Véronique. *Sexuality: A very short introduction*. OUP Oxford, 2008. p.4.

³⁵⁶ FEITOSA, L. Amor e sexualidade. Masculino e feminino em Pompéia. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2005. p. 41

impactou a implementação de políticas públicas relacionadas à garantia de direitos e proteção estatal independentemente da orientação sexual³⁵⁷. Skinner ressalta como interpretações questionáveis de obras de diferentes filósofos gregos, foram utilizadas para justificar atitudes preconceituosas, nos Estados Unidos, durante a década de 1990³⁵⁸ e como as questões éticas e filosóficas relacionadas às percepções de sexualidade dos antigos continuam influenciando reflexões para além da academia. Observamos, hoje em dia, a proliferação de pesquisas sobre sexo na Antiguidade, contudo, como é exposto por Feitosa, ainda tendem a gerar desconforto ou estranhamento dentro e fora da academia, sendo, muitas vezes, necessário reforçar a seriedade e a importância deste campo de estudo, retomando a influência do tema na contemporaneidade³⁵⁹.

Entendemos que o estudo do mundo antigo, tem como objetivo questionar e estabelecer pontos de inflexão no presente de forma a ressaltar divergências e similaridades com o passado, favorecendo o estabelecimento de práticas éticas e reflexões pertinentes. Para tanto, se faz necessário analisar modelos já estabelecidos e compreendê-los considerando o momento em que estes foram constituídos. Dentre as imagens construídas acerca das práticas sexuais dos romanos pela historiografia, a ideia do homem, livre, em especial aquele proveniente da elite romana tendo acesso à diferentes grupos e pessoas para satisfazer seus desejos de forma a lembrar os modelos heteronormativos contemporâneos são recorrentes e populares. Assim, considerando nosso foco em analisar aspectos relacionados às masculinidades romanas por meio das práticas sexuais nas sátiras, apresentamos na sequência uma breve retomada sobre o tema.

³⁵⁷. SKINNER, Marilyn. "Why Ancient Sexuality? Issues and Approaches". *Sexuality in Greek and Roman culture*. John Wiley & Sons, 2013.

³⁵⁸ A autora cita como no caso *Evans x Romer*, ocorrido no Colorado em 1993, foi utilizado como argumento no julgamento a ideia de que a condenação de atos homossexuais era embasada pelo pensamento de Sócrates, Platão e Aristóteles. Idem, *Ibidem*

³⁵⁹ A pesquisadora destaca como ainda, em alguns meios de comunicação o estudo da sexualidade romana ainda é visto como tema secundário ou pouco acadêmico: "Também a ma-fé no trato da sexualidade antiga permeia os veículos de comunicação de massa. O objetivo de enaltecer a ideia do sexo desenfreado, do 'vale-tudo' da sexualidade romana, pôde ser percebido por mim quando requisitada para uma entrevista sobre 'orgias em banquetes romanos', por uma revista destinada ao público masculino. O desejo era que eu endossasse, com o aval acadêmico, a ideia do gosto romano desmedido pelo sexo e a 'naturalidade' desse comportamento entre eles" FEITOSA, Lourdes; SILVA, Glaydson José da. "O Mundo Antigo sob lentes contemporâneas". *Política e identidades no mundo antigo*. São Paulo: Annablume, p. 209-250, 2009. p 215. Destacamos a partir do episódio narrado, como assim como a popularização das pesquisas é favorável para a revisão de mitos e imagens que são questionadas pelas pesquisas contemporâneas, o diálogo com meios para além da academia é, por vezes, tortuoso e marcado por episódios e posturas pouco exitosas.

5.2 - Práticas sexuais e a construção de masculinidade no mundo romano

O estudo das masculinidades romanas foi, durante muito tempo, elaborado a partir de modelos que enfatizavam padrões de comportamento específicos: interpretações dicotômicas, como as baseadas nos conceitos de *dignitas* e *infamia*, acabaram por ser entendidas como explicação unívoca da organização de gênero no mundo romano, como é apontado por Feitosa e Garraffoni³⁶⁰. As autoras destacam como tais conceitos, elaborados a partir da legislação romana e de obras literárias, favoreceram a criação de um modelo de interpretação que excluía as masculinidades marginais e associava tais características a grupos sociais específicos, a *infamia* como atribuição da plebe e a *dignitas* vinculada à elite. Outro elemento a ser considerado é a relevância destes conceitos para compreender o passado romano, uma vez que eram estruturas voltadas para os cidadãos romanos, status de abrangência variável ao longo do tempo³⁶¹.

Neste sentido, interpretações que reconhecem a realidade apresentada em obras como *A arte de Amar* de Ovídio como sendo exemplos fiéis das capacidades de conquista e de modelo de relacionamento na Roma Antiga não são incomuns. Assim, ainda que ressalte que o comportamento do personagem que se deixa levar pelos desejos descrito por Ovídio pudesse ser criticado pelos contemporâneos por não corresponder ao que era esperado de um "*paterfamilias* dominador", Robert³⁶², por exemplo, em sua análise, reforça uma imagem que em muito lembra um modelo aspiracional contemporâneo do homem heterossexual com múltiplas amantes e/ou pretendentes. Interpretações como essa, do relato de Ovídio como sendo um exemplo de conquistador permanecem em leituras dentro e fora da

³⁶⁰ FEITOSA, Lourdes; GARRAFFONI, Renata. "*Dignitas and Infamia: Rethinking marginalized masculinities in Early Principate.*" In. *Studios Historicos*. N.28, 2010. Pp. 57-73.

³⁶¹ "*Infamia - a perda de direitos civis devido à má conduta de vários tipos, incluindo a sexual, é um conceito legal chave no direito romano, e deve ter afetado as pessoas classificadas como infames na cidade de Roma, e provavelmente na Itália: este conceito era relevante na Ásia Menor? Na Gália? Na Grã-Bretanha? Na África do Norte? Difícil dizer, e é perigoso generalizar para períodos anteriores a partir da evidência de períodos tardios*"; "*Infamia - loss of civil rights due to misbehavior of various sorts, including sexual - is a key legal concept in Roman law, and must have affected people classified as infames in the city of Rome, and probably in Italy: Did it matter in Asia Minor? In Gaul? In Britain? In North Africa? Hard to say, and it is dangerous to generalize from the evidence of later periods to earlier centuries*". RICHLIN, Amy. "Sexuality in the Roman Empire". In.: POTTER, David. *A Companion to the Roman Empire*. Oxford: Blackwell, 2006. p. 331.

³⁶² ROBERT, Jean-Noël. *Os prazeres em Roma*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

academia, tal como apontado por Zuckerberg³⁶³, independentemente dos aspectos reprováveis das ações ali relatadas. Ao mesmo tempo, práticas sexuais performadas entre homens são analisadas segundo a dicotomia ativo x passivo, afirmando que mesmo quando relacionando-se com um indivíduo do mesmo sexo o *paterfamilias* manteria uma posição ativa durante todo o processo uma vez que seria imoral um homem de tal estatus dedicar-se a satisfazer outrem³⁶⁴.

Feitosa³⁶⁵ aponta como os estudos de Foucault e Veyne, ainda que com propostas mais abrangentes que a apresentada por Robert³⁶⁶, reforçam a ideia de autocontrole do homem pertencente à elite romana. Em especial, o trabalho de Foucault (ainda que o autor ressalte que não se trata de uma obra sobre a totalidade dos comportamentos observados no mundo antigo), acaba por construir a ideia de um modelo de virilidade e autocontrole associado a aristocracia enquanto enfatiza a submissão e falta de controle dos grupos populares e das mulheres³⁶⁷. A historiadora destaca como essa interpretação da masculinidade estabelecida por Foucault influencia o trabalho de Veyne ao mesmo tempo em que se mostra limitada, uma vez que

(...) Foucault salienta a construção discursiva do papel sexual aristocrático masculino como uma imposição de poder, mas apresenta-a de maneira exclusiva, como se não houvesse diferentes concepções em diálogo e/ou em confronto a ele³⁶⁸

Neste sentido, cabe ressaltar como, ainda que tenham sido elaboradas leituras críticas ao trabalho de Foucault, sua abordagem do mundo clássico,

³⁶³ZUCKERBERG, Donna. *Not all dead White men*. Harvard University Press, 2018.

³⁶⁴ "A moral sexual considerava que havia dois parceiros, um passivo que devia fornecer prazer e sofrer a lei viril, e o outro, o senhor, ativo, que impunha o seu domínio enquanto era 'servido'. Essa atitude viril corresponde bem à imagem do *paterfamilias* onipotente, que tinha direito de vida e de morte até sobre sua mulher e impunha seu poder tanto em sua casa quanto nos problemas da cidade. A vida política, a vida familiar e a vida sexual diziam respeito ao homem; (...) Na cama um homem perderia sua dignidade se desse prazer a sua parceira, e os cunilinguistas eram considerados seres vergonhosos desprovidos de virilidade." ROBERT, Jean-Noël. *Os prazeres em Roma*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.220 -221

³⁶⁵ FEITOSA, L. *Amor e sexualidade. Masculino e feminino em Pompéia*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2005.p.49.

³⁶⁶ Aqui cabe ressaltar que dentre os três, Foucault é o primeiro a abordar e publicar sobre o tema, como o primeiro volume da História da Sexualidade sendo lançado em 1976, enquanto Robert publica em 1983.

³⁶⁷ "Se esse modelo de virilidade e autocontrole emocional e sexual está associado ao homem aristocrático, porque a ele cabe a função do comando social, pode-se deduzir que aos seus "comandados" era "natural" a função de passividade, falta de controle e de submissão, tanto no plano social como no sexual" FEITOSA, L. *Amor e sexualidade. Masculino e feminino em Pompéia*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2005.p.49.

³⁶⁸ FEITOSA, L. *Amor e sexualidade. Masculino e feminino em Pompéia*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2005.p. 51

repensando as relações entre indivíduos do mesmo sexo (sob a influência do trabalho de Dover) e abrindo espaço para leituras que incluíssem modos de vida diversos, a partir do contexto da contracultura, de movimentos como as manifestações de Maio de 1968 ampliou as possibilidades de pesquisa do passado greco-romano. Influenciado também pela própria expansão e articulação do movimento gay a partir da década de 1970, a perspectiva foucaultiana (em especial, mas não restrita à História da Sexualidade³⁶⁹) teve um papel essencial na elaboração de novas formas de pensar o mundo Clássico, e em estabelecer formas de diálogo voltadas para leituras que favorecem a discussão sobre a liberdade³⁷⁰, contribuindo assim para a expansão de temas passíveis de serem estudados, bem como para os estudos sobre masculinidades diversas.

Nos últimos anos podemos observar o aumento expressivo de trabalhos voltados ao estudo da sexualidade em Roma, por meio de vestígios como, por exemplo, as pinturas parietais, a arqueologia, e os grafites. Neste sentido Feitosa e Garraffoni³⁷¹ apontam como o estudo da epigrafia e dos grafites romanos favoreceram o reconhecimento e a ampliação dos modelos interpretativos, tornando-os mais plurais, permitindo o delineamento das percepções dos grupos populares e de mulheres sobre o tema, por exemplo.

Para além dos grafites, que favoreceram a interpretação de grupos até então excluídos por meio de registros em primeira pessoa, estudos sobre sexo em Roma têm sido favorecidos pela análise de pinturas e imagens do período. Como é apontado por Clarke³⁷², análises anteriores tendiam a apresentar as representações imagéticas sobre o tema, em especial as que tinham caráter mais explícito, como pornografia, desconsiderando o contexto arqueológico em que as referências foram encontradas, sendo que o próprio termo “pornografia” foi utilizado, pela primeira vez (no sentido que entendemos atualmente - aplicado a um objeto considerado

³⁶⁹ Alston destaca como , em especial nos estudos finais, voltados para análise da Parresia, é possível observar como o legado de Grécia e Roma eram partes essenciais do projeto filosófico de Foucault. In: ALSTON, Richard. Introduction. *Foucault Studies*, no. 22, January 2017.pp. 8-30.

³⁷⁰ "Para situar e compreender a liberdade subjetiva foi preciso libertar o sujeito da sua construção discursiva. Assim seria produzida uma liberdade que é não-societal e portanto potencialmente limitada ao ego. É esse espaço estreito de liberdade que Foucault explora através da filosofia grega"; "The situating of freedom in the self depends on the freeing of the self from the discursive construction of the self. Should that be achieved, it would generate a freedom which is non-societal and hence potentially limited to the ego. It is this narrow space of freedom which Foucault explores through Greek philosophy." In: ALSTON, Richard. Introduction. *Foucault Studies*, no. 22, January 2017.pp. 19.

³⁷¹FEITOSA, Lourdes; GARRAFFONI, Renata. "Dignitas and Infamia: Rethinking marginalized masculinities in Early Principate." In. *Studios Historicos*. N.28, 2010. Pp. 57-73.

³⁷² CLARKE, John. *Roman Sex:100 B.C. to A.D. 250*. Abrams: Nova Iorque, 2003.

obsceno), em meados do século XIX, por um arqueólogo, para descrever objetos encontrados em Pompeia, marcando como a interpretação destas pinturas foi profundamente mediada pelos valores e moral do pesquisador em questão.

Tais percepções vêm sendo questionadas em estudos mais recentes, tanto no que se refere à vestígios materiais³⁷³ quanto imagéticos³⁷⁴. De forma simultânea e influenciado pelos movimentos de libertação sexual, o próprio acesso de pesquisadores a obras com conotações sexuais foi modificado nos últimos cinquenta anos, como por exemplo, o fato das mulheres terem acesso às pinturas da Casa dos Vetti, em Pompéia a partir de 1970³⁷⁵ (ainda que restrições ao acesso da Coleção Pornográfica tenham persistido até os anos 2000³⁷⁶). A cultura material, seja por meio da epigrafia ou das representações imagéticas, favoreceu o questionamento das dicotomias estabelecidas e o reconhecimento e análise de diferentes percepções de masculinidade, em especial quando relacionadas às práticas sexuais.

Assim, o estudo das práticas sexuais recebeu maior atenção por parte dos historiadores nos últimos trinta anos³⁷⁷, em pesquisas que são elaboradas a partir de um modelo mais flexível, compreendendo que se trata de um fenômeno cultural, plural, e dependente da sociedade, do grupo social, do indivíduo e do período histórico em questão³⁷⁸. Cavicchioli³⁷⁹ elenca como, após um longo período

³⁷³ Aqui podemos citar, por exemplo, a interpretação desenvolvida por Clarke sobre a Warren Cup. A taça, até então considerada uma falsificação, apresenta cenas bastante explícitas de sexo e por isso teve seu estudo renegado ao segundo plano até recentemente. Idem. *Ibidem*.

³⁷⁴ SANFELICE, Pérola de Paula. *Sob as cinzas do vulcão: representações da religiosidade e da sexualidade na cultura material de Pompeia durante o Império Romano*. 2016.; SANFELICE, Pérola de P.; GARRAFFONI, Renata Senna. Sexualidade, Amor e Erotismo na Roma Antiga: as representações de Vênus nas paredes de Pompeia. *Revista OPSIS*, v. 10, n. 2, p. 167-190, 2010.

³⁷⁵ CLARKE, John. *Roman Sex: 100 B.C. to A.D. 250*. op.cit. p.19

³⁷⁶ “Todo material encontrado em Pompéia, Herculano e Stabia foi guardado no denominado Gabinete de Objetos Obscenos, criado em 1819, onde só era permitido o ingresso de pessoas de mais idade e de conhecida moral (...). Apenas em 1860 foi providenciada a catalogação de todo o repertório e a alteração de seu nome para Coleção Pornográfica, denominação que não diferia muito da anterior, mas que é mantida ainda hoje para essa seção “secreta” do Museu Nacional de Nápoles. Com as novas perspectivas do trato da sexualidade, essa coleção finalmente pôde ser aberta ao público, o que aconteceu apenas no ano de 2000, mas sob o protesto do Vaticano, que divulgou uma nota opondo-se a essa exposição por considerá-la “erótica” e ofensiva aos preceitos morais dos dias atuais, mesmo que tal valor possa não ter existido entre os romanos” FEITOSA, Lourdes M. G. C. Práticas sexuais e representações históricas. *Mimesis*, Bauru, v. 29, n. 2, p. 89-104, 2008. p.91.

³⁷⁷ Como é destacado por Cavicchioli, a sexualidade no mundo antigo foi explorada como tema marginal “Considerando o sexo de acordo com padrões modernos, atos e práticas sexuais eram interpretados e julgados como universais, desconsiderando seus significados simbólicos ou as relações sociais investidas em tais práticas”. CAVICCHIOLI, Marina Regis. “Fama e infâmia na sexualidade romana”. *Romanitas-Revista de Estudos Grecolatinos*, n. 3, p. 153-169, 2014. P.154

³⁷⁸ Idem, *Ibidem* p.155

³⁷⁹ Idem, *Ibidem*.

em que as práticas eram analisadas a partir de olhares e modelos modernos, estudos mais recentes enfocam as especificidades do mundo romano. Dentre as obras voltadas às práticas sexuais na Antiguidade, destaca-se o trabalho de Parker³⁸⁰, que questiona a aplicação do enfoque em hetero ou homo, estabelecendo um sistema em que as relações sexuais eram organizadas de forma mais complexa e considerando quais orifícios eram utilizados bem como qual era o papel desempenhado pelo indivíduo em questão (ativo ou passivo)³⁸¹. A partir da combinação destes fatores o autor desenvolveu a teoria teratogênica, que consiste na definição do espaço ocupado por cada prática em uma hierarquia específica, que seria representativa do lugar social do indivíduo, interpretando as práticas sexuais como um espaço de disputa de poder.

Em contrapartida, Feitosa e Garraffoni³⁸² ressaltam como o modelo elaborado por Parker é também construído majoritariamente a partir de exemplos retirados da literatura e que, mesmo quando consideramos a organização por ele proposta, a existência de tais regulamentos não significaria uma obediência completa à norma, algo que pode ser observado em relatos como o apresentado por Suetônio ao citar as práticas sexuais de César, que, como é frisado pelas autoras, tinha uma posição ímpar naquela sociedade, ressaltando como, mesmo por meio de fontes literárias, seria possível entrever possíveis masculinidades menos restritas ao modelo apresentado pelo pesquisador.

Contudo, a possibilidade da existência de diferentes percepções e práticas sobre a sexualidade por parte dos grupos populares é questionada por Parker, ao afirmar que, para além da dificuldade de definir o que poderia ser considerado cultura popular na Antiguidade, a forma como as práticas sexuais eram

³⁸⁰ PARKER, Holt N. "The teratogenic grid". In.: *Roman sexualities*, v. 54, 1997.

³⁸¹ No que se refere à agência dos envolvidos, cabe ressaltar a influência do modelo embasado na dicotomia entre os papéis de ativo e passivo apresentado por Dover ao discutir as relações sexuais na Grécia Antiga. "Dover argumentou que os gregos conceberam qualquer ato sexual envolvendo ao menos um homem adulto como uma relação de dominação-submissão na qual esperava-se que o homem adulto assumisse o papel "ativo" de penetrador; por outro lado, a pessoa penetrada, fosse mulher, garoto ou outro homem adulto, era automaticamente reduzida à posição feminina "passiva"."

"Dover argued that the Greeks conceptualized any act of sexual congress involving at least one adult male as a dominance-submission relationship in which the adult male was expected to assume the "active" role of penetrator; conversely, the person penetrated, whether woman, boy or other adult male, was automatically reduced to "passive" female status." In: SKINNER, M. op.cit. Parte destas ideias pode ser observada em: DOVER, Kenneth J. Classical Greek attitudes to sexual behaviour. *Arethusa*, v. 6, n. 1, p. 59-73, 1973. Cabe ressaltar que, mesmo sendo um modelo voltado para o mundo grego e, principalmente, para Atenas, as considerações apresentadas por Dover acabaram por ecoar nos estudos sobre o Roma.

³⁸²FEITOSA, Lourdes; GARRAFFONI, Renata. "Dignitas and Infamia: Rethinking marginalized masculinities in Early Principate." In. *Studios Historicos*. N.28, 2010. Pp. 57-73.

compreendidas teriam pouca ou nenhuma variação de acordo com os grupos sociais ou a temporalidade. Segundo ele, a sexualidade no mundo antigo seria um exemplo de estrutura de longa duração da história grega e romana, e estas seriam marcadas pela conformidade e uniformidade dos valores adotados tanto pela elite quanto pelos grupos populares³⁸³.

Distanciando-se deste pressuposto, pesquisas como a apresentada por Feitosa³⁸⁴, indicam não somente uma amplitude de vestígios epigráficos passíveis de serem analisados, mas também para um cenário em que ações que seriam consideradas inadequadas segundo o ordenamento teratogênico proposto por Parker, como o cunilingua, por exemplo, são citadas em vestígios materiais sem uma implicação que aponte para as mesmas tornarem-se motivo de vergonha e/ou embaraço.

No que se refere a homogeneidade das práticas sexuais descritas por Parker, as quais ele aponta como sendo exemplo de comportamentos e práticas existentes em uma longa duração, gostaríamos de contrapor tal perspectiva com um exercício proposto por Richlin³⁸⁵ em que a pesquisadora tenta replicar o questionário utilizado por Alfred Kinsey em seu famoso estudo sobre a sexualidade humana a partir dos vestígios da Roma Antiga. Neste sentido, Richlin destaca como as fontes para o trabalho sobre a sexualidade são majoritariamente escritas por homens letrados e tendo como foco o ideal de homem romano, o que pode levar a uma percepção enviesada da sexualidade do período, no mínimo restrita. Ao ampliar as fontes, buscando exemplos de regiões distantes no Império³⁸⁶, em diferentes

³⁸³ “ (...) nós podemos encontrar as mesmas crenças e práticas refletidas com surpreendente pouca variação - não apenas tanto no topo quanto na base da sociedade, como também desde a Grécia até Roma e por um período de mais de mil anos. Os sistemas de gênero grego e romano eram notavelmente estáveis (um dos melhores exemplos da *longue durée* de que tenho notícia) (...). Adicionalmente às dificuldades das fontes populares, as fontes de elite também apontam para uma uniformidade de crenças sobre a sexualidade.” In.: PARKER, Holt. “Sex, Popular Beliefs and Culture”. IN: GOLDEN, Mark; TOOHEY, Peter (Ed.). *A Cultural History of Sexuality: A Cultural History of Sexuality in the Classical World*. Berg, 2011.P.131

³⁸⁴ FEITOSA, Lourdes Conde. *Amor E Sexualidade: Masculino e o feminino em grafites de Pompeia*. São Paulo: Annablume, 2005.

³⁸⁵ RICHLIN, Amy. “Sexuality in the Roman Empire”. In.: POTTER, David. *A Companion to the Roman Empire*. Oxford: Blackwell, 2006. p. 327-53.

³⁸⁶ Dentre as pesquisas voltadas para o estudo da sexualidade em regiões menos exploradas, em especial nas províncias fronteiriças, cabe destacar esforços recentes, como IVLEVA, Tatiana; COLLINS, Rob (Ed.). *Un-Roman Sex: Gender, Sexuality, and Lovemaking in the Roman Provinces and Frontiers*. Routledge, 2020, em especial o capítulo de Ivleva sobre relações afetivas e sexuais entre soldados, no qual a autora aponta como trata-se de um grupo menos explorado em pesquisas sobre sexualidade romana, em parte por conta de visões contemporâneas que vinculam o trabalho militar a posturas associadas a uma sexualidade heteronormativa. IVLEVA, Tatiana. “Coming out of

períodos, Richlin expõe diferenças consideráveis no que se refere às práticas sexuais romanas, distando, assim, do modelo sugerido por Parker.

De forma semelhante, nas Sátiras, encontramos descrições de práticas sexuais variadas, com parceiros provenientes de grupos sociais diversos. Assim, acreditamos que as mesmas podem ser analisadas com o intuito de ampliar nossa percepção acerca da relação que os romanos estabeleciam sobre tais práticas e como as associavam a diferentes percepções de masculinidade. Ainda que as ações ali relatadas sejam motivo de riso, por vezes, ambas as partes envolvidas tornam-se motivo de chacota, e, ao invés do relato de um único indivíduo ou grupo sobrepondo o seu poder sobre os demais, observamos a construção de narrativas que igualam diferentes grupos sociais na ridicularização de ações que são apresentadas como recorrentes, comuns, fisiológicas e mundanas. O riso apresenta-se como elemento que permite o desenvolvimento de interpretações variadas e o estudo de masculinidades diversas. Sendo assim, passamos na sequência para a apresentação dos relatos associados às práticas sexuais vinculados aos autores que estamos analisando.

5.3 - Práticas sexuais e as sátiras romanas

Como ocorre com os excertos analisados no capítulo anterior, observamos, também, um número expressivo de relatos de práticas sexuais. Neste sentido, cabe ressaltar que as descrições destas são menos gráficas que as realizadas sobre os banquetes, em que os alimentos, a qualidade dos mesmos, o ambiente em que são servidos são enfatizados de maneira bastante visual, com riqueza de detalhes. A descrição dos atos sexuais performados pelos personagens são, muitas vezes, realizadas a partir de eufemismos e jogos de palavras, com termos de duplo sentido (favorecendo o riso).

As referências sexuais permeiam uma parcela dos textos aqui listados de maneira pontual, sem ser o tema central, mas de forma a enfatizar uma situação descrita anteriormente. Deste modo, considerando um recurso frequentemente utilizado pelos autores aqui analisados, cabe ressaltar como a citação de

the provincial closet". *Un-Roman Sex: Gender, Sexuality, and Lovemaking in the Roman Provinces and Frontiers*, 2020.

determinadas práticas surge, muitas vezes, em um crescente, como uma forma de reforçar a construção de um juízo de valor sobre um personagem específico, associando-as a ações de outras áreas do cotidiano. Por outro lado, em alguns casos, as práticas sexuais são elemento central das sátiras analisadas, como é o caso da sexta e da nona sátiras de Juvenal, em que ele apresenta como as relações estabelecidas com as esposas e os clientes, respectivamente, são também permeadas e reguladas pelas práticas sexuais.

Ao analisarmos as Sátiras, encontramos relatos em que a suposta hierarquia relacionada à penetração, ao binômio passivo/ativo³⁸⁷, bem como a teoria apresentada por Parker³⁸⁸ não são aplicáveis, uma vez que a ordem social e a organização entre diferentes grupos sociais são subvertidas nos relatos sobre os atos sexuais entre os envolvidos. A fim de apresentar os momentos e espaços em que acreditamos que o viés satírico do texto permite múltiplas interpretações, estabelecemos uma divisão dos trechos aqui analisados, considerando uma categorização em quatro etapas: 1) a seleção de parceiros; 2) percepções sobre a agência dos envolvidos como exemplo de masculinidade; 3) práticas sexuais e transgressão; 4) práticas sexuais como reflexo da submissão e vulnerabilidade dos personagens citados.

Esta divisão propõe dialogar com a que foi construída para a análise das práticas alimentares no capítulo anterior e nos permite vincular as práticas sexuais a outros atributos associados à ideia de *uirtus* masculina, e, por conseguinte, comparar nossas interpretações a visões mais tradicionais sobre a masculinidade romana. Assim, como entendemos que a produção de masculinidades se dá de forma plural, subdividimos comportamentos e ações associadas ao ideal de *uirtus*, considerando que se trata de um conceito bastante amplo e multifacetado³⁸⁹, a fim

³⁸⁷ DOVER, K. J. Op. Cit.

³⁸⁸ PARKER, Holt. "The Teratogenic Grid". Op. Cit.

³⁸⁹ Conforme destacado por McDonell como o uso do termo virtude se modificou ao longo do tempo ainda que parte das pesquisas e da historiografia tenham o apresentado como estático, ignorando alterações ao longo da história. "O fenômeno recebeu menos atenção do que merece principalmente porque os acadêmicos enxergaram a *virtus* como um valor romano imutável e construíram a palavra de tal forma a tornar sua gama semântica elástica a ponto de fazer quase qualquer uso da palavra banal. A opinião geral entre filólogos e historiadores políticos é a de que a *virtus* era essencialmente um conceito inalterável, que desde épocas remotas tinha uma ampla extensão semântica. Além disso, dizia-se que a *virtus* era um conceito único e abrangente que incluía outras virtudes cardinais romanas. Já foi classificada de *virtus* romana "homogênea" ou "indivisível", e seu significado procurado em um complexo *virtuoso* de ideais morais. A visão predominante é que quaisquer mudanças que possam ter ocorrido no significado de *virtus* foram mínimas ou insignificantes."; "*The phenomenon has received less attention than it deserves primarily because scholars have viewed virtus as an unchanging Roman value and have construed the word as having a semantic range*

de demonstrar como, mesmo personagens que deveriam cumprir tais pressupostos dificilmente satisfaziam todos os requisitos, mas que os próprios romanos reconheciam a existência de variações nas percepções de masculinidade, bem como as falhas em um comportamento supostamente exemplar. Desta forma, um dos primeiros elementos associado às práticas sexuais presentes nos textos é a escolha dos parceiros, tema que iremos explorar no tópico subsequente.

5.3.1 - Escolha de parceiros

Um ponto central no discurso sobre as práticas sexuais estabelecido pelos satiristas aqui analisados é o processo de seleção dos parceiros, construído, principalmente, por meio de modelos idealizados e de comparação entre possíveis candidatos. Em diferentes sátiras, são citados padrões estéticos e de comportamento que seriam esperados dos companheiros sexuais ideais, sendo que, a definição do parceiro(a) exemplar nas sátiras é bastante ampla, contemplando tanto homens quanto mulheres, pertencentes a diferentes grupos sociais. Cabe ressaltar que, considerando nosso foco na construção de masculinidades, todas as relações aqui expostas pressupõem o envolvimento de um homem, em geral pertencente à elite romana, independentemente do parceiro citado.

Com quem os homens romanos mantinham relações é um tema que foi bastante explorado pela historiografia, muitas vezes a partir de uma perspectiva teleológica como podemos observar no trecho de Robert a seguir:

Com a transformação gradual dos costumes e em virtude dos perigos do amor livre, que atingiu a sua maior difusão no final da República, a moral sexual vai evoluir. (...) A moral da virilidade com base na categoria social cede lugar ao reconhecimento da virtude, e a dominação, ao amor conjugal. (...) A nova virtude proíbe as relações sexuais fora do casamento e condena o homossexualismo.³⁹⁰

intrinsically so elastic as to make almost any use of the word unremarkable. The general opinion among philologists and political historians is that virtus was an essentially unchanged concept, which from earliest times had a wide semantic range. Moreover, virtus is said to have been a single, all-embracing concept that subsumed other cardinal Roman virtues. It has been termed "homogeneous" or "undivided Roman virtus," and its significance sought in a "virtus complex" of moral ideals. The prevailing view is that whatever changes may have occurred in the meaning of virtus were minimal and insignificant. In: MCDONNELL, Myles. *Roman Manliness: "Virtus" and the Roman Republic*. Cambridge University Press, 2006. p.4.

³⁹⁰ ROBERT, Jean-Noel. Op.Cit. p.222.

Mesmo autores que não corroboram da percepção evolucionista das relações apresentada por Robert, tais como Veyne, tendem a apontar uma mudança durante a transição do período republicano para o imperial, em partes por influência do estoicismo, fazendo com que a ideia de um casamento monogâmico passasse a ser a norma para os relacionamentos³⁹¹. Ainda que destaque que isto não significava o fim do envolvimento com grupos como escravos e prostitutas, Veyne ressalta como o juízo de valor implicado neste processo teria se modificado, enfatizando o momento como marcador do surgimento do casal no ocidente³⁹². Esta narrativa tende a aproximar o que seria o comportamento romano daquilo que temos como padrão heteronormativo na modernidade e à lógica familiar burguesa³⁹³. Ao priorizar o enfoque sobre o casamento, práticas sexuais exercidas fora desse arranjo passam a ser entendidas como transgressoras ou secundárias, como se não fossem parte relevante do cotidiano romano ou não merecessem a atenção da academia.

Contudo, a preocupação e a descrição de diferentes parceiros sexuais é recorrente nos textos aqui analisados. Esta apresentação de quais seriam os parceiros idealizados é observada em alguns dos fragmentos deixados por Lucílio, por exemplo. Considerando o estado de conservação do texto, optamos por concentrar a análise destes trechos em torno dos termos e adjetivos utilizados na descrição dos mesmos. Em sua obra encontramos tanto citações relativas a relações com homens quanto com mulheres e, em ambos os casos, podemos observar a construção de modelos idealizados dos companheiros.

De forma pontual, observamos algumas referências às relações entre homens ao longo do texto, as quais em sua maioria estão deslocadas de um contexto mais amplo, pela fragmentação do mesmo³⁹⁴. No entanto, é interessante

³⁹¹ “(...) no século I antes de nossa era, ao casar-se ele devia se considerar um cidadão que cumpriu todos os seus deveres cívicos; no século I de nossa era, se quisesse acompanhar seu tempo, casando-se, devia considerar-se um bom marido e respeitar oficialmente sua mulher. Noutras palavras, chegou um momento em que se interiorizou a moral do casamento monogâmico. Por que essa mudança? Não faço a mínima ideia” VEYNE, Paul. “O Casal e a sexualidade em Roma”In: *Sexo e Poder em Roma*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. p.192

³⁹² Idem, *Ibidem* p. 194

³⁹³ Entendemos aqui o conceito de família burguesa como organização social constituída durante a modernidade, como expresso em ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da propriedade privada e do estado*. 15ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

³⁹⁴ Ainda sobre trechos quem que temos vestígios de relações entre homens, já ao final da compilação, entre os versos 957-960 é citado o amor de Sócrates por adolescentes e, no trigésimo livro, em uma sátira dedicada a criticar os costumes contemporâneos e defender o retorno de uma moral mais antiga, o verso 1048, cita androginia e homoafetividade, ainda que sem desenvolver o tema, que está deslocado dos demais fragmentos: “*inberbi andrigyni, barbati mocchocinaed*”. Neste caso específico acreditamos se tratar de uma crítica efetiva a estas práticas, devido ao contexto que

notar como, por exemplo, ao descrever quais eram as características desejáveis em uma mulher, Lucílio afirma que “*Quod gracila est, pernix, quod pectore puro, quod puero similis*” (Lucílio, *Sát.* 8.324-325), afirmando assim que ela deveria ser “*gracila*”, delicada, “*pernix*” ligeira, incansável, ter um “peito puro” e, finalmente, “assemelhar-se a um menino”. Ao apresentar uma escala hierárquica de elogios, a melhor característica para uma amante seria parecer um menino, criando um efeito retórico que leva ao riso, ao contrapor a proposição inicial, de definir as características da companheira ideal à descrição de um menino/jovem, muito provavelmente, um escravo. Este trecho permite leituras distintas, a primeira apontando para o escárnio em relação às mulheres, mas também para a identificação do relacionamento entre homens como desejável, ou, ao menos indiferente, uma vez que ele não parece ser o foco do riso - que é causado pela expectativa criada pela sucessão de características, não obrigatoriamente pelo objeto de desejo em si.

Outra referência semelhante às relações entre meninos e homens surgem “*cumque hic tam formosus homo ac te dignus puellus*” (Lucílio, *Sát.* 4.166), apontando a existência de um garoto/escravo bonito e “digno do interlocutor”. Entre os versos (Lucílio, *Sát.* 4.167-169) este corpo idealizado masculino é novamente comparado com o feminino e é apontado como nenhuma “*mulier*” (e, portanto, não se referia a uma matrona, mas uma mulher de estatuto mais simples ou desprovida de suas distinções sociais), teria o corpo tão rijo e firme como de um garoto, mas que, por outro lado, elas teriam um tendão que libera seiva e seios onde se colocar as mãos.

Observamos a comparação entre os gêneros de um possível amante, e assim como no caso anterior, a descrição acaba por identificar o corpo masculino como objeto de desejo, mas, aqui, contempla também os fatores de sedução associados ao corpo feminino. Ao destacar o desejo pelo corpo rijo, considerado másculo, Lucílio tensiona a suposta lógica atribuída pela associação do *mollis*³⁹⁵, macio, ao comportamento considerado efeminado, estabelecendo uma característica considerada viril como sendo desejável em um amante em uma relação entre dois homens.

nos é apontado por autores contemporâneos à Lucílio, porém, por estar fragmentado e deslocado de seu trecho original é difícil estabelecer uma interpretação mais detalhada.

³⁹⁵ THULLIER, Jean-Paul. Virilidades Romanas: *vir, virilitas, virtus*. In.: CORBIN, Jean-Jacques Courtine, VIGARELLO, Georges. Petrópolis-RJ: Vozes, 2013.

Ainda sobre as características físicas desejáveis por parte de um companheiro, são expostas preferências referentes à cicatrizes ou espinhas nas mulheres, enquanto para os homens interessados em participar do jogo da conquista, o pior defeito seria *Insanum vocant quem maltam ac feminam dici vidente*, ou seja, ser mole “*Maltam*” ou feminino “*feminam*”, características de um homem insano (Lucílio, *Sát.*27.744). Enquanto a descrição da amante ideal é voltada para a aparência desejada, no caso masculino o comportamento é o foco, sendo estabelecido a partir de uma organização relacional, em que não são delineadas de forma objetiva quais características são esperadas para o homem tornar-se desejável aos olhos femininos, mas apenas que ele deveria evitar atitudes efeminadas.

Estes relatos não significam que a companhia feminina fosse completamente desprezada pelo satirista. Ao narrar as relações entre homens e mulheres, Lucílio destaca quais seriam alguns dos prazeres possíveis de ser alcançados com a companhia de mulheres: dividir a bebida, beijá-la (na exposição apresentada pelo autor, o ato de beber do mesmo copo apresenta-se como prenúncio do beijo), seguida da descrição da aproximação dos corpos e as pernas dos amantes que se sobrepõem (Lucílio, *Sát.* 8.330-335). Trata-se de um relato em que a sedução, a esfera sexual e o contato com mulheres é apresentado de forma agradável e desejável.

Contudo, ao apresentar as mulheres com as quais seria indicado ou não manter um relacionamento, a partir do verso 909, Lucílio afirma ao seu interlocutor que sabe que ele desejou mulheres casadas e destaca diferentes formas de se comportar frente a distintos grupos de mulheres: donzelas, libertas, prostitutas. Esta divisão de acordo com o estatuto civil e grupo social é estabelecida ressaltando que, em contraponto às mulheres cujos valores seriam incorruptíveis (e, por isso mesmo, seriam mais atraentes), existiriam outras opções como as libertas que teriam um corpo firme e seios de mármore (novamente aqui a associação ao corpo rijo como sendo desejável) e as prostitutas, que exigiriam pouco e ofereceriam muito sem “*flagio*” ou seja, sem escândalo. Este tipo de posicionamento em relação a prostituição pode também ser observado em outro trecho quando o autor descreve como por um pequeno trocado ela seria capaz de agradar o interlocutor *Si nihil ad faciem et si olim lupa prostibulumque, nummmi opus atque fit*. (Lucílio, *Sát.* 9.359-360) *Crisabit ut si frumentum clunibus vannat* (Lucílio, *Sát.* 9.361).

Neste sentido, podemos observar uma sequência de características que são apresentadas como desejáveis, tanto físicas como de estado civil, ressaltando as vantagens e desvantagens de cada grupo. Para além da valoração do corpo masculino, observamos também a identificação das mulheres casadas como mais interessantes e desejáveis, contudo, o acesso geraria prejuízos pessoais aos envolvidos, enquanto a relação com libertas e escravas têm benefícios menos custosos.

Referências à hierarquização das parceiras mulheres em diferentes grupos aparecem também nas demais obras aqui analisadas, sendo que Horácio apresenta um argumentos bastante elaborados distinguindo tais grupos, em que podemos reconhecer a influência de Lucílio³⁹⁶. Assim, Horácio (*Sát.*1.2) contrapõe dois tipos de masculinidades e seus interesses: o primeiro que busca se relacionar com mulheres comprometidas (*matrona/uxor*) e o segundo que se envolve com libertas (*libertae*), atrizes (*mimis*) prostitutas (*meretricibus*) e escravas (*ancilla togata*)³⁹⁷. Retomaremos o juízo de valor que o autor estabelece sobre aqueles que se envolvem com cada um desses grupos, no entanto, neste momento, gostaríamos de focar nas características que os distinguem e porque seriam desejáveis.

Ao longo do texto é descrito como alguns homens se orgulhariam de manter relações com matronas, identificadas por meio das vestimentas: como aquelas que mantêm os tornozelos escondidos, ou que usam os trajes específicos das mulheres da elite³⁹⁸, enquanto um dos personagens afirma ser incapaz de resistir às esposas alheias, por ser grande admirador de *cunni albi* (Horácio, *Sát.*1.2. 36), *cunni* um termo pejorativo para se referir à vagina e *albi*, branco, referindo-se às vestes das matronas, algo que poderia ser traduzido como “bocetas brancas”³⁹⁹. Em

³⁹⁶ Entendemos que a semelhança temática em relação a escolha das parceiras, vantagens e desvantagens poderia ser um aceno aos leitores, os quais reconheceriam a referência, associando Horácio ao gênero Satírico.

³⁹⁷ Temos poucas referências sobre a vida das prostitutas, como é apontado por D’Ambra, ainda menos do que das matronas. Contudo, sabemos que as prostitutas utilizavam a toga, vestimenta masculina. D’Ambra afirma que tal escolha pode ser compreendida pelo desejo em romper com a norma e também, sinalizar que o corpo em questão ocupava o espaço público, em contraponto às elaboradas vestes das matronas. D’AMBRA, Eve. *Roman Women*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. P. 4

³⁹⁸ D’Ambra destaca como as referências a vestimenta das matronas como sendo pudica e que cobriria estas mulheres da cabeça aos pés é bastante presente na literatura, ainda que existam diversos registros da cultura material como estátuas e pinturas que apresentam matronas sem o véu e com penteados bastante elaborados. De qualquer forma, ao longo do texto são citados diversos elementos que coincidem com a representação mais tradicional das matronas na literatura. Idem. *Ibidem*.

³⁹⁹ Sobre este trecho, Richlin destaca essa despersonalização das mulheres: "Assim como na injúria contra mulheres mais velhas, a mulher é representada por sua genitália" "As in invective against old

oposição a este comportamento são enfatizadas as facilidades em manter relações com uma liberta (desde que não chegue ao limite de exceder os gastos com essa amante, seja ela liberta, prostituta ou atriz, sujando assim o nome da família).

A discussão sobre parceiros ideais é marcada pela pela despersonalização feminina, em que as mulheres não são listadas como personagens, e que surge no texto por meio de múltiplas referências às vestimentas das mulheres, contrapondo, por exemplo, a facilidade em se manter relações com uma *ancilla togata* em oposição às matronas que se cobriam com *palla* e a *stola* (*ad talos stola demissa et circumdata palla*; Horácio, *Sát.* 1.2.99), sendo a roupa, assim, um entre vários obstáculos para o acesso às matronas. Os empecilhos para se aproximar delas são apresentados num crescente, sendo listados como obstáculos: a liteira, os parasitas, os acompanhantes e as roupas que lhe cobriam (Horácio, *Sát.* 1.2.95-100). Ao contrário dos homens, as mulheres não são apresentadas com nomes próprios ao longo do texto, sendo enfatizados os signos que as identificavam como pertencentes a um grupo social.

Tanto Lucílio quanto Horácio hierarquizam as parceiras em diferentes grupos, dentre os quais seria mais adequado (ainda que com restrições), manter relações com prostitutas ou libertas, contudo, não se trata de uma ode ao relacionamento monogâmico, até mesmo porque as únicas esposas destacadas como possíveis alvos de desejo são as alheias. Além disso, em mais de um trecho, o corpo e as características apresentadas como desejáveis são aquelas associadas ao corpo viril. Ainda que entendamos o interesse em produzir o riso dos autores, em especial ao destacar como os grupos mais desejados seriam aqueles que trariam mais risco de represálias, como seria o caso das matronas, ressaltamos como as relações com grupos infames, prostitutas e atrizes são apontadas como desejáveis, possíveis e recorrentes.

Isto não significa que não existam ressalvas relacionadas ao envolvimento com mulheres de estatuto social inferior, as quais surgem, por exemplo, na quinta sátira de Pérsio em que, referenciando um trecho da comédia Eunuco de Menandro, o personagem discute como poderia colocar em risco a sua herança caso adquirisse uma má reputação ao ser visto cantando e esperando em

women, the woman is represented by her genitalia (*cunni ... albi*, line 36; *cunnum*, line 70).” RICHLIN, Amy. “Sexual Satire”. In: *The garden of Priapus: sexuality and aggression in Roman humor*. Oxford University Press, 1992. p. 176

frente a casa de Chrysis, uma prostituta. Entretanto, mais do que o mero envolvimento com a prostituta em questão, gera o riso e é motivo de repreensão a posição de submissão em que o personagem se encontra. Assim, podemos inferir que relações com mulheres de grupos populares são comuns e de conhecimento geral, ainda que pudessem existir ressalvas sobre as consequências destes envolvimento.

Especificamente no caso de Juvenal, ainda que observemos a presença de personagens femininas em seus textos, em especial na sexta sátira, que tem a relação entre homens e mulheres como tema central, a personificação de uma parceira ideal é estabelecida a partir de padrões relacionados a períodos anteriores, em uma época de ouro, afirmando que, no período em que ele escreve não existiriam tais exemplos, e que, independentemente do grupo social ao qual pertencem, as mulheres seriam pouco virtuosas. Neste sentido, mulheres de todos os grupos sociais estariam disponíveis para o contato sexual, e, em especial as matronas são descritas com comportamento devasso. Ao mesmo tempo, comparativamente aos demais autores, Juvenal apresenta um maior número de referências a relações entre homens, com a descrição de personagens páticos, que abordaremos mais detalhadamente nos tópicos subsequentes.

Podemos observar tais recomendações como um guia sobre as diferentes formas de se relacionar, em especial, com as mulheres, como dividi-las de acordo com a sua posição, como escolher o alvo de seu interesse considerando a estrutura social e os demais envolvidos. Mais do que isso, ao longo dos textos, temos exemplos de como era esperado que eles se relacionassem e como isso interferia na identificação e pertencimento destes homens seja em relação a sua posição social.

Desta forma, a ideia de *uirtus* e de uma masculinidade idealizada associada ao casamento pode ser questionada e tensionada, pois são reconhecidas como válidas diferentes formas de desejos e interesses, ainda que sejam ressaltadas as vantagens e desvantagens de cada opção. Mesmo que trechos específicos defendam determinados grupos e qualidades, quando olhamos para o conjunto dos textos temos uma grande variedade de possíveis parceiros. Destaca-se a amplitude relatada, e, quando consideramos aspectos relacionados ao riso ou a tentativa de apresentar parceiros de forma hierarquizada, enfatizamos que não se

trata de uma organização estanque e que os relacionamentos indesejáveis não são negados, mas apresentados como parte do cotidiano.

O que distingue a aceitabilidade de determinado parceiro é o contexto e como tal ação reage ao grupo como um todo. Ao comparar as citações referente às relações com prostitutas, por exemplo, estas são ora indicadas, ora questionáveis, dependendo da conjuntura. Da mesma forma, a compreensão da masculinidade dos personagens citados, quando associada a escolha de parceiros, é relativa ao cenário em que se encontram, não podendo ser aplicada uma regra estática. Por fim, quando analisamos em conjunto os textos, compreendemos que os homens romanos tinham uma miríade de parceiros viáveis sem que isso fosse um elemento *per se* utilizado como definidor da masculinidade dos mesmos. Vale sublinhar que, em adição a pessoa com quem os personagens se envolvem, um elemento recorrente nas sátiras é como tal escolha é feita e qual seria a agência dos indivíduos envolvidos neste processo, bem como a imposição de poder sobre aqueles que teriam perdido a autonomia sobre seu corpo, fator que iremos explorar no próximo tópico.

5.3.2 - Agência e autonomia sobre os corpos

Um fator central na percepção da masculinidade para os romanos, segundo diferentes comentadores, era capacidade de decidir e ter controle sobre seu corpo. Este tópico de estudo, assim como esta aproximação teórica podem ser entendidos como desdobramentos dos trabalhos desenvolvidos por Dover e Foucault. Segundo a legislação romana, cidadãos não poderiam ser castigados fisicamente, tratamento que era destinado a grupos menos proeminentes na sociedade, como os escravos, por exemplo. Garraffoni⁴⁰⁰, destaca como, grupos como o dos gladiadores, ainda que pudessem apresentar uma seleção de virtudes tais como a coragem e habilidade bélica, eram considerados infames por terem seus corpos submetidos à jurisdição de outrem, passíveis de receber castigos físicos. No que se refere às práticas sexuais, como apontamos anteriormente, a percepção de quem atuava de forma ativa ou passiva foi apresentada como elemento central para a compreensão da organização social, ou como é apresentado por Skinner,

⁴⁰⁰ GARRAFFONI, Renata Senna. *Gladiadores Na Roma Antiga*. Annablume, 2005.

“Passividade” como os romanos entendiam envolvia mais do que o simples anseio de ser penetrado. Era uma insuficiência de força de vontade. O corpo inviolável do homem romano da elite era a projeção externa de seu espírito resoluto e indomável (...) Os homens voltam-se ao tipo “feminizado” de sexo quando o controle sobre os recessos e limites do corpo se dissipa em um frenesi de auto-satisfação. Os significados mais abrangentes de *mollitia* englobam, portanto, uma quebra da auto-disciplina, que aniquila não só a masculinidade sexual, mas também social⁴⁰¹

Observamos esta perspectiva no trabalho de diferentes pesquisadores, com algumas variações como as apresentadas no modelo teórico descrito por Parker, por exemplo. Contudo, nos últimos anos, outros elementos têm sido considerados na interpretação das práticas sexuais, dentre os quais como se dava a agência dos envolvidos, independentemente da postura adotada no que se refere a penetração⁴⁰², como é destacado por Richardson e Kamen.

Nas sátiras, podemos encontrar relatos sobre indivíduos que perderam a sua agência, sendo forçados a se relacionar sexualmente, como é caso da crítica à prostituição masculina citada por Juvenal em sua programática: “*Cum te summoueant qui testamenta merentur/ noctibus, in caelumquos euehit optima summi/ nunc uia processus, uetulae uesica beatae?*” (Juvenal, Sát. 1.37-39). Neste texto, o fato de alguns personagens terem ascendido apenas graças a sua relação com as mulheres velhas e ricas, é apresentado como um dos motivos que levariam Juvenal a escrever as sátiras, ou seja, um tema a ser discutido e criticado. A citação subverte o que seria esperado na ordenação de gênero dominante no período, ao apresentar tais personagens como submissos aos desejos de mulheres em troca de

⁴⁰¹ “Passivity” as Romans understood it, also involved more than a simple yearning to be penetrated. It was a failure of willpower. The inviolable body of the elite Roman man was the external projection of his resolute and indomitable spirit.(...)Men turn to a “feminized” modes of sex as control over the body’s boundaries and recesses dissipates in a frenzy of self indulgence. The broader meanings of *mollitia*, then, encompass a breakdown of self-discipline that annihilates social, not just sexual, manhood.” SKINNER, Marylyn. op.cit. 280

⁴⁰² “A literatura recente propôs nuances a este modelo, apontando que algumas modalidades de comportamento sexual não podem ser compreendidas apenas pela ótica da penetração (...). Em última instância, nós argumentamos que, para além do eixo conceitual primário da penetração (penetrar vs ser penetrado), os romanos preconizaram um segundo eixo de “agência” (atividade vs passividade) no ato sexual”; “Recent scholarship has proposed nuances for this model, pointing out that some types of sexual behaviors cannot be understood, or understood alone, through the framework of penetration. (...) Ultimately, we argue that in addition to the primary conceptual axis of penetration (penetrating versus penetrated), the Romans further envisioned a secondary axis of agency (activity versus passivity) in the sexual act.” KAMEN, Deborah; LEVIN-RICHARDSON, Sarah. Revisiting Roman sexuality: agency and the conceptualization of penetrated males. In: *Sex in Antiquity*. Routledge, 2018. p. 469-480. p.469

uma parcela da fortuna que herdariam de acordo com o desempenho sexual apresentado. Ao mesmo tempo, parte do riso provém da indignação voltada para além da situação em si, pelo fato da atitude ter providenciado ascensão social e financeira para os envolvidos, ou seja, um comportamento pouco virtuoso ser amplamente recompensado. Nos versos seguintes, o autor cita como o fato de um tutor ter tirado todos os bens de seu pupilo, levou o mesmo a se prostituir (*quid referam quant siccum iecur ardeat ira,/ cum populum gregibus comitum premit hic spoliator/ pupilli prostantis*; Juvenal, *Sát.* 1.44-46).

Ao citar ambos os casos, Juvenal apresenta homens que se sujeitam à prostituição, atividade que originalmente estaria restrita aos escravizados. No caso do pupilo, a atividade aparece como um infortúnio que ele teria sido levado a suportar, porém, a primeira citação em relação àqueles que se envolviam com mulheres velhas e ricas⁴⁰³ sugere interpretações mais complexas. Caso consideremos que ele de fato fala de escravizados, a ironia relativa ao processo pode ser observada devido à subversão da ordem, em que grupos supostamente menos relevantes na sociedade romana, como escravos e mulheres, teriam ambos uma situação melhor do que a do autor e seus leitores.

Podemos entender assim, tanto uma crítica às mudanças observadas na sociedade (em especial ao espaço ocupado pelas mulheres), mas também, considerando o argumento apresentado pela persona satírica do autor, como uma chacota direcionada a discursos que se posicionavam como superiores e defensores da moral romana, ao revelar uma certa inveja do sucesso adquirido por aqueles que teriam o comportamento de um pária, realizando atividades moralmente questionáveis, quando este ressalta as vantagens recebidas em troca de tal. O trecho permite uma leitura dúbia, critica as ações e as aponta como reprováveis, mas, ainda que a prostituição seja repreensível, o riso recai, também, sobre o próprio satirista, demonstrando um confronto entre duas perspectivas de masculinidade, uma supostamente dominadora e romana, e outra que submete aos caprichos femininos em troca de benesses financeiras, sendo que o segundo é

⁴⁰³ Diversos autores destacam como, com as alterações observadas na legislação relacionada ao recebimento de heranças e de divórcio, a situação financeira das mulheres melhorou, sendo mais comum encontrarmos relatos sobre mulheres em posições socialmente relevantes, ou que teriam impacto social graças a sua situação financeira. GARDNER, Jane F. *Woman in Roman Law and Society*. Indiana: Indiana University Press, 1991.

descrito em uma situação mais favorável que o primeiro, colocando o leitor em um dilema ético, sobre qual postura deveria apoiar⁴⁰⁴.

Outra referência às práticas sexuais sendo associadas à agência sobre o próprio corpo encontra-se na nona sátira de Juvenal. Somos apresentados à relação entre um cliente, Névolos e seu patrono, Virrão⁴⁰⁵, sendo que o ponto central das reclamações apresentadas por Névolos são os favores sexuais que ele é obrigado a realizar, a pedido de seu senhor, para este e sua esposa e como a recompensa por tais feitos seria insuficiente.

Ao descrever Névolos, Juvenal destaca dois aspectos: como este tinha fama adúltero e de manter relações também com os maridos “*ipsos etiam inclinare maritos*” (Juvenal, Sát. 9.26), mas também, como estaria mudado, antes um conviva animado nos banquetes, agora apresentaria um rosto sério “*vultus gravis*” (Juvenal, Sát. 9.12), cabelos desgrenhados, pele sem brilho e pernas peludas “*frutificante pilo neglecta et squalida crura*” (Juvenal, Sát. 9.15), retirando assim parte dos predicados de conquistador do personagem e apresentando-o como menos interessante do que ele já teria sido um dia. Ao longo da sátira, para além da situação em si, o baixo retorno por seus esforços e a avareza de seu senhor são o foco das reclamações apresentadas pelo cliente que se sente injustiçado e reforça seu valor por meio de referências ao seu pênis, e sua atuação com o mesmo - teria salvo o casamento de seu senhor ao deitar-se com a esposa deste (*Verum, ut dissimules, ut mittas cetera, quanto/ metiris pretio quod, ni tibi deditus essem/ devotusque cliens, uxor tua virgo maneret?*; Juvenal, Sát. 9.70-72).

A posição de Névolos é apresentada de forma deplorável, destacando como este estava infeliz com as ações que era obrigado a performar, dizendo-se exausto. Aspectos associados a esta narrativa despontam de forma bastante visual, como quando Névolos, em um discurso de autocomiseração, questiona se Juvenal achava ser fácil erguer um pênis (que ele define como *penem legitimum*, enfatizando assim seu tamanho e potência), e inseri-lo nas entranhas de outrem, encontrando lá

⁴⁰⁴ Na terceira sátira de Juvenal é apresentado mais um comentário sobre a prostituição masculina, em que um cliente comenta como esta seria uma atividade disputada (analisada no próximo tópico). Entendemos que, em ambos os casos, o satirista infere que a participação em tais situações era motivada pela necessidade, ou seja, trata-se de uma situação em que a agência dos personagens em questão é submetida às condições materiais.

⁴⁰⁵ O mesmo que teria sido citado na sátira 5, em sua relação com Trébio, tornando-se assim, como é destacado por Braund, um sinônimo, estereótipo de patrono rico. BRAUND, Suzanna. In. JUVENAL, D.; PERSIUS, *Satires*. Tradução de BRAUND, Susanna Morton. Loeb Classical Library. Cambridge: Harvard University Press, 2004. Richlin destaca como o próprio nome dado ao personagem, *Virro*, derivado de *uir*, seria um aceno a sua masculinidade. RICHLIN, Amy. *Sexual Satire*. op.cit.

o jantar de ontem (*an facile et pronum est agere intra viscera penem / legitimum atque illic hesternae occurrere cenae?* Juvenal, *Sát.* 9.44-45), alegando que o escravo que escava o solo é menos miserável do que aquele que escava (mantém relações) o seu senhor “*servus erit minus ille miser que foderit agrum quam dominum*” (Juvenal, *Sát.* 9.45-46)⁴⁰⁶. A cena grotesca, é apresentada de forma a causar repulsa e enfatizar o quão pouco prazeroso seria o processo para Névolos.

Contudo, não apenas o cliente, mas de forma semelhante, o senhor também é alvo da ironia do satirista. Sua avareza, por exemplo, é ridicularizada quando Névolos questiona o que seria pior que um pervertido sovina, que recita os presentes e benfeitorias cedidos enquanto mantém relações com o cliente *computat et cevet* (Juvenal, *Sát.* 9.40). O verbo aqui utilizado, *cevere*, pode ser traduzido como fazer festas como os cães, adular, sacudir, mas também como mexer as ancas ou ser penetrado analmente, associando ambos a um comportamento animalesco.

Um elemento central na relação entre ambos é o fato de que o cliente passa a relatar como ele teria sido o responsável por desvirginar a esposa de Virrão, evitando assim o divórcio por meio de seus serviços (reforçando que não se tratava de uma situação estranha, mas que existiriam muitas casas em que o amante teria salvo um casamento). Ironiza que os filhos de Virrão, descrito como “ingrate ac perfide” (Juvenal, *Sát.* 9.82), eram seus, mas que o patrão teria utilizado os mesmos para apresentar uma imagem de virilidade “*tollis enim et libris actorum spargere gaudes argumenta viri*” (Juvenal, *Sát.* 9.84-85) e receber os privilégios de ser pai⁴⁰⁷.

Ao longo da sátira o cliente é ridicularizado, suas capacidades reprodutivas extraordinárias são enfatizadas e ele é desumanizado (quando afirma temer ser trocado por um jumento, por exemplo⁴⁰⁸), ao mesmo tempo em que ressalta como dependia de alguém que não performava uma masculinidade esperada, como podemos observar quando afirma que um inimigo que era mantido

⁴⁰⁶ Richlin destaca como Lucílio e Juvenal são dois dos satiristas que utilizam imagens escatológicas de forma mais recorrente, em especial ao tratarem de relações entre homens. RICHLIN, Amy. “Sexual Satire”. In: *The garden of Priapus: sexuality and aggression in Roman humor*. Oxford University Press, 1992.

⁴⁰⁷ Refere-se a benefícios como ser incluído em testamentos. Cabe ressaltar que Augusto famosamente criou uma legislação que favorecia o casamento e premiava os casais com maior número de filhos. Como aponta Dixon, não temos acesso a esta lei de forma integral. DIXON, Suzanne. “From Cerimonial to Sexualities”. In.: RAWSON, Beryl. *A companion to Families in the Greek and Roman Worlds*. Blackwell, 2011. p.249

⁴⁰⁸ Considerando os serviços prestados e ao ser questionado sobre qual seria o comportamento de Virrão, Névolos (pedindo segredo) afirma que o patrono não lhe dá atenção e que ele busca outro cliente de duas patas (implicando que seria um jumento) “*Neglegit atque alium bipedem sibi quaerit asellum*” (Juvenal, *Sát.* 9.92).

macio pela pedra pomes poderia ser mortal “*nam res mortifera est inimicus pumice levis*” (Juvenal, *Sát.* 9.95)⁴⁰⁹, ou quando revela que Virrão foi incapaz de conceber herdeiros. Os comportamentos apresentados por Virrão são naturalizados, seja quando Névolo afirma que casamentos salvos por clientes seriam algo recorrente bem como quando Juvenal afirma que seu interlocutor não deveria se preocupar com o futuro pois sempre existiram patronos páticos em Roma.

As preocupações recorrentes de Névolo, com aluguel, alimentação, velhice (medo de ser obrigado a mendigar por seu sustento) e demais bens materiais que ele esperava receber de Virrão reforçam o grau de dependência daquele e como estaria atado às práticas ali citadas. Névolo é apresentado em uma situação esdrúxula, que causa o riso por diferentes motivos, sua desumanização e aproximação com o animalesco (ao ser comparado com um jumento) contrapostos ao desejo de ser reconhecido e valorizado. O fato deste trecho apresentar uma subversão do comportamento que seria esperado por parte de um patrício, seja a respeito das práticas sexuais, em que se apresenta como passivo, a sua incapacidade de gerar herdeiros, bem como com pouco controle sobre seus desejos faz com que o patrono também seja apresentado como alvo do chiste do satirista.

Ao se submeter a tais ações, por vezes gabando-se de seu órgão sexual, em outros momentos, reclamando do quanto estaria exausto das exigências que lhes foram impostas, o cliente apresenta um discurso dúbio, hora vangloriando-se de seus feitos, hora afirmando que deveria ser melhor recompensado e reclamando dos trabalhos que é obrigado a realizar. Assim, mais do que a lógica relacionada a papéis ativos e passivos, ou mesmo sobre o adultério e paternidade, bastante recorrentes na historiografia sobre as práticas sexuais em Roma, uma das possibilidades de interpretação deste trecho é a relevância da agência neste cenário, em como as trocas ali expostas são vinculadas ao poder social e econômico, e como são expostas como corriqueiras pelo satirista. A naturalização das práticas citadas se opõe à lógica de dominação masculina, apresentando, assim como foi observado em grafites e demais vestígios provenientes da cultura material, como uma amplitude dos desejos e interesses por práticas sexuais diversas, e não necessariamente regradas por modelos de virtude e virilidade, estavam presentes em Roma.

⁴⁰⁹ Reforçando o caráter efeminado de Virrão, dado que a depilação era considerada uma característica daqueles que se relacionavam com outros homens.

Cabe ressaltar que esta é a segunda referência a Virrão estabelecida por Juvenal, sendo que a primeira ocorre na quinta sátira, em que é relatada a relação entre o autor e seu cliente, Trébio, por meio das práticas alimentares e a postura deste no banquete. Ainda assim, ao longo da descrição sobre a relação entre Virrão e Trébio, um dos pontos levantados por Juvenal para ridicularizar o cliente é o fato de que, caso ele desejasse cair nas graças de seu patrono bastaria ter uma mulher estéril – inferindo que ela poderia ser amante do patrício sem que isso gerasse uma prole indesejada. Quando analisadas em conjunto, as duas sátiras reforçam a pouca virtude do patrão e o interesse deste em corpos alheios, que ele pudesse submeter aos seus caprichos, contudo, ao contrário de Névolu, a relação com a esposa de Trébio é uma insinuação de Juvenal, não uma reclamação do cliente.

Considerando que o personagem apresenta como alguém abandonado pela sorte, ao mesmo tempo em que é descrito como dono de um pênis gigantesco (o que é repetido em diferentes momentos da sátira) podemos inferir que, considerando o caráter apotropaico dos símbolos fálicos, reconhecidos como um símbolo de proteção e boa sorte, (como apontado por Funari⁴¹⁰), a contradição expressa entre a sina do personagem e suas características formariam uma das camadas do riso experimentado pelos leitores. Estendendo este argumento, podemos imaginar o cliente em si como um amuleto de boa sorte para seu patrono, uma vez que diversos aspectos da vida de Virrão foram resolvidos e tiveram um desfecho favorável graças aos atributos de Névolu.

Conjuntamente, cabe ressaltar, as relações estabelecidas entre ambos extrapolam o modelo focado na dicotomia ativo e passivo, uma vez que aquele que se apresenta como sendo ativo na relação não o faz pelo próprio desejo ou interesse. Como é apontado por Kamen e Richardson⁴¹¹, a afirmação de que a pessoa teria sido penetrada por desejo próprio, seria profundamente difamatória, de uma forma que não ocorreria caso o mesmo ato tivesse sido realizado de forma passiva ou forçada, por exemplo⁴¹². Para além desta detração, entendemos que o

⁴¹⁰ FUNARI, Pedro Paulo. "Apotropaic symbolism at Pompeii: a reading of the graffiti evidence". *Revista de história*, n. 132, p. 9-17, 1995; FUNARI, Pedro Paulo A. *Vida quotidiana na Roma Antiga*. Annablume, 2003.

⁴¹¹ KAMEN, Deborah; LEVIN-RICHARDSON, Sarah. Revisiting Roman sexuality: agency and the conceptualization of penetrated males. In: *Sex in Antiquity*. Routledge, 2018. p. 469-480.

⁴¹² "Na oratória e na sátira, por exemplo, acusações ou insinuações de que alguém era não só penetrado mas também um agente em sua própria penetração eram particularmente difamatórias (...) Assim, a agência sexual de um indivíduo tinha o potencial de afetar os seus direitos legais: ser voluntariamente penetrado podia resultar em restrições civis, enquanto sê-lo involuntariamente não" *"In oratory and satire, for example, accusations or insinuations that someone was not only penetrated*

texto questiona as masculinidades tanto do cliente quanto do patrono, subvertendo condutas e ordenamentos que seriam esperados nestas relações bem como atos que seriam, supostamente, simbólicos da imposição de poder sobre outrem, como a penetração, mas também a corrupção da esposa, por exemplo.

Assim, se analisamos o caso apenas do ponto de vista da penetração anal realizada pelo cliente, o enfoque estaria na difamação de Virrão, contudo, quando consideramos o contexto, entendemos que se trata de uma inversão em que o cliente performa diversos papéis, inclusive posturas encaradas como dever de Virrão, tais como ser pai e cumprir com os deveres matrimoniais. O cliente realiza as atividades e ações esperadas por seu senhor e não percebe isso como um elemento que corrobora sua relevância, mas se coloca em uma posição que se aproxima de um escravo.

Neste sentido, considerando os dois cenários apresentados, entendemos como a agência era um elemento relevante para a compreensão da masculinidade. No primeiro caso, as ações e o atendimento cedido às mulheres ricas causam o riso, pois, ainda que fossem moralmente condenáveis colocam os personagens em questão em uma situação apresentada como invejável, recebendo benfeitorias, demonstrando como a moral imposta era incapaz de favorecer os homens, mas romper com uma postura de domínio em favor de outra mais subserviente, traria mais vantagens. O segundo caso, apresenta o pático como sendo uma postura comum e o cliente tendo repulsa em performar atos que, quando analisados fora de contexto, seriam interpretados como demonstrações de poder sobre a esposa e o patrão em si, fazendo com que a própria percepção de masculinidade dominante torne-se muito mais complexa e difícil de ser estabelecida. A narrativa apresentada por Juvenal rompe com o ideal de masculinidade, e mesmo o cliente, ao manter relações com seu patrono foge da percepção de uma masculinidade hegemônica, devido às características que lhe são associadas, tais como a sua falta de agência e por ser apresentado como alguém com moral duvidosa desde o início do texto.

but also an agent in his own penetration were particularly defamatory. (...) Thus one's sexual agency had the potential to affect one's legal rights: being willingly penetrated could result in civic restrictions, whereas being unwilling party did not KAMEN, Deborah; RICHARDSON, Sarah Levin-, "Revisiting Roman Sexuality: Agency and the conceptualization of penetrated males". In: *Sex in Antiquity*. Routledge, 2018. p.456.

5.3.3 - Práticas sexuais associadas à transgressão

O terceiro padrão que encontramos nos textos analisados são as práticas sexuais como transgressão. De uma forma geral, as narrativas relacionadas a ruptura das regras estabelecidas pelo grupo poderiam ser lidas como parte do jogo social da sátira, como um aviso sobre o modelo de bom e mau comportamento apresentado pelos autores para a audiência, construída por seus pares e da qual eles faziam parte. Ainda que esta possibilidade seja válida, cabe ressaltar que, quando consideramos a existência de mais de uma chave de leitura e múltiplos significados relacionados ao riso, a interpretação dos relatos de adultério e demais casos aqui vinculados ao conceito de transgressão torna-se menos direcionada e permite uma visão mais ampla acerca das percepções romanas sobre o tema. Neste sentido, dois dos principais casos que rotulamos como transgressores foram os relatos de adultério (quando descritos de forma a recriminar o comportamento adúltero) e os relacionados à profanação religiosa, vinculando assim o conceito não a legislação, mas ao tipo de resposta recriminatória que tais comportamentos recebiam nas sátiras .

Sobre o primeiro aspecto, a presença de casos de adultério é recorrente nos textos satíricos, porém, ao narrá-los, nem sempre o enfoque do texto volta-se para a percepção de que se tratava de uma prática transgressora. Como detalhamos no primeiro tópico, as matronas são apresentadas como objetos de desejo por diferentes satiristas, ainda que não fossem as parceiras mais indicadas, considerando o impacto social para o grupo, contudo, em alguns trechos a crítica e os castigos a serem aplicados naqueles que se envolvessem com as esposas alheias tornam-se o foco da narrativa por parte dos autores.

O casamento romano é tradicionalmente apontado como uma instituição cujo foco central seria a produção de filhos e herdeiros⁴¹³, e , sendo assim, seria imperativo garantir que as esposas, principalmente, fossem fiéis aos seus maridos, o que resultaria em uma prole legítima. Certamente trata-se de uma interpretação que se estrutura a partir de padrões e demandas referentes à elite romana, mas que está embasada tanto em relatos literários como na legislação. No que se refere às alterações ocorridas nas leis sobre o casamento, a mudança central

⁴¹³ DIXON, Suzanne. op.cit. p247

refere-se ao fato de que inicialmente estabelecido como um contrato entre famílias, o casamento passou, ao longo do tempo, para um cenário de regulação estatal, o que pode ser observado, principalmente, por meio da implementação de leis de Augusto que incentivaram a reprodução e tornaram o adultério um ato passível de punição.

Sobre os modelos de casamento romano, Scheidel afirma que o modelo existente no mundo antigo estaria em um estágio intermediário entre a monogamia e a poligamia⁴¹⁴, considerando que casos com concubinas libertas, escravos e prostitutas não seriam interpretados como adultério. Devemos ressaltar ainda que, a punição era destinada prioritariamente às mulheres comprometidas pegas em situação de adultério, fazendo com que os relatos aqui analisados tornem-se ainda mais relevantes, pois levantam a discussão sobre os homens adúlteros que se envolviam com esposas alheias e qual deveria ser a resposta a esse comportamento, algo que não era o enfoque central na legislação romana⁴¹⁵.

Como apontamos anteriormente, Lucílio, por exemplo, descreve casos de adultério ao longo de sua obra, apresentando quais deveriam ser as ações realizadas para sanar tal problema (ou ao menos repreendê-lo). Dentre estes, o autor nos apresenta um plano para punir uma amante infiel: após enviar um espião,

⁴¹⁴ “Desnecessário dizer que a monogamia nunca existiu em sua forma pura. O que podemos observar ao longo de milênios de história é uma trajetória de hábitos poligâmicos em direção a uniões formalmente monogâmicas, mas que eram na prática muitas vezes arranjos poligínicos dentro de convenções formalmente monogínicas. Como argumentei antes e vou novamente sublinhar abaixo, as sociedades gregas e romanas ocupam uma posição intermediária e - retrospectivamente falando - transicional neste espectro, uma que poderia ser chamada de “monogamia poligínica”. Rejeitando casamentos múltiplos e desencorajando a coabitação informal com várias parceiras, como a concubinação, seu sistema prontamente acomodava relações sexuais múltiplas para homens casados (não para mulheres), particularmente através do acesso a escravos (de ambos os sexos).”

“Needless to say, monogamy never exists in pure form. What we can observe over millennia of world history is a trajectory from polygamous to formally monogamous but effectively often polygynous arrangements and on to more substantively and comprehensively monogynous conventions. As I have argued elsewhere and will again outline below, Greek and Roman societies occupy an intermediate and- retrospectively speaking - transitional position on this spectrum, one that might be labeled “polygynous monogamy”. Shunning multiple marriage and discouraging informal parallel cohabitation, such as concubinage within marriage, their system readily accommodated multiple sexual relations for married men (though not for women), most notably through sexual access to slaves (of either sex).” SCHEIDEL, Walter. “Monogamy and polygyny”. *A companion to families in the Greek and Roman worlds*, p. 108-115, 2010.p.109

⁴¹⁵ Gardner, sobre a lex Julia: “O adultério se tornava pela primeira vez uma ofensa criminal, mas a lei não se aplicava igualmente aos dois sexos. Uma mulher casada era considerada culpada de adultério se ela tivesse relações sexuais com qualquer homem que não o seu marido, enquanto um homem só era culpado se a mulher fosse casada, sendo a sua própria situação conjugal irrelevante”; *“Adultery now for the first time became a criminal offence, but the law did not apply symmetrically to both sexes. A married woman was guilty of adultery if she had sexual relations with any man other than her husband, a man only if the woman was married, and his own marital status was irrelevant”*. In. GARDNER, Jane F. *Woman in Roman Law and Society*. Indiana: Indiana University Press, 1991.P.127.

para ver se ela está se relacionando com outros homens, que são apresentados como *Mendicum* (Lucílio, *Sát.* 27.745), o personagem descobre que sua amante teria recebido cinco *monogrammi* (Lucílio, *Sát.* 27.746) (que pode ser traduzido como meras silhuetas de homens), indivíduos em posição social inferior ao reclamante, motivo pelo qual, como castigo, ela seria levada a realizar uma série de trabalhos domésticos, reforçando estereótipos de feminilidade.

Alguns versos adiante, é apresentada outra forma de resolver o problema causado pelo adultério: por meio do ataque à casa do suposto amante de sua esposa, tendo auxílio dos amigos no processo de busca da mesma (Lucílio, *Sát.* 27.793-814). Em ambos os casos a centralidade da discussão é voltada para a reação do indivíduo que teria sido traído e, em como buscam reverter a situação por meio dos castigos infligidos às demais figuras envolvidas, seja ao punir a amante obrigando-a a realizar atividades tidas como femininas (reforçando estereótipos de feminilidade), ou por meio da busca da matrona tal como se procura um bem perdido ou roubado.

Enquanto Lucílio propõe a busca e retomada da companheira (esposa ou amante) em resposta ao adultério, ao descrever a predileção de certos homens pelas matronas, Horácio (*Sát.* 1.2) aponta qual seria a repercussão na vida daqueles que fossem pegos envolvidos em tais atos. Para tanto eles descreve as consequências resultantes do comportamento adúltero organizados em um crescente: ele poderia pular do telhado, ser afogado, apanhar (*flagellis*), ser estuprado por serviçais (*perminxerunt calones*⁴¹⁶; Horácio, *Sát.* 1.2.44) e, finalmente, ser castrado (*testis caudamque salacem demeteret ferro*; Horácio, *Sát.* 1.2.45-46). O alvo do ataque do satirista é o homem adúltero que estaria rompendo com as regras sociais vigentes, o qual, além do risco de ser pego e sofrer com as penas impostas, era ridicularizado por ter de se submeter a situações vexatórias para encontrar a amante. O riso não é voltado para o esposo traído, mas a própria situação do adúltero, sua incapacidade de manter o autocontrole e, em especial, a sua falta de respeito para com os demais membros do grupo, ações que fariam ele

⁴¹⁶ A associação de um termo relacionado ao ato de urinar, infere no ato de estupro, como é apontado por Adams. Ao contrário do processo de defecação, urina não era um tabu tão grande na literatura romana, ainda que se trate de um termo extremamente pejorativo. Já *calones* pode ser traduzido como serviçal, valete do exército, mas também referente às charretes/carroças. ADAMS, James Noel. *The Latin sexual vocabulary*. JHU Press, 1990.

ser tratado como uma mulher, despido de seu status masculino, como é apontado por Richlin⁴¹⁷.

Isto porque, ainda que Horácio ressalte como era risível a busca incessante dos adúlteros, ele finaliza a sátira afirmando que, da mesma forma que quando se está com fome, a comida fica mais saborosa e somos menos exigentes com o que iremos ingerir - e exemplifica dizendo que aquele que tem sede não espera uma taça feita de ouro, quem tem fome não demandaria faisão ou rodovalho, ambos alimentos caros e restritos às ocasiões especiais (*num tibi cum fauces urit sitis, aurea quaeris/ pocula? num esuriens fastidis omnia praeter/ pavonewm rhombumque?* Horácio, *Sát.* 1.2.114-116) de forma semelhante a mulher liberta saciaria os desejos masculinos sem que fosse necessário fugir de um marido de forma vergonhosa, pelado, escondido pela empregada.

Na legislação romana, o adultério, a partir da *lex Iulia*, tornou-se uma ofensa passível de punição. Como é descrito por Gardner⁴¹⁸, as penas eram desproporcionais, sendo que as mulheres eram punidas caso mantivessem relações com qualquer um que não fosse seu marido, enquanto os homens apenas caso se envolvessem com mulheres casadas, independentemente de seu status de relacionamento. No texto apresentado por Horácio, as punições são apresentadas de forma exagerada, causando o riso, mas também, reforçando a relevância do tema para a audiência.

Diferentemente do que pudemos observar no texto de Lucílio, Horácio formula seus modelos de comportamento associando as esferas alimentar e sexual, neste caso, sobrepondo os temas para criar um contínuo argumentativo que resulta na elaboração de padrões. Ao comparar as relações com as mulheres com as

⁴¹⁷ Richlin destaca como os castigos infligidos ao amante, embora fossem exagerados, são realistas segundo a legislação vigente no período. "Mas o marido tem o direito de provar a sua masculinidade questionada sobre o corpo do amante capturado - ao violentá-lo (puga, linha 133) ou então profaná-lo com a ajuda de sua família e criados; ao castrá-lo (linhas 45-46); ou ao açoitá-lo (linhas 41-42), punição reservada aos escravos. O amante encontra-se na mesma situação que a esposa, que pode perder o seu dinheiro (linha 131), e a serva conivente, que pode ter as suas pernas quebradas (linhas 130-131). Ao ter relações sexuais com a esposa de outro homem, o amante corre o risco de ser tratado ele mesmo como uma mulher"; "*But the husband has the right to prove his questioned manhood on the body of the captured lover - by raping him (puga, line 133) or otherwisedefiling him (perminxerunt, line 44) with the aid of his household; by castrating gim (lines 45-46); or bating him with a whip (lines 41-42), a slave's punishment. The lover is in the same fix as the wife, who stands to lose her money (line 131), and the conniving maid, who may have her legs broken (lines 130-131). In having intercourse with another man's wife, the lover runs the risk of being treated as a woman himself.*" In. RICHLIN, Amy. "Sexual Satire". *The Garden of Priapus: Sexuality and Aggression in Roman Humour*. Oxford: Oxford University Press, 1992. p. 176.

⁴¹⁸ GARDNER, Jane F. *Woman in Roman Law and Society*. Indiana: Indiana University Press, 1991.

demandas alimentares, são destacadas iguarias que eram comuns entre a elite romana, o rodovalho, que era um peixe importado⁴¹⁹ e caro, e o pavão⁴²⁰, alimento infrequente, mas com algumas referências de ser servido em banquetes na literatura: ambos bastante raros e supérfluos, assim como, segundo o autor, o desejo pelas esposas alheias.

Trata-se, portanto, de uma distinção baseada na relação destas mulheres com os homens, ou no caso, com seus maridos. Os esposos são apresentados como fonte de temor para os adúlteros, não são ridicularizados, como se poderia esperar em relatos de adultério (e como observamos na sexta sátira de Juvenal, por exemplo). O foco do riso e das críticas do satirista é o adúltero, apresentado como controlado pelo desejo, e cujas ações são mais reprováveis quando causa dano social ao se relacionar com uma mulher comprometida. A citação de tal comportamento, pode ser interpretada como um aviso sobre os riscos do desvio social, em que os adúlteros perdem seu estatuto de cidadão e suas marcas distintivas de masculinidade devido ao comportamento apresentado, ao mesmo tempo em que reforçam a existência dos casos de adultério e o reconhecimento do problema pelos leitores.

O exagero na forma como são expostas as punições destinadas ao transgressor nos causa riso, uma vez que sofrer castigos físicos seria algo impensável para um cidadão romano, quanto mais ser estuprado ou castrado⁴²¹. A ação de se relacionar com um grande número de mulheres, em especial casadas, é descrita como perigosa e desaconselhável, uma vez que, ao invés de se apresentar como um exemplo de virilidade, tal postura poderia retirar todos os signos distintivos de masculinidade do adúltero. As esposas são descritas como a extensão de seus maridos e o adultério não como uma ofensa apenas ao traído, mas aos membros da elite como grupo, como uma transgressão às regras estabelecidas para o bom

⁴¹⁹ “O rodovalho era um requintado peixe marinho no início do período imperial, que frequentemente adornava as mesas dos romanos abastados”. “ *The turbot was a fashionable sea fish during the early Imperial period, commonly gracing the tables of well-to-do Romans*”. In. DÉRY, Carol. Op.cit.

⁴²⁰ “Pavões e pavoas eras pássaros domesticados mais para a exibição do que para a alimentação (...) os romanos os torravam e Apicius disse que os risoles mais valorizados eram aqueles feitos da carne desses pássaros”; “Peacocks and peahens were domesticated birds kept more for show than for eating. (...) The Romans roasted them, and Apicius said that the most prized rissoles were made from the flesh of peacock ” ALCOCK , Joan.*op.cit.* p.73

⁴²¹ Outra referência ao estupro como um mecanismo de poder é descrita brevemente na oitava sátira, ao descrever um jardim que teria sido renovado e adornado com uma estátua de Priapo, a estatua fala em primeira pessoa, narrando como espanta ladroes e pássaros daquele espaço, em especial ladrões que seriam intimidados por sua “estaca”.

relacionamento entre eles. Esta ameaça à coesão do grupo é severa ao ponto de ser necessário exemplificar os castigos destinados a quem realizasse tais atos.

Sobre este tema, Robert, por meio da análise das obras de Catão e Ovídio, afirma que os romanos viveriam uma “poligamia de fato”⁴²², em que era esperado que os homens mantivessem relações com diversas mulheres, sendo criticado apenas o envolvimento com as provenientes da elite romana. Contudo, ao longo das obras aqui apresentadas, observamos uma crítica severa a este comportamento, em que o adúltero é ridicularizado e ameaçado. Ao analisarmos os trechos de forma mais detalhada, encontramos algumas citações que apontam para personagens que se orgulham e reafirmam seu interesse em observar o que está sob a *stola*, ou a preferência pela *cunni albi*, mesmo cientes dos riscos envolvidos. Esta crítica ao adultério e à luxúria é recorrente e retomada em diferentes contextos, como, por exemplo, quando, em sua oitava sátira, Juvenal afirma que aqueles que eram tomados pela luxúria e fossem adúlteros perderiam o direito a reivindicar uma ascendência nobre.

Como é descrito por Connel⁴²³, as diferentes percepções de masculinidade estão em constante disputa em uma mesma sociedade. Neste sentido, para além do cunho moralista que é implicado ao texto satírico, entendemos que os comportamentos ali narrados inferem a existência de uma contenda pela hegemonia. A ênfase no comportamento adúltero pode ser entendida como a representação de masculinidades dissidentes em meio a um modelo coletivo reconhecido como ideal. Tal interpretação encontra eco nas análises apresentadas por Schedel que aponta como a poliginia, particularmente, não era incomum na Antiguidade e como esta prática reforçaria a desigualdade entre homens sendo assim rechaçada por meio de legislações que estabeleceram a imposição da monogamia⁴²⁴.

⁴²² ROBERT, Jean Noel. *Op.cit.* p.212.

⁴²³ CONNELL, Robert W. “Políticas da Masculinidade”. *In.*: Educação e realidade. 20 (2)Jul/dez 1995, p.187

⁴²⁴ "Isto significa que a monogamia rigorosamente prescritiva demanda uma hipótese auxiliar, que é fornecida pela observação de que, já que a poliginia exacerba a desigualdade entre os homens, a monogamia socialmente imposta pode ter surgido como uma forma de reduzir a tensão entre os homens e fomentar a cooperação"; *"That means that strict prescriptive monogamy calls for an auxiliary hypothesis, which is provided by the observation that since polygyny exacerbates male inequality, socially imposed monogamy may have arisen as a means of reducing tension among males and fostering cooperation."* SCHEIDEL, Walter. *Monogamy and polygyny. A companion to families in the Greek and Roman worlds*, 2010. p 113

Aqui a crítica é voltada aqueles que rompem a coesão do grupo, interferindo na organização familiar alheia. Nos relatos selecionados este comportamento é observado como criticável e passível de punição. Ainda que o exagero das punições citadas leve ao riso por parte da audiência, a ênfase apresentada demonstra como tratava-se de um elemento relevante e digno da preocupação dos satiristas assim como de seus leitores.

Ao analisarmos as práticas transgressoras, notamos que parte dos comportamentos que podem ser classificados transgressores são vinculadas a grupos estrangeiros. Por exemplo, na terceira sátira de Juvenal, Umbrício, um cliente insatisfeito com a sua situação em Roma, que se encontrava em processo de mudança para o campo, sendo que a crítica aos gregos surge em um contexto em que estes estrangeiros são descritos como rivais na busca de atenção dos patronos. Listando os elementos que lhe incomodam na cidade, Umbrício cita a influência grega, em especial relacionando-a à esfera sexual, criticando a presença de prostitutas gregas no Circo (*ad Circum iussas prostare puellas*; Juvenal, *Sát.* 3.64) e, no caso masculino, questionando a virilidade dos gregos. Para tanto, o personagem destaca como eles seriam extremamente convincentes ao interpretar personagens femininos (a ponto de se acreditar que a pélvis deles era lisa e rachada), capacidade essa que se estenderia ao interpretar sentimentos para agradar seus interlocutores. Estas habilidades os tornariam muito eficientes em corromper todos a sua volta: a esposa de seu senhor, a filha e seu noivo e o filho e até mesmo a avó de seu amigo (*praetera sanctum nihil illi et ab inguine tutum, non matrona laris, non filia virgo, nec ipse/ sponsus levis adhuc, non filius ante pudicus/ horum si nihil est, aviam resupinat amici/ scire volunt secreta domus atque inde timeri.* Juvenal, *Sát.* 3.109-113). Desta forma, a listagem das habilidades atribuídas aos gregos se dá de forma a ressaltar como estes seriam perigosos, seja ao demonstrarem um comportamento efeminado ou ao utilizar uma sensualidade e capacidade de conquista ímpares, para as quais os romanos e suas famílias não teriam defesa.

Em especial, este último trecho demonstra uma percepção de uma sexualidade nata dos gregos como ameaça à virilidade romana, uma vez que eles teriam acesso e domínio sobre grupos associados à elite romana. O crescente das figuras citadas, considerando a esposa, a filha, o noivo, e o filho, até a sugestão da avó, carrega um significado de diferentes níveis de “violação” das imposições sociais, sendo o mais grave, neste caso, a relação com o filho. Ainda que a relação

entre um homem e um jovem fosse aceita, isso não se dava entre homens livres, mas entre um senhor e seu escravo. A violação de um filho de um *paterfamilias*, nascido livre, por um grego, subverte as regras e convenções sociais sobre o tema, sendo apontada como uma transgressão grave, sendo que o alívio cômico surge com a imagem da avó sendo atrelada ao processo.

As habilidades expostas seriam tão impressionantes que os gregos teriam tomado o lugar dos clientes romanos, que já não conseguiriam sobreviver, exceto, aqueles que se disponibilizassem a prestar reverências para as mulheres sem filhos, logo pela manhã, posto que seria disputado⁴²⁵. Ressaltamos ainda como, ao longo da sátira, podemos observar que a própria situação em que Umbrício se encontra ressalta a inépcia romana frente à ameaça grega, uma vez que este seria um dos motivos pelos quais ele está sendo obrigado a sair da cidade. Trata-se de uma discussão que envolve também outros aspectos, como a relação cliente-patrono, mas, no trecho aqui analisado, podemos observar como os modos e atitudes gregos, em especial no que se refere às práticas sexuais são ameaçadores, transgridem a ordem romana ao mesmo tempo em que favorecem o processo que resulta na perda de espaço de seus cidadãos.

A ideia de estrangeiros vinculados à transgressão e profanação surge também por meio da associação entre a religiosidade e as práticas sexuais. Um dos exemplos centrais neste sentido, é a construção do personagem de Crispino, por parte de Juvenal, em sua quarta sátira. Para além dos hábitos alimentares controversos, ele é apresentado como alguém capaz de profanar cerimônias religiosas. Egípcio que teria ascendido ao cargo de conselheiro do imperador, Crispino é descrito como alguém desprovido de qualidades. De forma semelhante ao relato citado por Umbrício sobre os gregos, ele é apontado como alguém com uma lascívia descomunal, de comportamento efeminado mas que rejeitaria apenas as mulheres descomprometidas, ou seja, estaria sempre em busca das companheiras e esposas de outrem (*Ecce iterum Crispinus, est mihi saepe vocandus/ ad partes, monstrum nulla virtute redemptum/ a vitiis, aegrae solaque libidine fortes/ deliciae, viduas tantum aspernatus adulter*. Juvenal, *Sát.* 4. 1-4). Exemplo máximo do desrespeito do personagem às tradições romanas, é afirmado que ele teria seduzido uma vestal e feito com que esta fosse condenada a ser enterrada viva (*nemo malus*

⁴²⁵ Aqui observamos uma situação semelhante à descrita no tópico anterior, referindo-se aqueles que se dispõem a submeter-se aos desejos femininos como tendo alguma vantagem frente aos demais.

felix, minime corruptor et idem/ incestus, cum quo nuper vittata iacebat/ sanguine adhuc vivo terram subitura sacerdos. Juvenal, *Sát.* 4.8-10).

As Vestais eram um conjunto de sacerdotisas virgens que protegiam o fogo sagrado de Roma, e, escolhidas ainda meninas para o cargo, eram condenadas à morte por meio do emparedamento caso rompessem seu voto de castidade⁴²⁶. Ao afirmar que, além das esposas alheias Crispino teria até mesmo corrompido uma Vestal, a simbologia atrelada, da ofensa feita a um dos principais símbolos romanos, faz com que a referência aponte não apenas para os desejos e excessos alimentares e sexuais do personagem, mas também para o risco da presença deste, e como seus costumes tenderiam a corromper os valores romanos⁴²⁷.

Por fim, a segunda sátira de Juvenal tem como foco de sua crítica os hipócritas, sendo que um dos principais alvos da invectiva do poeta são os páticos. Ao longo da sátira Juvenal descreve, por exemplo, cerimônias de casamentos entre homens, alertando que, situações como essa se tornaram comuns. Aponta, também, como os páticos seriam responsáveis pela inversão em cultos religiosos exclusivos para mulheres e como diversos membros da elite apresentariam comportamento efeminado.

Logo no início do texto Juvenal critica aqueles que colecionam bustos de filósofos, mas têm um comportamento que não condiz com o discurso proferido, mas como o dos que frequentam bacanais. Destacando que existiam pervertidos em todos os lugares, Juvenal questiona a audiência, afirmando que eles mesmos, ainda que apresentassem um discurso moralizante, seriam famosos escavadores dentre os páticos socráticos, que enquanto os braços rígidos e peludos seriam, supostamente, símbolos de um espírito feroz e destemido, neste caso, tratava-se de alguém a quem o médico trataria rindo das hemorroidas inchadas, referência

⁴²⁶ STAPLES, Ariadne. *From Good Goddess to Vestal Virgins: Sex and Category in Roman Religion*. Routledge, 1998.

⁴²⁷ Outra descrição extensa da profanação de ritual religioso por meio de práticas sexuais reprováveis ocorre na sexta sátira com a descrição do Ritual à Deusa Bona Dea. Durante os rituais dedicados à deusa (os quais seriam atendidos exclusivamente por mulheres), as participantes, segundo Juvenal, assumiriam uma postura reprovável, comentando uma série de adultérios. Elas se esconderiam em grutas e convidariam qualquer um dos homens que transita no entorno para entrar, sendo que participavam primeiro os amantes, seguidos dos escravos e daqueles responsáveis por carregarem a água, até, finalmente o jumento, desumanizado. O trecho em questão enfoca ações realizadas por mulheres que escapam do enfoque dado à masculinidade aqui proposto. Análise sobre a relação entre as práticas sexuais e a profanação em ritos femininos pode ser encontrada em: SILVA, Lorena Pantaleão da. *Rindo do sagrado: as práticas religiosas femininas nas obras de Juvenal e Petronio* (séc. I-II dC). Dissertação de Mestrado. 2011.

descrita de forma extremamente gráfica, destacando uma linguagem chula “... *castigas turpia, cum sis/inter Socraticos notissima fossa Cinaedos?/(...) sed podice levi/ caeduntur tumidae medico ridente mariscae*” (Juvenal, *Sát.*2.10-14). Mais coerente, segundo o satirista, seria o comportamento de Peribônio, um pático conhecido como tal pela sua imagem e sua forma de andar, cuja situação seria uma obra do destino, motivo pelo qual ele merecia o perdão. Muito piores seriam as pessoas que utilizavam o exemplo de Hércules (comumente utilizado pelos estóicos), apresentavam um discurso moral e, na sequência, agitam os traseiros (*sed peiores, qui talia verbis/ Hereculis invadunt et de virtute locuti/ clunem agitant.* Juvenal, *Sát.*2.19-20). Ao longo do texto, ainda que afirme reprovar as atividades ali descritas, Juvenal, reforça como este seria um comportamento bastante comum em Roma, o qual acabaria até mesmo por influenciar visitantes de outros lugares.

Assim, em ambos os relatos envolvendo estrangeiros, estes são vinculados com práticas que podem ser consideradas transgressoras, mas que, para além de serem repreensíveis segundo alguns padrões morais romanos, eram sinais da ameaça representada por estes grupos para a sociedade como um todo. Estes avisos tornam-se motivo de riso ao remeterem para a fraqueza dos envolvidos frente à personagens que seriam desprovidos das virtudes e valores romanos. Mais do que a prática em si, a crítica se dá em relação às ações que ameaçam Roma, as quais se confundem com aquelas que se opõem ou lesam aqueles que representariam uma masculinidade embasada nos ideais da *uirtus* romana.

5.3.4 - Fraqueza e vulnerabilidade

Por fim, o quarto grupo de trechos aqui apresentados refere-se às narrativas associadas à percepção de fraqueza e/ou vulnerabilidade. Seja em casos de adultério ou em outras formas de relacionamento, em diversos momentos o desejo e interesse pelas práticas sexuais acabam por ser narrados de forma a ressaltar uma fraqueza, vício, ou vulnerabilidade dos personagens em relação aos seus pares, a outros grupos, ou a padrões de comportamentos que os satiristas apontam como repreensíveis.

Neste sentido, um relato que é recorrente entre os autores é o vinculado aos homens que se submetem aos caprichos das amantes, sendo expostos ao

ridículo. Esta temática é abordada por meio de uma conversa entre Horácio e seu escravo Davos (Horácio, *Sát.* 2.7), em que este aponta para como o comportamento do satirista seria fraco e dominado por seus desejos (*libidinus*), como era observado por meio de seu gosto por mulheres casadas (*coniux aliena*), enquanto Davos se relacionava com uma meretriz (*meretricula*). O fato de ser amante de uma matrona comprometida faria com que os encontros gerassem medo em Horácio, ao que o escravo questiona: qual seria a diferença entre ser um escravo que poderia ser queimado e vendido como gladiador e entrar com medo na casa da amante (*libinidibus tremis ossa pavore*; Horácio, *Sát.* 2.7.57) e ter de ser escondido pela empregada?

Repetindo alguns preceitos que lembram princípios estoicos, Davos afirma que o homem livre é aquele que é sábio para evitar as tentações e não ser afetado por eventos externos a si. Ao inserir este discurso na fala de Davos, o autor faz com que toda a cena tenha um tom irônico, apresentando o estoicismo como uma filosofia de escravos, enquanto Davos se mostra mais comedido que Horácio argumentando ser mais livre que seu dono. Podemos compreender também essa quebra discursiva como um efeito cômico que demonstra o quão pouco atraente é o ideal de virtude, visto que é assemelhado à vida de um escravo.

Retomando a descrição dos adultérios cometidos por Horácio, segundo Davos, o marido teria poder sobre ambos e, em especial, sobre seu dono, identificado como *adulterer*, pois este teria cometido uma falta maior que a matrona em questão. A esposa é descrita como uma figura secundária e sem agência, e cuja posição é pouco afetada pelos eventos, nem mesmo o marido é ridicularizado, sendo Horácio identificado como o principal transgressor. O desejo levaria assim, a dois problemas: o primeiro é o fato do rompimento com as regras sociais, como apontamos no tópico anterior, mas, neste caso, este é acompanhado de um segundo aspecto, as ações que são necessárias para a realização dos encontros vão no sentido oposto de virilidade e assertividade: Horácio se mostra fraco e medroso, devido às possíveis represálias do esposo traído, e, ainda assim, repetindo as mesmas ações inúmeras vezes, demonstrando descontrole. A contraposição do comportamento de dois indivíduos de grupos sociais bastante distintos nos apresenta a incongruência do comportamento ideal em relação ao real. As contradições são acentuadas, tanto pelo alvo ser o próprio satirista, quanto pelo

fato de o detentor da razão ser o escravo, que cobra seu dono a respeito da suposta *uirtus* proferida por este, que não seria transmutada em ações condizentes.

Assim como o texto de Horácio apresenta uma série de virtudes por meio de um discurso que se aproxima do estoicismo, a quinta sátira de Pérsio também explora tais temas, sendo que o elogio ao estoicismo apresentado aqui seria uma homenagem ao seu mestre⁴²⁸. O tema central foca na ideia da liberdade estóica mas trabalha com objetos específicos ao longo da sátira, como ganância e ambição, com breves citações sobre práticas sexuais neste contexto. Pérsio aponta como teria sido influenciado por Cornuto, seu tutor desde muito jovem, citando como exemplos do cuidado que seu tutor teve com ele, o fato de o ter acolhido em jantares mais modestos quando este alcançou idade de frequentar a Suburra e banquetes. Ao longo da sátira, as práticas sexuais, assim como a gula ou o jogo, são apresentadas como elementos que podem levar um homem à ruína (*ille in venerem putris*; Pérsio, *Sát.* 5.57-58), e privar-lhe a liberdade. Neste contexto, é citado o caso de Menandro apresentado anteriormente, que se prostra frente à casa de Chrysis, uma prostituta, sendo aconselhado a seguir o caminho inverso, a fim de não arriscar a sua reputação.

Em ambos os casos, tanto na narrativa de Horácio quanto de Pérsio, os personagens foram cegados por suas paixões, incapazes de seguir as regras sociais, colocam-se em situações vexatórias e parecem ter perdido a razão. Mais do que isso, eles são orientados e repreendidos por personagens de estatuto inferior, os quais demonstram ser mais sensatos e virtuosos que os mesmos.

Ao longo das sátiras, as práticas sexuais são, de forma recorrente, relacionadas a casos de adultério. Contudo, contrariamente ao que foi exposto no grupo de textos anterior, em que o enfoque era na postura do adúltero pelo viés da transgressão, e da possível ruptura entre o grupo causada por tal comportamento, somos apresentados também a relatos em que o ângulo descritivo enfatiza a fraqueza e submissão dos maridos. Um dos trechos mais expressivos neste sentido, é a sexta sátira de Juvenal, cujo tema se desenvolve em torno da questão se um homem deveria ou não casar-se. Como forma de desestimular o matrimônio, em diversos trechos são relatados casos de maridos ridicularizados, por meio do

⁴²⁸ Braund destaca como o texto de Pérsio possui diversas características semelhantes e ressoa a narrativa horaciana. BRAUND, Susana. In: JUVENAL, D.; PERSIUS, *Satires*. Tradução de BRAUND, Susanna Morton. Loeb Classical Library. Cambridge: Harvard University Press, 2004.p.94

adultério de esposas que se envolvem com personagens de estatuto social inferior⁴²⁹.

Dentre estes relatos, destacam-se os casos de Épia e Messalina, ambas matronas e adúlteras, e cujas ações impactam a imagem de seus maridos. Ao longo da sátira, ainda que faça referências à um período de ouro em que as mulheres seriam virtuosas, Juvenal afirma também que o adultério é recorrente⁴³⁰ e que, no período em que escreve, homens em posições socialmente desvantajosas, com menor poder na sociedade, tais como atores, escravos e gladiadores eram desejados pelas mulheres, sendo responsáveis por uma das principais obrigações dos romanos: a de prover a sociedade com novos cidadãos, os filhos dos patrícios seriam, na verdade, bastardos.

Destaca-se o caso de Épia, matrona que abandona seu marido senador para fugir com um gladiador por via marítima. Todo o relato estabelecido por Juvenal tende a contrapor a figura do senador a do gladiador escolhido, destacando como é difícil para as mulheres encarar o mar com o seu marido, mas fácil e agradável quando o faz com o amante, associando a presença do marido ao nojo e a ressaltando a animação de Épia na ausência daquele. O cenário provoca o riso pela ridicularização imposta ao esposo, que, sendo um senador, é trocado por um gladiador com as piores características possíveis: tem a barba falha, o rosto desfigurado pelo uso do capacete, seu braço dilacerado, que estava para se aposentar, e cujo olho estava constantemente lacrimejando. Contudo, o fato dele ser um gladiador e utilizar a armadura o transformaria numa figura desejável aos olhos de Épia. Na sequência, seguem-se críticas à Messalina e como ela trairia Cláudio, o imperador, enquanto ele dormia, saindo à rua com uma empregada para prostituir-se. A descrição dos atos de Messalina é bastante gráfica, afirmando que esta retornaria para a cama do imperador com o clitóris inchado e queimando, ainda com os perfumes do bordel⁴³¹ que teria frequentado.

⁴²⁹ Juvenal descreve como se apaixonariam por atores de comédias obscenas e fariam dos músicos e atores pais, destacando como os filhos teriam feições que lembrariam Euryalus, o gladiador. (Juvenal, *Sát.6*)

⁴³⁰ Juvenal afirma ao seu interlocutor que os primeiros adultérios teriam ocorrido após a saída de Astrea e Pudíticia, afirma que tal prática seria antiga e anterior a todos os demais crimes, e teria ocorrido pela primeira vez durante a era de prata.(Juvenal, *Sát.6*)

⁴³¹ Juvenal enfatiza o vínculo de Messalina à dinastia a qual ela faz parte por meio de referências, por exemplo a maternidade, destacando como ela mostraria o ventre que teria carregado Britânico nos Bordéis (Juvenal, *Sát.6*)

Casos de mulheres casadas, matronas, ganham maior atenção de Juvenal, até mesmo pelo tema da sátira. Contudo, tanto ao apresentar Épia quanto Messalina, seus maridos são caracterizados de forma a provocar riso de seus leitores, sendo descritos como resignados, conscientes (no caso de Épia) e abnócio e tolo (no caso de Messalina), ou seja, o oposto do que aparece nas sátiras de Lucílio e Horácio, em que os maridos buscam vingança em relação ao adúltero. Juvenal se coloca no papel de apontar para seu interlocutor como aquilo que seria esperado em um casamento estava longe de ser a realidade e como este seria um movimento perigoso para o interlocutor.

A construção do riso nestes trechos é desenvolvida a partir de um crescente entre os casos relatados, tanto no interior deles, como podemos observar por meio do aumento do exagero com o qual o gladiador amante de Épia é descrito, quanto entre os relatos, uma vez que Épia é a esposa de um senador, e, na sequência, é narrado um caso semelhante na figura de Messalina, esposa do imperador. Quanto mais alto o grupo social, maior é a vergonha infligida pelo comportamento desregrado das mulheres em questão, menos potente é considerado o esposo. As práticas sexuais destas mulheres e o seu comportamento refletem na formulação e representação da masculinidade de seus maridos, em especial quando consideramos os grupos sociais que eram mais propensos a aparecer e a ler as sátiras. Assim, considerando o papel do casamento e das matronas na sociedade romana, a ridicularização da elite é estabelecida por meio do comportamento impróprio e adúltero das matronas, o qual acaba por apresentar seus esposos como incompatíveis com o que seria esperado de um homem da elite romana.

Ainda na sexta sátira, é descrito como Calígula teria perdido a razão após consumir uma poção, supostamente afrodisíaca, oferecida por sua esposa, como analisamos no terceiro capítulo, Juvenal alerta que tais poções seriam capazes de confundir os maridos que permitiriam, assim, que as esposas os castigassem. Destarte, as relações, mesmo com as esposas, são apresentadas como fatores que levam ao enfraquecimento e perda de poder dos homens, seja por meio do ridículo a que são expostos, ou, por meio da luxúria, em que perderiam a razão e se colocariam em situações esdrúxulas.

Nos casos aqui narrados, podemos observar dois padrões distintos: o primeiro refere-se às situações esdrúxulas e de fraqueza a qual os indivíduos se

submetem devido ao seu interesse em determinadas parceiras sexuais. Assim, tanto a recriminação de Davos à Horácio como a citação de Pérsio sobre esperar na porta de seu alvo de interesse e, principalmente, o relato de Juvenal sobre Calígula, enfatizam como o interesse e paixão pelas mulheres os fizessem agir de forma fraca e, por vezes, estúpida. O outro padrão é aquele associado aos homens que são enganados pelas esposas, representados como incapazes de suprir as necessidades de suas companheiras, as quais acabavam por preferir se relacionar com homens de estatuto social muito inferior.

Conforme buscamos apresentar nos capítulos anteriores, a historiografia e as pesquisas sobre Roma tendem a apresentar os homens romanos com um padrão de masculinidade associado à ideia de *uirtus*, e de comportamentos exemplares que incluem um ideal de cidadania, *dignitas* e, por vezes, a apresentação de uma masculinidade voltada ao domínio de conquista militar. Assim, domínio e controle são dois conceitos recorrentes na descrição do modelo de masculinidade romano. Contudo, ao nos dedicarmos à leitura e análise das sátiras, em especial no que se refere às práticas sexuais, encontramos descrições de comportamentos que englobam posturas e ações que distam desse suposto ideal, permitindo entrever uma organização mais complexa no que se refere ao gênero, com exemplos de posturas submissas, que iriam contra o que era esperado pelo grupo social do qual faziam parte, ou ainda, com comportamentos transgressores ou que indicariam vulnerabilidade e fraqueza, devido aos desejos e interesses dos personagens e relatos analisados.

6 - Considerações Finais

Ao iniciarmos a pesquisa para esta tese tínhamos como objetivo analisar vestígios de Roma que nos permitissem pensar em comportamentos transgressores. Por este motivo, buscamos obras que fossem marcadas pelo riso, uma vez que tal literatura tende a apresentar posturas que distam do exemplar, que poderiam ser criticadas ou ridicularizadas. Durante o processo de definição de quais comportamentos seriam analisados, entramos em contato com alguns trabalhos contemporâneos que destacam como a recepção do passado greco-romano na atualidade perpassa a adoção de modelos de masculinidade da antiguidade.

Assim, observar a multiplicidade de comportamentos listados nas sátiras em contraponto às visões restritivas do passado romano ainda divulgadas na contemporaneidade por alguns grupos, nos fez repensar como os estudos clássicos e a tradição clássica influenciaram e analisaram tais processos ao longo do tempo. Neste sentido, apresentamos como a percepção das masculinidades romanas foi permeada pela construção de modelos idealizados: desde a Antiguidade, com a formulação dos *exempla*, embasados em ideais de *uirtus* que seriam transmitidos entre gerações, até a atualidade em que padrões inspirados no passado clássico continuam a ser promovidos.

Buscamos apresentar como estes modelos não são estáticos, mas sofreram modificações ao longo do tempo, listando como, em diferentes períodos, ideais de masculinidade romana foram utilizados com fins políticos e educacionais diversos. Entendemos assim que, mesmo sendo um tema amplamente discutido pela historiografia e pelos estudos clássicos, com especial destaque para a análise das apropriações elaboradas em períodos marcados por governos colonialistas, como o Império Britânico⁴³² e autoritários, como os governos nazifascistas⁴³³, a percepção, por parte de alguns grupos, de um passado modelar se mantém, embasada, principalmente, em duas premissas: a existência de um ideal de masculinidade único e a possibilidade deste transpor valores do passado de forma

⁴³² Como apontado por HINGLEY, Richard. *O Imperialismo Romano: Novas perspectivas a partir da Bretanha*. São Paulo: Annablume, 2010; BERNAL, Martin. "A imagem da Grécia Antiga como uma ferramenta para o colonialismo e para a hegemonia europeia" In. FUNARI, Pedro Paulo Abreu. *Repensando o Mundo Antigo*. Campinas: Unicamp/IFCH, 2003.

⁴³³ Como apontado por SILVA, Glaydson José. *História antiga e Usos do Passado: um estudo de apropriações da Antiguidade sob o regime de Vichy (1940-1944)*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2007; GIARDINA, Andrea. "O mito fascista da romanidade". *Estudos Avançados*, v. 22, n. 62, p. 55-76, 2008.

imutável para o presente. Na atualidade a recepção das masculinidades romanas, em especial por meio de grupos e comunidades on-line, ainda que ocorra fora do âmbito acadêmico, nos parece fazer parte de um processo mais amplo: uma disputa discursiva em um contexto marcado pelo neoliberalismo, em que modos de vida diversos são reprimidos e recriminados quando não estão em consonância às suas premissas e demandas. Neste cenário, o passado romano é utilizado para justificar posturas preconceituosas, xenófobas e misóginas, por vezes fazendo uso de discussões já superadas academicamente.

Considerando tais aspectos, entendemos que a discussão sobre gênero e masculinidades no mundo antigo se faz necessária e apresenta espaços de tensionamento a partir de reflexões do presente, em especial, quando em diálogo com a análise da tradição clássica. A fim de explorar possibilidades interpretativas, estabelecemos nossa análise a partir de um grupo de vestígios literários assinalados pelo humor e pelo riso: as sátiras de Lucílio, Horácio, Pérsio e Juvenal. Esta escolha não ocorreu ao acaso, mas pelo fato das obras em questão apresentarem relatos que são marcados pelo rompimento da ordem estabelecida, assim como de disputas entre diferentes grupos sociais, com o questionamento da hierarquia e das relações de poder presentes naquela sociedade. Neste sentido, o processo de análise das obras propostas se deu de forma a estabelecer a confluência de diferentes áreas do conhecimento, autores, temporalidades e comportamentos. Este esforço se deu com o intuito de explorar as narrativas sobre diferentes percepções de masculinidades entre os romanos.

Assim, tendo em vista o humor presente nos textos, foi necessário estabelecer um diálogo com outras áreas do conhecimento, em especial com teorias do riso e sobre a sátira. Durante este processo, pudemos constatar como o riso romano, foi discutido e interpretado, no passado, em função da manutenção da imagem do cidadão romano, sério, cujo comportamento era marcado pela *grauitas* e pela *uirtus*, sendo alvo de estudos mais detalhados em períodos recentes. Em especial a partir do pós-guerra, observamos uma retomada do interesse no estudo da sátira, e também da função do humor e de como este aspecto da vida cotidiana poderia nos fornecer novos dados sobre a sociedade romana. Desta forma, ao analisarmos as sátiras, buscamos estabelecer uma chave de leitura que favorecesse a identificação de significados diversos para os trechos analisados uma vez que o riso tem, como uma de suas características, a capacidade de subverter a ordem do

discurso e expor disputas e conflitos nos permitindo acessar diferentes camadas discursivas nos textos.

Para tanto, circunscrevemos nossa análise a duas áreas: práticas alimentares e sexuais, por serem esferas que se distanciam da arena política e militar, tradicionalmente vinculadas à virilidade e masculinidade, mas que são também influenciadas pelo gênero. Dentre os motivos que favoreceram a escolha destes comportamentos podemos citar o fato de serem aspectos que perpassam a esfera corpórea e individual e comuns a indivíduos de distintos grupos sociais. Tanto a esfera alimentar como a sexual, são temas que eram discutidos publicamente, submetidos à legislação e escrutínio público e que, no entanto, como pudemos observar por meio das obras trabalhadas, apresentam uma grande variedade de práticas, marcadas pelas distinções sociais ou pelos desejos e interesses pessoais.

Esta maleabilidade expressa em tais práticas (e observada por meio das sátiras) fez com que adotássemos uma posição teórica de valorização e reconhecimento da existência de múltiplas masculinidades em Roma. Para tanto, nos aproximamos das considerações apresentadas por Connell⁴³⁴, identificando masculinidade hegemônica como o modelo que seria esperado dos cidadãos romanos, e as masculinidades dissidentes como aquelas que escapam a este modelo, ou que apresentam posturas que se contrapõem ao mesmo, deslocando nosso olhar da sátira como um mecanismo de repreensão, para a ideia de que se trata de um texto que nos permite observar uma rede de conexões em constante reorganização. Assim, uma parte do riso provocado provém do contraste entre o ideal implícito e as posturas relatadas, apresentando um grupo mais plural e menos exemplar de masculinidades, incluindo comportamentos não tão virtuosos.

Desta forma, dedicamos o terceiro capítulo à análise de trechos em que as práticas alimentares estivessem, de alguma forma, em diálogo com a percepção de masculinidade dos personagens em questão. Para tanto, estabelecemos, a partir dos relatos encontrados, quatro categorias que tangenciavam questões de gênero nas obras: escassez e agência, inadequação nos banquetes, excesso e gula, e alimentação e ética. Este formato nos permitiu identificar conexões na forma como os satiristas abordavam tais temas considerando o aspecto público dos banquetes romanos e a sociabilidade intrínseca das refeições comunais.

⁴³⁴ CONNELL, Robert W. "Políticas da Masculinidade". *In.*: Educação e realidade. 20 (2) pp. 185-206. Jul/dez 1995.

Longe de uma hierarquia rígida, identificamos relatos de inversão e questionamento do status, expondo redes de relacionamento complexas, eventos e situações que apontam para a ruptura de valores pautados em distinções como cidadania e origem, e apresentam, por meio do consumo de determinados alimentos, a ascensão social o questionamento da ordem vigente por parte de estrangeiros, clientes, libertos e mulheres. Personagens identificados com os signos da elite romana, são descritos com comportamentos falhos, animais ou mesmo como dependentes em relação a grupos menos qualificados ou de status inferior. Por meio das práticas alimentares foi possível identificar subversões dos modelos idealizados, inclusive daqueles apresentados por correntes filosóficas como o Estoicismo.

Mais do que posturas de contentamento e equilíbrio, pudemos observar comportamentos não virtuosos, tais como a gula, relatados como recorrentes, e, principalmente, invejados e desejados por grupos que se auto definiam como portadores da cidadania e dos valores romanos. Ao mesmo tempo, agência e a autodeterminação, características associadas à virilidade romana, são retiradas daqueles que insistem em se apresentar como cidadãos, ao expor como eles eram dependentes de seus contatos, comparando-os a personagens supostamente menos viris, como os estrangeiros, mas que não enfrentavam as mesmas dificuldades relacionadas à escassez ou falta de alimentos, por exemplo.

Membros da elite romana são apresentados como vulneráveis ao serem expostos a testes e à necessidade de agradar e entreter seus convidados em banquetes e jantares, uma vez que seriam julgados por seus atos, sendo ressaltadas as diferenças sociais entre os convidados. Mesmo as prescrições provenientes de correntes filosóficas eram alvo do riso e do questionamento por parte dos satiristas. Os trechos relacionados ao estoicismo, por exemplo, reforçam a sua influência em Roma, tendo em vista as múltiplas referências ao mesmo, contudo, observamos como as práticas e recomendações elaboradas pelos estóicos são ridicularizadas e apresentadas como irreais e inalcançáveis.

No que se refere às práticas sexuais, apontamos como elas foram analisadas, até um período recente, em interpretações que favoreciam leituras normativas, embasadas em uma organização heterossexual e patriarcal, ou que acabavam por enfatizar a interpretação embasada em análises sobre a postura de ativo ou passivo adotadas pelos personagens, por exemplo. Assim, em nosso último

capítulo, buscamos estabelecer, por meio de uma metodologia semelhante à empregada no terceiro, a análise dos trechos que discutiam as ações e comportamentos associados às práticas sexuais. Observamos como, nas sátiras, os relatos de práticas sexuais também aparecem relacionados às disputas de poder na sociedade romana, muitas vezes enfatizando comportamentos ou situações que já haviam sido expressas por meio das práticas alimentares. Novamente, organizamos os relatos propostos em quatro grupos de práticas: escolha de parceiros, agência e autonomia, práticas associadas à transgressão, fraqueza e vulnerabilidade.

Durante a análise, observamos como questões como a escolha dos parceiros, por exemplo, são marcadas pela pressão do grupo de pertencimento dos personagens, expondo as disputas no interior de um mesmo grupo social, bem como a organização de relações de poder entre diferentes parcelas da sociedade romana. Ainda que o envolvimento com prostitutas e escravas seja descrito como mais fácil e indicado, por exemplo, são apresentados vários relatos de adúlteros, os quais se gabavam ou apontavam maior interesse por matronas casadas, performando uma virilidade de conquista contrária às ideias de moderação e autocontrole, e que afetavam a coesão e vínculos entre os homens da elite romana.

Dentre as práticas sexuais analisadas, aquelas relacionadas à agência dos personagens são algumas das que melhor apontam para como os relatos satíricos favorecem o repensar sobre a masculinidade romana. Para além da interpretação das relações entre dois homens embasada em critérios sobre a postura ativa ou não dos envolvidos, as sátiras nos instigam a analisar esses relatos envolvendo outras questões como a autonomia sobre o corpo e o desejo. Ao observarmos o caso de um cliente que se vê obrigado manter relações com seu patrono pático, e afirma estar descontente com tal fato, mais do que a ridicularização ou reprimenda sobre o comportamento em si, observamos como a percepção de masculinidade se dá de forma mais ampla do que uma concepção de postura ativa ou não durante o sexo. Assim, tanto a participação em práticas consideradas menos viris por parte do patrono, que demanda ser penetrado, quanto do cliente que perde sua agência, não integram o grupo de práticas que, supostamente, seriam associadas a uma masculinidade hegemônica.

Observamos ainda como, de forma consistente, as práticas sexuais são associadas a ações vinculadas à transgressão, em especial práticas adúlteras e de profanação religiosa, ou seja, em contextos em que as práticas em si,

independentemente do parceiro escolhido e da ação realizada são transgressoras e acabam por revelar o desprezo ou desrespeito de normas e valores presentes na sociedade romana. Ao mesmo tempo, modelos éticos que se contrapõem a estes comportamentos transgressores, de forma semelhante ao que foi observado com as práticas alimentares, são ridicularizados e apontados como inverossímeis ou inalcançáveis. Por fim, em diversos momentos as práticas sexuais dos cidadãos romanos são apresentadas de forma a enfatizar não uma postura de conquista e domínio, mas sim de fraqueza e submissão ao objeto de desejo, a qual é por vezes ridicularizada, mas recorrente nos relatos dos satiristas.

Cabe ressaltar que, a fim de apresentar estas considerações, um passo essencial foi o trabalho em diálogo com a teoria literária, interpretando a sátira romana como gênero que possui, em si, uma historicidade própria. Este reconhecimento fez com que interpretássemos a sátira romana como um gênero que apresenta como característica o riso e a ambiguidade dele derivada. Tal processo nos permitiu identificar a possibilidade de leituras distintas para as sátiras, marcadas, por vezes, por significados múltiplos para um mesmo trecho. Neste sentido, o riso faz com que as percepções de norma e transgressão no texto satírico demandem que a interpretação seja realizada considerando não apenas o contexto histórico, mas também textual, considerando o gênero em que o mesmo estava inserido.

Ainda que pareça contraditório, o contexto da sátira enquanto gênero literário faz com que este processo de análise torne-se mais específico, considerando as particularidades do gênero ao mesmo tempo em que, reconhecer tal ambiguidade nos permite vislumbrar uma maior amplitude de interpretações. Não se trata, portanto, de recuperar a totalidade dos significados dos chistes e do humor presentes no texto, pois o distanciamento temporal implica em perdas de significado. Contudo o entendimento deste processo e a consciência da existência de tais perdas faz com que reconheçamos a possibilidade diferentes leituras viáveis.

O riso tem a característica de favorecer o embate de ideias, ao apontar para uma disputa discursiva que se contrapunha aos comportamentos descritos nos *exempla*, favorecendo o questionamento das leituras e interpretações sobre as masculinidades romanas e sublinhando o quanto estas dependiam do contexto em que estavam inseridas. As sátiras nos permitiram, também, rever a percepção que os próprios romanos apresentavam sobre o protagonismo masculino, por meio do

questionamento de modelos interpretativos e organizações hierárquicas, e do reconhecimento de que quais comportamentos eram aceitáveis ou desejáveis são temas que se encontram em um contexto relacional, dependendo do espaço ocupado e dos grupos interlocutores.

Assim, ao analisarmos tanto as práticas alimentares quanto sexuais, podemos observar como o processo de construção de masculinidades no mundo romano era menos linear e mais multifacetado. Tendo isto em mente, podemos entender o texto satírico como um espaço em que as disputas entre diferentes formas de masculinidades são expressas, não apenas por meio da apresentação dos modelos da elite, como observamos em outros *exempla* ou em textos dedicados a discutir a *virtus* romana, mas também de práticas que se distanciaram de tais modelos. Ao descrever as ações de todos, inclusive de membros da elite e de grupos mais abastados, ao mesmo tempo em que atribui, eventualmente, qualidades relacionadas a *virtus* a escravos e outros membros dos grupos populares, a escrita satírica nos apresenta uma sociedade romana menos hierárquica e com divisões mais fluidas. Ao analisarmos estas referências, mais do que percepções relacionadas a uma masculinidade, ativa, sóbria, dominante e de comportamento moderado, encontramos uma multiplicidade de comportamentos discrepantes deste ideal.

Assim, ao pensarmos nas masculinidades romanas, buscamos estabelecer um estudo de caso a fim de expor as possibilidades interpretativas a partir das sátiras marcadas pelo riso demonstrando como a leitura e interpretação dos comportamentos narrados podem ser interpretadas a partir da percepção que o riso transforma estes textos em formas ambivalentes e permite observar e contrapor masculinidades distintas. Por meio das sátiras, foi possível estabelecer leituras e interpretações sobre o passado romano que relativizam modelos interpretativos e enfatizam o desejo dos referidos indivíduos em romper com as regras. Assim, além da imagem de cidadãos sérios, exemplares e estoicos, como são apresentados os romanos ainda hoje por alguns, em especial em comunidades online, observamos uma variedade de relatos que distam de tais interpretações. Nas sátiras, ao invés de encontrarmos apenas relatos que faziam uso do humor para reforçar os modelos inspirados pelos *exempla* ou criticar comportamentos inadequados, observamos que o riso poderia nos apresentar a crítica aos próprios modelos (como ocorre com o estoicismo), e, mais do que um mecanismo repressivo, poderia ser interpretado de

forma a pensar diferentes masculinidades. Neste sentido, enquanto leituras embasadas em preceitos neoliberais tendem a apontar para modelos únicos e normativos, acreditamos que a análise de textos marcados pelo humor permitem interpretações menos rígidas, reconhecendo práticas sexuais e alimentares mais variadas, como as aqui analisadas, como parte do cotidiano romano.

Referências:

Fontes Literárias:

HIPÓCRATES. *Sobre o Riso e a Loucura*. São Paulo: Hedra, 2013.

HORACE, *Satires II*. Tradução: MUECKE, Frances. Aris & Phillips, 1997.

HORACE. *Satires, Epistles and Ars Poetica*. Tradução: FAIRCLOUGH, HR.Loeb Classical Library. Cambridge: Harvard University Press, 1928.

JUVENAL, D.; PERSIUS, *Satires*. Tradução de BRAUND, Susanna Morton. Loeb Classical Library. Cambridge: Harvard University Press, 2004.

LUCILIUS, "Satires". In. *Remains of Old Latin III: Lucilius, Laws of the XII Tables*. Tradução de E. H. Warmington. Loeb Classical Library. Cambridge: Harvard University Press, 1938.

PETRÔNIO, *Satíricon*. Tradução de Cláudio Aquati. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

Bibliografia moderna:

ADAMS, James Noel. *The Latin sexual vocabulary*. JHU Press, 1990.

ADLER, Eric. *Classics, the culture wars, and beyond*. Michigan: University of Michigan Press, 2016

ALBERTI, Verena. *O Riso e o Risível*. Zahar, 1999

ALCOCK, Joan P. *Food in the ancient world*. Greenwood, 2006

ALSTON, Richard. Foucault and Roman Antiquity: Foucault's Rome Introduction. *Foucault Studies*, n. 22, 2017.

ATKINSON, Ronald F. Humour in philosophy. In. CAMERON, Keith (Ed.). *Humour and History*. Bristol: Intellect Books, 1993;

BAKHTIN, M. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo/ Brasília: Hucitec/ Edunb, 1999;

BEARD, Mary, et al. *Religions of Rome: Volume 1, a history*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998;

BEARD, Mary. *Laughter in ancient Rome: On joking, tickling, and cracking up*. Oakland: University of California Press, 2014.

BEARD, Mary. *SPQR-Uma História da Roma Antiga*. Editora Planeta do Brasil, 2017.

BEARD, Mary. *Mulheres e poder: um manifesto*. Editora Planeta do Brasil, 2018.

BELL, Sinclair. "Role Models in the Roman World". In.: *Memoirs of the American Academy in Rome. Supplementary Volumes 7*, 2008. p.1-39.

BERGSON, Henri. *O riso: ensaio sobre a significação da comicidade*. Martins Fontes, 2007.

BERNAL, Martin. "A imagem da Grécia Antiga como uma ferramenta para o colonialismo e para a hegemonia europeia" In. FUNARI, Pedro Paulo Abreu. *Repensando o Mundo Antigo*. Campinas: Unicamp/IFCH, 2003.

BLOCH, Marc. *Ofício de historiador (ou Apologia da História)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001

BOND, Sarah. 'Fascies, Fascism, and How the Alt-Right Continues to appropriate Ancient Roman Symbols,' *Hyperallergic*, Setembro, 2018. Disponível em:

<https://hyperallergic.com/459504/fasces-fascism-and-how-the-alt-right-continues-to-appropriate-ancient-roman-symbols/>

BRADSHAW, Arnold. "Horace's Birthday and Deathday". In: WOODMAN, Tony; FEENEY, Denis (Ed.). *Traditions and Contexts in the Poetry of Horace*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

BRAUND, Susana. "Paradigms of power: Roman Emperors in Roman Satire". In: CAMERON, Keith. *Humour and History*. Oxford: Intellect Books, 1993.

BRAUND, Susana Morton. "Personal Plurals". In: HALLET, Judith P.; VAN NORTWICK, Thomas. *Compromising Traditions: The personal voice in classical scholarship*. Londres: Routledge, 1997.

BREED, Brian; WALLACE, Rex; KEITEL, Elizabeth. "Introduction". In: BREED, Brian W.; KEITEL, Elizabeth; WALLACE, Rex. *Lucilius and Satire in Second-century BC Rome*. Cambridge University Press, 2018.

BREED, Brian. "Lucilius Books". In: BREED, Brian W.; KEITEL, Elizabeth; WALLACE, Rex. *Lucilius and Satire in Second-century BC Rome*. Cambridge University Press, 2018.

BROWN, Wendy. *Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no ocidente*. São Paulo. Editora Politéia, 2019.

BURKE, Peter et al. *Hybrid Renaissance*. Budapeste: Central European University Press, 2016.

CAMERON, Keith (Ed.). *Humour and History*. Intellect Books, 1993.

CANTARELLA, Eva. *Pandora's daughters: the role and status of women in Greek and Roman antiquity*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1987.

CARCOPINO, Jérôme. *A vida quotidiana em Roma no Apogeu do Império*. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

CAVICCHIOLI, M. "A posição da mulher na Roma Antiga. Do discurso acadêmico ao Ato Sexual". In: FUNARI, Pedro. et alii. *Amor, Desejo e Poder na Antigüidade*. Campinas: Unicamp, 2003;

CAVICCHIOLI, Marina Regis. "A formação de Pompéia antiga: identidade, pluralidade e multiplicidade". In: FUNARI, Pedro Paulo A.; DE OLIVEIRA SILVA, Maria Aparecida (Ed.). *Política e identidades no mundo antigo*. AnnaBlume, 2009., p. 59-72.

CAVICCHIOLI, Marina Regis. "Fama e infâmia na sexualidade romana". *Romanitas-Revista de Estudos Grecolatinos*, n. 3, p. 153-169, 2014. P.154

CITRONI, Mario. "Musa pedestre". In.: CAVALLO, Guglielmo; FEDELI, Paolo; GIARDINA, Andrea. *O espaço literário da Roma antiga*. Belo Horizonte: Tessitura, 2010.

CLARKE, John. *Roman Sex:100 B.C. to A.D. 250*. Abrams: Nova Iorque, 2003.

CLARKE, John R. *Looking at laughter: humor, power, and transgression in Roman visual culture, 100 BC-AD 250*. Univ of California Press, 2007.

CONNELL, Robert W. "Políticas da Masculinidade". In.: *Educação e realidade*. 20 (2) pp. 185-206. Jul/dez 1995.

CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. *Gênero: uma perspectiva global*. São Paulo: nVersos, 2015.

CONTE, Gian Biagio. *Latin literature: a history*. JHU Press, 1999.

CORBIER, Mireille. "The ambiguous status of meat in ancient Rome". *Food and Foodways: Explorations in the History and Culture of Human Nourishment*, 3:3, Routledge 1989, pp. 223-264.

CYRINO, Monica Silveira. *Big Screen Rome*. Nova Jersey: John Wiley & Sons, 2009.

D'AMBRA, Eve. *Roman Women*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

D'ARMS, John. "Control, companionship, and clientela: some social functions of the Roman communal meal". *Echos du monde classique: Classical views*, v. 28, n. 3, p. 327-348, 1984. p. 327

DE LUCE, Judith. "Reading and re-reading the helpful princess". *Compromising Traditions: The personal voice in classical scholarship*. In. HALLET, Judith P.; VAN NORTWICK, Thomas. Londres: Routledge, 1997. p. 25-37

DÉRY, Carol A. "Fish as Food and Symbol in Ancient Rome". *Fish: Food from the Waters*, p. 94-115, 1998

DIXON, Suzanne. "From Cerimonial to Sexualities". In.: RAWSON, Beryl. *A companion to Families in the Greek and Roman Worlds*. Blackwell, 2011. p.249

DOVER, Kenneth J. Classical Greek attitudes to sexual behaviour. *Arethusa*, v. 6, n. 1, p. 59-73, 1973.

DOZIER, Curtis. "Hate Groups an Greco-Roman Antiquity Online: To Rehabilitate or Reconsider?" In.: VALENCIA-GARCIA, Louie Dean. *Far-Right Revisionism and the End of History*. Nova Iorque: Routledge, 2020. pp. 251-269.

DUBOIS, Page. *Trojan horses: Saving the classics from conservatives*. NYU Press, 2001.

DUNBABIN, Katherine MD. *The Roman banquet: images of conviviality*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003

DUPONT, Florence. "Food, Gender and Sexuality". In. WILKINS, John; NADEAU; Robin. *A Companion to Food in the Ancient World*. New Jersey: John Wiley and Sons, 2015.

DYSON, Stephen L. Rome in America. "Images of Rome: perceptions of ancient Rome in Europe and the United States in the modern age". *Journal of Roman Archeology*, 2001. p. 57-69.

ELIAS, Norbert; *O Processo Civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, v. 1, 1994.

FEITOSA, L. *Amor e sexualidade. Masculino e feminino em Pompéia*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2005.

FEITOSA, Lourdes M. G. C. Práticas sexuais e representações históricas. *Mimesis*, Bauru, v. 29, n. 2, p. 89-104, 2008.

FEITOSA, Lourdes; SILVA, Glaydson José da. "O Mundo Antigo sob lentes contemporâneas". *Política e identidades no mundo antigo*. São Paulo: Annablume, p. 209-250, 2009.

FEITOSA, Lourdes; VICENTE, Maximiliano. "Masculinidade do soldado romano na representação midiática". In.: FUNARI, Pedro Paulo Abreu *História Militar do Mundo Romano*. SP: FAPESP/Annablume, 2009;

FEITOSA, Lourdes; GARRAFFONI, Renata. "Dignitas and Infamia: Rethinking marginalized masculinities in Early Principate." In. *Studios Historicos*. N.28, 2010.

FINLEY, Moses. *Política no mundo antigo*. 1985;

FINLEY, M. *Aspectos da Antigüidade*. Portugal: Edições 70, 1990.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade* Rio de Janeiro: Graal, 1985;

FOUCAULT, Michel. *História da loucura*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do discurso*. Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: a vontade de saber*. São Paulo: Paz e Terra, 2014;

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: o uso dos prazeres*. São Paulo: Paz e Terra, 2014;

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: o cuidado de si*. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FREUD, Sigmund. *Obras Completas: O chiste e sua relação com o inconsciente (1905)*. Companhia das Letras, 2017.

FUNARI, P. P. A. *Cultura popular na Antiguidade Clássica*. São Paulo: Contexto, 1989;

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. "A caricatura gráfica e o ethos popular em Pompéia." *Classica-Revista Brasileira de Estudos Clássicos*, p. 117-138, 1992.

FUNARI, Pedro Paulo. "Apotropaic symbolism at Pompeii: a reading of the graffiti evidence". *Revista de história*, n. 132, p. 9-17, 1995

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. "Análise documental e Antigüidade Clássica". In. *Antigüidade Clássica: a história e Cultura a partir dos Documentos*. Campinas: Unicamp, 2003.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. "Análise documental e Antigüidade Clássica". In. *Antigüidade Clássica: a história e Cultura a partir dos Documentos*. Campinas: Unicamp, 2003.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. *A vida quotidiana na Roma Antiga*. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2003

GARDNER, Jane F. *Women in Roman law & society*. Indianapolis: Indiana University Press, 1991.

GARRAFFONI, R. *Bandidos e salteadores na Roma Antiga*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2002;

GARRAFFONI, R. *Gladiadores na Roma Antiga. Dos combates às paixões cotidianas*. São Paulo: Fapesp, Annablume, 2005;

GARRAFFONI, Renata Senna. “As guerras púnicas”. In. MAGNOLI, Demétrio. *História das guerras*. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

GARRAFFONI, Renata Senna; SANFELICE, Pérola de Paula. “Em tempos de culto a Marte por que estudar Vênus?: repensando o papel de Pompeia durante a II guerra”. In. CERQUEIRA, Fábio et al. (Ed.). *Saberes e poderes no mundo antigo: estudos ibero-latino-americanos. volume II-dos poderes*. Imprensa da Universidade de Coimbra/Coimbra University Press, 2013

GARNSEY, Peter. *Famine and food supply in the Graeco-Roman world: responses to risk and crisis*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

GIARDINA, Andrea. “O mito fascista da romanidade”. *Estudos Avançados*, v. 22, n. 62, p. 55-76, 2008.

GIBBON, Edward. *Declínio e queda do Império Romano*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

GIFFIN, Karen. A inserção dos homens nos estudos de gênero: contribuições de um sujeito histórico. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 10, p. 47-57, 2005.

GOLDBERG, Sander. “Lucilius and the *poetae seniores*”. In.: BREED, Brian W.; KEITEL, Elizabeth; WALLACE, Rex. *Lucilius and Satire in Second-century BC Rome*. Cambridge University Press, 2018.

GONÇALVES, Ana Teresa Marques, SILVA, Gilvan Ventura da. “O ensino de história nos livros didáticos brasileiros: balanços e perspectivas”. IN: CHEVITARESE, André Leonardo, CORNELLI, Gabriele; SILVA, Maria Aparecida de Oliveira (orgs.). *A Tradição Clássica e o Brasil*. Brasília: Archai-UNB/Fortium, 2008. pp. 21–34.

GRAFF, Fritz. “Cícero, Plauto e o Riso Romano”. In. Bremmer, J. Roodenburg. H. (orgs). *Uma História Cultural do Humor*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

GREENBLATT, Stephen. *A virada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

GRIFFIN, Dustin H. *Satire: A critical reintroduction*. University Press of Kentucky, 1994

GRIMM, Veronika, “On Food and the body”. In: POTTER, David. *A companion to the Roman Empire. A companion to the Roman Empire*. Malden, MA: Blackwell, 2006.

HABINEK, Thomas. “Satire as aristocratic play”. In: FREUDENBURG, Kirk. *The Cambridge companion to Roman satire*, 2005. p. 177-91.

HARDWICK, Lorna. *Reception studies*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

HAROCHE, Claudine. *A condição sensível: formas e maneiras de sentir no Ocidente*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2008.

HARTOG, François. *Regimes de Historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

HAY, Christine Richardson. “Dinner at Seneca’s Table: The Philosophy of food” In. *Greece and Rome*, second Series. Vol. 56, nº1 (abril, 2009), pp 71-96

HENDRIKX, Valérie. "Tacite et Marat" In.: *Latomus* T. 64, Fasc. 3 (JUILLET-SEPTEMBRE 2005), pp. 742-75.

HINGLEY, Richard. *O Imperialismo Romano: Novas perspectivas a partir da Bretanha*. São Paulo: Annablume, 2010.

HODGART, M. *La sátira*. Madrid: Guadarrama. 1969.

IVLEVA, Tatiana. "Coming out of the provincial closet". *Un-Roman Sex: Gender, Sexuality, and Lovemaking in the Roman Provinces and Frontiers*, 2020.

JOLY, Fábio Duarte. "Suetônio e a tradição historiográfica senatorial: uma leitura da Vida de Nero". *História*, Franca, v.24, n. 2, p. 111-127, 2005.

JONES, Peter; SIDWELL, Peter. "Roman literature". In.: *The World of Rome: An introduction to Roman Culture*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997. Pp.262-286.

KAMEN, Deborah; LEVIN-RICHARDSON, Sarah. Revisiting Roman sexuality: agency and the conceptualization of penetrated males. In: *Sex in Antiquity*. Routledge, 2018. p. 469-480.

KELLY, Christopher. "A grand Tour: Reading Gibbon's 'Decline and Fall'". In. *Greece & Rome*. .Vol.44, no 1, April 1997.

KILLGROVE, Kristina; TYKOT, Robert H. "Food for Rome: a stable isotope investigation of diet in the Imperial period (1st–3rd centuries AD)". *Journal of Anthropological Archaeology*, v. 32, n. 1, p. 28-38, 2013

KONSTAN, David. "Friendship and Patronage". In. HARRISON, Stephen. *A Companion to Latin Literature*. Oxford: Blackwell, 2005. pp. 345-359.

LANGLANDS, Rebecca. "Introduction" *Exemplary ethics in ancient Rome*. Cambridge University Press, 2018.

LEIGH, Matthew. "Food in Latin literature". In. WILKINS, John; NADEAU; Robin. *A Companion to Food in the Ancient World*. New Jersey: John Wiley and Sons, 2015.

LIND, Michael. "The second Fall of Rome" *Wilson Quarterly*, v. 24, n. 1, p. 46-59, 2000.

MARTINDALE, Charles. "Paper Voices: Writing the writer". In. HALLET, Judith P.; VAN NORTWICK, Thomas. *Compromising Traditions: The personal voice in classical scholarship*. Londres: Routledge, 1997.

MARTINS, Adilton Luís. "A queda de Roma segundo Montesquieu". In: SILVA, G. J. et al. *Antiguidade como presença: antigos, modernos e os usos do passado*. Curitiba: Editora Prismas, 2017. pp. 109-140.

MCDONNELL, Myles. *Roman Manliness: "Virtus" and the Roman Republic*. Cambridge University Press, 2006.

MINOIS, Georges. *História do riso e do escárnio*. São Paulo: Unesp, 2003

MONTESQUIEU, Charles Louis. *Considerações sobre as causas da grandeza dos romanos e da sua decadência*. Saraiva, 1997.

MONTESQUIEU, Charles Louis. *O espírito das leis*. Martins Fontes, 2000.

MOORE, R. W. "Decline and Fall". In. *Greece&Rome*, vol. 5 no. 14. February 1936

MOTTIER, Véronique. *Sexuality: A very short introduction*. OUP Oxford, 2008.

MUECKE, Frances. "Introduction". In. HORACE, *Satires II*. Aris & Phillips, 1997.

NADEAU, Robin. *Cookery Books*. In. WILKINS, John; NADEAU, Robin. *A Companion to Food in the Ancient World*. New Jersey: John Wiley and Sons, 2015.

PANAYOTAKIS, Costas. *Theatrum Arbitri: theatrical elements in the Satyricon of Petronius*. Brill, 1995.

PARATTORE, E. *História da literatura latina*. trad. Manuel Losa Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1983.

PARKER, Holt N. et al. *The teratogenic grid*. In.: *Roman sexualities*, v. 54, 1997.

PARKER, Holt. "Sex, Popular Beliefs and Culture". IN: GOLDEN, Mark; TOOHEY, Peter (Ed.). *A Cultural History of Sexuality: A Cultural History of Sexuality in the Classical World*. Berg, 2011. P.131

PLAZA, Maria. "Introduction". *The function of humour in Roman verse satire: laughing and lying*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

POLLARD, Arthur. *Satire -The critical idiom*. Londres: Methuen & Co. 1970.

POMEROY, Sarah. *Goddesses, whores, wives, and slaves: Women in classical antiquity*. Nova Iorque: Schocken, 1995;

POSTCLASSICISMS COLLECTIVE. *Postclassicisms*. Chicago: University of Chicago Press, 2020.

POTTER, David. "The shape of Roman history: the fate of the governing class". In.: POTTER, David. *A companion to the Roman Empire*. Malden, Blackwell, 2006. Pp. 1-19.

RAWSON, Beryl. "Banquets in Ancient Rome: Participation, Presentation and Perception". In: *Dining on Turtles*. Palgrave Macmillan, London, 2007.

RICHLIN, Amy. "Sulpicia the Satirist." *The Classical World*, vol. 86, no. 2, 1992, pp. 125–140. JSTOR, www.jstor.org/stable/4351257. Accessed 11 May. 2020.

RICHLIN, Amy. "Sexual Satire". In: *The garden of Priapus: sexuality and aggression in Roman humor*. Oxford University Press on Demand, 1992.

RICHLIN, Amy. Sexuality in the Roman Empire. In.: POTTER, David. *A Companion to the Roman Empire*. Oxford: Blackwell, 2006. p. 327-53,

ROBERT, Jean-Noël. *Os prazeres em Roma*. São Paulo: Martins Fontes, 1995

ROBINSON, Charles Alexander. *Prefácio*. In. GIBBON, Edward. *Declínio e queda do Império Romano*. São Paulo: Companhia das Letras., 2018 11-31

ROLLER, Matthew B. "Horizontal women: posture and sex in the Roman convivium". In.: *American journal of philology*, v. 124, n. 3, p. 377-422, 2003.

RUSSELL, Brigitte Ford. "Wine, women, and the Polis: gender and the formation of the city-state in archaic Rome". In.: *Greece & Rome*, v. 50, n. 1, p. 77-84, 2003.

SANFELICE, Pérola de Paula. *Sob as cinzas do vulcão: representações da religiosidade e da sexualidade na cultura material de Pompeia durante o Império Romano*. Tese de Doutorado, 2016.

SANFELICE, Pérola de P.; GARRAFFONI, Renata Senna. Sexualidade, Amor e Erotismo na Roma Antiga: as representações de Vênus nas paredes de Pompeia. *Revista OPSIS*, v. 10, n. 2, p. 167-190, 2010.

SAUNDERS, Dero A. "Introdução". GIBBON, Edward. *Declínio e queda do Império Romano*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018

SCADE, Paul. "Food and Ancient Philosophy". In. WILKINS, John; NADEAU; Robin. *A Companion to Food in the Ancient World*. New Jersey: John Wiley and Sons, 2015. Pp.68-75

SCHEID, John. *An introduction to Roman religion*. Indiana: Indiana University Press, 2003.

SCHEIDEL, Walter. Monogamy and polygyny. *A companion to families in the Greek and Roman worlds*, p. 108-115, 2010

SHERO, L.R. "The Cena in Roman Satire". In. *Classical Philology*, The University of Chicago Press. April, 1923, vol. 18, nº2. Pp.126-143.

SILVA, Glaydson José. *História antiga e Usos do Passado: um estudo de apropriações da Antiguidade sob o regime de Vichy (1940-1944)*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2007.

SILVA, Lorena Pantaleão da. *Rindo do sagrado: as práticas religiosas femininas nas obras de Juvenal e Petrônio* (séc. I-II dC). Dissertação de Mestrado. 2011.

SILVA, Lorena Pantaleão; FRANDJI, Ingrid Cristini Kroich. "Clássicos e a Internet: apropriações do mundo greco-romano on-line" In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS CLÁSSICOS: ANTIGUIDADE: DESEJO E LIBERDADE, 22, 2019 Juiz de Fora, MG. *Caderno de Resumos*. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2019.p.77-78

SKINNER, Marilyn. "Why Ancient Sexuality? Issues and Approaches". *Sexuality in Greek and Roman culture*. John Wiley & Sons, 2013

SKINNER, Quentin. *Hobbes e a teoria clássica do riso*. São Leopoldo: Unisinos, 2002.

STAPLES, Ariadne. *From Good Goddess to Vestal Virgins: Sex and Category in Roman Religion*. Routledge, 1998.

STEPHENSON, John. "Dining as a spectacle in Late Roman Houses" In. *Institute of classical studies*. Londres: University of London. 2016.

THUILLIER, Jean-Paul. Virilidades Romanas: *vir, virilitas, virtus*. In.: CORBIN, Jean-Jacques Courtine, VIGARELLO, Georges. Petrópolis-RJ: Vozes, 2013.

VEYNE, P. “O Império Romano”. In.: ÁRIES, Pierre; DUBY, Georges. (orgs.) *História da Vida Privada Vol. I*. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

VEYNE, Paul. “O Casal e a sexualidade em Roma” In: *Sexo e Poder em Roma*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. pp.187-244.

WILKINS, John; HILL, Shaun. *Food in the ancient world*. John Wiley & Sons, 2009.

WILKINS, John. “Medical Literature, Diet, and Health” In. WILKINS, John; NADEAU; Robin. *A Companion to Food in the Ancient World*. New Jersey: John Wiley and Sons, 2015.

WOOLF, Greg. Food, poverty and patronage: the significance of the epigraphy of the Roman alimentary schemes in early imperial Italy. *Papers of the British School at Rome*, v. 58, p. 197-228, 1990.

WYKE, Maria. “Projecting Ancient Rome”. In: WYKE, Maria. *Projecting the past: ancient Rome, cinema and history*. Oxfordshire: Routledge, 1997. pp. 29-71.

ZETZEL, James J. “Dreaming about Quirinus: Horace’s *Satires* and the development of Augustan poetry. In: WOODMAN , Tony; FEENEY, Denis (Orgs) *Traditions and Contexts in the poetry of Horace*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002

ZUCKERBERG, Donna. *How to be a Good Classicist under a Bad Emperor*. Eidolon, 2016.

Disponível

em:

<https://eidolon.pub/how-to-be-a-good-classicist-under-a-bad-emperor-6b848df6e54a>

ZUCKERBERG, Donna. *Not all dead White men: Classics and misogyny in the digital age*. Cambridge: Harvard University Press, 2018.